





Atmosferas Dentro da Paisagem - Hotel Douro 41

Dissertação em Mestrado Integrado em Arquitetura | FAUP

Ano Lectivo 2017/2018

Pedro Alexandrino Pinho

Orientador: Professor Doutor Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Doutor Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata pela disponibilidade e orientação deste trabalho,
Ao Professor Doutor João Pedro Serôdio e colaboradores da Serôdio Furtado & Associados pelo material facultado e ainda a Armando Faria pela disponibilização e autorização do uso de imagens e texto.
Por fim um especial agradecimento à minha família e amigos.

Resumo

A presente Dissertação tratou de analisar o Hotel Douro 41, situado em Castelo de Paiva, obra de autoria da Serôdio Furtado & Associados, com o objetivo de perceber o que define a sua verdadeira qualidade Arquitetónica.

Tendo por base a definição de “Atmosfera” por Peter Zumthor, começou-se por descrever as “atmosferas” existentes na obra através de uma primeira impressão, enquanto ponto de partida da análise da obra. Foram considerados os antecedentes que levaram à sua construção, refletindo o contexto da obra e a sua história bem como os fatores políticos, económicos e sociais, que levaram à construção do hotel, não esquecendo os métodos e conceitos da Arquitetura produzida pela Serôdio Furtado & Associados.

É a partir do seu pensamento Arquitetónico que foi feita a análise à obra, incidindo nos espaços que adquirem a ideia principal correspondente à qualidade Arquitetónica do Hotel.

Com esta análise pretendeu-se mostrar a forma como a obra consegue valorizar, através das suas “Atmosferas dentro da Paisagem”, a sua envolvente paisagística correspondente ao património tradicional, rural e natural presente na região de Castelo de Paiva e no Douro.

Abstract

The present dissertation treated to analyze the Hotel Douro 41, located in Castelo de Paiva, a work authored by Serôdio Furtado & Associados, in order to understand what defines its true Architectural quality.

Based on the definition of "Atmosphere" by Peter Zumthor, it began by describing the "atmospheres" existing in the work through a first impression, as a starting point for the analysis of the work. It was considered the antecedents that led to its construction, reflecting the context of the work and its history as well as the political, economic and social factors that led to the construction of the hotel, not forgetting the methods and concepts of the Architecture produced by Serôdio Furtado & Associados .

It is from his Architectonic thought that the work was analyzed, focusing on the spaces that acquire the main idea corresponding to the Architectural quality of the Hotel.

With this analysis, it was intended to show how the work is able to value, through its "Atmospheres within the Landscape", its surrounding landscape corresponding to the traditional, rural and natural heritage present in the region of Castelo de Paiva and Douro.

Índice

	Objecto e Objectivo	10
	Metodologia	12
	Parte 1 - O Primeiro Contacto	15
1.1 Atmosfera(s) Significado		17
1.2 Primeira Impressão		19
	Parte 2 - Antecedentes	53
2.1 Pré-existência – Porto Fluvial das Fontainhas		55
2.2 Fatores Políticos e Socioeconômicos		59
2.3 Serôdio Furtado & Associados		73
	Parte 3 - Hotel Douro 41 – Análise da Obra	91
3.1 A criação da Ideia para o Projeto		93
3.2 Da Ideia para a Regra		97
3.3 Definir através da Regra, tendo em conta o Programa, a Forma e a Arquitetura Geral do Hotel		99
3.4 A Análise aos Espaços Principais do Hotel Douro 41		105
- Piso 1 – Hall dos Elevadores /Piscina e Spa		111
- Piso 2		133
- Pisos dos Quartos – Corredores		155
- Quarto King		163
- Suite Panorâmica		179
- Suite Dupla		195
- Piscina Exterior		211
3.5 Síntese da Análise		214
	Conclusão	220
Considerações Finais da Obra		220
Reflexão Pessoal		222
	Referências Bibliográficas	225
	Índice das Imagens	229
	Índice dos Desenhos	237

Objecto e Objectivo

Nesta dissertação proponho-me analisar a obra “Hotel Douro 41” (Rio Douro Hotel & Spa) da autoria do Arquitecto João Pedro Serôdio e da Arquitecta Isabel Furtado, salientando particularmente a forma como alcançaram a (s) Atmosfera (s) existentes no hotel. O hotel fica na freguesia da Raiva, Pedorido e Paraíso, pertencente a Castelo de Paiva na região do Douro Litoral.

A escolha deste edifício tem como base o facto de se tratar de uma obra singular, sobretudo no que diz respeito à sua forma orgânica¹ e conceito ambiental, bem como pela sua contemporaneidade e originalidade que se conjuga com a Arquitectura tradicional do Douro.

É impossível dissociar o local do rio Douro, no passado mais selvagem e sem barragens cruzado pelos barcos Rabelos e hoje, por via das barragens, maior, mais imponente e via aberta para os barcos de cruzeiro que com frequência o cruzam em busca do Alto Douro Vinhateiro. Rio e região no passado como hoje associado aos Vinhos do Douro e aos Vinhos do Porto e à sempre “Invicta e Fiel Cidade do Porto”.

Mas a zona é do Vinho Verde, das antigas Minas do Pejão, uma terra difícil feita de xisto, com acesos recortados, de montes e pequenos campos pejados de vinhas, pinheiros, eucaliptos, nogueiras, castanheiros, mimosas e sempre muito mato. Região quase sempre verde, mas, infelizmente, também amiúde castigada com incêndios.

Aqui bem perto, na aldeia de Pedorido nasceu o meu avô paterno, viveram os meus bisavôs e brincou o meu pai e os meus tios. Da família colhi contos e curiosidades. Muitas das histórias trazem as cicatrizes de anos passados em que as minas de carvão eram fonte de trabalho e riqueza, mas também da silicose (doença de mineiros) e da inevitável erosão dos solos que aquelas explorações traziam.

Analiso esta obra inspirado no livro “Atmosferas”² de Zumthor e dou particular ênfase ao conceito que este livro tão bem enfatiza de “viver a Atmosfera” desenvolvendo a minha observação em vários planos que adiante vou referir.

Em qualquer projeto arquitetónico as impressões sensitivas e de carácter funcional, que os observadores e os utentes recolhem, têm necessariamente que ver com a obra em si, nas vertentes estéticas e funcionais quer exteriores ou interiores, mas também na forma como a edificação se insere na envolvimento externa.

Nesta dissertação irei procurar apreender o processo criativo dos arquitectos e, nesse sentido, quis imaginar-me “no tempo antes da edificação”.

Nessa perspetiva, procuro entender o processo criativo e a fonte de inspiração dos arquitectos no intuito de apreciar e até justificar as opções funcionais e estéticas tomadas.

1 - RODRIGUES, José Manuel, Teoria e Crítica de Arquitectura - Séc. XX, Ordem Arquitectos – Secção Regional Sul, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, outubro de 2010 - WRIGHT, Frank Lloyd, A Arquitectura Orgânica (Excerto) “Na arquitectura orgânica é completamente impossível abordar separadamente o edifício, a sua organização, o terreno e a paisagem. Na ideia de concepção do edifício, todos estes elementos funcionam como um todo.”

2 - ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006

Numa fase mais inicial, importa assim imaginar o local, sem ou com outras edificações, antes da concretização da obra e conhecer a história da região envolvente e das suas gentes.

É nessa envolvente que o arquiteto projeta subordinado à função requerida para o edifício e, necessariamente, com limitações de ordem económica e pelo plano de ordenamento do território.

A envolvente traz por si só condicionantes importantes, já que o hotel se encontra na margem sul do rio Douro, sobranceiro sobre uma curva do rio que se abre em frente do hotel num largo C quase desenhando um abraço de boas vindas.

Importa realçar que sobretudo pela orientação o local me pareceu ter colocado desafios difíceis e importantes no que respeita à utilização da luz natural. O hotel “vira” as suas janelas maioritariamente a norte, importante condicionante de jogos de luz e sombra e de efeito térmico, já que a sul e nas costas do hotel a encosta, verde e de intensa florestação típica da região, é muito inclinada.

Não é um hotel de cidade, destinado a gente em negócios sob pressão de agendas muito apertadas e envolvido num ambiente buliçoso. É antes uma unidade inserida num meio campestre mas com história e até bem perto mas suficientemente longe da cidade do Porto.

Mas quero crer que no processo criativo a “atmosfera” do antes da edificação não tem apenas a ver com a envolvente estética do local, mas também com a forma de ser das gentes e da história da região, efeito talvez menos estético, mas a meu ver, com muita influencia no “projetar e no sentir a obra”.

Metodologia

Justificada a escolha do Hotel Douro 41 como o alvo na minha dissertação, cabe-me apresentar o índice que, por si, revela a forma como estruturei a minha abordagem ao estudo da obra.

Assim, num primeiro ponto mais introdutório, Parte1 irei começar por falar daquilo a que chamamos viver a “Atmosfera” do Hotel, ou seja o primeiro contacto com a obra.

Esta parte tem o intuito de dar a perceber, para quem vai ler a dissertação, o que eu pretendo dizer com “Atmosfera”³ – a minha interpretação da obra de Zumthor no seu livro com o mesmo nome.

Seguidamente irei fazer uma leitura pessoal da obra, tanto a nível interior como exterior, descrevendo as várias atmosferas e assim demarcar o que percecionei ser especial e fulcral na obra.

Depois disso vou tentar dar uma resposta fundamentada à principal pergunta colocada no meu objetivo: “Como conseguiram conceber essa (s) atmosfera (s)?

Na Parte 2 tratarei de perceber o momento antes da obra.

Ou seja, irei abordar os vários aspetos referentes ao momento prévio à concretização, analisando o que existia antes do Hotel ter sido construído e recriando, de um ponto de vista espacial e temporal, as condições que existiam antes e com que os arquitetos se depararam. Interessa recriar e perceber as condições do local tão aproximadamente quanto posso imaginar.

Falarei, também, dos motivos pelos quais o hotel foi mandado construir tentando entender o papel de vários fatores políticos e socioeconómicos e os fatores turísticos que constituem um papel importante neste estabelecimento hoteleiro.

Adicionalmente darei a conhecer os arquitetos Serôdio Furtado & associados, autores do projeto “Hotel Douro 41”

Será vital perceber o percurso da firma Serôdio Furtado & associados⁴, tomando conhecimento de outras obras marcantes na sua carreira e daí inferir o seu modo de interpretar a própria Arquitetura e de encontrar/percecionar a assinatura comum e a evolução e adaptação dos arquitetos nas suas diferentes obras.

3 - ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006

4 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006.

Por fim, na Parte 3 irei fazer uma análise à obra, começando pelo início do seu processo Arquitectónico.

É nesta parte que se irá compreender as atmosferas que vivenciei, tendo em conta o método projectual e princípios base dos arquitectos da obra (Serôdio Furtado & Associados) e o contexto onde a obra se insere.

Para isso será feita uma análise geral á obra, havendo posteriormente uma outra análise mais pormenorizada aos principais espaços do hotel que será fundamental para obter a resposta à pergunta inicial.

Finalmente, irei fazer uma síntese geral à análise da obra de forma a apurar os seus resultados.

A conclusão será, para além da resposta há pergunta imposta no objetivo da dissertação, uma reflexão do peso que a obra terá na arquitetura Portuguesa atual e a influência que o Hotel terá em Castelo de Paiva e no Douro.

Parte 1 - O Primeiro Contacto



Fig. 1 - Capa do livro Atmosferas de Peter Zumthor

1.1 | Atmosfera(s) Significado

Desde que iniciei os meus estudos na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, procuro encontrar resposta para a pergunta que Zumthor fez a si próprio no seu Livro “Atmosferas” que reproduz numa conferência, em junho de 2003, no palácio de Wendlinghausen:⁵

“Mas porque me tocam estas obras?”⁶

Quando entramos num local, num edifício ou num espaço, experienciamos várias sensações que nos são transmitidas pelo local onde estamos. No nosso quotidiano sentimos várias sensações, de vários locais, que influenciam a nossa perceção emocional. Mas de que forma nos influenciam?

Através da(s) Atmosfera(s) desse(s) lugar(es) que engloba(m) esse conjunto de sensações que sentimos.

É a Atmosfera de um determinado local que nos toca. Que “comunica com a nossa perceção emocional, isto é, a perceção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver”⁷

“Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fração de segundos sinto o que é.”⁸

Mas como é que esse espaço cria a sua própria Atmosfera?

Tal como o Zumthor diz, a “Atmosfera” é criada ou é a própria Qualidade Arquitetónica⁹ do Espaço em questão. É algo que pertence a uma obra ou é a obra em si, e que toca (atrai) o visitante ou indivíduo que interage com a obra.

Sintetizando, quando falamos da Arquitetura de um local “sobressai inevitável e imediatamente o conceito da atmosfera, um ambiente, uma disposição do espaço construído que comunica com os observadores, habitantes, visitantes e, também, com a vizinhança, que os contagia.”¹⁰

Essa perceção imediata e contagiante ocorreu quando entrei pela primeira vez no Hotel Douro 41; uma obra única que desde logo me cativou e despertou um grande interesse pelo seu enquadramento, sendo por isso a obra que escolhi para desenvolver a minha Dissertação de Mestrado. E como devo começar a analisá-la?

Pelo que expus anteriormente, vou iniciar a sua análise começando por descrever essa Primeira Impressão da(s) Atmosfera(s) que os meus sentidos captaram á medida que fui percorrendo os espaços exteriores e interiores de forma a perceber a(s) qualidade(s) arquitetónica(s) existente(s) na obra de Serôdio Furtado & Associados. Pois foi através dessas qualidades arquitetónicas que percebi os conceitos por detrás da obra, os quais definem a verdadeira natureza e a arquitetura do Hotel.

Assim irei começar por expor o que realmente me “despertou” e contagiou nesta Obra.

5 - ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006, pág. 4

6 - Ibidem, pág. 11

7 - Ibidem, pág. 13

8 - Ibidem, pág. Págs. 11 e 13

9 - Ibidem, pág. 11

10 - Ibidem, pág. 7



Fig. 2 - Acesso Viário do Hotel



Fig. 3 - Residências em Construção



Fig. 4 - Percurso Pedonal de acesso ao Restaurante



Fig. 5 - Janela pertencente ao Muro



Fig. 6 - Escadas de Acesso ao Restaurante e Piscina Exterior

1.2 | Primeira Impressão

Exterior

Descrevendo a chegada ao hotel, quando nos aproximamos do portão de entrada, no cimo da encosta, vindo da estrada nacional pela rua Jean Tyssen, deparamo-nos com a encosta contrária ao hotel preenchida com o verde das árvores, sendo que no cimo desta se avistam algumas habitações e infraestruturas pertencentes à freguesia da Raiva. Mas o que é curioso é que ainda não é possível ver o hotel e, ao percorrer de carro o caminho de asfalto até à entrada apenas se consegue contemplar a vista da encosta contrária, antes referida, ao longo do nosso lado esquerdo (Fig.2). Ou seja, existe uma sensação de que se está a percorrer um caminho “misterioso”¹¹ que irá dar a um local especial e algo “sagrado”¹², que neste caso é a obra em estudo, acabando por ser uma espécie de refúgio protegido pela natureza da encosta onde está implementado.

De repente, já quase a chegar ao hotel, avistamos ao nosso lado direito dois percursos paralelos que entram pela encosta, um pedonal e outro viário, em que a passagem é interdita por umas vedações, mas dá para visualizar as estruturas das residências em construção (Fig.3) já revestidas em xisto, material próprio da região ¹³.

A partir daí começamos a ver o início do hotel. A estrada viária onde nos encontramos, como é sempre a descer, marca o início dos muros de xisto que entram pela encosta, pelo lado direito da estrada. E, tal como as vinhas do alto douro, formam níveis com cotas diferentes que irão definir a linguagem exterior do hotel.

Para começar avistamos o primeiro muro de xisto a segurar a encosta. Andando uns metros mais à frente, surge um caminho pedonal em granito, à cota mais alta, que é acompanhado pelo muro em xisto já referido e que é rematado por uma guarda de aço corten. Ao fundo desse caminho, é possível ver um efeito espelho criado pela fachada em vidro de um bloco de quartos pertencentes ao hotel, que reflete através do sol a vista da encosta contrária já antes referida. É a partir daqui que já se consegue vislumbrar de forma clara o vale criado pelas duas encostas que irá desaguar no rio Douro.

Andando mais uns metros avista-se novamente, sempre no lado direito, um outro caminho pedonal também em granito, acompanhado por um outro muro em xisto e rematado por outra guarda em aço corten. Este último caminho é interrompido por um volume envidraçado que dá lugar ao restaurante do hotel e que é acompanhado por uma esplanada que se interpõe no percurso pedonal (Fig.4). A continuação deste percurso leva-nos até à piscina exterior.

Este percurso pedonal é suportado inferiormente por um outro muro em xisto, onde podemos visualizar um recorte na parede que corresponde ao cais de cargas e descargas do hotel e uma janela mais adiante que remata o fim do muro (Fig.5). No terminar do muro surgem umas escadas do mesmo material (Fig.6), cujas guardas são novamente de aço corten, que vão dar ao restaurante e à piscina exterior.

11 - LASEAU, Paul, TICE, James, Frank Lloyd Wright: Between Principle and Form, Van Nostrand Reinhold, 1992; Experience - Experiencia do percurso “misterioso” até chegar ao espaço “sagrado”, págs. 172 - 177

12 - idem

13 - DE PINHO, Margarida Rosa Moreira, Elementos para a História de Castelo de Paiva, Camara Municipal de castelo de Paiva, Tipografia Cávado – Esposende, 1991 , pág. 10



Fig. 11 - Edifício Envidraçado



Fig. 12 - Percurso Pedonal e Edifício Envidraçado



Fig. 7 - Edifício de Entrada do Hotel

Fig. 13 - Escadas e Ponte de Ligação em Vidro



Fig. 14 - Escadas e Ponte de Ligação em Vidro



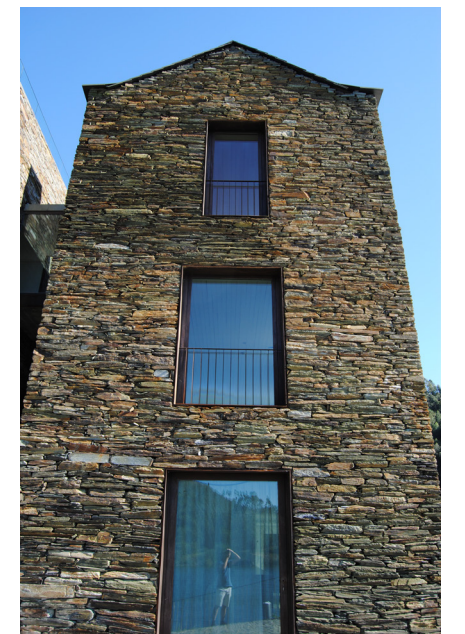
Fig. 10 - Conexão dos dois Edifícios



Fig. 9 - Edifício Tradicional



Fig. 8 - Frente do edifício de entrada



Do Primeiro lanço de escadas surge alinhado um edifício que corresponde á entrada do hotel (Fig.7). Composto por 3 volumes desalinhados, o edifício tem uma fachada cuja linguagem corresponde à da casa tradicional vernacular Portuguesa com os vãos retangulares dos pisos alinhados entre si. O átrio exterior que dá acesso à receção, apesar de ser estreito, ao estar virado para Oeste, tem à sua mercê uma vista fabulosa para o rio Douro, acabando por se tornar numa esplanada/zona de estar onde as pessoas podem contemplar a vista para o rio. Num patamar abaixo existe outra esplanada mais próxima do cais do hotel, a qual tem serviço direto de um bar no piso-1, que apresenta a mesma orientação do átrio da receção.

Antes de entrar no hotel, decidi caminhar pelos percursos exteriores que estavam à sua volta. Comecei por percorrer o caminho que circundava o edifício de entrada. Ali estava em contacto direto com o cais fluvial do hotel e com a paisagem do rio Douro.

Ao olhar de frente para o rio, junto da entrada do cais e ao circundar o gaveto do edifício de entrada, o caminho pedonal em granito continua à minha direita e dali vejo um outro edifício (Fig. 9) com a mesma linguagem arquitetónica do edifício de entrada. Entre os dois edifícios estão de frente umas escadas com guardas de aço, fixadas às paredes de xisto de ambos os lados (Fig. 13). Acima destas escadas vislumbro uma ponte de ligação entre os dois edifícios, cuja fachada é envidraçada.

De seguida, volto a olhar para o caminho pedonal e observo um terceiro edifício (Fig.11 e 12), mas com uma fachada diferente. No primeiro nível o edifício é coberto em xisto, sobressaindo as grelhas de ventilação em aço corten. No nível acima do xisto surge um “pano” de vidro contínuo ao longo do edifício que com o reflexo da luz do sol espelhava a paisagem do rio Douro. Verifico ainda que o percurso com pavimento em pedra acaba e surge um outro percurso de relva mais inclinado e mais estreito sendo este rematado pelo próprio edifício e por um muro em xisto que o suporta. É nessa altura que tenho a sensação de que estou a percorrer um caminho mais resguardado, no qual não devia aventurar-me.

Ao chegar ao fim do percurso, deparo-me com uma reentrância onde está uma saída de emergência do edifício composta por uma porta dupla em vidro, com caixilharia de metal. Percebi que ali não havia mais nada que pudesse ver, para além da vista magnífica que tenho sobre o Douro, e voltei atrás em direção às escadas que tinha visto anteriormente.

Subi as escadas e voltei a olhar para trás, para apreciar novamente a passagem em ponte que liga os dois edifícios(Fig.14 e 15). A passagem interior, ao ser de vidro, interage de forma direta com o exterior. E esse aspeto faz com que eu, estando no exterior, no cimo das escadas, consiga visualizar o rio Douro, sem que a passagem me distorça, assim como quem está no interior dela consegue vislumbrar toda aquela paisagem.

Deixo de olhar para trás e deparo-me com um espaço irregular, em que nenhum dos lados é perpendicular ou paralelo. É um local onde coincidem 3 caminhos, incluindo a escadas que subi. Mas existe uma lógica visual que eu senti, logo que entrei nele.



Fig. 15 - Ponte de Ligação em Vidro



Fig. 16 - Porta Envidraçada



Fig. 17 - Interior visto na Porta Envidraçada



Fig. 18 - Vão Longitudinal



Fig. 19 - Escadas de Acesso à Esplanada do Restaurante

Fig. 22 - Espaço e Volumes Desalinhados em seu redor



Fig. 20 - Interior visto no Vão Longitudinal



Fig. 21 - Rampa de Acesso à Esplanada do Restaurante



A partir da parede em xisto que está ao meu lado direito surge desalinhada uma parede na qual tem inserida uma porta envidraçada onde se consegue ver para o interior (Fig.16). No seu interior vê-se um corredor em que se nota a utilização do soalho tradicional como revestimento do chão, em contraste com as paredes e tetos brancos. Do outro lado do corredor é possível ver uma varanda exterior coberta, que aparece na fachada frontal do hotel já antes descrita (Fig17). De repente, a referida porta envidraçada fica espelhada com os raios de sol e apercebo-me que atrás de mim está um vão longitudinal (Fig 18), em que a luz natural espelha umas escadas estreitas escondidas por uma parede lateral. Estas escadas, tal como a rampa que está alinhada com a parede que as “protegem/escondem”, vão dar à esplanada do restaurante (Fig.19).

Aproximo-me do vão e olhando para o interior vejo uma guarda branca em primeiro plano, que delinea uma sala de eventos. Esta tem na parede oposta, três grandes janelas que vão até ao chão e que iluminam o espaço (Fig. 20).

Ao fazer este percurso percebo que este espaço, tem uma lógica visual que relaciona os diferentes percursos que nele “desaguam” com os espaços interiores de cada volume edificado e que está em contacto com o próprio espaço através dos vãos. Ou seja, existe uma relação muito bem definida entre os espaços exteriores e interiores assim como os próprios percursos exteriores e os próprios espaços interiores; mas esta relação será melhor caracterizada mais à frente, quando descrever o interior do hotel.

Decido subir a rampa (Fig.21) que vai dar ao restaurante, mas a meio da subida olho para trás (Fig.22) e vejo novamente o espaço, que ao estar rodeado pelos volumes desalinhados dos edifícios revestidos a xisto, leva-me a pensar nas ruas pedestres existentes entre as casas da aldeia de xisto em Piódão¹⁴, que devido à sua geografia, tornam o urbanismo irregular.

Depois de subir a rampa por completo, chego aos principais espaços exteriores do hotel onde os hóspedes conseguem usufruir, da melhor forma, a paisagem; o piso 2 tem a nível exterior a esplanada do restaurante e a piscina exterior com a zona das espreguiçadeiras.

Desta forma decido de seguida usufruir da esplanada do restaurante (Fig. 23). Estou ali sentado e é-me possível vislumbrar toda a encosta contrária ao hotel e ainda o rio Douro e as montanhas que ele serpenteia a poente (visto estar virado a Oeste), uma delas a montanha de Sebolido a Norte. O espaço da esplanada é delineado pelas guardas contínuas de aço córtex (tal como os percursos pedonais referidos anteriormente) e por um canteiro ajardinado do qual se sente o cheiro. De frente para a montanha vejo a luz do sol a pairar na piscina exterior servindo de cenário para as pessoas que se encontram nas espreguiçadeiras. Não posso deixar de reparar que ao longo deste percurso que fiz pelo exterior do hotel o clima tem sido agradável. Talvez seja ou não próprio do local, mas o calor do sol não me era desconfortável tal como a ligeira brisa que vinha de Oeste.

Continuando o meu percurso (Fig 24), caminhei até à piscina exterior. A vista panorâmica que tinha a partir da esplanada era bastante abrangente tal como descrevi. Mas não há nenhum campo visual existente no hotel que se compare ao da piscina exterior! A piscina e a zona das espreguiçadeiras (Fig. 25) formam juntamente uma cobertura praticável.

14 - Referência à Aldeia Histórica do Piódão, dando a entender de que há uma intenção de fazer uma interpretação da Arquitectura Tradicional local - Câmara Municipal de Arganil - disponível em - <https://www.cm-arganil.pt/visitar/o-que-visitar/piodao/>



Fig. 23 - Esplanada do Restaurante



Fig. 26 - Piscina Exterior e Paisagem a Norte



Fig. 27 - Piscina Exterior e Paisagem a Poente

Fig. 24 - Percurso que vai da esplanada até à Piscina Exterior



Fig. 25 - Zona das Espreguiçadeiras



Fig. 28 - Piscina Exterior e Paisagem a Nascente

Ao entrar no espaço destinado às espreguiçadeiras, percebo que a piscina se torna num autêntico miradouro onde os hóspedes que usufruem do hotel têm o prazer de tirar fotos à paisagem, estando dentro da piscina (Fig 26). O campo visual da piscina faz um ângulo de 270 graus apanhando toda a linha do rio Douro a serpentear as montanhas de Este a Oeste, salientando-se a norte a montanha de Sebolido (encosta contrária ao hotel). Ou seja, é na piscina exterior que se pode vislumbrar toda a envolvente do hotel.

Mas o que distingue a piscina dos outros espaços exteriores não é só o seu campo de visão único, mas também a forma como se enquadra com a paisagem. No perímetro da zona das espreguiçadeiras, que está revestida a madeira, tem inserido a guarda de aço córtex, já referida anteriormente, por questões de segurança. Mas a guarda de aço é interrompida quando chega ao início da piscina exterior, surgindo agora uma guarda em vidro. O perímetro da piscina exterior faz parte da estrutura das paredes exteriores do edifício fazendo com que não haja nenhum elemento estrutural, exceto a guarda de vidro, a separar os espelhos de água da piscina e do rio em termos visuais. Ou seja, há uma suposta relação direta entre a piscina exterior e a própria paisagem, como se fizéssemos parte dela (Fig. 27 e 28).

A partir do lado Este da piscina exterior, surge um muro de xisto com 1 metro de altura virado para o rio que irá iniciar um caminho pedonal verdejante. No início do caminho estão inseridas de forma desordeira algumas espreguiçadeiras. O muro é interrompido por uma vedação verde a meio do percurso de relva, visto que este vai até ao limite do terreno do hotel, mas o facto de o muro ser interrompido sugere que o percurso não tem uma conotação tão forte como a piscina e a esplanada. No lado esquerdo do caminho reparo nalgumas eras presas á parede de xisto que faz parte da encosta. Esta que é interrompida por uma fachada em vidro com 7 metros de comprimento, mas depois a parede continua até ao fim do percurso. Por cima dessa parede em xisto, que segura a encosta, está um volume encastrado, com fachada em vidro virada para o rio, que corresponde ao primeiro piso de quartos do hotel (Fig. 29).

Fig. 29 - Caminho Pedonal





Fig. 30 - Escadas e Acesso ao Percorso Pedonal a Norte



Fig. 31 - Caixilharia de Vidro dos Elevadores



Fig. 37 - Percorso Pedonal



Fig. 32 - Porta de emergência do Piso 3



Fig. 33 - Escada de Acesso aos Percursos Pedonais



Fig. 34 - Escada de Acesso ao Piso 3



Fig. 38 - Percorso Pedonal



Fig. 35 - Percorso Pedonal



Fig. 36 - Percorso Pedonal e Fachada de Vidro



Fig. 39 - Percorso Pedonal

À beira dos balneários de apoio á piscina exterior está adossada uma escada em xisto (Fig. 34) que vai dar acesso aos percursos pedonais que estão por baixo dos volumes do segundo e último piso, com os quartos que já tinha referido anteriormente no início do percurso viário. Ao contrário do primeiro piso que só tem um volume virado para Norte, o segundo piso tem mais dois volumes virados para Noroeste e Oeste, havendo desta forma uma exploração do campo visual da paisagem da envolvente do hotel. Nota ainda para a caixilharia de vidro aberta para o percurso a Norte, onde os elevadores fazem a ligação entre os pisos do hotel (Fig. 31).

Todos estes caminhos pedonais que se inserem no hotel circundam-no e são utilizados como uma espécie de miradouro para o rio Douro, onde se sobressai, centrado na paisagem de frente para o hotel, o monte de Sebolido.

Mas estes percursos perdem força através dos volumes de betão dos quartos que estão balançados para a frente, fazendo com que os percursos passem para segundo plano no que toca á sua relevância e usufruto. A vegetação autóctone em redor do hotel faz com que os próprios percursos sejam mais escondidos e as fachadas de vidro dos volumes suspensos sejam mais relevantes na composição exterior do hotel (Fig. 35, 36, 37, 38, e 39).



Fig. 43 - Sofá Simbólico do Rio Douro



Fig. 42 - Elevador de Acesso ao Piso 1



Fig. 41 - Bar



Fig. 44 - Zona de Estar



Fig. 45 - Sofá e Zona de Estar



Fig. 40 - Recepção

Interior

Recepção + Bar

Após ter visto o hotel por fora, voltei ao átrio de acesso à recepção para ver o hotel a nível interior. Entro e deparo-me com a recepção do hotel (Fig.40), que está embutida na parede branca e o elevador de acesso ao piso 1 (biblioteca e 2 quartos) (Fig.42). O chão cinzento tem sobre si alguns tapetes azul-turquesa para cada zona da recepção. Há um tapete próprio para a recepção e elevador e outro para o sofá azul que marca o início da zona de estar ligada á recepção. O teto da recepção é composto por tábuas de madeira pintadas a branco, condizendo com as paredes brancas, sendo que em algumas zonas de lado estão inseridas entradas e saídas de ventilação. Nas paredes exteriores as luzes ambiente estão intercaladas com a luz exterior dos vãos.

No lado direito da recepção está o bar, onde o balcão de serviço, que tem um design minimalista, está também embutido para dentro da parede (Fig.41). O bar dispõe de um conjunto de sofás em pele castanha e mesas de madeira que estão alinhadas ao centro e ainda uma lareira e uma televisão inseridas na parede ao fundo do bar.

No lado Norte (à esquerda da recepção) está localizada a zona de estar onde sobressai um sofá azul que é um dos símbolos do hotel (Fig. 43), visto que o seu design tem um valor simbólico que representa os 41 km da serpente do rio Douro que vão desde a foz do Porto até ao hotel através das curvaturas que este tem¹⁵. As diferentes cores de azul que o sofá tem em cada sítio representam as diferentes tonalidades ao longo desse percurso do Douro. É uma peça única feita exclusivamente para o hotel. Ao lado do sofá, estão duas cadeiras com estrutura em madeira e almofadas brancas, uma mesa em madeira e um sofá branco. Este conjunto é acompanhado por uma estante que está embutida num bloco de parede estrutural onde estão expostos alguns prémios e artefactos ligados ao hotel assim como alguns livros sobre a região de Castelo de Paiva. Mais á frente tem um espaço lúdico onde os hóspedes podem estar à mesa a jogar ou a ler, como também podem estar nos poufs a ver televisão, acompanhados por uma lareira que aqueça o espaço (Fig. 44).

15 - Peça referenciada em - <https://www.youtube.com/watch?v=pjQ3JcRbExk&t=4s>



Fig. 50 - Paisagem Panorâmica



Fig. 51 - Antecâmara dos Elevadores do Piso 1



Fig. 52 - Zona de Estar



Fig. 49 - Fim da Rampa



Fig. 53 - Zona de Estar Vista da Rampa de Acesso à Sala de Eventos



Fig. 46 - Início da Rampa e Acesso à Sala Paiva

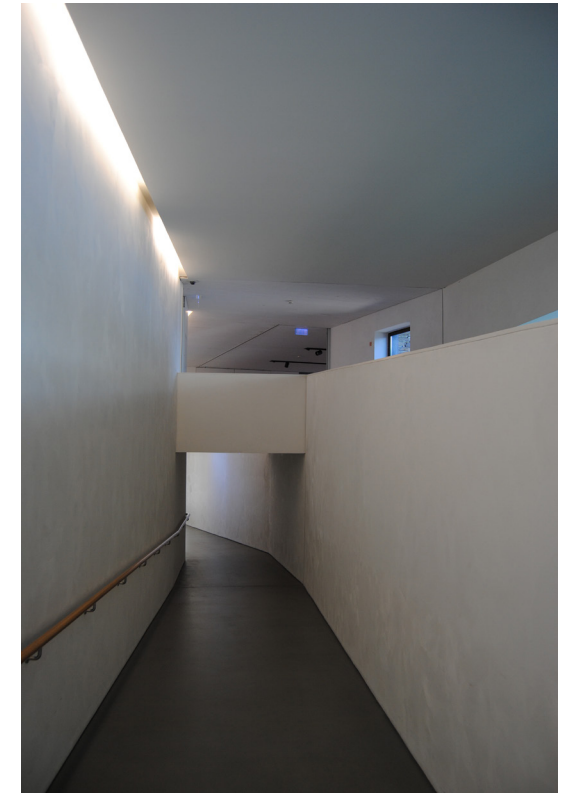


Fig. 48 - Rampa

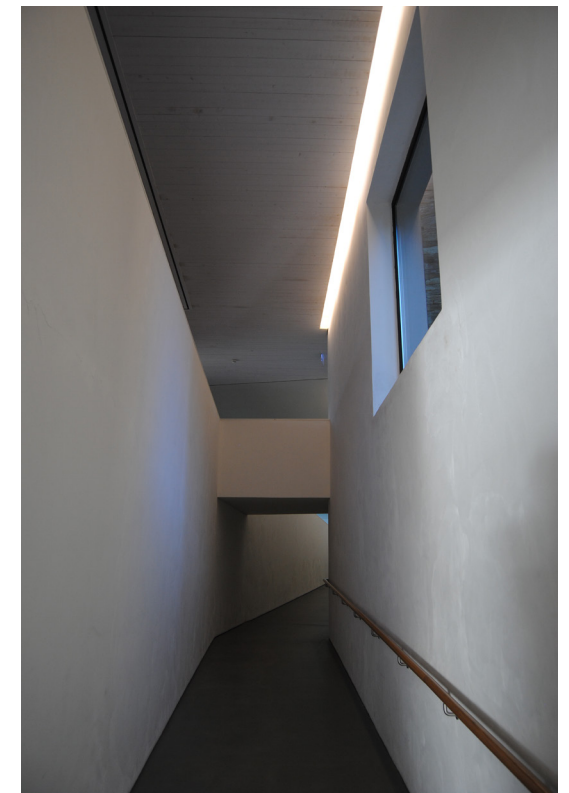


Fig. 47 - Rampa

Hall dos elevadores

À direita do espaço lúdico anteriormente referido, entre a parede onde está a fogueira e o bloco de parede onde está embutida a estante, acedemos á sala Paiva ou á rampa que sobe até ao hall dos elevadores. A sala Paiva infelizmente estava fechada devido ao facto de não estar em funcionamento (Fig. 46).

Estando encerrada, continuei o meu caminho pela rampa que dava acesso aos elevadores do hotel. Logo no início do meu percurso apercebi-me que entrei num outro espaço/volume do hotel através do aumento repentino do pé direito do corredor (Fig.47). A parede branca do percurso à minha direita não chegava até ao teto, dando a entender que existe um espaço escondido, a uma cota mais alta. Já a outra parede (também branca) chegava até ao teto através de um feixe de luz elétrica que iluminava o espaço. Nessa mesma parede, um vão a meia altura traz luz natural, estabelecendo um contacto visual exterior/interior com o espaço escondido já referenciado. A meio do percurso existe uma ponte de ligação que interrompe a faixa de luz elétrica já referenciada, sendo que esta continua até chegar ao hall dos elevadores. É neste ponto do percurso que a rampa faz uma torção para a direita e avistamos de frente o hall dos elevadores. Até chegarmos ao hall, à medida que nos aproximamos deste, a parede ao meu lado esquerdo vai diminuindo a sua altura (Fig.49). Quando cheguei ao espaço pretendido, percebi qual era a intenção da atmosfera existente no percurso em rampa.

Ao percorrer este caminho presenciei uma sensação de mistério¹⁶ pelo que estava à minha volta. De facto, enquanto eu estava a percorre-lo eu não sabia qual era o espaço existente por trás da parede à minha esquerda, nem sabia para onde estava virada a janela referida, como também não percebia o porquê da ponte e da torção que interrompiam o percurso. Mas quando chego ao hall dos elevadores, começo a perceber os mistérios que o percurso em rampa escondia de mim.

Ao chegar ao hall dos elevadores avisto á minha esquerda a paisagem panorâmica do rio Douro com o monte de Sebolido no centro da paisagem (Fig.50). A estrutura que sustenta os elevadores e as suas máquinas são em vidro. Desta forma, como os elevadores estão de frente para a paisagem, a luz natural que provém da fachada é refletida na estrutura em vidro dos elevadores espelhando assim a paisagem do rio Douro nestes (Fig. 51). No hall dos elevadores, à beira da fachada em vidro, está inserida uma mesa de snooker profissional que é acompanhada por uma copa e um sofá cinzento. No chão, entre os pilares que sustentam a fachada em vidro, estão inseridas grelhas de insuflação que condicionam o ar do espaço (Fig.52).

16 - LASEAU, Paul, TICE, James, Frank Lloyd Wright: Between Principle and Form, Van Nostrand Reinhold, 1992; "Experience" - Experiencia do percurso "misterioso" até chegar ao espaço "sagrado", págs. 172 - 177



Fig. 54 - Acesso Interdito



Fig. 55 - Sala de eventos



Fig. 56 - Sala de Eventos



Fig. 57 - Vão com vista para o espaço irregular Exterior

Fig. 58 - Sistema de Portadas da Sala de Eventos



Fig. 59 - Início da Sala de Eventos

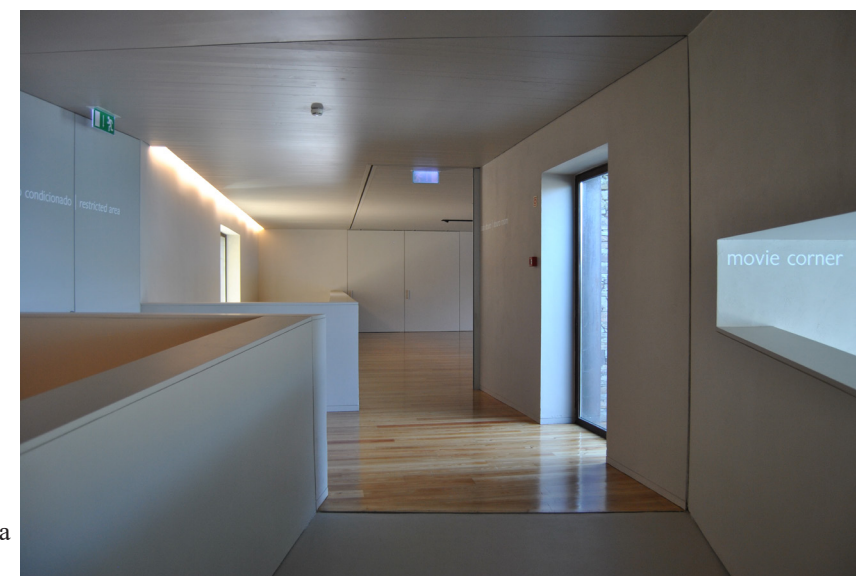
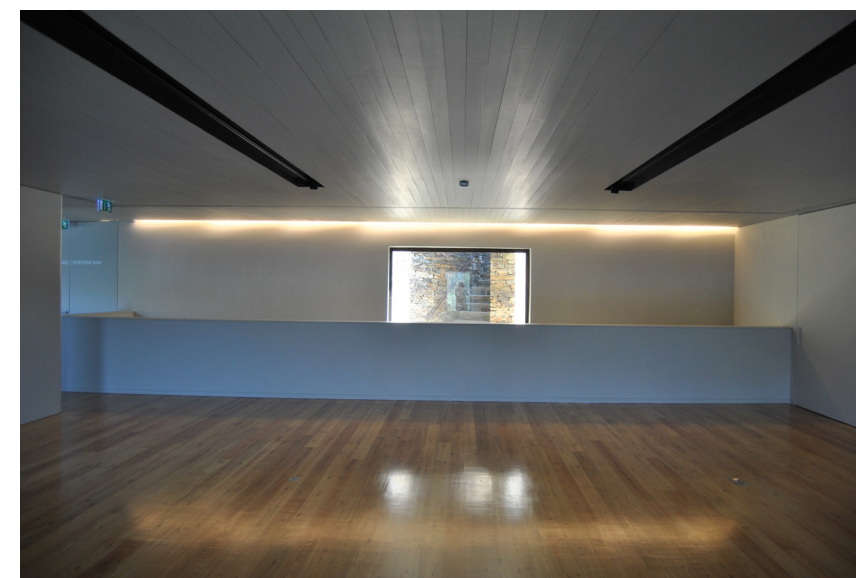


Fig. 60 - Fachada Norte da Sala de Eventos



Fig. 61 - Fachada Sul da Sala de Eventos



Sala de eventos

Entre o espaço destinado ao snooker e a rampa de onde eu vim da receção do hotel está inserida uma outra rampa que sobe até à ponte. Ao chegar à ponte percebo que esta é utilizada para acesso restrito às zonas técnicas do hotel (Fig. 54). Logo a seguir à ponte vejo o tal espaço que estava escondido anteriormente, que corresponde à sala de eventos do Hotel (Fig. 55).

Mas sinto desde logo que já tinha visto este espaço anteriormente. Olho para aquela janela que tinha visto no percurso em rampa e aí percebi, que já tinha visto a sala de eventos de fora para dentro quando estava no tal espaço irregular exterior (Fig. 57). Este espaço exterior era o que fazia ligação tanto à cota alta da piscina exterior como à cota baixa para o cais do hotel, quando me tinha aproximado da janela e tinha visto uma sala com três vãos direccionados a Norte, a olhar para o vidro. Mas olho com mais atenção à minha volta e apercebo-me que estou num local de transição do hotel em que dois estilos arquitetónicos se fundem. Aquela ponte que passa por cima da rampa, mais a torção divide dois espaços com linguagens e pormenores diferentes que só se relacionam através do branco das paredes, das guardas que sublinham os percursos em rampa e dos tetos. Por um lado, o Hall dos elevadores tem uma fachada em vidro cujo objetivo é trazer a paisagem do rio Douro para o interior e o chão cinzento, com o teto pintado a branco, salientando a simplicidade do espaço em si.

Por outro lado, a sala de eventos tem um pavimento em soalho tal como o teto, sendo que este último é pintado de branco, para uma transição mais uniforme do soalho para o reboco do teto do hall dos elevadores (Fig. 59). Esta divisão reflete assim um estilo mais tradicional. Nota ainda para os 3 vãos virados para a paisagem do Douro já referidos anteriormente (Fig. 60). Ou seja, existe entre estes dois espaços uma junção e transição entre um estilo mais tradicional da arquitetura vernacular e um estilo mais contemporâneo e minimalista do próprio Arquiteto. De salientar também que é possível fechar por completo esta sala de eventos através de um sistema de portadas de correr, conseguindo privar mais o espaço (Fig. 58).



Fig. 69 - Varanda



Fig. 70 - Varanda



Fig. 71 - Paisagem Vista da Varanda



Fig. 62 - Biblioteca



Fig. 63 - Biblioteca



Fig. 64 - Ponte de Ligação - Acesso à Biblioteca



Fig. 65 - Ponte de Ligação - Acesso à Sala de Eventos



Fig. 66 - Elevador de Acesso ao Piso 0

Fig. 67 - Corredor de Acesso à Varanda e Biblioteca



Fig. 68 - Acesso às Suites



Biblioteca + Varanda

Na sala de eventos avisto uma porta dupla que dá acesso à biblioteca do hotel. Mas, ao atravessá-la, não me deparo logo com o espaço pretendido, mas sim com um trajeto envidraçado em ambos os lados. E apercebo-me que estou a passar a ponte pedonal que tinha visto no exterior (Fig. 64 e 65). Dali aprecio, mais uma vez, a paisagem do Douro, que é enquadrada pelas paredes de xisto de ambos os volumes que a própria ponte conecta. Por fim, chego à biblioteca que, tal como os espaços de estar da receção, tem a mesma linguagem tradicional no que toca à sua fachada para o rio. A estante de livros da Biblioteca fica embutida na parede oposta aos vãos, sendo toda ela pintada a branco, de forma a uniformizar-se com a parede à qual pertence. O teto de duas águas, tal como a da sala de eventos, é em soalho pintado a branco. O espaço de estar da biblioteca, que é composto por mobiliário moderno e que estão posicionados em cima dos tapetes cinzentos, está junto aos vãos, delineando desta forma um percurso em soalho que dá acesso às suites (Fig. 62 e 63).

Percorro-o, saio da biblioteca e deparo-me com um corredor mais alongado (Fig. 67), mas que se vai estreitando até às suites (deixo de ver a o teto em soalho nesta altura). Antes de se iniciar a parede branca à minha esquerda, vejo no início dela uma porta que dá para o já referido espaço irregular no exterior. Olho lá para fora e volto a ver a janela que dá para a sala de eventos (como descrito anteriormente), bem como a ponte interior que faz ligação entre a biblioteca e a sala de eventos. Volto a focar-me no corredor e vejo à minha direita a varanda exterior (que de certa forma é mais um espaço de transição do que exterior, já que este é coberto) e reparo nas grelhas de ventilação, inseridas no teto e que se alinham com o vão da varanda. Entro na varanda, sento-me num dos sofás brancos e reparo na forma como o teto branco e as paredes de xisto da varanda enquadram e aproximam a paisagem do rio Douro a poente como se eu estivesse inserido nela, apreciando-a ainda mais. E nem a própria guarda em aço corten da varanda interfere nesse efeito (Fig. 69, 70 e 71).

Depois de apreciar a varanda volto a entrar no corredor e vou até às portas de acesso das suites. Ambas as portas são iluminadas pela luz natural, que bate nas paredes brancas e que vem da claraboia que está por cima das entradas de ambas as suites (Fig. 68). Esta claraboia, a nível exterior, parece ter a forma de uma chaminé, iludindo a sua função. À minha esquerda vejo um hall de um elevador de serviço às suites que dá acesso à receção. Em ambos os lados estão inseridos dois acessos restritos à área técnica (Fig.66).



Fig. 72 - Corredor do Spa



Fig. 73 - Corredor do Spa



Fig. 74 - Tepidário



Fig. 75 - Sala de Tratamento

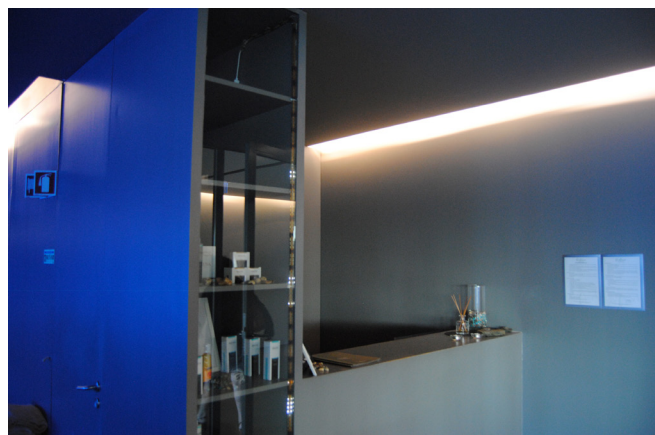


Fig. 76 - Balcão do Spa

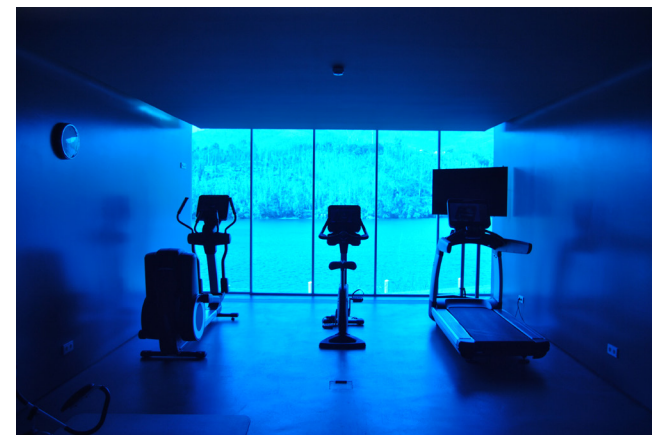


Fig. 78 - Sala das Máquinas



Fig. 80 - Piscina Interior e o Monte de Sebolido

Fig. 77 - Balcão do Spa

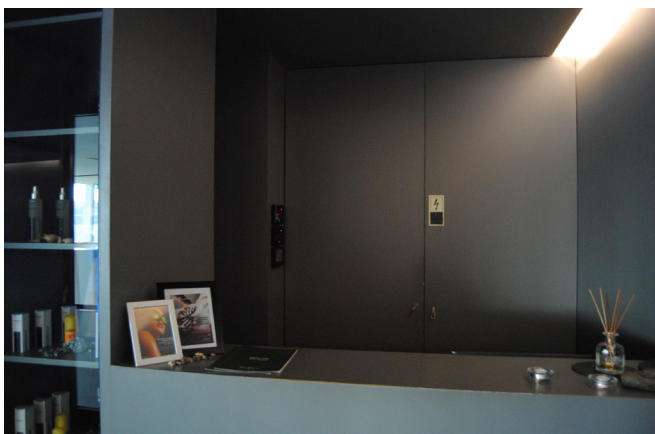


Fig. 79 - Piscina Interior e Espreguiçadeiras

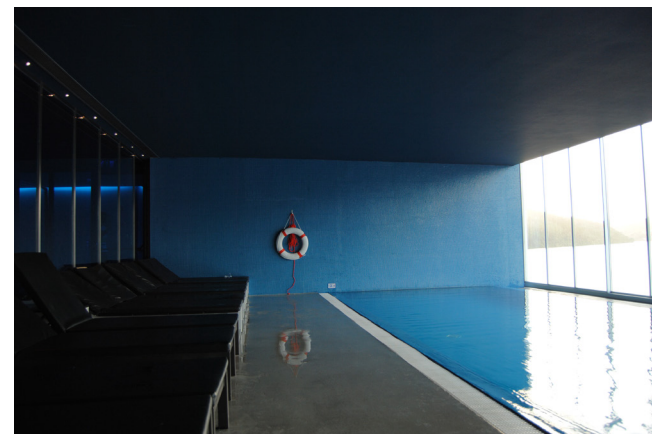


Fig. 81 - Piscina Interior e Rio Douro a Poente



Fig. 82 - piscina Interior e Rio Douro a Nascente



Piscina Interior + Spa

Em vez de entrar no elevador e ir para a entrada do hotel, volto para trás e passo novamente pela biblioteca e pela sala de eventos, estando outra vez no hall dos elevadores. Ao olhar de frente para os elevadores tenho à minha esquerda o acesso à piscina interior e ao spa do hotel.

Entro e deparo-me com a pequena receção do serviço em específico, que tem um balcão de atendimento estreito (Fig. 76 e 77). Ao contrário do resto dos espaços do hotel, o Spa tem as paredes pintadas a cinzento, em vez de branco, o que torna a sua atmosfera mais acolhedora e aconchegante. À esquerda da receção encontra-se o corredor de acesso aos espaços que compõem o Spa, tendo a piscina interior logo à vista através dos vidros que compõem o lado esquerdo do corredor. Estes vidros são azulados e, ao receberem com a luz natural vinda da paisagem, proporcionam um ambiente azulado às paredes e ao teto. Adicionalmente e tal como se verifica no teto da rampa que liga a receção do hotel ao hall dos elevadores, está presente uma faixa de luz que ilumina a parede à minha direita (Fig. 72 e 73). A piscina interior, tal como a exterior, cria um efeito visual de estarmos dentro do próprio rio Douro, através da fachada em vidro (Fig. 79, 80, 81 e 82). Esta fachada em vidro, que já começa desde o hall dos elevadores, vai até ao fim do spa, o que faz com que todos os espaços tenham uma relação visual direta com a paisagem (Fig. 74, 75 e 78).



Fig. 87 - Antecâmara das Instalações Sanitárias



Fig. 85 - Corredor do Piso 2



Fig. 84 - Antecâmara dos Elevadores do Piso 2

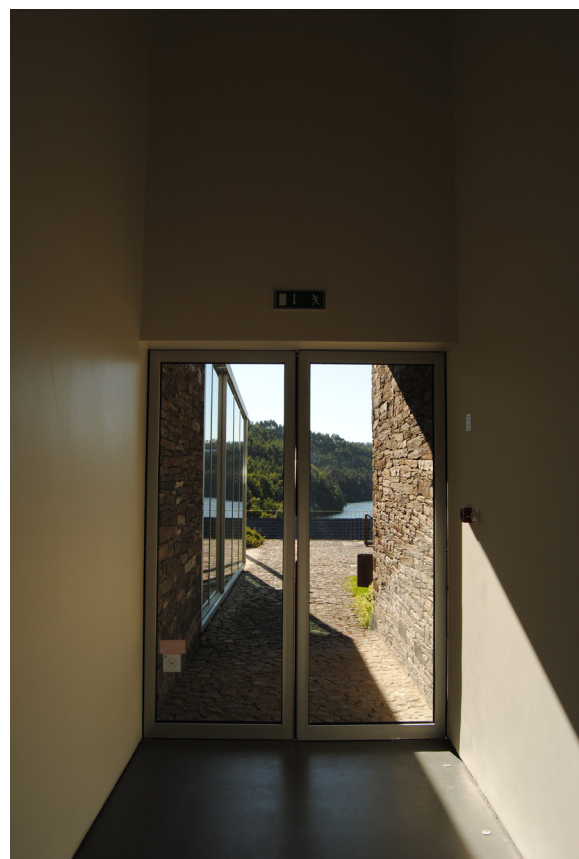


Fig. 88 - Porta Dupla de Emergência



Fig. 86 - Corredor do Piso 2



Fig. 83 - Vista Panorâmica para o Monte Sebolido da Antecâmara dos Elevadores do Piso 2

Piso 2

Saio do spa, entro num dos elevadores que está no hall e subo até ao piso da piscina exterior e do restaurante. Saio do elevador e deparo-me outra vez com a paisagem do rio douro, que tinha visto no hall dos elevadores, apesar de estar em primeiro plano um dos percursos de relva com as espreguiçadeiras da piscina exterior (Fig. 83).

Ao ir para a esquerda em direção ao restaurante, vejo a porta que dá acesso aos balneários da piscina exterior e à própria. Esta porta de batente é pintada a branco de forma a condizer com as paredes do interior, mas para o exterior é acastanhada condizendo com as paredes exteriores dos balneários da piscina. Ao passar a porta insiro-me num espaço de transição onde estão os balneários à esquerda e uma parede em xisto à direita que é realçada com as luzes de presença que estão no teto branco, este que contrasta com o chão em granito.

Entretanto volto para o interior e avisto as casas de banho de serviço do restaurante, que estão adossadas aos balneários. O hall das casas de banho vai estreitando até à última porta. Entre as portas das casas de banho dos homens e das mulheres estão dois lavabos, em pedra escura (mármore), que são iluminados por uma faixa de luz elétrica que está por cima do espelho que cobre toda a parede destinada aos lavabos (Fig. 87). Por baixo dos lavabos está uma prateleira de apoio do mesmo material destes. A parede oposta às entradas dos wc's tem três luzes que se propagam no teto iluminando o espaço. O mesmo acontece no corredor que se percorre até ao restaurante (Fig. 85 e 86). Logo a seguir aos wc 's, antes de entrar no restaurante, vejo uma porta dupla em vidro que é uma saída de emergência e que dá para a piscina exterior. Verifica-se ainda uma parte da paisagem do rio, a ponte, mas o que está em primeiro plano é o contraste existente entre o interior (chão cinzento e as paredes brancas) e o exterior (chão de granito e as paredes em xisto) (Fig.88).



Fig. 89 - Entrada do Restaurante



Fig. 91 - Garrafeira



Fig. 93 - Zona do Buffet do Restaurante

Fig. 90 - Vista do Restaurante para Poente



Fig. 92 - Pormenor do Cortinado



Fig. 94 - Zona de Refeições

Por fim, entro no Restaurante e logo ao meu lado direito avisto uma garrafeira em vidro exposta, tendo para além do carácter funcional, um lado simbólico, ao representar os vinhos Verdes próprios da região de Castelo de Paiva¹⁷ e os vinhos do Porto (Alto Douro) (Fig. 91). Essa alusão volta a acontecer mais à frente com algumas pipas de vinho a servirem de mesas de apoio à entrada.

O restaurante tem um espaço de receção mais afastado da fachada, que está entre a garrafeira de vidro e o volume da cozinha e que serve de zona de buffet para os pequenos almoços (Fig. 89 e 93). Neste espaço, uma vez que o teto é inclinado, existe um pé direito mais alto no início, com a parede cinzenta da entrada, mas este vai descendo até chegar aos vidros que compõem a fachada do restaurante, dando ênfase à paisagem que esta mesma enquadra.

O teto tem como suporte uma estrutura composta por pilares e vigas de betão que estão perpendiculares a fachada de vidro. Aliás a viga que se alinha com a parede da cozinha tem embutida uma cortina que pode dividir o espaço do restaurante em dois, para o caso de haver uma ocasião especial. De forma intercalada com a estrutura de betão, estão inseridos no teto branco inclinado uns rasgos de luzes, que à noite iluminam os espaços do restaurante.

As mesas do restaurante estão inseridas o mais próximo possível da fachada de vidro, de forma a que os hóspedes possam apreciar melhor a paisagem do rio Douro a poente (Fig 90).

A cozinha, que está alinhada com o espaço de entrada e com a garrafeira, é coberta com placas cinzentas, condizendo com a parede de entrada que está adossada ao próprio terreno. Desta forma, isto faz com que o próprio volume não seja relevante para o próprio espaço, porque o que realmente interessa é a zona de refeições onde os hóspedes podem usufruir de uma refeição enquanto apreciam a paisagem do rio Douro (Fig. 94). Nota ainda para as saídas de ar que se encontram por cima do volume da cozinha.

17 - DE PINHO, Margarida Rosa Moreira, Elementos para a História de Castelo de Paiva, Camara Municipal de castelo de Paiva, Tipografia Cávado – Esposende, 1991 , pág. 9



Fig. 95 - Corredor Piso 4



Fig. 96 - Corredor Piso 4

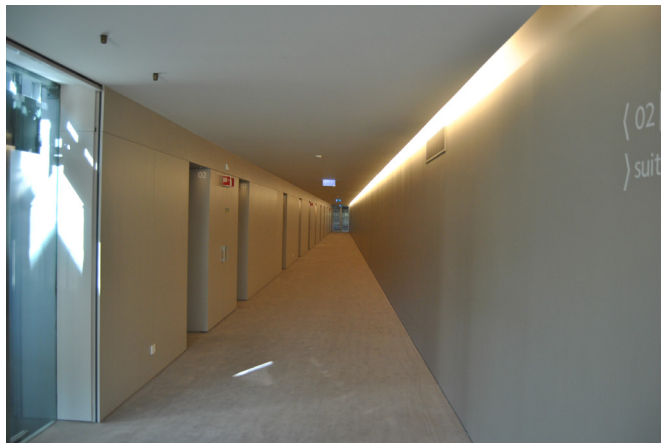


Fig. 97 - Corredor do Piso 3

Fig. 98 - Corredor Piso 4



Fig. 99 - Acesso aos Elevadores no Piso 3



Fig. 100 - Corredor Piso 4



Fig. 101 - Corredor Piso 4



Fig. 102 - Corredor Norte do Piso 4



Fig. 103 - Antecâmara dos Elevadores do Piso 4



Fig. 104 - Antecâmara dos Elevadores do Piso 4 - Vista Panorâmica



Fig. 105 - Corredor Norte do Piso 4



Corredores dos Quartos

Volto para o elevador e subo para o 3º piso, onde está a primeira galeria de quartos. Esta está virada de frente para o monte de Sebolido a Norte.

À minha direita está a porta de entrada de um quarto suite e uma porta dupla de saída de emergência (em vidro) que dá para os percursos exteriores do hotel. De frente para a porta de entrada da suite encontra-se uma porta de acesso restrito aos espaços técnicos e administrativos do hotel, sendo mais específico para o uso dos serviços aos quartos (Fig. 99).

À minha esquerda tenho a galeria dos quartos tipo. O chão, ao contrário dos outros pisos, é de tapete acinzentado dando um ar mais acolhedor. O caixilho do elevador que é em vidro, contrasta com o branco das paredes e do teto do corredor. O corredor é iluminado por uma linha de luz no lado direito do teto e que se propaga na parede branca contrária à das entradas dos quartos. Os vãos dos quartos estão embutidos na parede e os números destes estão no lado de dentro da parede voltados para quem chega do elevador de forma a que os hóspedes possam encontrar o quarto que lhes corresponde. Por cima dos números está uma luz de presença que os ilumina. Ao fundo do corredor encontra-se uma outra porta dupla de vidro sendo também esta uma saída de emergência para o exterior (Fig. 97). De certo modo, a linguagem arquitetónica desta galeria é idêntica às que estão no último piso e que irei abordar de seguida. Volto ao elevador e subo para o último piso do hotel. Mas durante a subida entre o piso do restaurante (3º piso) e o 4º, que é o meu destino, através do caixilho em vidro do elevador tenho um rápido vislumbre da paisagem do rio Douro com o Monte de Sebolido em destaque.

Saio do elevador e vejo um hall iluminado pela luz que vem do efeito espelhado do vidro que está virado a poente, havendo ainda uma porta de emergência para o exterior (Fig. 103). Ando mais à frente e ao meu lado esquerdo avisto a galeria dos quartos que estão virados para norte. A galeria é idêntica à do piso anterior, mas em vez de ter uma parede branca oposta às entradas dos quartos, tem uma cortina de vidros a acompanhar um jardim que recebe luz solar por cima (do exterior) e desta forma traz luz natural para o corredor (Fig. 102 e 103). À noite, a linha de luz que está no lado da parede, tal como a galeria de quartos do 3º piso, ilumina tanto o corredor como o próprio jardim. Ao fundo do corredor está uma porta dupla de saída de emergência para o exterior. Estando novamente no hall dos elevadores do piso 4, continuo em direção às outras galerias descendo ligeiramente para a primeira, que está virada para o rio douro em direção à cidade do Porto (Fig. 98) Esta é uma galeria mais curta e tem no fim dela um acesso restrito às áreas técnicas e administrativas do hotel. Entre esta galeria e a última, que está virada para Oeste, deparo-me com um espaço de estar que apresenta uma fachada de vidro transmite uma forma tripartida pelos pilares que sustentam o espaço. A luz da tarde, entra pelo espaço e ilumina o conjunto de móveis de estar. O conjunto de árvores na encosta oposta ao hotel vai perdendo ênfase à medida que o sol se põe. Entre o espaço de estar e o último corredor está embutida na parede uma porta de correr antifogo. Os quartos do último corredor estão virados para a encosta contrária ao hotel e têm à disposição uma porta dupla de emergência ao fundo do corredor que vai dar para o exterior (Fig. 100 e 101).

Fig. 108 - Corredor do Quarto



Fig. 109 - Quarto

Fig. 107 - Quarto de Banho do Quarto



Fig. 110 - Quarto

Fig. 106 - Quarto de Banho do Quarto



Quarto

Depois de ter visto todos os espaços do hotel, entro finalmente no quarto que me é destinado, enquanto hóspede do estabelecimento. É este espaço que, acima de tudo irá definir maioritariamente a identidade do hotel, visto que é o espaço que o hóspede mais usufrui.

Entro e estando no hall do quarto, tenho logo à minha direita uma mesinha de apoio em madeira clara. Na parede direita longitudinal ao quarto está presente uma porta de acesso ao quarto vizinho (possibilidade para quarto familiar). O chão do quarto é de alcatifa cinza, tal como o corredor onde está inserido.

À minha esquerda tenho a porta de correr que me dá acesso à casa de banho do quarto. A porta de correr parece fazer parte da própria parede, que separa o hall da casa de banho, tendo a mesma espessura da parede e, quando a abro por completo, alinha-se com o início da cabine do chuveiro, fazendo com que haja ao máximo o aproveitamento do espaço da casa de banho. Entro na casa de banho, que tem um chão de pedra escura e à minha esquerda tenho o espaço da sanita e do bidé que estão suspensos pela parede. De frente para estes, estão dois robes de banho pendurados e uma luz no teto ilumina o espaço. Nota ainda para o rasgo entre o teto e a parede, onde está o bidé e a sanita, que corresponde à saída de ar da casa de banho (Fig.106 e 107).

Logo a seguir, um espelho, que vai até ao teto, cobre toda parede que suporta a prateleira dos lavabos. Esta prateleira tem dois lavabos em ambas as pontas e no meio está pousado um pequeno espelho circular. Três luzes de teto iluminam a zona dos lavabos. Por baixo desta prateleira está inserida uma outra idêntica que serve de apoio aos lavabos. Adossada e alinhada em altura com esta última prateleira está a banheira, que ocupa o espaço mais distante da entrada da casa de banho. A banheira não tem opção de chuveiro de parede, visto que é a cabine que se ocupa dessa função. A cabine, que está em frente ao lavabo mais próximo da banheira, está embutida entre os armários que abrem para o corredor do quarto. As paredes e o chão da cabine são em pedra escura. Já o teto é branco e tem 5 luzes de pouca intensidade alinhadas por cima do chuveiro, iluminando-a.

Saio da casa de banho e a partir do hall de entrada, percorro o corredor (Fig. 108) que irá dar ao espaço de dormir. Do meu lado esquerdo tenho os dois armários cuja cabine está entre eles. A parede direita longitudinal do quarto tem ao longo dela 4 focos de luz a 2 metros do chão e que iluminam em direção ao teto.

Chegando ao espaço de dormir verifica-se que a cama de casal e a secretaria, que se encontra agrupada à testeira da cama, ocupam o centro do espaço e estão viradas para a fachada de vidro do quarto, tal como o sofá que está presente no fundo da cama (Fig. 109 e 110). A própria televisão do quarto fica em segundo plano ao estar mais resguardada, no lado esquerdo da fachada. O teto vai descendo desde a parede contrária à fachada, que tem no cimo as entradas de ar condicionado do quarto.



Fig. 111 - Paisagem Panorâmica do Quarto

Fig. 112 - Quadro na Parede do Quarto



Abro as cortinas para o lado e vejo a paisagem panorâmica do rio Douro com o monte de Sebolido centrado na paisagem, sentindo-me como se estivesse dentro dela (Fig. 111). Vislumbro também o passeio pedonal exterior por baixo do volume dos quartos, o que parece diminuir a privacidade do quarto, mas ao deitar-me no sofá que está atrás de mim apercebo-me que o contacto visual se perde e avisto apenas o rio e a margem contrária, tornando o ambiente mais privativo. Depois deito-me na cama e a privacidade aumenta ainda mais. Há de facto uma hierarquia de privacidade no quarto, mas este aspeto passa para segundo plano, pois em primeiro salienta-se a vista panorâmica fabulosa para o rio Douro e para as suas margens.

Nota ainda para o quadro inserido ao centro na parede esquerda, que mostra uma foto da reserva natural local do Estuário do Douro. Não sei se foi por acaso, mas o quadro de facto está orientado para oeste, em direção à foz do rio Douro (Fig.112).



Fig. 114 - Paisagem da Envolvente a Poente



Fig. 113 - Paisagem da Envolvente a Nascente

Fig. 115 - Paisagem da Envolvente a Norte com o Monte de Sebolido em Destaque



Após ter visto o quarto, volto a sair deste espaço e percorro a galeria até chegar à porta dupla de emergência. Saio para o exterior e olho para aquilo que me mais fascinou na obra, que ironicamente não faz parte do Hotel, como também faz.

Estou a referir-me à sua envolvente. A sua paisagem composta pelo rio Douro e as suas margens que a delineiam, mais a encosta contrária á do hotel a Oeste (Fig. 113, 114 e 115).

E nessa altura, relembro-me da descrição que o Zumthor fez a uma praça no seu livro/conferencia “Atmosferas” e o seu significado:

“É quinta-feira Santa de 2003. Sou eu. Estou ali sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa, alta e bonita ao sol. A Praça – frente de casas, igrejas, monumentos – como panorama à minha frente. A parede do café nas minhas costas. A densidade de certas pessoas. Um mercado de flores. Sol. Onze horas. A parede do outro lado da praça na sombra, em tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos: conversas próximas, passos na praça, pedra, pássaros, um leve murmúrio da multidão, sem carros, sem barulho de motores, de vez em quando ruídos da obra ao longe. Os feriados a começar já tornaram os passos das pessoas mais lentos, imagino. (...) A temperatura: Agradavelmente fresco, com calor. Estou sentado na arcada, num sofá estofado em verde mate, a figura de bronze á minha frente no alto pedestal está de costas para mim e olha, como eu, para a igreja de duas torres. As duas torres da igreja têm cúpulas diferentes, que em baixo começam de forma igual e que ao subir se individualizam. Uma é mais alta e tem uma coroa dourada à volta do topo. (...) Agora, o que é que me tocou? Tudo. Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores presenças materiais, texturas e também formas. Formas que consigo compreender. Formas que posso tentar ler. Formas que acho belas. E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura que ali estive sentado. (...)”¹⁸

Tudo isto existe dentro de mim. Mas depois faço a experiencia e elimino a praça. E já não tenho os mesmos sentimentos. Uma experiencia simples, desculpem a simplicidade do meu pensamento. Mas ao eliminar a praça – os meus sentimentos desaparecem. Naquela altura, nunca os teria tido da mesma forma sem a atmosfera da praça. Lógico.”¹⁹

Da mesma forma que o Zumthor perde os sentimentos quando retira a praça, o mesmo acontece com os meus sentimentos em relação ao meu percurso ao longo do hotel quando eu retiro a sua envolvente. Apercebo-me que o hotel perde a razão da sua conceção e forma, visto que todas as percepções e sensações que eu tive sobre todos os espaços que percorri dentro e fora do hotel, tinham sempre relação com a paisagem à sua volta.

A grande qualidade arquitetónica existente na Obra é o facto de poder ter a sensação de estar dentro da paisagem em várias zonas do Hotel. E é aí onde está o foco. Nessas Atmosferas do Hotel que estão dentro da Paisagem.

Mas após esta descrição e reflexão daquilo que vi, vou agora ao encontro da pergunta que Zumthor tinha feito na sua reflexão: “E como posso projetar tal coisa?”²⁰ Ou seja:

Como conseguiram conceber esta(s) Atmosfera(s)?

18 - ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006, pág. 15 - 17

19 - Ibidem, pág. 17

20 - Ibidem, pág. 11

Parte 2 - Antecedentes

Antes de analisar a obra em si, faço em primeiro lugar a análise e estudo dos antecedentes, para perceber o porque de ter sido feito um hotel naquele lugar em específico. Para isso, analisei três aspetos cruciais que definiram a conceção do Hotel.

Primeiro perceber o que existia lá antes do hotel ser feito.

Porque é importante conhecer a história do local de forma cronológica de forma a compreender a natureza do próprio local.

Em Segundo analisar os fatores estratégicos sociais e políticos que estão por detrás da construção do Hotel. Percebendo o Papel do turismo em Portugal que está de certa forma ligada também à Estratégia do próprio Concelho do Castelo de Paiva²¹ que será também analisada.

Por fim será importante conhecer o percurso e a arquitetura dos Arquitetos Serôdio Furtado & associados que conceberam o a Obra em causa de forma a ter uma base e método na análise da Arquitetura do Hotel.

21 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva;
<http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>



Fig. 116



Fig. 117



Fig. 118



Fig. 119



Fig. 120



Fig. 121

2.1 | Pré-existência – Porto Fluvial das Fontainhas

Anteriormente à construção do Hotel Douro 41, o local em si tem uma história por contar. De facto, este hotel foi construído sobre ruínas pré-existentes constituídas por várias casas localizadas na berma da encosta.

Era importante saber que tipo de edifícios eram. Casas de habitação? Local de trabalho? Quais eram as razões para a existência deste conjunto de edifícios em ruína? Quais eram as suas funções?

Tratava-se do antigo Porto Fluvial das Fontainhas. Durante o final do séc.XIX e a primeira metade do século XX este porto fluvial assumiu uma elevada importância na economia do concelho de Castelo de Paiva e, em particular, da freguesia de Raiva. Principalmente por meio de barcos rabões, pois aqui chegavam e aqui partiam os mais diversos produtos e bens.²²

Nas Fontainhas estavam estabelecidos três grandes comerciantes: Anastácio Correia de Vasconcelos, António Ramalheite e Eusébio Pereira. Estes utilizavam os seus barcos rabões para transporte de pipas de vinho, madeiras, achas e rachão, carvão, colmo, papel e cartão das fábricas de papel (Laceiras, Pedra da Figueira e Foz de Ribeiro), assim como queiró e carqueja, frutas e legumes para a cidade do Porto. No regresso, os barcos rabões traziam fardos de papel velho, para as fábricas de cartão referidas, bem como tudo o que era necessário para abastecer as diversas mercearias e ainda tecidos, materiais de construção e outros produtos.²³

Os carreteiros levavam às Fontainhas, nos seus carros de bois, toros de madeira, achas e carvão e os maços de cartão das fábricas. As mulheres levavam à cabeça molhos de carqueja e queiró em motenos (pequenos atados).²⁴

Era grande o movimento diário de pessoas e mercadorias no porto fluvial. Em média passavam por ali mais de cem pessoas diariamente.²⁵

22 - FARIA, Armando, Porto Fluvial das Fontainhas – texto; ARCAF – Associação Recreativa Cultural e Patrimonial e Ambiental de Folgoso

23 - Ibidem

24 - Ibidem

25 - Ibidem

Levantamento Fotográfico da Pré-Existência do Antigo Porto Fluvial das Fontainhas



Fig. 122



Fig. 123



Fig. 124



Fig. 125



Fig. 126



Fig. 127

O Fim do Porto fluvial das Fontainhas

No tempo em que o Porto das Fontainhas estava em funcionamento, o rio Douro era extremamente violento em vários locais. Os fortes caudais, os rochedos salientes, as curvas apertadas, e o elevado declive do rio tornavam-no muito perigoso e praticamente indomável.²⁶

Ou seja, não era fácil navegar nas águas do rio Douro e muitas vezes aconteciam naufrágios, tornando as trocas comerciais no Douro, por vezes, um fracasso ²⁷. Todavia isso não impedia de o Porto Fluvial das Fontainhas ter nesse tempo um grande movimento comercial.

No entanto, era do interesse nacional, tentar controlar as águas do Douro. E nos anos 50 e 60 do séc. XX, conseguiu-se regularizar o curso do rio através da construção de barragens, a partir da década de 60 ²⁸. Criaram-se assim grandes albufeiras de águas tranquilas, que vieram incentivar a navegação recreativa e a pesca desportiva. Pode então dizer-se que o rio ficou domado definitivamente.

Contudo, estas barragens não só serviam para regularizar as águas do próprio rio como também utilizavam a energia hídrica do rio ²⁹, produzindo energia elétrica que seria fornecida para toda a região.

E esta função das barragens, que parece ser uma vantagem para o comércio do porto fluvial, afinal foi uma das causas para o seu fim. O motivo baseia-se na queda da procura da carqueja e da madeira e carvão que eram dos principais produtos que se vendiam no Porto Fluvial das Fontainhas ³⁰ e que serviam para as habitações que continham fornos a lenha.

Com a produção da energia elétrica das barragens a servir as habitações, os fornos de lenha deixaram de ser utilizados, fazendo com que a procura da carqueja, da madeira e do carvão diminuísse brutalmente. Este fator fez com que o rendimento comercial do Porto Fluvial das Fontainhas descesse brutalmente.

Para além disso os acessos viários começaram a ser mais rentáveis (N-222 e N-224) para o comércio local o que fez com que o comercio fluvial do Douro dos barcos rabelo deixasse de existir, passando a ser uma memória da história do rio Douro.

Ou seja, como as Fontainhas funcionavam muito à custa do comércio por via fluvial e este tinha deixado de existir, o Porto Fluvial não se adaptou a estas mudanças e acabou por ser encerrado em meados do séc. XX, passando a ser um conjunto de casas em ruínas abandonadas.

No entanto, com o passar dos anos, surgiam novos tipos de negócios e novos fenómenos em Castelo de Paiva e no próprio Rio Douro. E o conjunto de ruínas que antes era um Porto Fluvial bastante movimentado, estava prestes a renascer e a receber uma nova identidade e uma nova função.

26 - PEREIRA, Gaspar Martins, BARROS, Amândio Morais, Memória do Douro : para uma história da navegação do Douro - Porto : Edições Afrontamento, 1984, pág.7

27 - Ibidem, capítulo - «Rio de mau navegar», pág. 61

28 - APROVEITAMENTO HIDROELÉCTRICO DO DOURO - <http://siaia.apambiente.pt/AIADOC/AIA1548/RNT1548.pdf>, pág.1

29 - Ibidem

30 - FARIA, Armando, Porto Fluvial das Fontainhas – texto; ARCAF – Associação Recreativa Cultural e Patrimonial e Ambiental de Folgoso



Fig. 128



Fig. 129



Fig. 130

2.2 | Fatores Políticos e Socioeconômicos

Antecedentes Recentes do Concelho

Antes de perceber a razão pela qual o Hotel foi concebido e construído tenho de perceber os antecedentes mais recentes do concelho e da própria região de Castelo de Paiva, de forma a contextualizar os fatores prévios que levaram à construção da obra em questão.

Olhando para as últimas décadas de história do Concelho, não se pode esquecer que o próprio concelho de Castelo de Paiva viveu em torno do Couto Mineiro do Pejão, devido à grande relevância económico-social que a Exploração Mineira tivera desde a década de 40. Esta fora a maior fonte empregadora da região durante um longo período. Era das Minas que advinha os rendimentos da maioria da população residente.³¹

Mas tal como aconteceu com o Porto Fluvial das Fontainhas, o carvão deixou de ser utilizado em abundância e as minas do Pejão não aguentaram as mudanças económicas sociais da altura e acabaram por fechar.

Com o encerramento das Minas, em 1994, num contexto de mono-indústria, toda a estrutura social ficou afetada: os habitantes do Concelho não tinham emprego, nem alternativas – havia uma clara discrepância de perfis profissionais (o adquirido e o necessário) para uma nova inserção económico-social - conduzindo a uma procura de emprego fora do Concelho, acentuando a sua já débil situação.³²

No entanto, verifica-se, atualmente, uma tendência para o incremento da indústria no Concelho, ainda que de forma reduzida e que não pode ser descontextualizada de acontecimentos ainda de um passado recente, como o encerramento da empresa C.J.Clark's e a queda da Ponte Hintze Ribeiro.^{33 34}

Por isso o próprio Concelho necessitava de uma ou de varias infraestruturas de trabalho ou motores de produção que pudessem dar de novo o forte dinamismo que antes o concelho vivia com as Minas do Pejão.

31 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 10

32 - Ibidem, pág. 10

33 - Ibidem, pág. 11

34 - Tragédia da Ponte Hintze Ribeiro - Notícia da homenagem disponível - <http://www.diarioaveiro.pt/noticia/16434-ponte-hintze-ribeiro>



Fig. 131

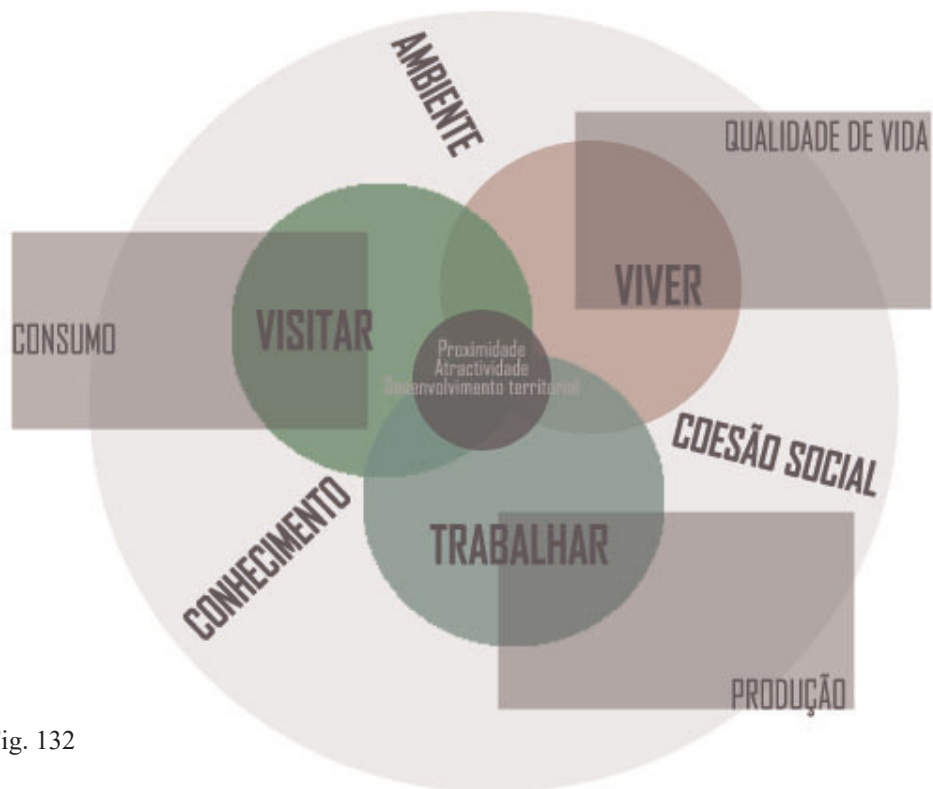


Fig. 132

Plano Estratégico da Camara – Regeneração Urbana

Com isto a Camara decidiu criar um plano estratégico para o Concelho intitulado de “Regeneração urbana”.³⁵

| Visão Estratégica

A necessidade de desenvolver uma visão estratégica para Castelo de Paiva surge associada a um forte voluntarismo para a Regeneração Urbana do Concelho, com o objetivo de criar novas dinâmicas atrativas.

A “reavivação” da identidade local aparece como meio para o reposicionamento do Concelho no panorama nacional. Trata-se de um processo assente na valorização dos seus recursos e mais-valias, nomeadamente: paisagísticas, ambientais, urbanísticas, económicas, culturais e também gastronómicas, garantindo simultaneamente a preservação da sua identidade tornando o Concelho competitivo e equilibrado, dando continuidade às dinâmicas desenvolvidas. No sentido da sustentabilidade e desenvolvimento do Concelho, é importante a valorização e otimização dos recursos existentes, fomentando a criação de novos pólos de atratividade territorial, bem como a coerente harmonização entre eles. A articulação entre a dimensão vincadamente rural e a dimensão urbana no Concelho torna-se fundamental, sendo uma estratégia que visa a atratividade do Concelho e que consiste em ser sustentável e coesa como se de uma rede se tratasse. Adicionalmente a regeneração passa também por um meio para travar a degradação e desqualificação dos espaços urbanos, introduzindo dinâmicas de reequilíbrio social e urbanístico, salientando assim a necessidade de investimentos orientados para uma reestruturação e reabilitação do tecido urbano que responda às necessidades da população.³⁶

Desta forma, sugere-se a construção de uma trajetória de atratividade assente na regeneração, onde a baixa densidade e o descongestionamento não signifiquem um travão à modernidade ou às oportunidades de escolha, mas sim funcionem como um motor para iniciativas e dinamismo necessário para estancar a desertificação e a atual conjuntura económica e social regressiva.³⁷

Por outro lado, esta regeneração tem de perdurar e deve ser pensada para os habitantes do concelho a medio e longo prazo, visando assim a afirmação do Concelho enquanto espaço que conjuga :

Viver – tendo em conta a função das vivências da população residente e para uma maior capacidade de atração sobre novos residentes

Trabalhar - integrando espaços empresariais e industriais com espaços comerciais e de serviços, fomentando uma dinâmica estruturada de criação de riqueza, valor e emprego.

Visitar – incrementando, tanto a nível de quantidade como de qualidade os pólos de atratividade turística, criando assim dinamismo de atividades económicas.³⁸

De facto, este último ponto apresenta uma particular importância, uma vez que dado o crescente turismo em Portugal, poderá funcionar como uma via para valorização e crescimento do Concelho, quer a nível económico, cultural e social.

35 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 5

36 - Ibidem, pág. 44 - 45

37 - Ibidem, pág. 45

38 - Ibidem, pág. 46 - 47

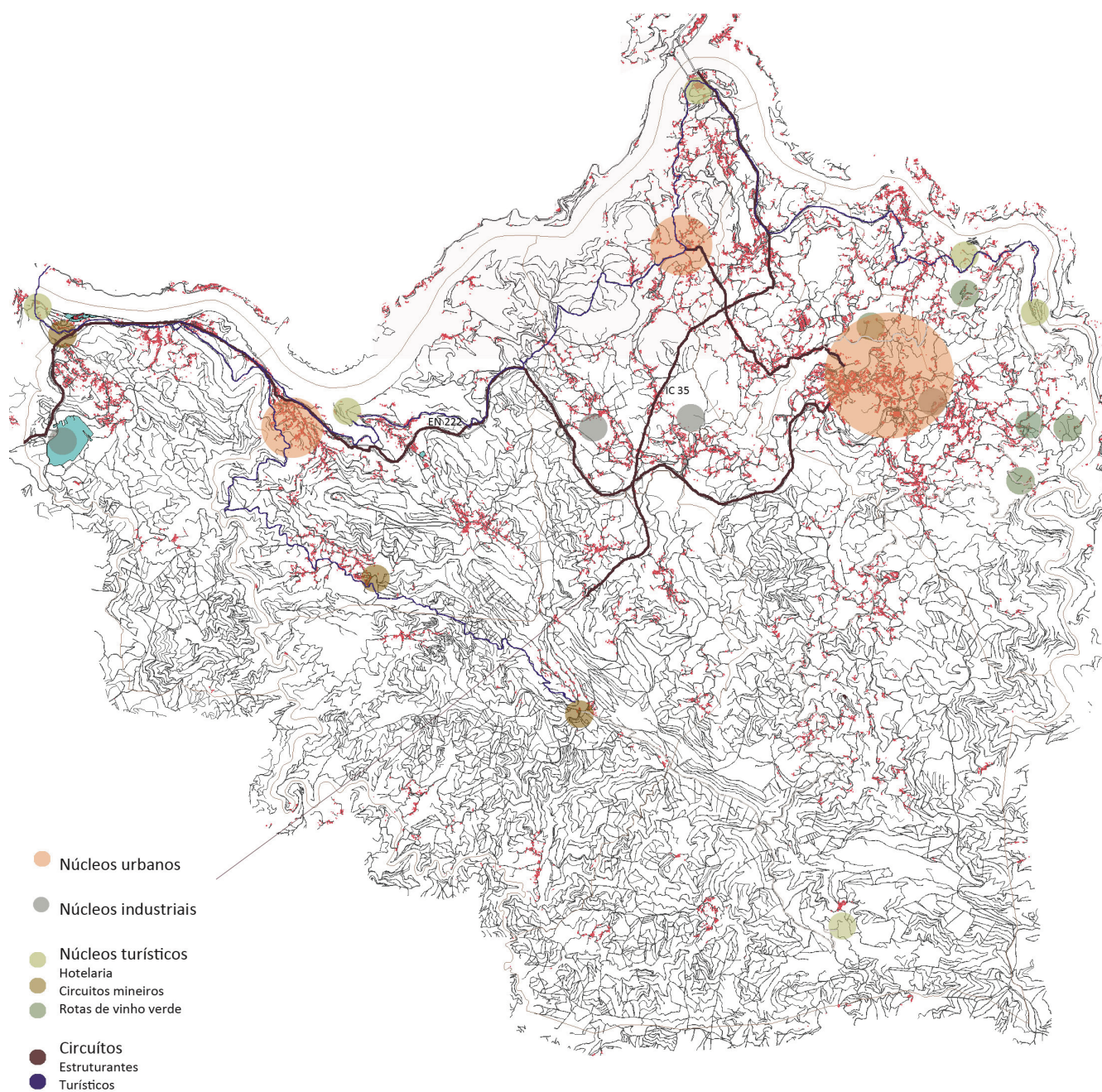


Fig. 133

| Área de Intervenção

É fundamental fixar metas e objetivos realistas, dando prioridade a grandes projetos com grande repercussão. Para além disso, a dicotomia rural-urbano reveste-se de extrema importância, pois atualmente procura-se uma correlação e aproximação entre estes dois “mundos”, criando-se assim uma perspetiva indissociável entre o espaço rural e as áreas urbanas.³⁹

Pretende-se desta forma promover novos pontos de equilíbrio na relação entre distâncias, física e tempo de deslocação, novos equilíbrios entre disponibilidade e usufruto bem como novos relacionamentos económicos, pela modernização do perfil produtivo.⁴⁰

Neste referencial estratégico de escala regional, assumem-se como preocupações centrais a preservação e valorização dos recursos e do património natural, vetores essenciais da qualidade de vida da população, e da promoção do crescimento, quer ao nível das atividades já consolidadas – indústria, agricultura, vinicultura, – quer ao nível de potenciais atividades - o turismo -, reestruturando um sistema territorial e urbano coeso, moderno e competitivo.⁴¹

| O Espaço da Ação

A dualidade inerente a um território predominantemente rural leva á necessidade de consolidar os principais núcleos urbanos, num Concelho que se apresenta bastante diverso.

Grande parte das intervenções estão localizadas nas Vilas de Sobrado, Sardoura e Raiva, que funcionam como meio para desenvolvimento e coesão territorial.

Estas três Vilas, representando uma função estruturante no Concelho, são os pólos centrais da estratégia de dinamização enquanto áreas de interesse de desenvolvimento do Município.⁴²

Esta estratégia encara o desenvolvimento exclusivo destes núcleos como um ponto de partida para uma evolução sustentável do Concelho, capaz de delinear um território articulado e coordenado.

A ideia de regenerar, centra-se no conceito de voltar a gerar tendo em conta o pré-existente – revitalização – sendo fulcral a aposta nos pólos atrativos do Concelho de maior potencialidade, capazes de gerar novas vivências urbanas, tanto a nível económico como social e cultural, centrado no domínio da própria reabilitação urbana.⁴³

Por outro lado, dada a baixa densidade institucional da região, a concentração dos principais serviços em núcleos estruturados e acessíveis mostra-se como uma forma de impulsionar novas dinâmicas urbanas. Esta visão estratégica de um Concelho polinucleado aparece como meio para dar resposta a uma distribuição populacional dispersa, sendo necessária a criação de redes e eixos de desenvolvimento, abrangentes e articuladas, proporcionando um território interligado e coeso.⁴⁴

39 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 52

40 - Ibidem, pág. 53

41 - Ibidem, pág. 54

42 - Ibidem, pág. 55

43 - Ibidem.

44 - Ibidem.



Fig. 134

A elaboração da estratégia assenta no diagnóstico efetuado ao território e necessidade de intervenções dirigidas à resolução de um conjunto de constrangimentos detetados, conjugada com os vetores “Viver, trabalhar e visitar”.⁴⁵

As intensidades de intervenção estão de acordo com as dinâmicas da envolvente e dos projetos estruturantes, bem como das condicionantes territoriais do Concelho, procurando-se uma articulação com os três principais pólos de desenvolvimento a nível territorial.

A estratégia de desenvolvimento para Castelo de Paiva pretende assim a valorização das mais-valias inerentes a este território e às suas especificidades.

Após a conclusão das bases estratégicas é então possível apresentar o conjunto de linhas orientadoras da regeneração do Concelho, tal como se encontram descritas no plano estratégico para Castelo de Paiva - “Regeneração Urbana”⁴⁶:

- “1- Otimização do posicionamento de Castelo de Paiva na sua relação de proximidade com os grandes centros urbanos.
- 2- Promoção da atratividade do território concelhio, não só imediata, mas, e fundamentalmente a longo prazo.
- 3- Procura de um modelo económico-social associado à facilidade/mobilidade de acesso ao conhecimento e tecnologia em prol da competitividade das actividades económicas do Concelho, desde as actividades primárias, como agricultura – viticultura - e exploração florestal, passando pelas novas indústrias até mesmo às actividades terciárias, capazes de melhor servir os habitantes de Castelo de Paiva.
- 4- Promoção e afirmação dos recursos endógenos (Vinho Verde), valorizando os produtos e mais-valias que o Concelho de Castelo de Paiva tem para oferecer.
- 5- Incentivo à diversidade de actividades económicas, premente no eixo de desenvolvimento empresarial e que deverá estar na base da Regeneração Urbana.
- 6- Disponibilizar espaços e recursos para a actividade empresarial como forma de dar resposta a oportunidades de recepção de investimento.
- 7- Conjugação do “melhor de dois mundos”, tirando partido das dimensões urbana e rural do Concelho.
- 8- Um ordenamento habitacional adequado ao perfil da população que se pretende fixar no Concelho, apostando numa maior qualidade de vida associada à inclusão de cultura, lazer, comércio e serviços de apoio à população.
- 9- Constituição de pólos de lazer e visitação, singulares, mas (re)conhecidos.”

45 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 56

46 - Ibidem, pág. 56 - 69

	1. Optimização do posicionamento de Castelo de Paiva na sua relação de proximidade com os grandes centros urbanos	2. Promoção da atractividade do território concelho	3. Procura de um modelo económico-social associado à facilidade/mobilidade de acesso ao conhecimento e tecnologia	4. Promoção e afirmação dos recursos endógenos do Concelho	5. Incentivo à diversidade de actividades económicas	6. Disponibilizar espaços e recursos para actividade empresarial	7. Conjugação do “melhor de dois mundos”	8. Um ordenamento habitacional adequado ao perfil da população que se pretende fixar no Concelho	9. Constituição de pólos de lazer e visitação, singulares mas (re)conhecidos
1. Regeneração Urbana da Vila de Sobrado									
2. Requalificação dos Espaços públicos									
3. Fomento à Habitação									
4. Melhoria das Acessibilidades Mobilidade interna Mobilidade externa									
5. Revitalização do Comércio Local									
6. Dinamização dos Equipamentos públicos e oferta formativa									
7. Melhoria de prestação dos serviços e redes de infra-estruturas									
8. Criação de Áreas Industriais									
9. Valorização dos recursos florestais									
10. Promoção turística do Concelho									
11. Qualificação da frente ribeirinha do Concelho									
12. Estratégia de apoio à dinamização da Viticultura									
13. Circuito temático das Minas do Pejão									

Fig. 135

| Intervenções Programadas da Estratégia

Para a concretização das linhas estratégicas definidas, é necessário um Plano de Ação que corresponde à estruturação das intervenções capazes de operacionalizar e otimizar a estratégia definida. Através do planeamento das operações e projetos, que formam um conjunto de linhas de ação será possível implementar a estratégia definida.

Neste Plano de Ação participam diferentes actores, públicos e privados, locais e nacionais, sendo importante seleccionar os projetos potencialmente dominantes e que permitem a concretização dos eixos estratégicos definidos.

Para além disso é também fundamental salientar a pertinência e coerência dos projetos de forma a elucidar os decisores públicos relativamente aos impactos potencialmente resultantes da sua execução.

Adicionalmente torna-se benéfica uma articulação cautelosa com as intervenções estruturantes que já foram executadas, havendo assim uma continuidade articulada entre projetos que estão presente-mente em execução com intervenções futuras, bem como com novas diretrizes urbanísticas.⁴⁷

Desta forma propõem-se como principais intervenções as representadas no seguinte quadro, das quais de salienta a Qualificação da frente ribeirinha do Concelho.

47 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 70 - 71



Fig. 136



Fig. 137

Para a qualificação da frente ribeirinha do Concelho são evidenciadas várias linhas estratégicas (visíveis no quadro acima), de onde se depreende uma aproximação do posicionamento de Castelo de Paiva com os grandes centros urbanos, promovendo a atratividade e afirmação dos recursos endógenos do Concelho e a conjugação do mundo rural e urbano incentivando assim a economia. Salienta-se ainda uma linha estratégica que apresenta particular relevância: “Constituição de pólos de lazer e visitação, singulares, mas (re)conhecidos”. O Hotel Douro 41 representa assim um desses pólos.⁴⁸

De facto, atualmente a indústria do turismo tem vindo a apresentar um papel cada vez maior na nossa sociedade, dada a facilidade de comunicação e crescente mobilidade das pessoas, representando assim uma via fulcral para o crescimento e desenvolvimento de uma região. Desta forma o progresso de Castelo de Paiva assenta numa estratégia que visa aumentar a quantidade e qualidade do turismo.

Para responder aos novos desafios que o turismo impõe, é necessário um olhar mais atento à forma como se constroem esses polos de lazer e visitação, pois há medida que nos tornamos mais globais, o “hotel” representa um ponto fulcral de uma sociedade em movimento e cada vez mais exigente.

Desta forma, o conceito de hotel tem vindo a sofrer alterações pois, se antigamente cada hotel seguia rigorosamente as mesmas linhas, apresentando decoração e ambiente standardizado, hoje o que se procura é, pelo contrário, oferecer ao público uma experiência única, autêntica e acima de tudo singular, para que assim seja possível uma personalização da experiência, valorizando também a criação de memórias.

Assistimos assim ao regresso do conceito de “hospitalidade” e “diferenciação” que se tem vindo a sobrepor à “indústria”. Neste sentido, o conceito standard das fortes cadeias hoteleiras começa a ser substituído por apresentação de propostas inovadoras e criativas, com maior atenção ao design, salientando-se aqui a importante intervenção dos arquitetos e designers pela natureza do trabalho.

A nova geração de hotéis procura responder a um público cada vez mais viajado, conhecedor e exigente, surgindo assim alterações no setor, copiadas e adaptadas, onde a arquitetura tem um papel cada vez mais crescente e relevante, dando origem aos chamados «hotel boutique» onde o conceito de estadia é valorizado no seu todo e focado o papel do hotel em particular para oferecer uma experiência única.⁴⁹

Por tudo isto, é de extrema importância a estratégia na arquitetura aliada ao turismo para que se possa oferecer produtos de excelência e desta forma competir internacionalmente neste setor.

O Hotel Douro 41 representa em si mesmo a perfeita conjugação de atmosferas focadas no rio Douro, oferecendo uma experiência singular no setor hoteleiro e funcionando assim como um centro atrativo para o Concelho.

48 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 95 - 96

49 - PEREIRA, Luís Tavares, Chain reaction – Reacção em Cadeia/Transformações na Arquitectura do Hotel, Fundação Serralves, junho - setembro de 2008, pág. 15

Adicionalmente, de acordo com o Plano de Ação para Castelo de Paiva e num contexto de afirmação do Douro como destino turístico de excelência, verifica-se que um dos projetos representa a “Promoção do Cais de Acostagem das Fontaínhas, de carácter turístico e associado ao empreendimento turístico Douro 41”.⁵⁰

Desta forma, podemos concluir que o Hotel Douro 41 veio assim dar uma nova vida ao local que antigamente vivia do comércio através do Porto Fluvial das Fontaínhas e que agora vive do turismo hoteleiro, sendo esta uma das novas dinâmicas que dará força ao Concelho de Castelo de Paiva.

50 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva - disponível em <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, pág. 95 - 96



Fig. 138 Fig. 139

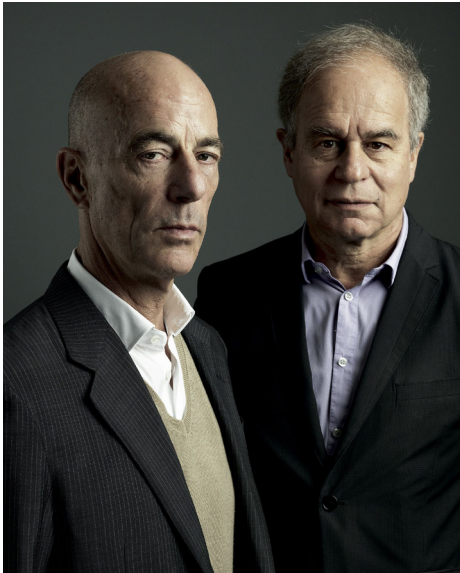


Fig. 140 Fig. 141

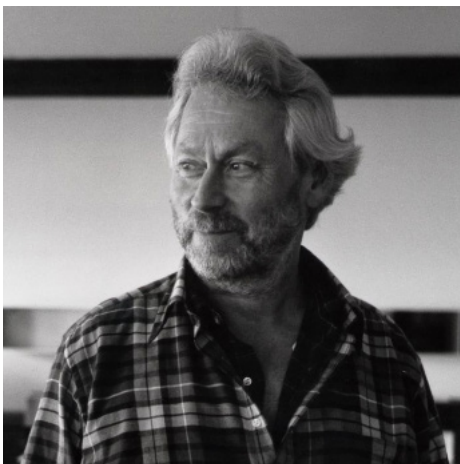


Fig. 142 Fig. 143

2.3 | Serôdio Furtado & Associados

O Percurso da firma Serôdio Furtado & Associados

Os arquitetos Serôdio Furtado & Associados foram escolhidos para conceber o Hotel dourado 41. Desta forma, antes de analisar a conceção, arquitetura e construção do Hotel, torna-se fundamental perceber o percurso da firma dos Arquitetos do Hotel, tomando conhecimento de outras obras marcantes nas suas carreiras e que de certa forma interferiram o seu modo de interpretar a própria arquitetura e de encontrar/percecionar a assinatura comum, a evolução e adaptação dos arquitetos nas suas diferentes obras.

De acordo com o Livro 1:2:3⁵¹, o percurso dos arquitetos em estudo é composto por 3 etapas possíveis:

- Primeira Etapa

Este primeiro período do começa quando ambos os arquitetos fazem a sua formação na FAUP e estagiam nos ateliês do Herzog (João Pedro Serôdio) e do Michael Alder (Isabel Furtado).

A “Escola do Porto” (FAUP) de onde provem a arquitetura do Siza e do Eduardo Souto Moura é lhes importante, porque não lhes afetou na forma da sua arquitetura, mas sim no seu método. No que toca à forma, nessa altura ⁵², “já se revelava a apetência de Serôdio e Furtado para uma abordagem de natureza mais conceptual e abstrata, afastando-se da dominante aproximação poética.”⁵³

Mas “seria a passagem pela Suíça de ambos que estruturaria teoricamente o seu programa arquitetónico”.

Os estágios que ambos fizeram em Basileia, no momento efervescente da afirmação inicial da arquitetura suíça, permitiu-lhes a imersão num ambiente peculiar, marcado pelo contacto com os textos e objetos de Donald Judd e com as teorizações e produção de Remy Zaugg, tendo sido marcantes e fundamentais para as bases de ambos os Arquitetos.⁵⁴

A influência de Judd é aqui determinante, fundamentando as bases programáticas da dupla portuguesa, assentes na redução e concentração absoluta da manifestação pura da geometria e da matéria, liberta de todas as conotações simbólicas e figurativas.⁵⁵

De regresso a Portugal os seus “primeiros projetos partiram à procura de isolar princípios formais básicos, estruturais, que pudessem ser tema e forma, no sentido consciente de anular o processo teórico comum da dicotomia forma-conteúdo. Resumir todo o discurso da arquitetura à clareza formal e à proporção.”⁵⁶

51 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 140

52 - BAPTISTA, Luís Santiago, Materialidades Ambíguas: Herzog & de Meuron e Serôdio Furtado & Associados – revista arq./a, nº

54, Lisboa, Futurmagazine, fevereiro 2008, pág. 21

53 - Ibidem, pág.8

54 - Ibidem, pág. 8 e 9

55 - Ibidem;

56 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 141



Fig. 144

A Caixa-sem-um-lado | 1992

Desses primeiros projectos temos a Caixa-sem-um-lado que é provavelmente a obra que lhes conferiu mais essa estrutura tanto no método como na forma.

| O objeto e o “material”

A Caixa-sem-um-lado foi projetada com a possibilidade de ser “um pavilhão provisório”. Este aspeto determinou a forma da obra, o modo de a colocar, bem como o seu material e sistema construtivo. O conceito de regra e a imagem “material” dessa regra são o mais importante na “vontade” de realizar a ideia de uma Caixa-sem-um-lado. A regra liga-se à imagem “material” e desta forma o conteúdo é definido.

Adicionalmente é necessário que se esclareça o conceito aqui de “estético”. Este tanto pode ser uma relação de superfície, como uma determinação ideológica. Uma relação de superfície, porque estabelece a relação de falar de si mesmo, de se referir a si próprio. Ou seja, a sua Forma é Tema. E aquilo que a sua própria Forma revela tem inevitavelmente uma determinação ideológica.⁵⁷

| “*Ce dont on ne peut parler, il faut le taire.*” - “*Daquilo que não pode falar, tem que estar calado.*”
A Caixa-sem-um-lado é a ideia. Tem na sua Forma a Regra. Não é necessário encontra-la porque já faz parte.⁵⁸

No entanto, não estão todas as componentes da ideia na regra, visto que a ideia não é somente uma abstração conceptual, sendo ela mais extensa. Se fosse somente uma abstração não teria escala. A ideia da caixa-sem-um-lado diz à partida o essencial da sua regra e os limites impostos pelo sítio definem as proporções relativas às determinantes dimensionais. As opções são, ainda assim, muitas, pois tudo o resto reside na maior ou menor capacidade e possibilidade de executar com rigor a ideia: a caixa-sem-um-lado.

Um ponto fulcral para a conceção desta ideia é a tentativa de eliminar todas as referências que nos afastem da única que interessa, a caixa-sem-um-lado. Deste modo não existem referências evidentes à tradição nem à história. Corresponde assim a uma “purificação” da identidade formal que implica também uma “falta de escala”⁵⁹. Assim verifica-se que dado não estar presente um enquadramento da obra, quer quanto à envolvente quer quanto à tradição do local, uma vez que é demasiado forte para depender da envolvente, esta existe e é perceptível, de forma independente do contexto, não lhe pertencendo. É por isso um objeto em si.⁶⁰

No entanto esta aparente limitação, imposta à ideia, não procura corresponder ao conceito de “minimalismo”. A caixa-sem-um-lado é uma regra e não implica a uniformidade de um estilo.⁶¹

57 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 145

58 - Ibidem

59 - Ibidem, pág. 145 - 147

60 - “A Shape, a volume, a color, a surface is something itself. It shouldn’t be concealed as a part of a fairly whole. The shapes and materials shouldn’t be altered by their context.” - JUDD, Donald, Complete Writings 1975 - 1986, pág. 7

61 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 147



Fig. 145

Fig. 146



A relação regra/forma leva a uma crescente abstração, levando assim a que a referência a si própria cai também na referência ao seu modo de construção. A regra é fundamental para conceber a forma abstrata, mas é necessário o detalhe para a construção da ideia Caixa-sem-um-lado.⁶²

A caixa, como tema abstrato é um projeto de um só material. No entanto, e apesar de aparente, tal não foi nem seria possível. A caixa-sem-um-lado, apresenta paredes cuja sua composição engloba uma estrutura de metal e matérias isolantes.⁶³

Funcionar é o “grau zero” da construção. De facto, o interior da parede (aquilo que não está visível), não é aquilo que a construção representa ou é. Dado que o interior desta parede não é um tema prioritário, este não se impõe e desta forma não se salienta.⁶⁴

Para além disso, a estrutura e outros elementos metálicos acabam sempre por se expor, numa ou outra situação, mas como não são o tema, são discretos.

O tema é fundamental e desta forma não podia deixar de se impor, tendo toda a liberdade para isso. É uma regra de apologia mínima, cujo rigor a devia “diminuir” ou reduzir de forma a alcançar uma “pureza anónima”, sem identidade onde nada é revelado para além daquilo que quem vê, usa ou “lê” está disposto a aprofundar.⁶⁵

62 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 147

63 - Ibidem

64 - Ibidem, pág. 147-148

65 - Ibidem, pág. 148



Fig. 147



Fig. 148

Dois Blocos de apartamentos | 1991

Dois sólidos abertos em dois lados opostos. A estrutura é resumida em planos verticais e horizontais de betão, procurando que o perímetro e o interior de ambos os blocos sejam um só.⁶⁶

Há um sistema de proporções que relacionam as partes entre si e como um todo.

A linguagem exterior de cada bloco é composta por duas partes com naturezas diferentes:

- A Estrutura em Betão que corresponde á natureza pesada;
- E os Painéis Deslizantes (protegem o interior) que correspondem á natureza ligeira;

Realidade – Texto escrito | 1993

A realidade parece ser um conjunto de acontecimentos e coisas coerentes por si, mas surgem sempre imprevistos diariamente. Esta realidade reflete-se na Arquitetura Contemporânea. Como a realidade é imprevisível, os espaços que habitamos têm de ser refúgios verdadeiros e coerentes, que estanquem a desordem. Só assim os espaços são compreensíveis. Desta forma o método do projeto relaciona a vontade com o resultado.

Desde o início, a cadeia de decisões fica determinada pelo método do projeto, sendo que os resultados são totalmente determinados por uma ideia estrutural, uma regra. E esta última organiza os elementos e é uma unidade de coerência por si, dado que o sentido não existe sem a ordem dos elementos, tal como o conteúdo não é separável da forma. Compreender é simplificar e encontrar as regras. Assim a complexidade formal pode ser uma possibilidade desde que seja resultado da regra.⁶⁷

66 - MANUEL DAS NEVES, José; Isabel Furtado João Pedro Serôdio – Habitar; Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA; junho 2005, pág. 19

67 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, '3:2:1' – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 144



Fig. 149



Fig. 150



Fig. 151



Fig. 152



Fig. 153



Fig. 154

- Segunda Etapa

A segunda etapa acontece entre 1993 e 1997. Este é um período, em que os Arquitetos trabalham em alguns projetos, de forma a interiorizar mais as suas bases estruturais da sua Arquitetura, desenvolvendo os mesmos temas iniciais, nomeadamente na Casa-Pátio em Miramar, 1998 (concluído) e na recuperação e ampliação da Casa Magalhães Romão, em Aspra, 1996 (concluído).⁶⁸

Casa Xavier, 1994 -2004

O lote, onde está inserida a Casa Xavier, está voltada para duas ruas em diferentes cotas.

Há cota da rua de cima vê-se um volume da casa composta por 6 planos. Dentro desse mesmo volume existe um outro que divide o vazio dos espaços interiores. Há cota da rua de baixo vê-se um volume encostado ao terreno com uma orientação inversa das aberturas.

A sobreposição dos dois volumes faz com que a disparidade entre a proposta e o contexto sobre-saem.⁶⁹

Casa Magalhães Romão, em Aspra, 1996

Este projeto consistiu na recuperação de uma habitação rural em ruínas, localizada numa área protegida em Aspra, num terreno junto às margens do rio Àncora.

A implantação do projeto corresponde à área definida pelo perímetro das ruínas e em que os princípios gerais da distribuição do espaço seguem os da tipologia rural da habitação existente, isto é: as dependências de serviço no piso inferior e os espaços de habitar no piso superior. Esta divisão do volume em dois pisos articula duas cotas naturais, conciliando a reabilitação das principais áreas de construção com o leito do rio, em duplo sentido.

A imagem e a linguagem adotada pelo volume, deriva do sistema de construção em pedra, utilizando-se o mesmo material de construção disponível e recuperado, que resultou da desobstrução de alguns elementos existentes para fazer e preencher o perímetro da casa.

Apesar destas condições e da preexistência, a proposta procurou unir e recuperar os elementos em ruínas, refazendo o interior da construção no sentido servir os novos propósitos, respondendo ao mesmo tempo às formas exteriores purificadas.⁷⁰

68 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, '3:2:1' – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 141

69 - Ibidem, pág. 100

70 - MANUEL DAS NEVES, José; Isabel Furtado João Pedro Serôdio – Habitar; Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA; junho 2005, pág. 59

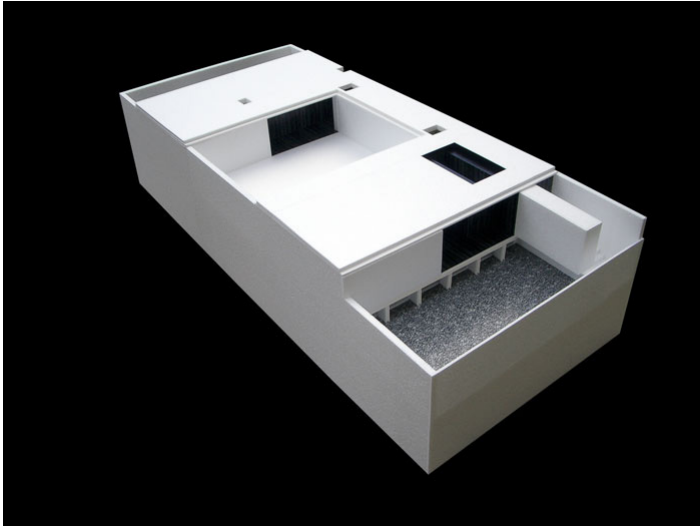


Fig. 155



Fig. 156

Fig. 157



Casa-Pátio em Miramar, 1998

Esta obra insere-se num dos regulares quarteirões de Miramar, onde as moradias organizadas em lotes, mostram volumes de grande dimensão, libertas nas suas quatro frentes. Neste projeto, perante um excêntrico e estreito lote, o objetivo foi fazer o oposto ao tipo de envolvente minimizando a presença desta casa, através da ausência de pisos superiores, segurando a proporção dos vazios dos pátios.

Concebe assim uma ligação entre os espaços exteriores e os espaços interiores através da presença de três pátios, resultando na concentração da área livre nos pátios e ao mesmo tempo contribuem para a iluminação natural da casa, dando origem a dois blocos principais, o social e o privado.

“Partindo da largura do lote de 12 metros e estabelecendo a altura livre interior de 2,4 metros, construámos todas as dependências com as suas três dimensões relacionadas, tendo por base os múltiplos e submúltiplos dessas medidas. Os quartos com 4,8 por 2,4; a sala com 9,6 por 6; os quartos de banho com 1,8 por 1,62; procurando estabelecer com a exatidão dessa proporção um carácter e identidade associados ao uso.”

Utilizou-se assim a proporção e a relação de medidas para conceber os espaços dos pátios exteriores e os espaços interiores da casa, fazendo com que estas se relacionassem entre elas e como um todo.⁷¹

71 - MANUEL DAS NEVES, José; Isabel Furtado João Pedro Seródio – Habitar; Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA; junho 2005, pág. 59

Fig. 158

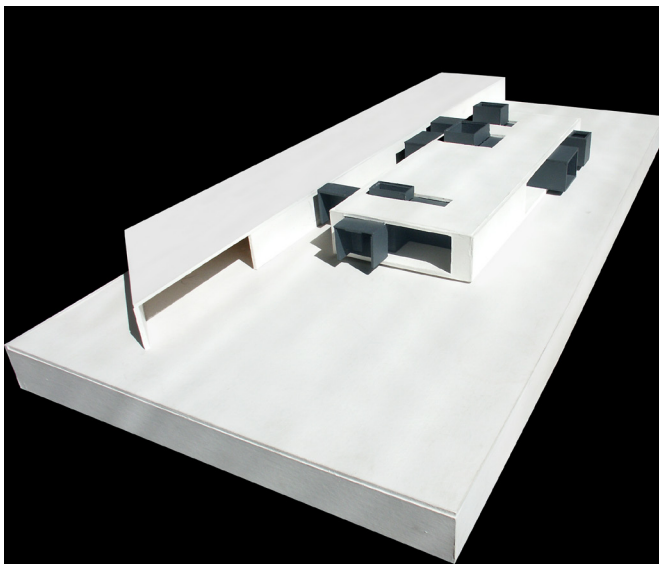


Fig. 159

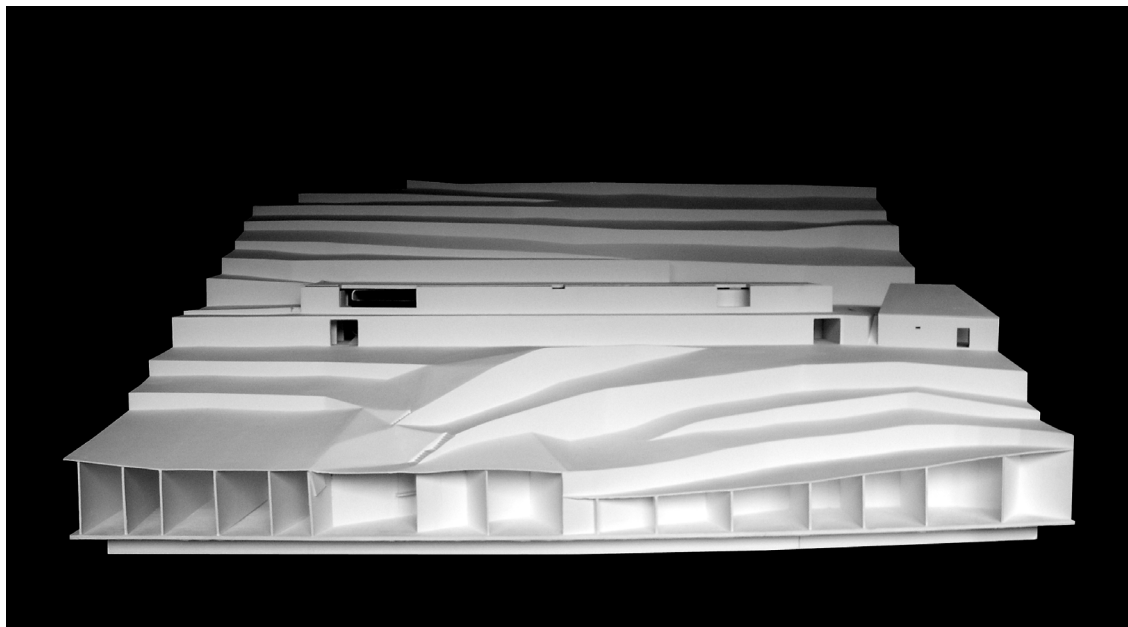


Fig. 160



Fig. 161



Terceira Etapa

O terceiro período, que vai desde 1997 até hoje, engloba a exploração de temas mais complexos, resultando num aprofundamento do potencial comunicativo do meio dos projetos. Sugere-se assim um programa que interage e responde à envolvente, procurando identificar um tema que engloba e constrói um edifício, não apenas na sua forma, mas em tudo o que constitui. Este ideal implica uma complexidade de programas.

Quer seja explorando os limites da casa no seu contacto com o jardim com a ideia de parasitagem de um interior, na Casa Manuel Dias, Aguiar de Sousa, Paredes, 1997 (projeto).

Ou explorando um espaço subterrâneo com ocupação de tema sensorial complementar ao que dá origem à função do edifício, no caso do projeto Adega da Quinta do Fogo, Vale Mendiz, Pinhão, 2001 (em projeto de licenciamento).

Ou identificando a geometria progressiva da dimensão e posição relativa das partes que compõem e integram a Subunidade de Ensino 3, Medicina Legal, Coimbra, 2001 (em projeto de execução).

Ou no caso do CTNAS, Centro de Tecnologia Nucleares Aplicadas à Saúde, Coimbra, 2002 (em projeto de execução), procurando uma forma de realizar e cumprir as complexas relações e especificações funcionais numa estrutura formal que faz parte de uma complexa situação urbana produzindo uma rigorosa imagem técnica.⁷²

Este último é descrito como um volume de 4 pisos onde estão distribuídos os diferentes programas. Em planta e em corte o volume tem uma forma em L. Implantado num gaveto, esta forma do edifício responde aos alinhamentos da envolvente.

As infraestruturas do edifício estão espalhadas por múltiplas camadas que compõem o perímetro do edifício (na Fachada e cobertura). A camada que está em contacto com o exterior é concebida de placas de betão perfurado, fazendo com que haja uma conjugação da iluminação indireta, da obscuridade total e da ventilação adequada para os espaços das próprias infraestruturas.⁷³

72 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, '3:2:1' – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 141

73 - Ibidem, pág. 60

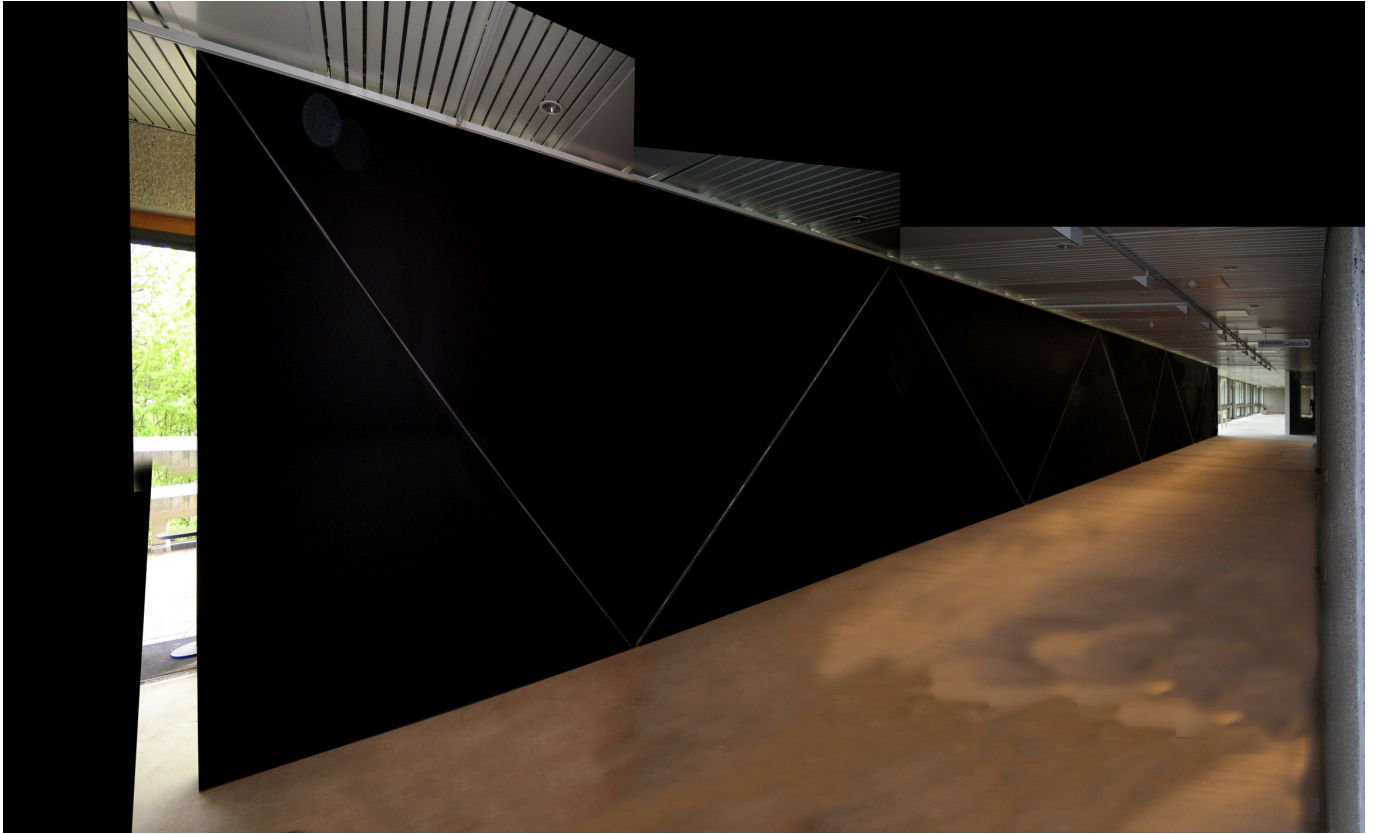


Fig. 162

Duas Paredes | Arquitetura como Exposição | 2006

Esta obra, que esteve em exposição no Desingel, procurou provocar uma experiência espacial através da conjugação da presença física da luminosidade e materialidade das superfícies das Duas Paredes, que dividem e definem os espaços, com a experiência sensorial do visitante que deverá ser subtil.

Por isso, para a obra funcionar serão necessários os sentidos e a proporção enquanto meios para alcançar a experiência espacial pretendida.

Para os arquitetos é necessário entender a contribuição destes dois factores:

Os Sentidos são a informação sensorial que acumula sensações e pensamentos e são um meio interpretativo para a obra concebida.

Já a proporção é um meio que utilizam para definir a forma dos espaços com determinadas relações de medida. É utilizada porque a natureza do uso do espaço em si está relacionada com a sua própria forma onde está a proporção inserida em si. Mas também porque é importante manter os registos dessa experiência espacial. Porque ao guardar estas experiências cria-se um registo de memória destas formas proporcionais, que poderão ser fundamentais para aferir resultados.⁷⁴

74 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, '3:2:1' – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 132 - 133

Após uma análise ao percurso dos arquitetos por estas três etapas, que eram compostas por obras exposições e escritos, é importante resumir as características e princípios e normas da sua Arquitetura.

Como se pode ver na primeira etapa, os escritos de Donald Judd foram fundamentais para formar bases fundamentais na sua arquitetura, através da redução e concentração pura da geometria da matéria. Dai vieram dois meios fundamentais para conseguir descobrir a ideia de um projecto: a **Clarificação** e a **Redução**.

O primeiro a Clarificação consiste em eliminar aquilo que está a mais ou que não faz parte. Realizada pela adição de um produto que realiza uma “colagem” e que quando se retira no fim da operação, traz consigo as impurezas dando brilho, transparência, resultando clarificado.

Depois é a Redução que concentra que dá espessura pela perda de líquido e acentuar o carácter. Reduz-se, para dar maior e integral expressão à essência.⁷⁵

Esses meios foram postos em prática nos Dois Blocos de Apartamentos e na Caixa-sem-um-lado. Este último que foi fundamental para explicar que a génese da ideia é separado da génese do projeto.

A **Génese do Projeto** é a procura de uma **Ideia** que consegue a resposta múltipla às várias questões do projeto.

A **Génese da Ideia** é o momento de descoberta dessa **Ideia**. O trabalho seguinte é o de transformar essa Ideia em Regra(s) de modo a que se possa utilizar a ideia como um meio de produção, como a estrutura e método, aí sim numa perspectiva mais objetiva.⁷⁶

Mas a **Regra** só é fundamental para conceber, com a ajuda da proporção já descrita, a forma abstrata. A fase seguinte será a utilização do **Detalhe** para a construção da ideia.⁷⁷

Quando a ideia está clara, em que o método, que não é exclusivamente racional já tratou de representar, incorporar e, de algum modo, resolver todas as questões, a razão irá cumprir com a representação da ideia, de a transcrever com exatidão, de manter a sua integridade e coerência.

75 - BAPTISTA, Luís Santiago, Materialidades Ambíguas: Herzog & de Meuron e Serôdio Furtado & Associados – revista arq./a, nº 54, Lisboa, Futurmagazine, fevereiro 2008, pág. 23

76 - Ibidem, pág.23

77 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 147 - 148

Parte 3 - Hotel Douro 41 – Análise da Obra

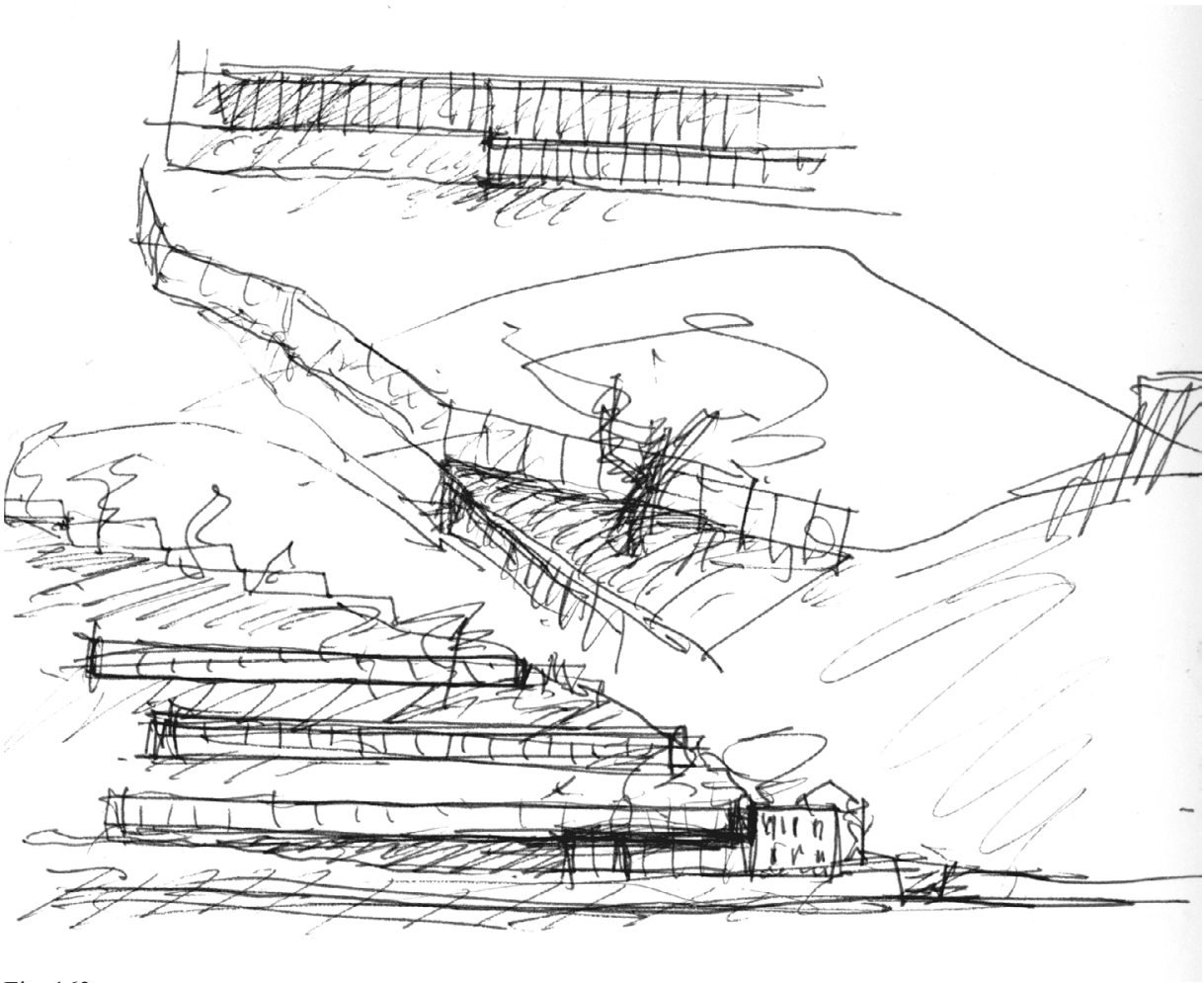


Fig. 163

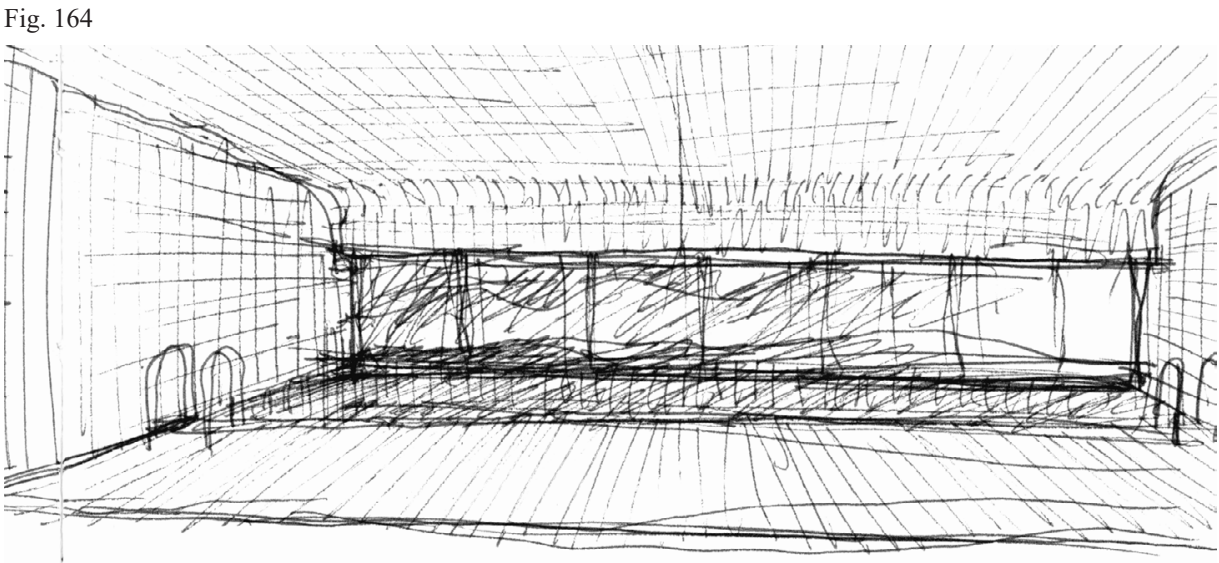


Fig. 164

3.1 | A criação da Ideia para o Projeto

Após a análise dos antecedentes que levaram à construção do Hotel, vai-se agora expor a forma como este foi concebido, bem como proceder à sua análise.

Tal como já foi referido, para perceber a conceção do hotel é necessário perceber também o método que os arquitetos utilizaram. Inicialmente surge a conceção da ideia e de seguida ocorre a transformação dessa ideia em regra, que através do detalhe irá originar a forma final.

Em primeiro lugar deve-se perceber como foi criada a Ideia da obra. E essa conceção é percebida de certa forma, através de uma entrevista a 18 de junho de 2008 para a exibição “Chain reaction”, que fala sobre a reação em cadeia que existe no Turismo e na nova geração de hotéis em Portugal.⁷⁸

Nessa entrevista, João Pedro Serôdio da Serôdio Furtado & Associados dá o seu testemunho de como os arquitetos devem iniciar a concepção de um hotel, referindo que existem dois caminhos iniciais para começar um projeto: o de impor uma identidade ou o de fazer caracterização.

E, na sua opinião, a segunda opção (caracterização) será a melhor escolha. Esta tem o intuito de perceber a identidade própria do local e do contexto em que a obra se insere, para depois salientá-la e explorá-la. Assim a obra explora aquilo que está a ser oferecido, isto é: a identidade própria do local.

Por outro lado, nessa mesma entrevista o Arquiteto refere que um quarto de hotel tem que ser autêntico, ou seja, deve ter uma autenticidade própria. Esta autenticidade é de certa forma a ideia que deve surgir fruto da exploração da identidade do lugar.

Tendo em conta que o Hotel Douro 41 começou a ser concebido em 2005⁷⁹, na altura desta entrevista (2008) a firma de arquitetos provavelmente estaria a trabalhar neste projeto. Desta forma podemos daí deduzir que a ideia para a conceção do Hotel terá partido da identidade do contexto onde este foi construído, estando de acordo com a perspetiva referida na entrevista.

Mas então qual é essa identidade que está a ser oferecida?

Essa identidade corresponde em grande parte àquilo que é a envolvente do local onde o Hotel foi construído. O local em si, que antes era o Porto Fluvial das Fontainhas (agora em ruínas), encontra-se na margem sul do Rio Douro estando de frente para uma curva do rio em forma de U. Os edifícios que formavam o antigo Porto Fluvial estavam em ruína e a encosta por cima destes não estava tratada.

78 - TAVARES PEREIRA, Luís, Chain reaction – Reacção em Cadeia/Transformações na Arquitectura do Hotel, Fundação Serralves, pág. 157

79 - Serôdio, Furtado & Associados, Arquitectos Lda., Ficha Técnica - Hotel Douro , Eurostarsc Castelo de Paiva, [pt] 84/05 Equipamento, 2005



Fig. 165

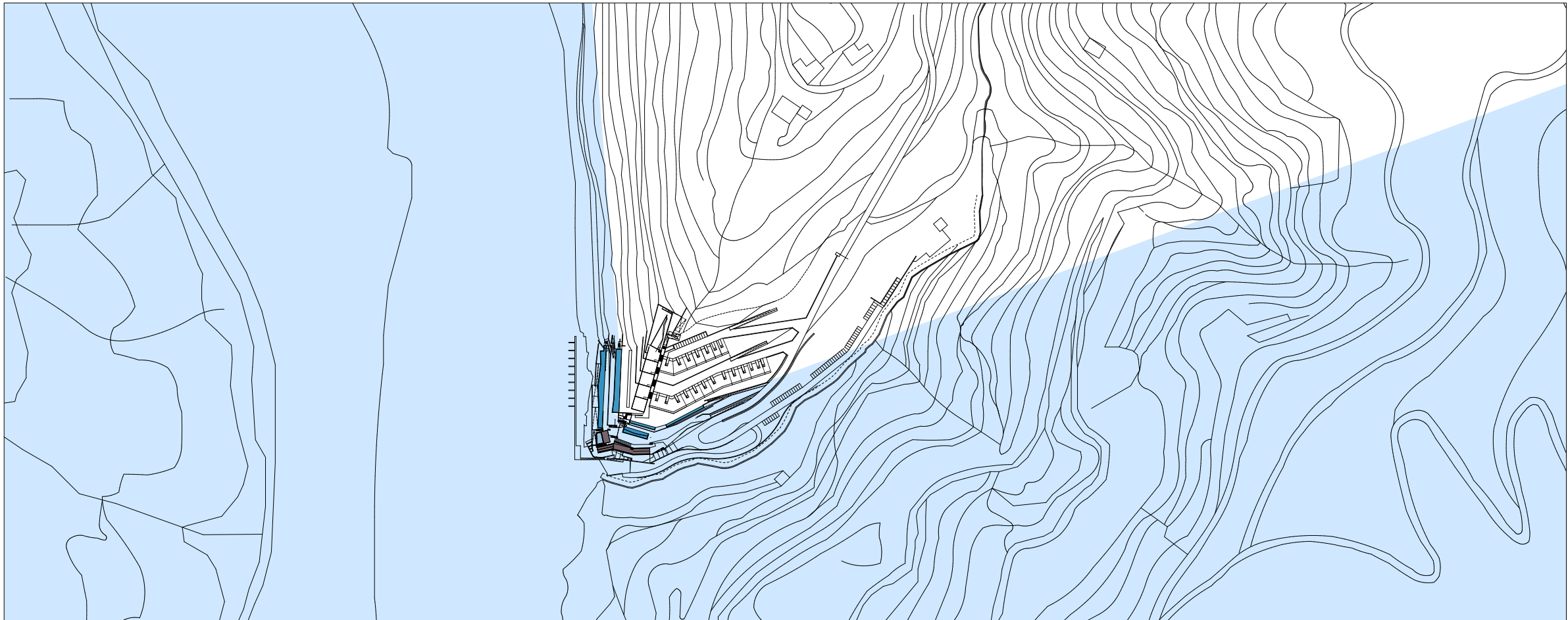
Da mesma forma que o Antigo Porto Fluvial das Fontainhas se servia do Rio, o hotel que seria construído deveria fazer o mesmo. Não só pelo uso direto comercial turístico (pois o programa inicial inclui um cais), mas também porque a envolvente, que é constituída pelo Rio Douro e as suas margens, acaba por ser aquilo que o local em si tem de mais atrativo, havendo entre ambos uma relação visual muito direta.

Ou seja, a verdadeira identidade do local é o facto de esta “colher”⁸⁰ visualmente a paisagem que tem à sua volta. Desta forma decidiu-se trabalhar e elaborar uma ideia que acentue e explore a identidade já existente, pois assim o Hotel será autêntico uma vez que está a oferecer algo que só existe naquele local.

Neste sentido, para explorar e acentuar esta identidade formada pelo largo campo visual da paisagem envolvente, decidiu-se que a ideia seria “encastrar”⁸¹, na topografia da encosta, corpos balançados que “colhem” a paisagem.

80 - Expressão utilizada na descrição do hotel disponível em - <https://www.serodiodfurtado.com/#/pt/projectos/equipamentosdouro-41>

81 - TAVARES PEREIRA, Luís, Chain reaction – Reacção em Cadeia/Transformações na Arquitectura do Hotel, Fundação Serralves, pág. 112



3.2 | Da Ideia para a Regra

Estando a ideia definida, esta será transformada em regra (como é norma no método projetual da Serôdio & Furtado)⁸² e no caso da conceção do Hotel esta transformação está também presente.

Ou seja, os espaços com maior valor no programa têm que ter presente a ideia incutida. Dado que a ideia é criar corpos balanceados para a paisagem, esta será a regra que irá definir a forma da Obra.

Por isso grande parte do programa do Hotel vai estar inserido em volumes que são construídos e encastrados na topografia da encosta criando assim corpos balanceados no terreno que “colhem” a paisagem em seu redor.

Relativamente às ruínas, como tinham de ser restauradas, seriam um caso diferente porque não teriam a mesma forma que a ideia/regra impõe. No entanto estas construções não só seriam restauradas como reinventadas⁸³ de forma a cumprir com a intenção da Ideia que é salientar e explorar a identidade do local em foco.

82 - BAPTISTA, Luís Santiago, *Materialidades Ambíguas: Herzog & de Meuron e Serôdio Furtado & Associados* – revista arq./a, nº 54, Lisboa, Futurmagazine, fevereiro 2008, pág. 23

83 - “estes projectos continuam a demonstrar que a melhor tradição não se reinstaura; reinventa-se.” Citação de Nuno Grande no texto “Vernáculo versus Moderno” quando aborda a Arquitectura da Serôdio Furtado & Associados nas habitações da Vila Praia de Âncora e em Vouzela - MANUEL DAS NEVES, José; Isabel Furtado João Pedro Serôdio – *Habitar; Caleidoscópio* – Edição e Artes Gráficas, SA; junho 2005, pág. 7



Planta do Piso 0
| Escala 1/500

Estilo
Tradicional

Estilo
Contemporâneo

3.3 | Definir através da Regra, tendo em conta o Programa, a Forma e a Arquitetura Geral do Hotel

Dado que ficou estabelecido que a entrada principal fosse nas construções em ruína do antigo Porto Fluvial, estava assim definido um ponto de partida para poder fazer a distribuição dos espaços do hotel.⁸⁴

Tendo em conta esta imposição no programa, a receção do Hotel não estará contida na forma imposta pela regra, mas sim numa pré-existência que será redesenhada e pensada de acordo com a intenção da Ideia.

No entanto, olhando para todo o programa, para o contexto e para a regra que irá definir a forma, percebeu-se que era necessário conceber uma hierarquia dos espaços do programa.

Esta ordem será vital para poder distribuir e separar determinados espaços do programa, visto que algumas dessas áreas vão estar inseridas nos volumes impostos pela Regra do programa enquanto que outras vão estar, juntamente com a receção, nas antigas ruínas do Porto Fluvial (já redesenhadas).

Ora, uma vez que o fundamental é evidenciar a Ideia/Regra da Obra, os espaços que têm uma conotação mais importante no programa do Hotel, serão inseridos nos volumes balanceados impostos pela Regra.

Como se verifica em todos os Hotéis, os quartos para os hóspedes serão sempre os espaços prioritários e mais importantes naquilo que é a verdadeira função de um Hotel e, desta forma, estes deverão estar inseridos nos volumes balanceados para a Paisagem.

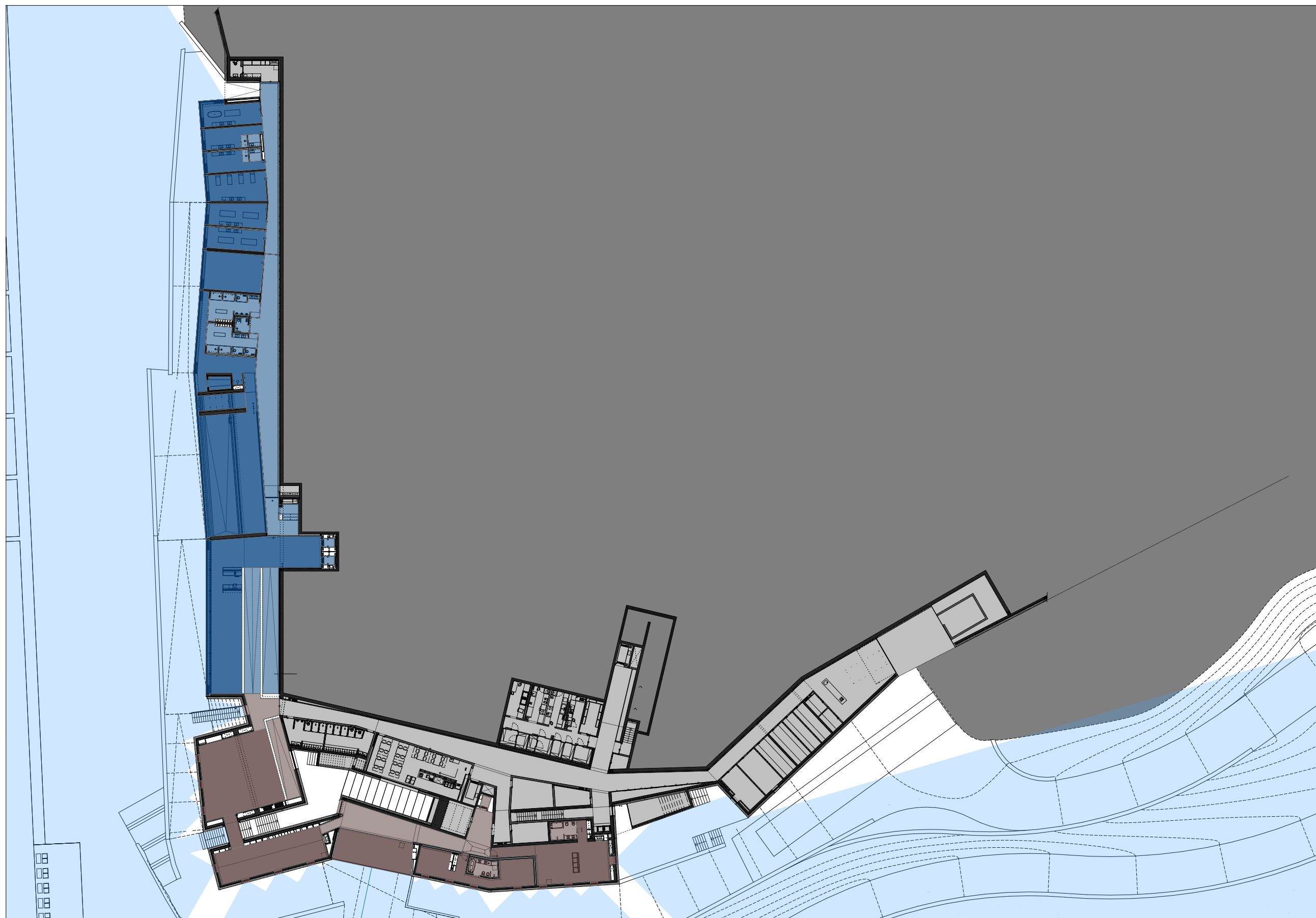
Adicionalmente, dado que o Hotel está pensado para ser um resort, no seu programa devem constar determinadas áreas específicas como as piscinas interior e exterior, assim como um spa, biblioteca, restaurante, bar e salas de estar e de conferência.

Ora percebendo a essência da Ideia, que é “colher” visualmente a paisagem da envolvente do hotel, entende-se que o fundamental é salientar nesses campos visuais as sensações de descanso e de tranquilidade que um hóspede deve sentir num hotel resort.

De facto, espaços como o spa, as piscinas e o próprio restaurante, têm um maior papel em proporcionar esse bem estar e desta forma teriam uma importância maior em relação a espaços onde a concentração de um hóspede será necessária, como por exemplo biblioteca e espaços lúdicos de estar e de conferência. Assim estes espaços em destaque foram contidos nos volumes balanceados que olham para a paisagem.⁸⁵

84 - Serôdio, Furtado & Associados, Arquitectos Lda., Ficha Técnica - Hotel Douro , Eurostarsc Castelo de Paiva, [pt] 84/05 Equipamento, 2005

85 - Ibidem;



Planta do Piso 1
| Escala 1/500

Estilo
Tradicional

Estilo
Contemporâneo

Posto isto, podemos verificar que existem dois mundos arquitectónicos na Forma do hotel:

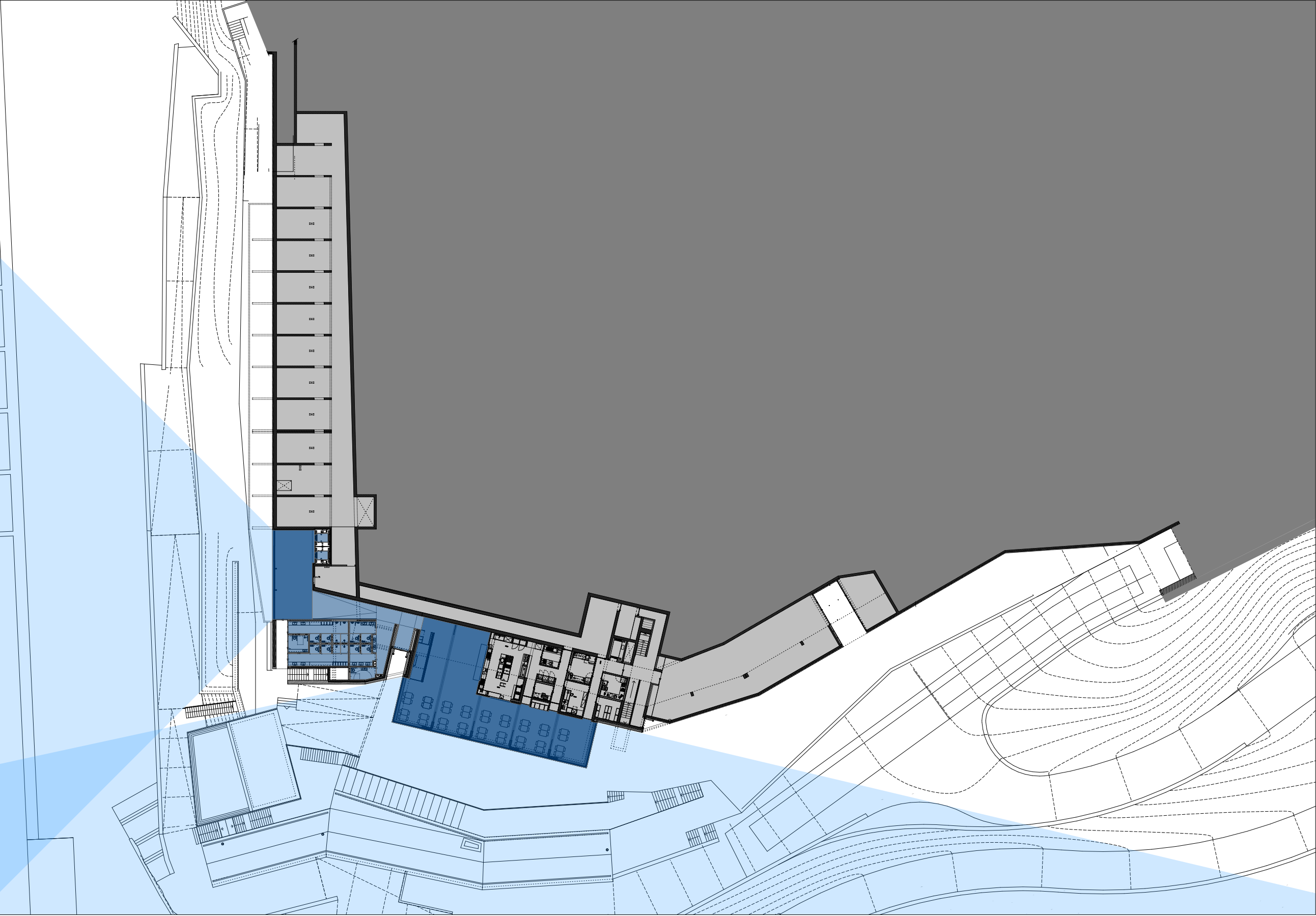
O mundo Tradicional constituído pelas Construções redesenhadas do Antigo Porto, onde estão inseridas: a entrada/receção do hotel, o bar que tem relação direta com a receção, zonas de estar e de conferência, biblioteca e 2 quartos suites (que acabam por ser uma exceção).⁸⁶

E o mundo atual (contemporâneo) que é representado pelos volumes balançados sobre a paisagem onde estão inseridos a piscina interior, o spa, o restaurante, piscina exterior e os quartos.⁸⁷

Tal como anteriormente referido, este último mundo arquitectónico, composto pelos volumes balançados para a paisagem, é aquele que constitui a ideia principal do hotel e cujos espaços serão analisados.

86 - Serôdio, Furtado & Associados, Arquitectos Lda., Ficha Técnica - Hotel Douro , Eurostarsc Castelo de Paiva, [pt] 84/05 Equipamento, 2005

87 - Ibidem



Planta do Piso 2
| Escala 1/500

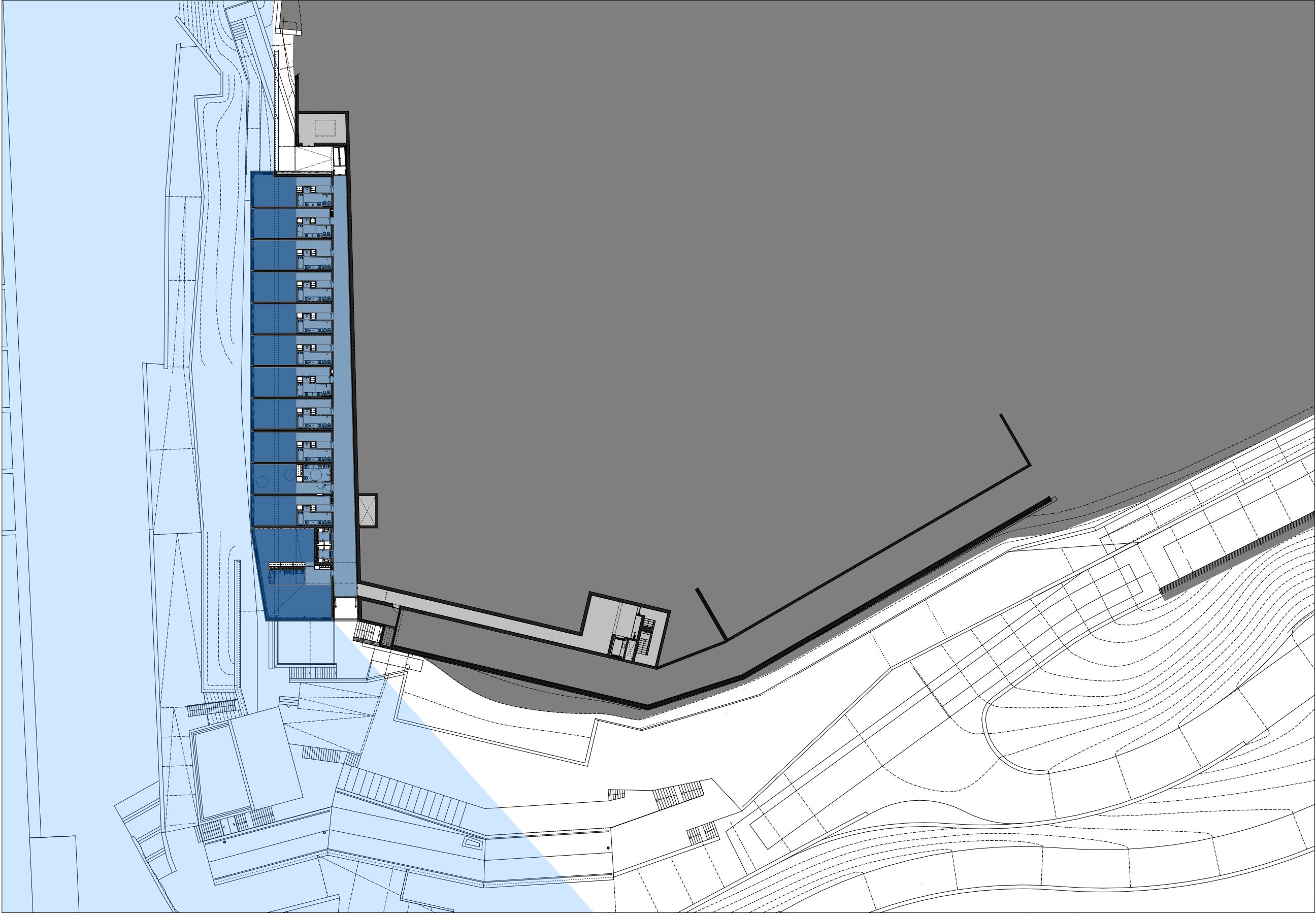
Estilo
Tradicional

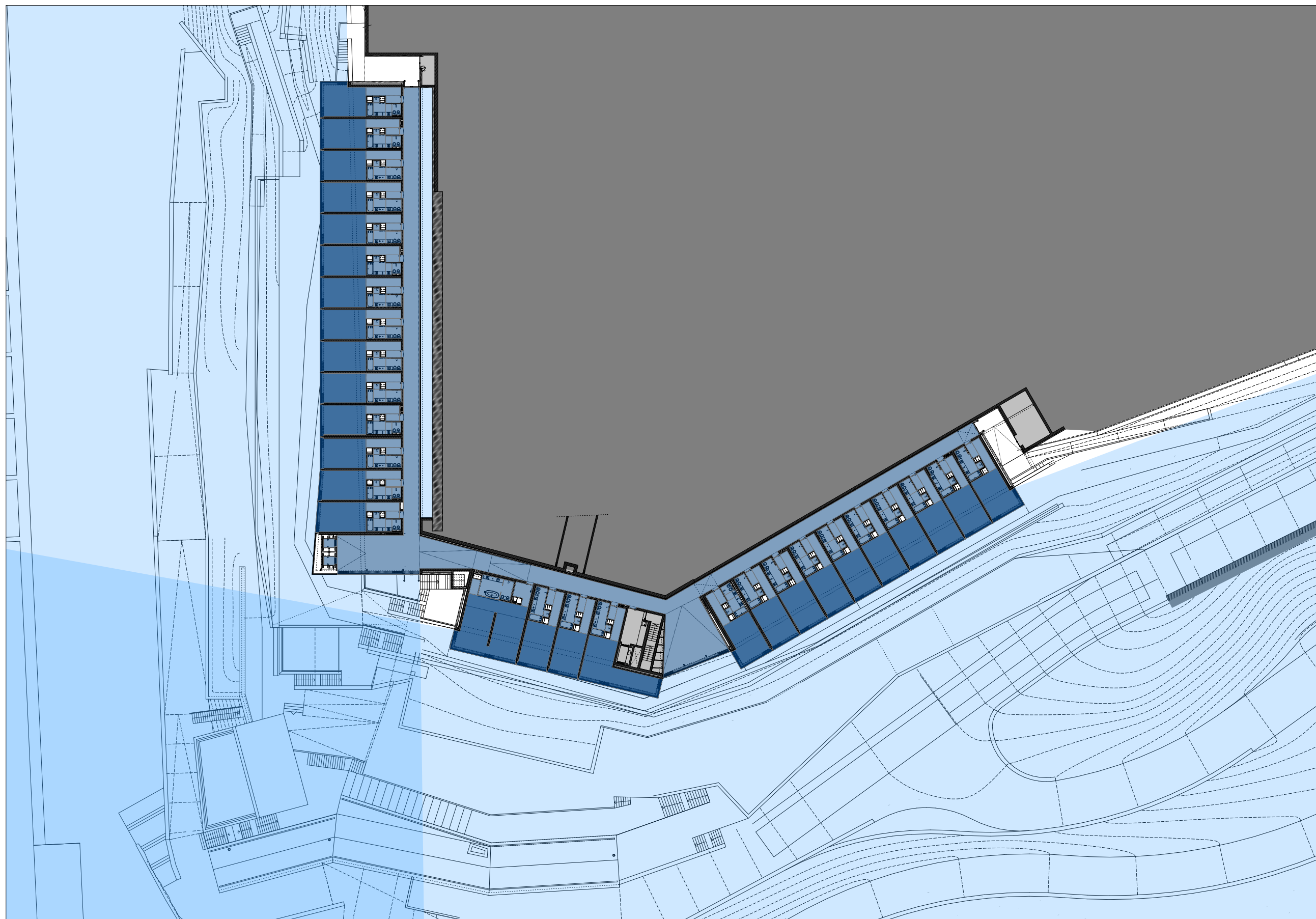
Estilo
Contemporâneo

Planta do Piso 3
| Escala 1/500

Estilo
Tradicional

Estilo
Contemporâneo





Planta do Piso 4
| Escala 1/500

Estilo
Tradicional

Estilo
Contemporâneo

3.4 | A Análise aos Espaços Principais do Hotel Douro 41

- A Regra que gera os espaços interiores

Antes de começar a análise aos espaços pretendidos é importante referir como é que os vou estudar. Em primeiro lugar importa salientar que a regra em si apenas definiu a forma geral do hotel, pois os espaços interiores em si ainda não estão definidos. Este será o primeiro fator a ser analisado. Como é que a regra, que com a ajuda da proporção (enquanto ferramenta geradora de experiências de relações entre medidas), irá definir a forma dos espaços interiores e exteriores em análise.

- O papel da Proporção enquanto ferramenta para a Regra conceber os espaços

Como já foi mencionado anteriormente, para a Serôdio Furtado & Associados a Proporção não é considerada uma ideia central na sua arquitetura. No entanto não deixa de ser um instrumento útil e importante para conceber os espaços, através de experiências que são registadas e memorizadas de forma a aferir resultados.

Adicionalmente existe na sua utilização uma relação intrínseca com a regra. Como a regra, que vem da ideia original, tem o objetivo de conceber a forma geral do projeto e dos seus espaços interiores ou exteriores, a proporção acaba por ser uma ferramenta que terá relação direta com a regra. A regra determina aquilo que é essencial para conceber os espaços do projeto e a proporção é a ferramenta que concebe a forma dos espaços conforme a regra.⁸⁸

Tendo em conta a obra em estudo, a regra imposta advém da ideia de “encastrar” volumes balançados para a paisagem. Ou seja, na regra está implícito que os volumes ao “colherem” a paisagem, que provém da envolvente do hotel, fazem com que as fachadas de vidro dos próprios volumes sejam os elementos cruciais para que haja uma relação visual perfeita entre os espaços interiores dos volumes e a própria paisagem em redor.

E é por esta razão que os espaços interiores dos volumes serão concebidos a partir das dimensões das fachadas de vidro, acabando por serem espaços proporcionais às medidas dos vãos de vidro que enquadram e “colhem” a paisagem.

Só assim faz sentido, tendo em conta a Regra. Os espaços interiores dos volumes devem ser concebidos de fora para dentro, de forma a que as atmosferas da paisagem estejam contidas no seu interior.

88 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 132 - 133

- O Detalhe

Só depois de a regra ter concebido a forma é que se poderá passar para o detalhe. É através dele que a obra será acabada e concretizada porque sem ele a obra seria somente uma forma abstrata concretizada somente pela Regra.⁸⁹

E no detalhe estão incluídos três fatores que serão fundamentais e cruciais para perceber as atmosferas inseridas nos espaços: a Construção, a Luz e o Ar.

O primeiro fator é aquele que no fundo estrutura o detalhe – a Construção. Será importante analisar a nível construtivo cada espaço de forma a perceber como é o ambiente do espaço, tanto a nível visível como a nível invisível. Podemos desde já referir que segundo a ficha técnica da obra⁹⁰, o betão e o sistema ETICS (External Thermal Insulation Composite Systems) são os materiais por norma utilizados em todos os volumes novos do hotel.

O segundo fator é a iluminação. Será fundamental perceber como esta se propaga e hierarquiza os espaços.⁹¹

O terceiro e último fator importante a analisar é a circulação do ar nos espaços interiores pois é um fator determinante para o conforto da(s) atmosfera(s) presentes no hotel.⁹²

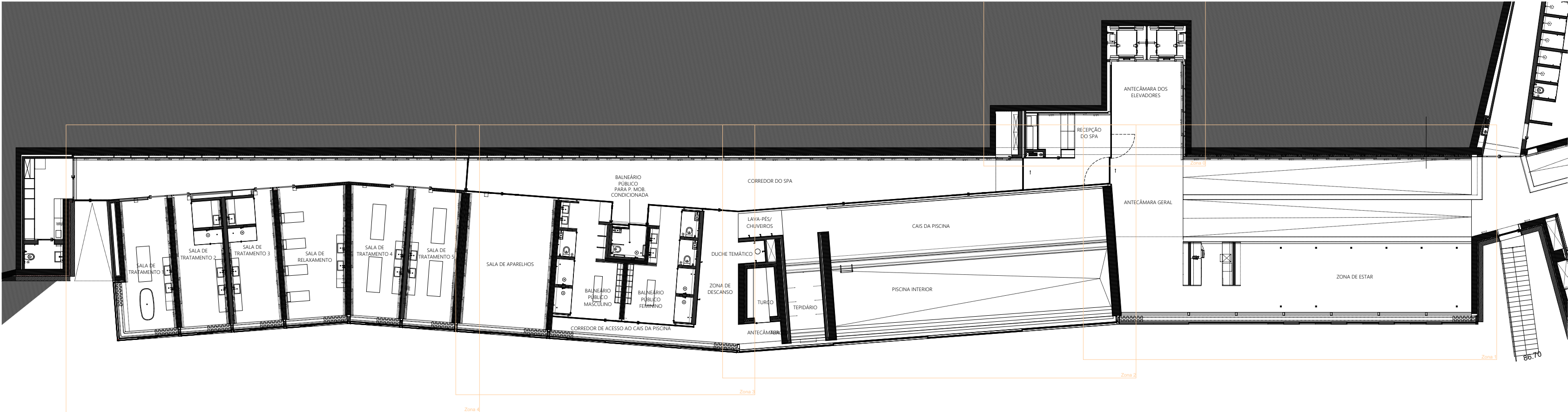
É fundamental perceber estes fatores uma vez que para além de definir as atmosferas, terão sempre relação com a Ideia imposta. Estando a forma definida pela Regra é necessário que o detalhe torne o espaço realmente funcional e que a Atmosfera dentro desse espaço esteja de acordo com a Ideia inicial.

89 - SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, '3:2:1' – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006, pág. 147

90 - Serôdio, Furtado & Associados, Arquitectos Lda., Ficha Técnica - Hotel Douro , Eurostarsc Castelo de Paiva, [pt] 84/05 Equipamento, 2005, - Sitema ETICS "cappotto"

91 - Ibidem, referência à empresa OHM-E, Gabinete de Engenharia Electrotécnica, Lda. que tratou das Instalações Eléctricas;

92 - Ibidem, referência à empresa GET, Gestão de Energia Térmica, Lda. que tratou das Instalações de climatização e ventilação;



Piso 1 – Hall dos Elevadores /Piscina e Spa

Dos vários volumes encastrados que “colhem” a paisagem este é o que se encontra na cota mais baixa.

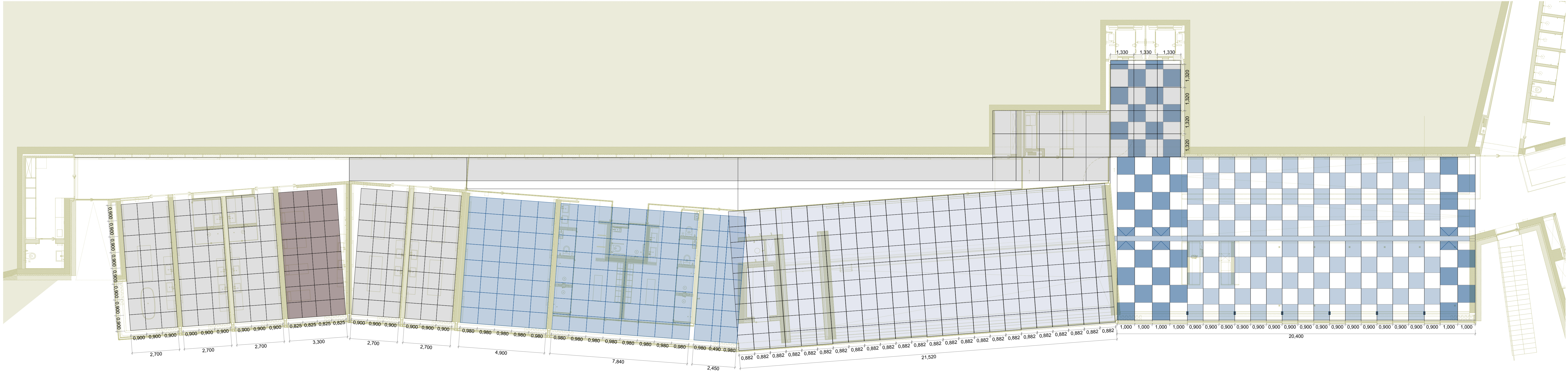
É um volume de grande destaque e importância pois faz a ligação, através do Hall dos elevadores, entre o programa que está contido nas construções renovadas do antigo porto fluvial e os novos volumes encastrados na encosta.

Ao percorrer a rampa que tem início no hall de entrada do hotel, temos acesso ao espaço da antecâmara dos elevadores. É a partir destes elevadores que se fará toda a ligação dos pisos superiores que correspondem às construções novas (volumes balançados para a paisagem).

Os elevadores estão voltados de frente para o átrio que faz ligação com a zona de estar. Esta última, que apresenta uma mesa de snooker e uma copa de apoio ao espaço, absorve a atmosfera da paisagem do rio Douro através da fachada envidraçada. Atrás desse espaço de estar está a rampa que dá acesso à sala de eventos e à biblioteca.

Na antecâmara dos elevadores encontra-se a entrada para o spa e piscina interior do hotel. A marcar o início deste espaço está um balcão de apoio aos hóspedes, surgindo do lado esquerdo o corredor do spa que faz a distribuição dos diferentes espaços, estando estes de frente para a paisagem, colhendo-a.

Por ordem de proximidade do local da entrada, o spa é constituído pela piscina interior (que é o espaço principal do Spa), tepidário, banho turco, duche temático, balneários, sala de aparelhos e ainda uma sala de relaxamento que está localizada entre as 5 salas de tratamento.



Planta do Volume do Piso 1
Escala 1:100
Estudo das Formas dos Espaços

|A Regra enquanto geradora da Forma – relação entre medidas

Dado que este volume se encontra a uma cota mais baixa, terá de apresentar uma fachada mais alta de forma a conseguir absorver o máximo da paisagem que corresponde à montanha de Sebolido.

Deste modo optaram por um pé-direito de 2700mm para o primeiro sector do volume, onde estavam incluídos o hall dos elevadores e o espaço de estar com a mesa de snooker e a copa de apoio.

A partir desse pé-direito, foi concebido um módulo de 900:900mm que iria servir de molde para o espaço, quer em altura, quer em profundidade e comprimento. Vendo em corte, este módulo formou um espaço com uma relação de 3 módulos de altura por 16,5 de profundidade desde a fachada até aos elevadores. Se tivermos em conta a profundidade do espaço até à parede da rampa, que desce para a receção do hotel, existe uma relação de 3 por 10, sendo que a guarda que delinea o espaço de estar divide essa relação em dois, havendo assim duas relações de 3 por 5. Uma corresponde às rampas que dão acesso aos espaços contidos no edificado de linguagem tradicional e a outra à zona de estar que “colhe” ao máximo a paisagem.

Em planta, os pilares que sustentam a fachada do volume subdividem o espaço através de uma métrica quadrangular de 2700mm de lado (distancia entre cada pilar). Esta última medida é depois tripartida e o módulo passa a ser tridimensional, sendo um cubo perfeito com 900mm de aresta. Considerando o espaço de estar e as rampas, sem incluir a antecâmara geral e o topo oeste verificamos que se obtém uma relação entre a altura, profundidade e comprimento de 3:10:16. Desta forma, através da divisão já estabelecida em corte, criaram-se dois volumes com relações de medidas iguais de 3:5:16.

Relativamente às áreas que estão nas extremidades do volume, estas não têm interferência na métrica central gerada pelos pilares e por isso apresentam um módulo diferente, de 1000:1000mm de lado.

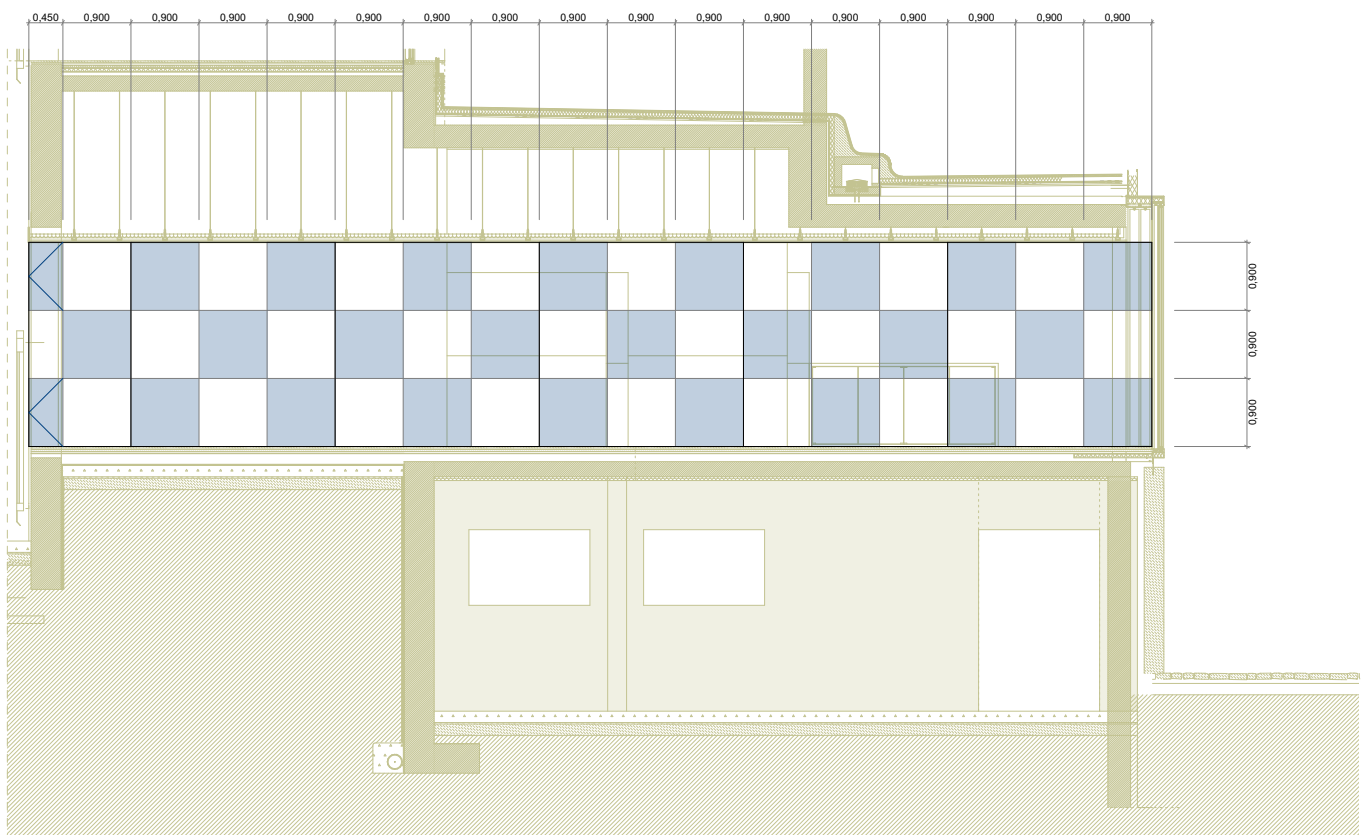
Este módulo foi utilizado de forma a dar mais largura ao espaço de acesso aos elevadores bem como dar ênfase ao espaço de estar, alargando o seu topo poente.

A partir desse módulo gerou-se uma relação de medidas na largura e profundidade de 4:9. Com a presença do elemento central da guarda, este dividiu esta relação a meio, formando assim duas relações de 4:4,5. No entanto, a antecâmara do elevador apresenta uma relação diferente de 4:5,5 através do mesmo módulo e uma vez que esta se encontra mais afastada da fachada apresenta uma menor relação com a paisagem, permitindo dar mais ênfase aos elevadores e à entrada do Spa. Deste modo desalinhou-se este espaço em relação aos outros.

Este desalinhamento fez também com que a parede entre a zona de estar e a piscina do spa não fosse simétrica à fachada da sala. É a partir deste desalinhamento que se geram as torções do volume em análise.

Porém na antecâmara dos elevadores existe uma outra relação de 4:3 através de outro módulo com lados de 1330 x 1320mm. Este é definido a partir das placas e dos vãos de vidro que revestem as paredes da antecâmara.

Corte Transversal pela Antecâmara dos Elevadores Públicos
| Escala 1:100
| Estudo das Formas dos Espaços



Mas este módulo ao ser definido nomeadamente pelos vãos de vidro que compõem a entrada do Spa, também define a área de entrada onde está o balcão de apoio ao Spa e arrumos, havendo uma relação entre largura e profundidade de 2:5. Para além disso, o módulo também corresponde à largura mínima do corredor de distribuição do Spa.

O primeiro espaço que surge no corredor do spa é a piscina interior, que apresenta contacto com o exterior através de um grande vão. Este é um dos grandes espaços de excelência do hotel, visto que a atmosfera da paisagem está tão bem inserida que os próprios hóspedes que a vivenciam sentem um efeito visual de estarem dentro do próprio rio Douro.

O pé-direito junto da fachada é de 2646mm, e ao tripartir essa medida, gerou-se um módulo cúbico de 882mm (um terço de 2646mm). A partir deste concebeu-se o espaço da piscina interior, havendo uma relação entre altura, profundidade e comprimento de 3:9:18, ou seja 1:3:6. Em planta e corte a área que corresponde ao cais da piscina, onde estão as espreguiçadeiras, corresponde a 4 módulos de profundidade assim como o espaço que corresponde à piscina. O último módulo de profundidade corresponde à drenagem da água da piscina e a uma abertura de insuflação.

Este módulo corresponde em planta à largura dos vãos de vidro que constituem a fachada, e continua nas fachadas do tepidário e turco, sendo que cada espaço tem uma largura correspondente a 3 módulos da fachada. O volume apresenta ainda outra torção entre o espaço do turco e a zona de descanso.

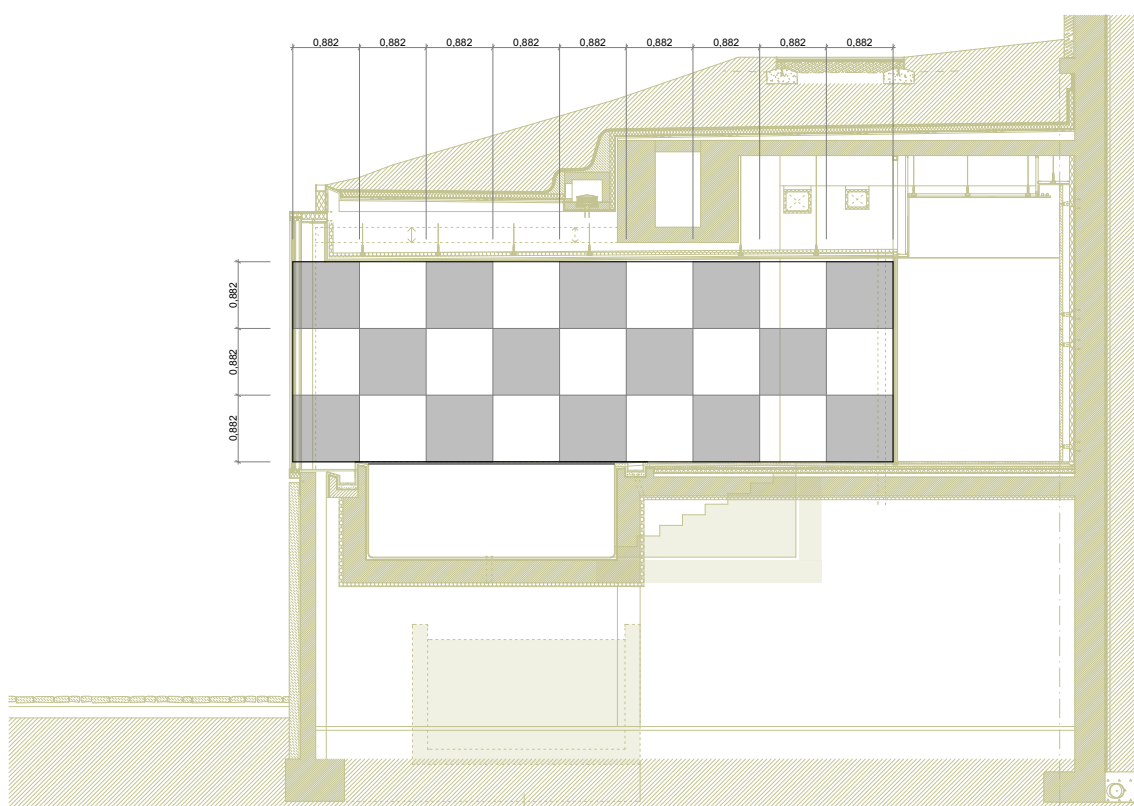
A partir daqui vão surgir vários módulos que irão compor os restantes espaços do Spa. Mas todos eles têm a semelhança de ter os lados de profundidade e da altura correspondentes a 900mm cada. Esta correspondência acontece visto que todos os espaços têm de profundidade 7400mm e altura de 2700 mm correspondendo aproximadamente a 8 módulos de profundidade e a 3 módulos exatos de altura.

Contudo como as áreas tem funções em particular, era fundamental criar determinadas unidades de medida que proporcionem espaços adequados não só para cumprir com as funções específicas, mas também para fazer com que estes “colham” ao máximo a atmosfera da paisagem.

Da zona de descanso surge do primeiro vão, que vem logo a seguir á torção, o módulo com largura de 980mm e que irá definir, de acordo com a regra, os espaços da própria zona de descanso, das instalações balneares do Spa e da sala de aparelhos.

Começando pelo primeiro espaço que corresponde à zona de descanso esta tem uma relação entre largura, profundidade e altura de 2,5:8:3, mas a torção obriga a que forma deste espaço seja irregular perdendo assim alguma relevância, tornando-se por isso num espaço de distribuição para o turco e para as instalações balneares.

Corte Transversal pela Piscina Interior
| Escala 1:100
| Estudo das Formas dos Espaços



Logo a seguir tem-se os balneários do spa. Esta área não tem uma relação direta com a paisagem, visto que a sua antecâmara de acesso está entre as instalações e a fachada. Ou seja, como a antecâmara dos balneários corresponde a um módulo de profundidade, o volume das instalações é constituído por uma grelha que irá definir os elementos que compõem os balneários, com 7 módulos de profundidade e 8 módulos de largura (4 para cada balneário). A entrada dos balneários pelo corredor de distribuição tem 2 módulos de largura e está ao centro e alinhada com o balneário de mobilidade condicionada, que tem 2:2 de largura e profundidade. Deste módulo tem-se por fim a sala de aparelhos que tem uma relação entre a largura e as duas outras medidas já pré-definidas de 5:8:3.

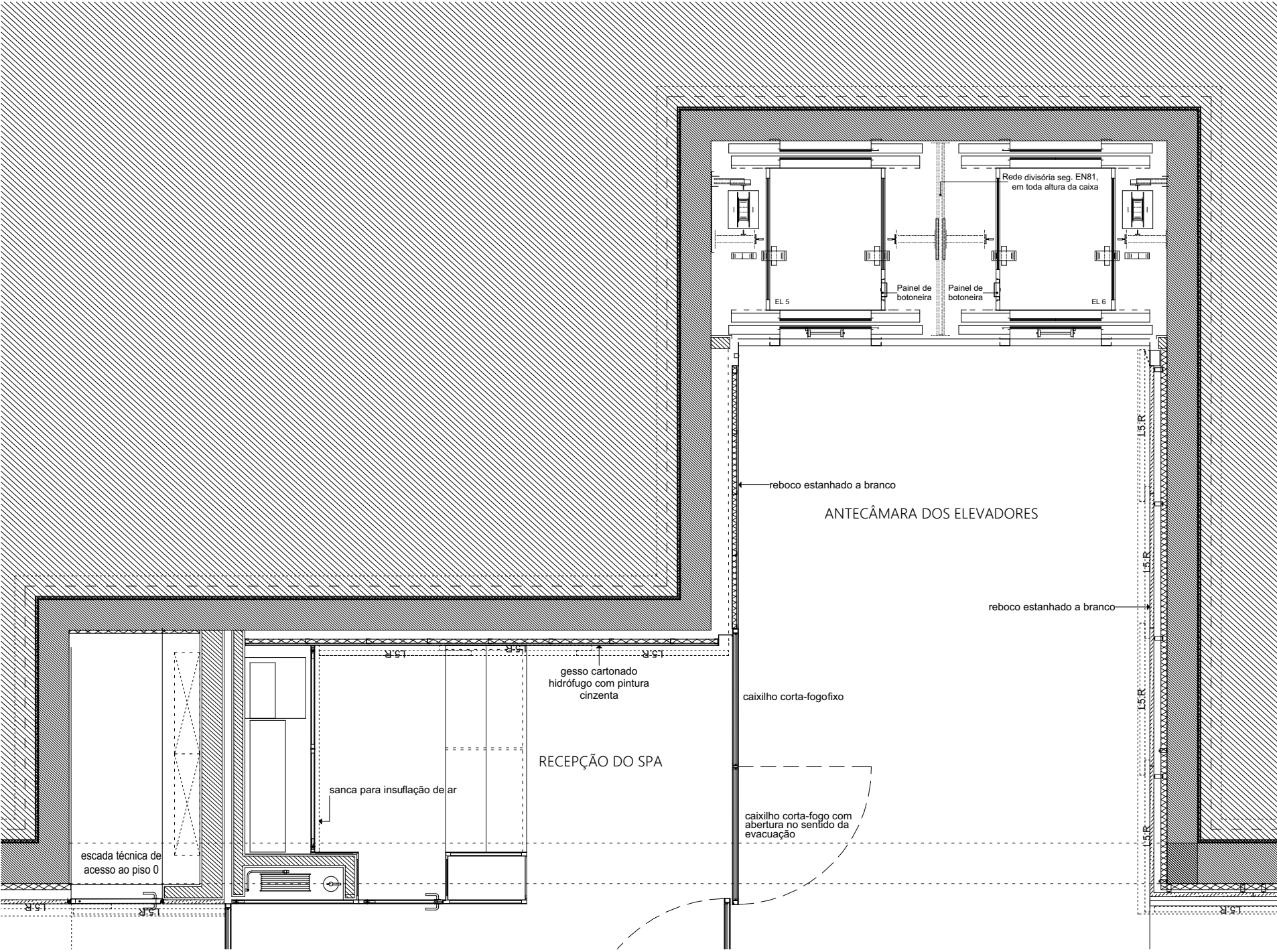
A seguir à sala das máquinas, surgem 2 salas de tratamento. Após estas o volume faz a sua última torção, surgindo depois por ordem a sala de relaxamento e 3 salas de tratamento.

As 5 salas de tratamento ao terem a mesma função já implícita, têm aproximadamente a mesma largura. O módulo cúbico com 900mm de aresta, que já tinha surgido na sala de estar, volta a ser usado enquanto instrumento para definir os espaços das salas de tratamento, fazendo com que a largura destas junto à fachada seja de 2700mm. Isto faz com haja assim uma relação de 3:8:3.

Já para definir a sala de relaxamento é utilizado um módulo de 825mm, que cria uma relação da largura com as restantes medidas de 4:8:3.

Os módulos que foram utilizados como ferramenta para definir os espaços deste primeiro volume conforme a regra, são evidenciados através da largura dos vãos ou da largura da fachada do espaço que “colhem” a paisagem. Ou seja, os espaços são concebidos através da regra e esta última ao utilizar a proporção enquanto ferramenta, gera um módulo ou mais que será utilizado para formar os espaços de maneira a que estes “colham” ao máximo a atmosfera proveniente da paisagem.

Este processo continua nos espaços do hotel, mas com métricas e módulos diferentes, visto que cada espaço tem uma determinada função e uma determinada vista.



| O Detalhe

- Construção

Paredes

As paredes divisórias dos espaços apresentam estrutura em betão, havendo variação de espessuras deste material. No caso da primeira secção, que corresponde á sala de estar, as paredes têm 300mm e 400mm de espessura respetivamente, assim como acontece com as paredes da piscina interior. No caso das paredes divisórias da sala de tratamento, a maioria tem estrutura de betão com 200mm de espessura, sendo que a parede entre a sala de aparelhos e a sala de tratamento nº5 é de parede dupla com 160mm de espessura.

As paredes de fundo do spa e da zona de estar têm estrutura de betão com 400mm enquanto que as paredes que delineiam a antecâmara dos elevadores e o balcão do spa têm betão com 300mm.

As paredes da zona de estar e da antecâmara dos elevadores são revestidas a reboco estanhado a branco e têm isolamento acústico de 60mm. Somente a parede divisória entre a zona de estar e a piscina interior é que apresenta sistema ETICS com isolamento de 40mm.

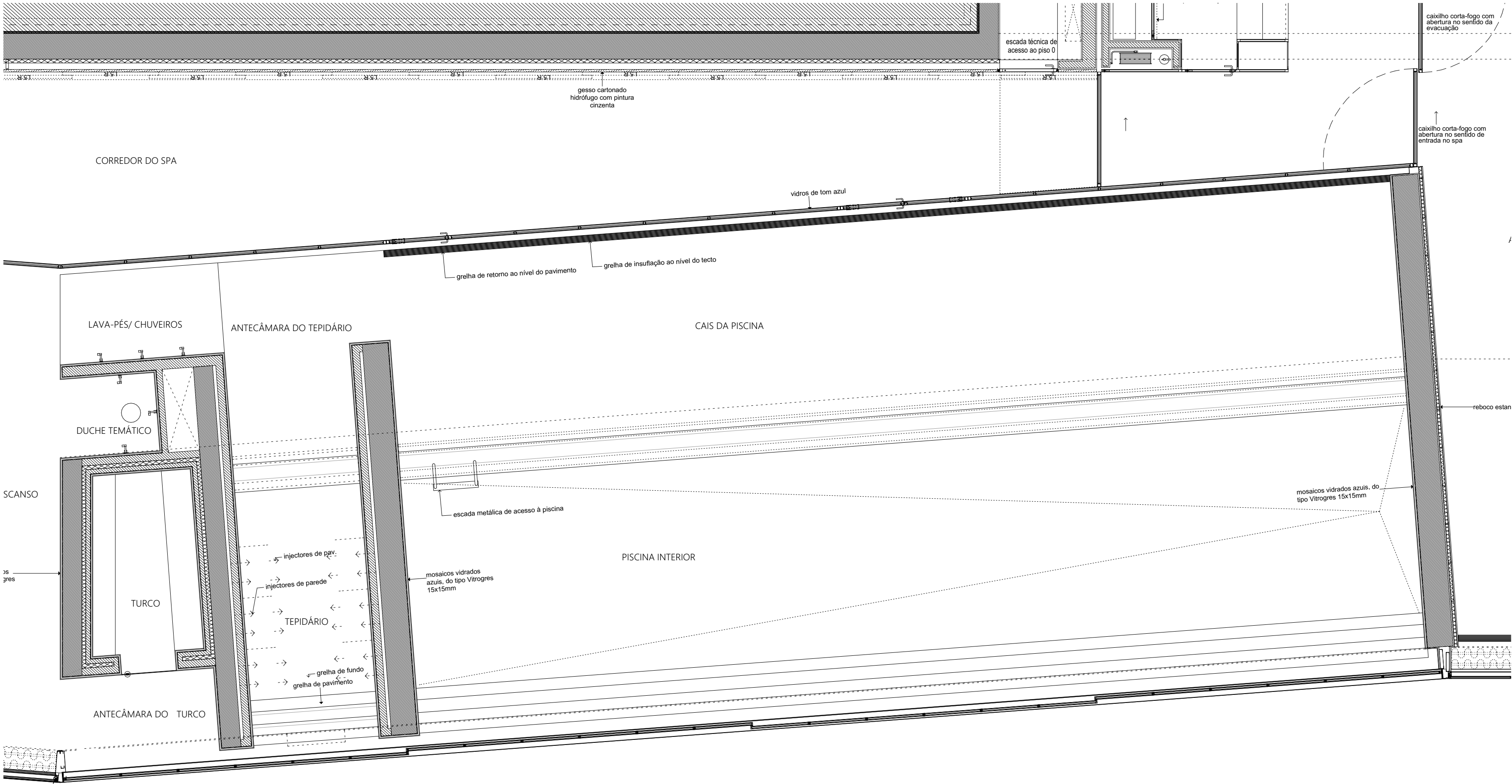
As paredes do tepidário, do banho turco e do duche temático têm para além do betão, tijolo de 110 e de 70mm. As paredes que delineiam o espaço do turco têm isolamento térmico de 60mm. Já as paredes das instalações balneares do spa são em tijolo, exceto a parede divisória, que também delineia o balneário de mobilidade condicionada, que é de betão. Todas estas paredes e ainda a da piscina interior são revestidas com mosaicos vidrados azuis, do tipo Vitrogres 15x15mm, exceto a zona do turco que é revestida a madeira.

As paredes divisórias das salas de tratamento e da sala de relaxamento têm um reforço do sistema ETICS e são revestidas a gesso cartonado hidrófugo com pintura.

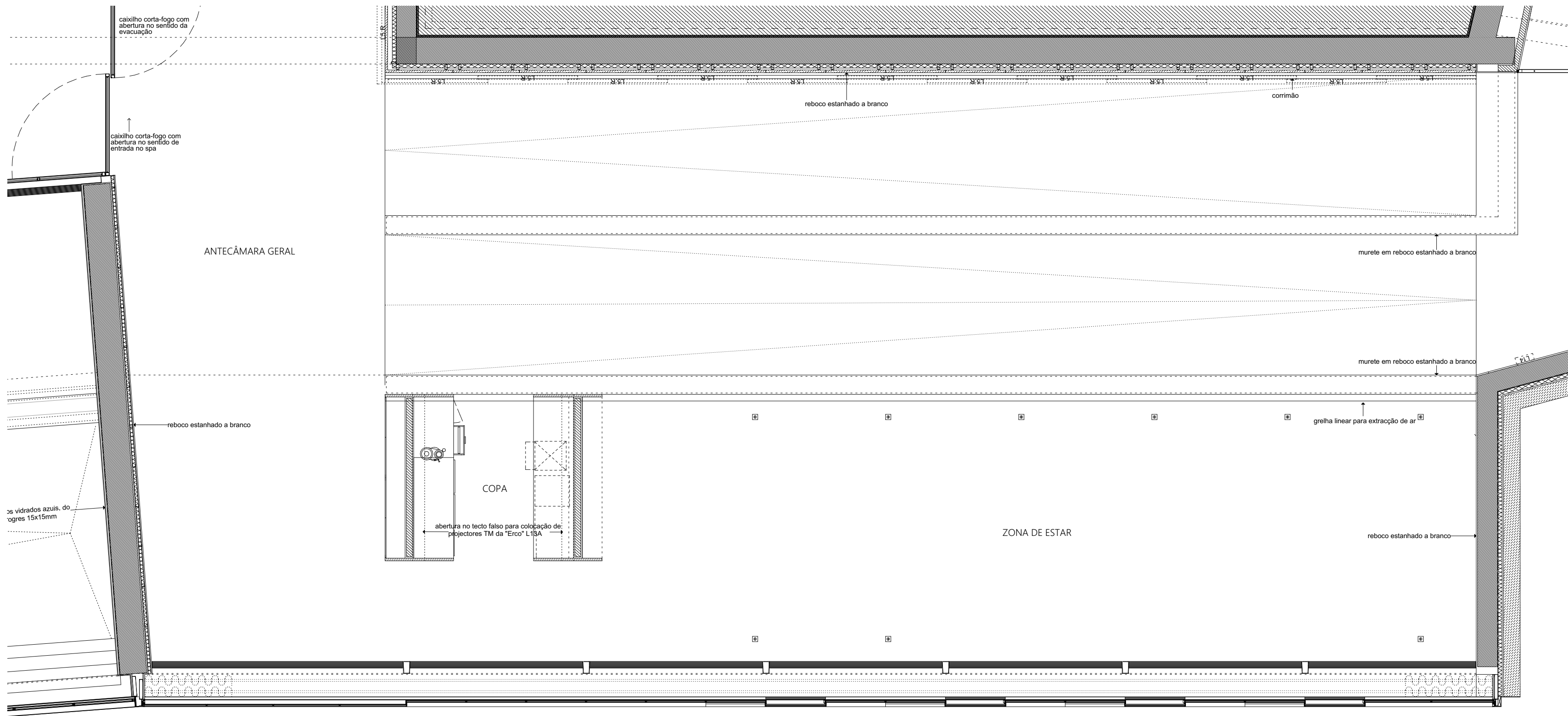
A parede longitudinal do corredor do spa tem um reforço de isolamento e é revestida com gesso cartonado hidrófugo com pintura cinzenta. O pano de vidro que divide o corredor das áreas do spa é constituído por vãos de vidro azuis e só se prolonga até á sala dos aparelhos, havendo uma porta em vidro que dá acesso ao corredor das salas de tratamento e da sala de relaxamento. A parede do corredor que dá acesso ás salas é revestida a gesso cartonado hidrófugo com pintura e tem como material estrutural placas de isolamento térmico.

As paredes do balcão são em tijolo e são revestidas com gesso cartonado hidrófugo cinzento, tal como a parede longitudinal do corredor.

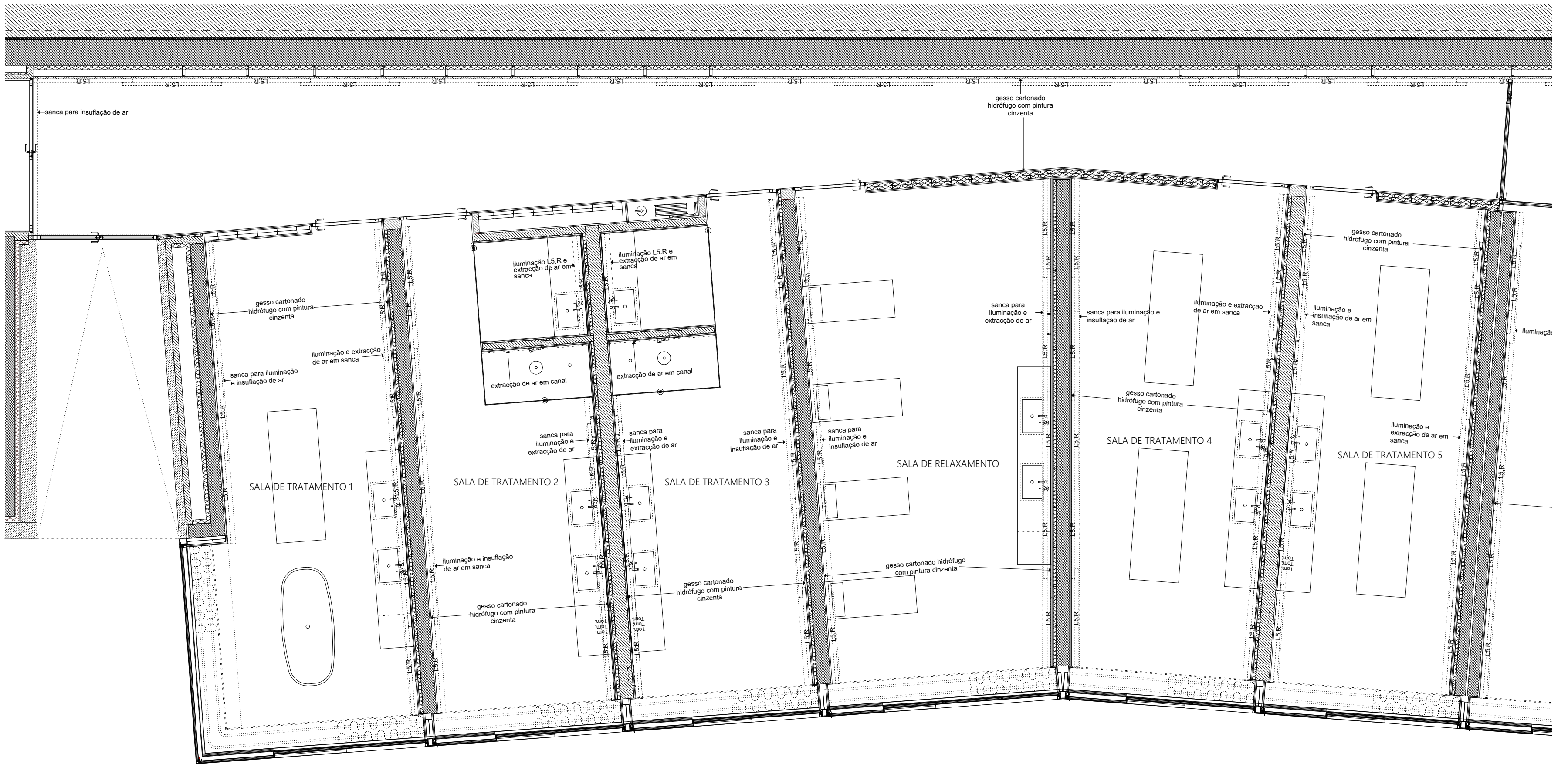
Por fim, a fachada de todo o volume é em vidro e tem reforço do sistema ETICS.



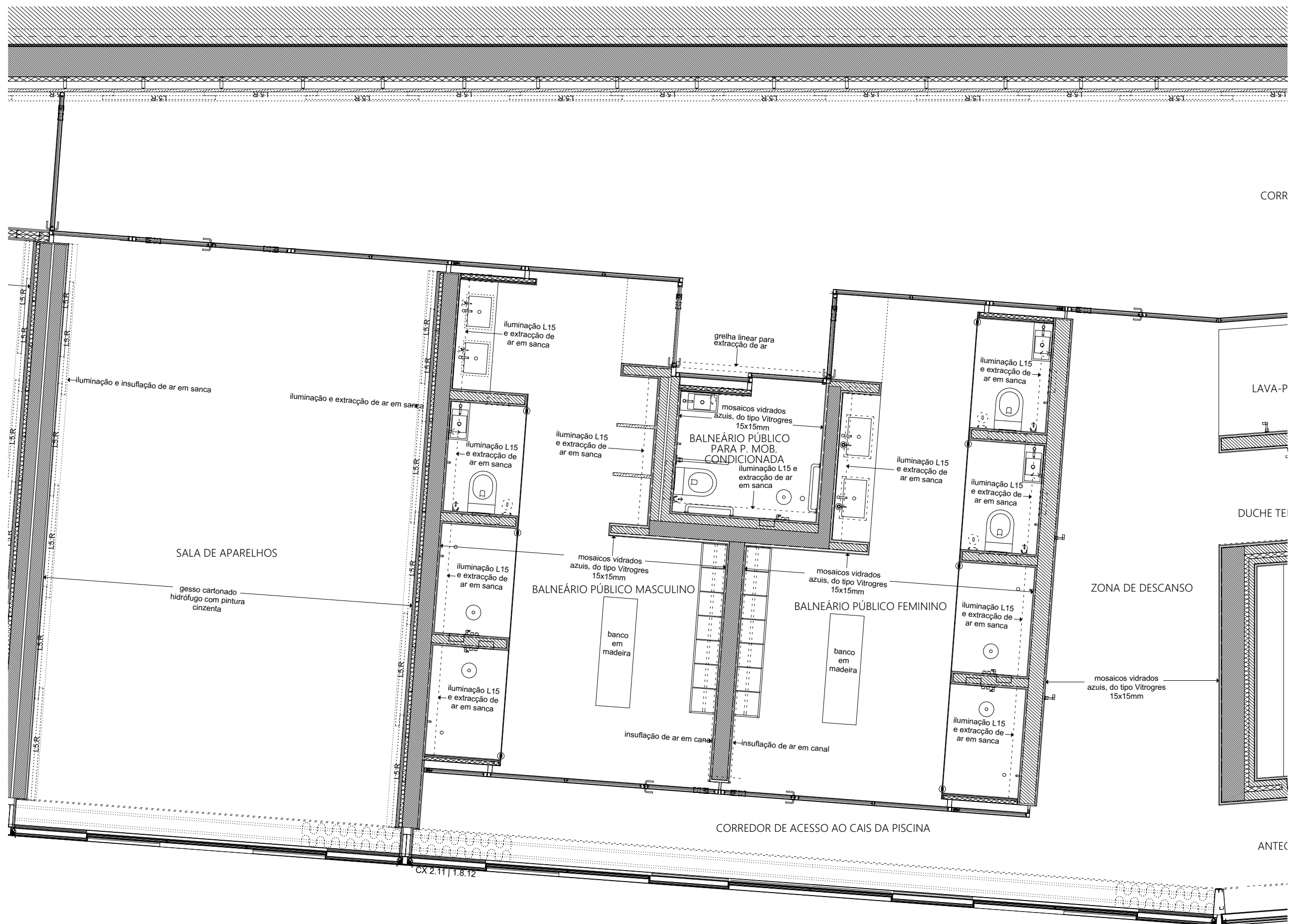
Zona 2 | Escala 1:50 | Análise Construtiva



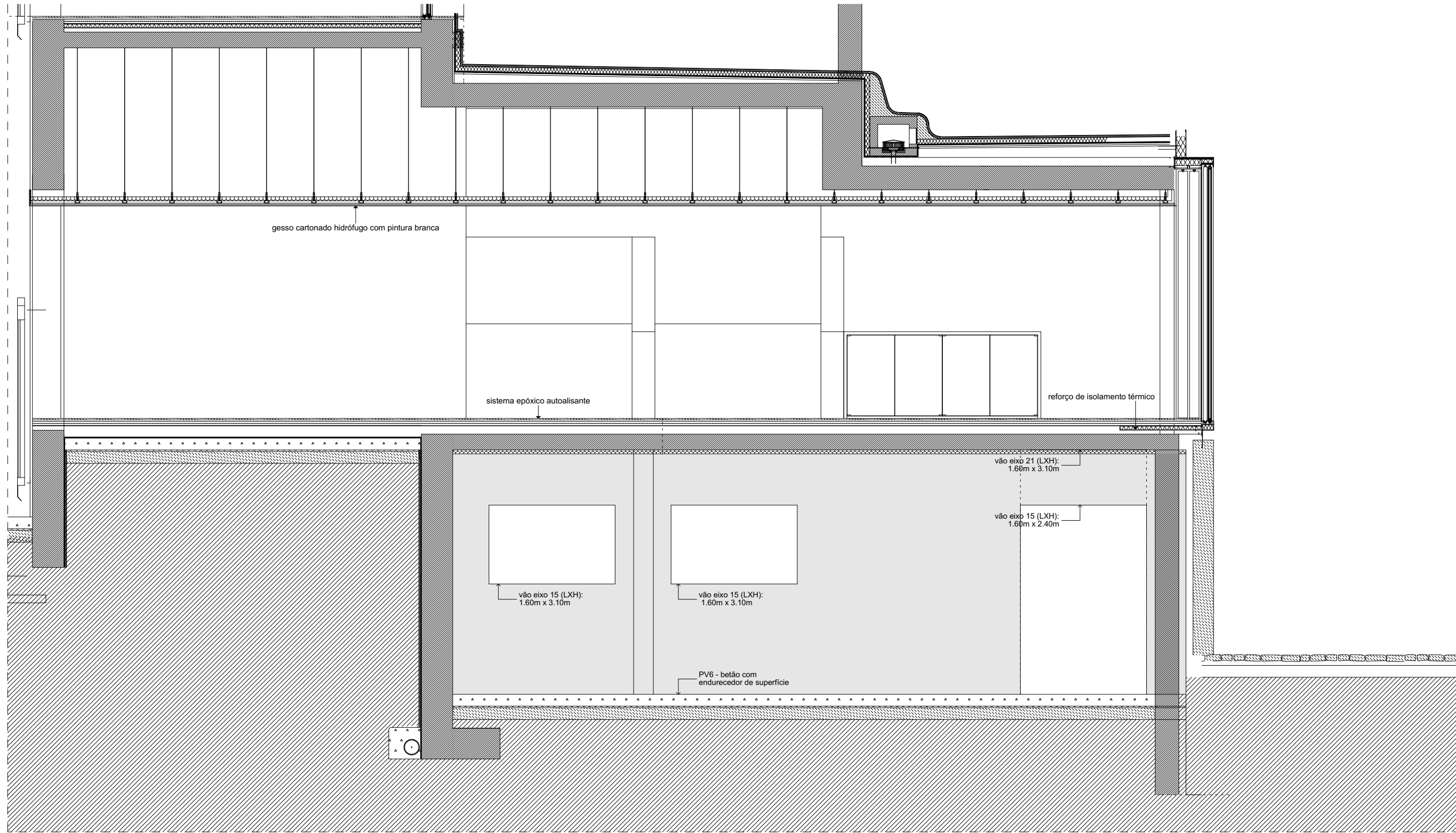
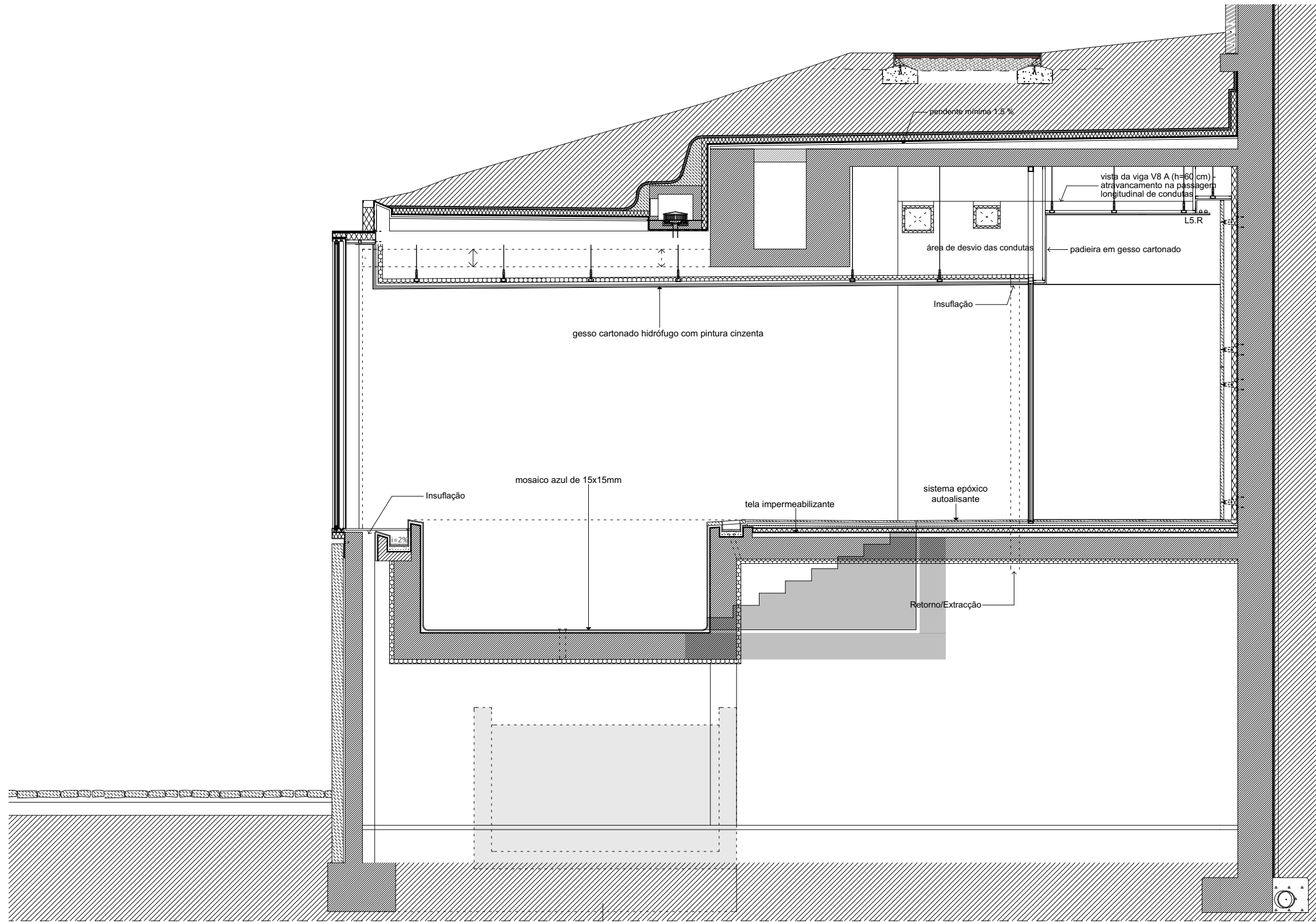
Zona 1 | Escala 1:50 | Análise Construtiva



Zona 4 | Escala 1:50 | Análise Construtiva



Zona 3 | Escala 1:50 | Análise Construtiva



Teto

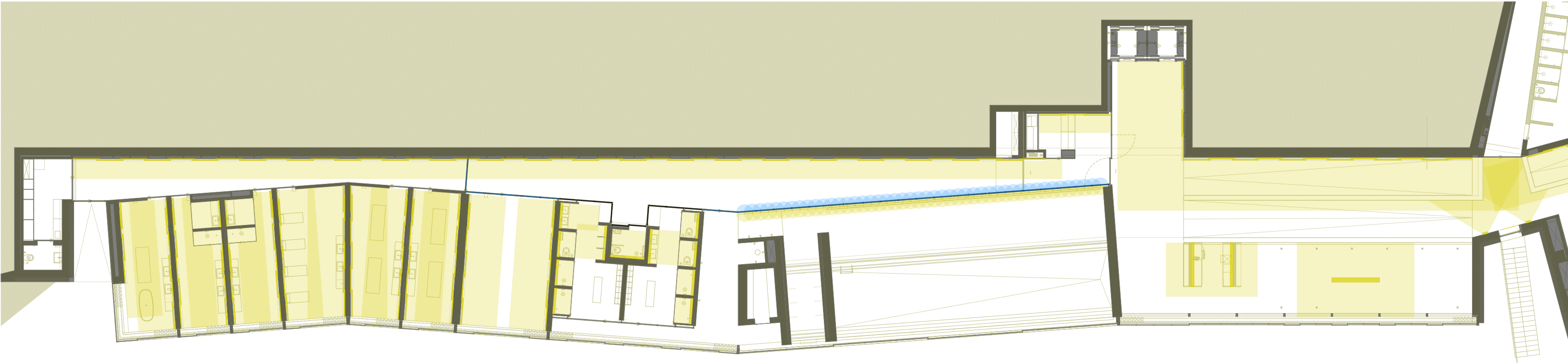
O teto geral do volume é constituído por uma laje de betão com padieira ao meio que depois segura o teto falso por onde passam as instalações técnicas dos espaços e onde se encontram os elementos de iluminação. O teto falso tem isolamento acústico de 50mm, de forma a que o som das instalações não se propague para o espaço em causa. O teto tem como revestimento gesso cartonado hidrófugo com pintura branca no geral, exceto no corredor do spa, no balcão de entrada do spa e na secção que vai da piscina até aos balneários, sendo nestas zonas em cinzento.

Chão

O chão de todo o volume é constituído maioritariamente por uma laje de betão com 200mm de espessura, sendo que por baixo desta está anexada uma camada de isolamento acústico com 50mm de forma a que o barulho proveniente da zona técnica não se propague para os espaços públicos do piso. A seguir à laje tem-se uma caixa de ar e de seguida a betonilha armada de 50mm de espessura. Junto à fachada há ainda um reforço de isolamento térmico.

Na zona da piscina é utilizada uma tela impermeabilizante contida entre a laje de betão e os restantes materiais e adicionado também isolamento térmico entre a tela e a betonilha armada.

O revestimento final do chão é em sistema epoxy em todo o piso. A piscina apresenta como revestimento mosaico azul de 15x15mm.



- Luz

A primeira secção, onde estão as rampas de ligação, o hall do elevador e o espaço de estar junto á fachada, é iluminada pelas luzes que estão escondidas na sanca do teto que está encostada à parede de fundo do espaço. A sanca ainda continua na parede, do lado direito dos elevadores. Desta forma a luz propaga-se em todo o sector sem se sobrepor á luz proveniente da paisagem. Na sala de estar, há dois pontos luminosos que iluminam a copa e a mesa de bilhar que se encontra no centro do espaço.

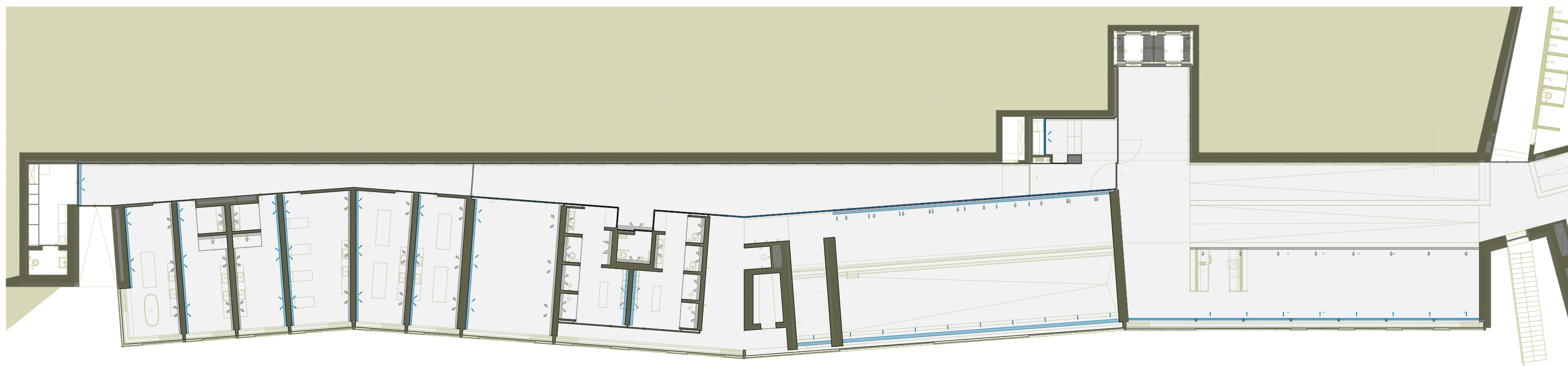
Relativamente ao Spa, na zona de entrada onde se encontra o balcão e no corredor de distribuição também está presente o mesmo sistema de iluminação, com a luz a vir da sanca e a propagar-se para a parede. Adicionalmente, dado que o corredor de distribuição tem o seu lado que o separa da piscina interior constituído por vidros azuis, a luz natural e elétrica que vem da piscina ao refletir nos vidros propaga-se no corredor como uma luz azul, criando assim um ambiente mais relaxante no corredor do Spa.

A piscina interior tem somente uns focos luminosos dispersos junto ao pano de vidros azuis, de forma a que luz natural proveniente da paisagem seja mais saliente. O tepidário, o banho turco e o duche temático, bem como a antecâmara das instalações balneares, como estão muito próximos da fachada de vidro, não têm iluminação elétrica inserida nos seus espaços.

As instalações balneares têm iluminação em sanca no teto de cada sector, exceto no sector dos cacifos. Já as salas de tratamento e a sala de relaxamento são iluminadas também por sancas que estão posicionadas nos lados do teto perpendiculares á fachada de vidro e propagam a luz para as paredes transversais.

Desta forma, verificamos que a luz elétrica existente nos espaços mais próximos da fachada do volume apresenta uma função maioritariamente de luz ambiente, permitindo assim que a luz natural tenha uma conotação maior, visto que ela faz parte da atmosfera da paisagem “colhida” pela fachada de vidro.

Planta do Volume do Piso 1
| Escala 1:200
| Análise da Circulação do Ar



- Circulação de Ar

Na primeira secção do volume, onde está a antecâmara do elevador, as rampas de circulação e a zona de estar com a copa e a mesa de snooker, encontra-se no chão junto à fachada de vidro e alinhado com os pilares, um conjunto de grelhas de insuflação que ventitam o ar para esses espaços. De seguida o ar sai pela grelha de extração que está no chão da zona de estar encostada e alinhada longitudinalmente com a guarda da rampa.

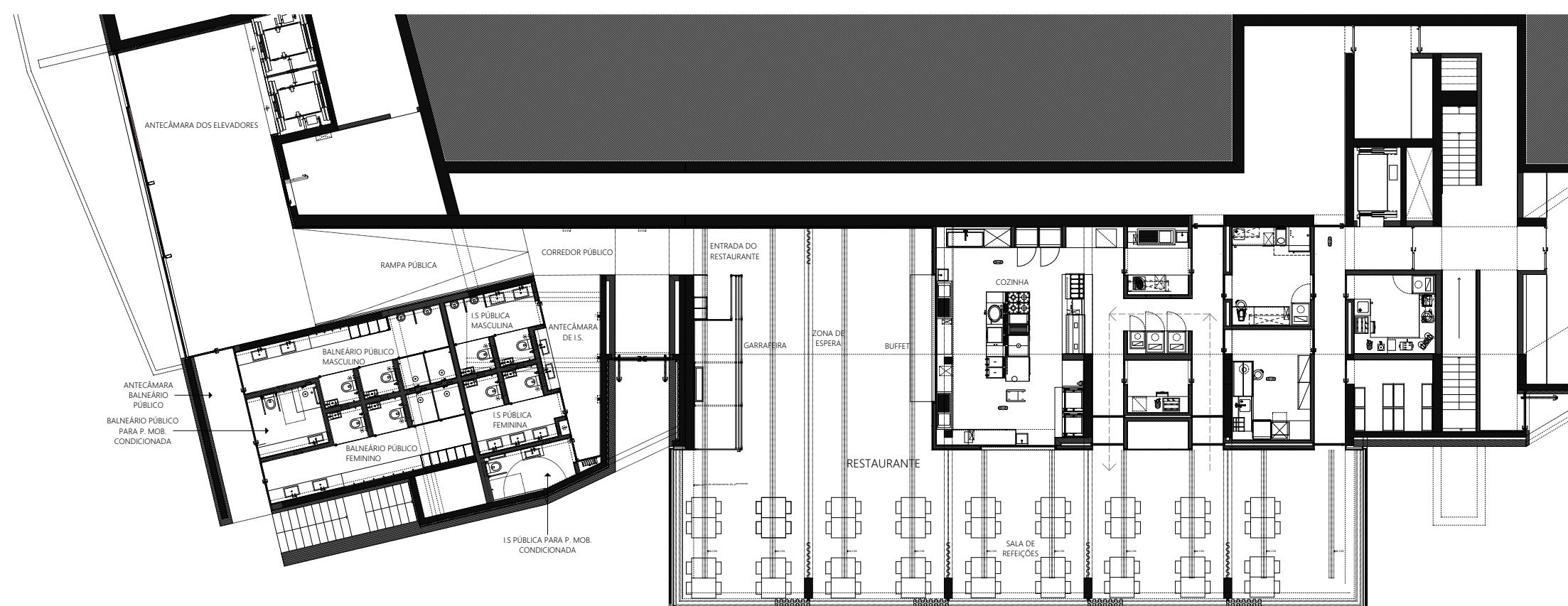
Relativamente ao Spa, no cimo do armário de fundo do balcão, encontra-se uma pequena abertura de insuflação que ventila o espaço de entrada e o ar é direccionado para o corredor. No fim deste espaço de distribuição, encontra-se uma porta de acesso restrito e no cimo desta está inserida um outro sanca de insuflação de ar. O ar proveniente destas entradas, direcciona-se para o meio do corredor do spa, onde está inserida uma grelha de extração de ar junto ao teto da entrada para o balneário de mobilidade reduzida.

Na piscina interior uma grelha longitudinal de insuflação de ar encontra-se escondida, entre a piscina e a fachada do volume. Já no lado oposto á fachada, que é constituído pelos vãos de vidro de tonalidade azul, encontra-se no teto outra grelha longitudinal de insuflação. O ar proveniente destas grelhas irá sair do espaço pela grelha de extração longitudinal que se encontra no chão encostada aos vidros azuis. No tepidário, tal como na piscina interior, encontra-se escondida uma grelha de insuflação junto á fachada.

Nos balneários feminino e masculino, estão inseridas nas zonas dos cacifos grelhas de insuflação. O ar é depois direccionado para as fendas de retorno que se encontram nas restantes zonas das instalações. No balneário de mobilidade reduzida, está inserida na sanca para iluminação uma fenda de extração.

Nas salas de aparelhos, de relaxamento e de tratamento, o sistema de circulação de ar é idêntico, havendo uma grelha de insuflação de ar numa sanca de iluminação junta a uma parede divisória e uma fenda de extração localizada na sanca de iluminação contraria. Nas cabines com duche e com os lavabos pertencentes às salas de tratamento 2 e 3, estão inseridas também grelhas de retorno.

Este sistema de circulação do ar existente faz com que o meio ambiente seja o mais agradável possível, estando sempre em concordância com a atmosfera da paisagem “colhida” em cada espaço.



Piso 2

Antecâmara dos elevadores e Instalações

Este espaço, que dá acesso dos elevadores às restantes áreas do piso 2, “colhe” a paisagem do rio Douro estando de frente para o monte do Sebolido. No seu lado oeste, tem-se o acesso para a piscina exterior, passando pelos balneários de apoio à piscina.

Estando de frente para a paisagem, se seguirmos pela esquerda tem-se o corredor que vai dar acesso às instalações sanitárias e ao restaurante do Hotel, estando presente uma rampa. Sendo que no primeiro espaço á direita, apos se ter subido a rampa do corredor, tem-se a antecâmara das casas de banho e no fim do corredor está a entrada do Restaurante.

Não esquecer que a meio da antecâmara dos sanitários e da entrada do restaurante está no corredor, para o lado direito, um acesso de emergência que é paralelo ao restaurante. Já o volume que contem os balneários e as instalações sanitárias é paralelo á antecâmara dos elevadores. A junção destes 2 alinhamentos irá originar a forma do corredor que liga e faz a distribuição dos espaços do piso, já descrito anteriormente.

De salientar que entre a antecâmara dos sanitários e a entrada do restaurante se encontra, no corredor e para o lado direito, um acesso de emergência que é paralelo ao restaurante.

Já o volume que contem os balneários e as instalações sanitárias é paralelo à antecâmara dos elevadores. A junção destes 2 alinhamentos irá originar a forma do corredor que liga e faz a distribuição dos espaços do piso, já descrito anteriormente.

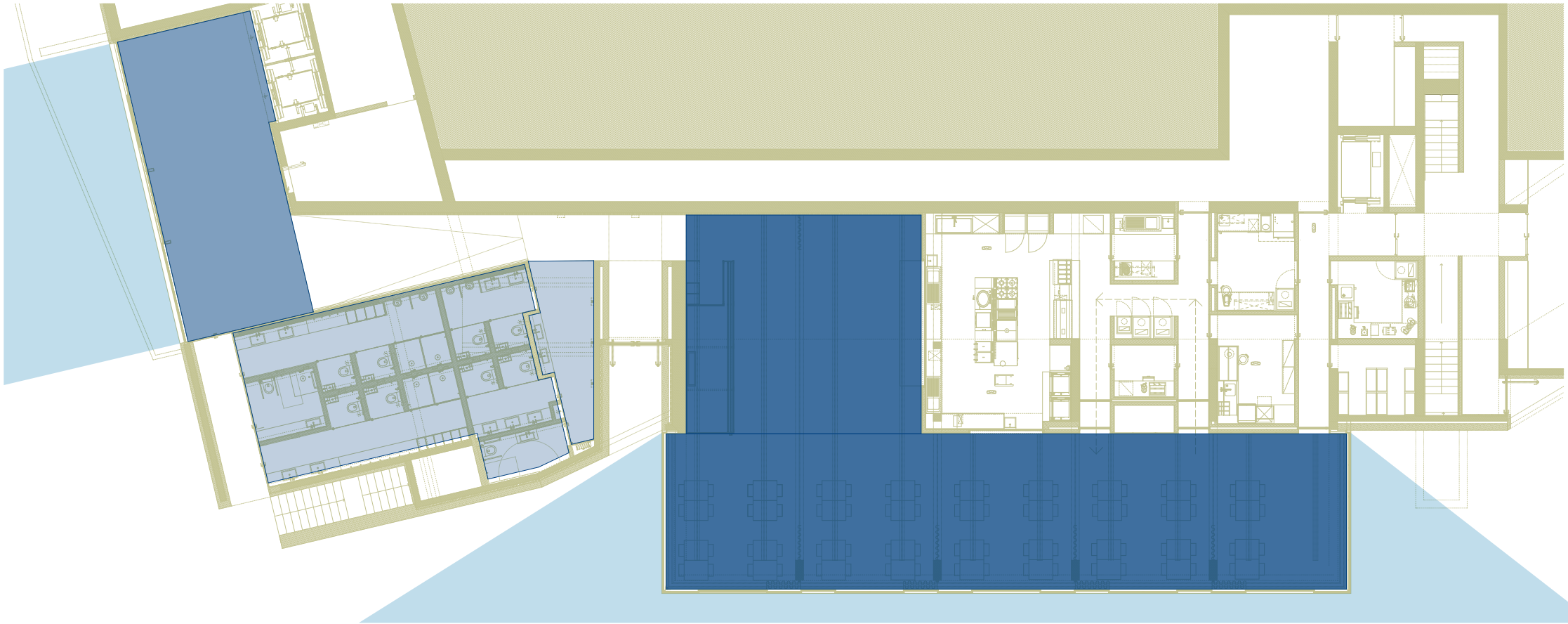
O Restaurante

O Restaurante é constituído por um espaço de entrada, por uma garrafeira, por uma zona de buffet, pela cozinha e pela zona de refeições. Seguindo o corredor que começa na antecâmara dos elevadores, encontramos a entrada do restaurante que está localizada junto à parede limite, próxima do terreno da encosta.

Ao lado da entrada do restaurante está a garrafeira envidraçada voltada de frente para o espaço de buffet. A zona de refeições, que é o espaço mais importante, tem os seus lados envidraçados a “colher” a paisagem, permitindo ainda o acesso direto à esplanada no exterior.

A cozinha está encostada na parede limite e encontra-se alinhada com o espaço do buffet e com a garrafeira, tendo as portas de serviço viradas de frente para o espaço de refeições.

A zona de refeições, que é o espaço mais importante, tem os seus lados envidraçados a “colher” a paisagem Rio Douro a poente, permitindo ainda o acesso direto à esplanada no exterior.



A Regra enquanto geradora da Forma – relação entre medidas

Para compreendermos a arquitetura presente nos espaços deste piso, convém primeiro perceber a ordem hierárquica existente entre os espaços. Começando pelo topo, o Restaurante é indubitavelmente o espaço mais importante deste piso, visto que é uma área cuja função é essencial no programa do Hotel.

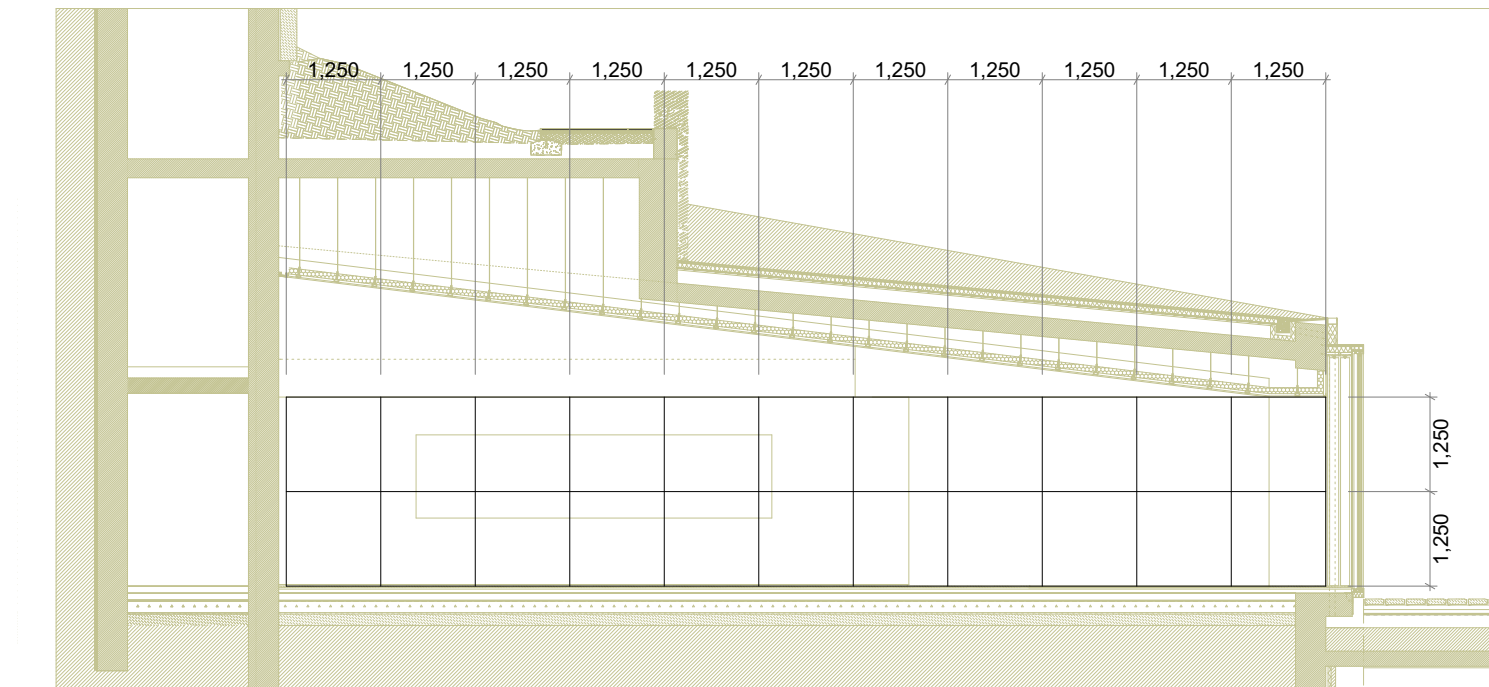
O segundo espaço mais importante é a antecâmara dos elevadores, visto que é o espaço de distribuição deste piso, fazendo também o acesso aos restantes pisos do hotel. Essa função faz desta área um espaço essencial de ligação, mas não um espaço essencial com uma determinada função inserida no espaço em si, como acontece com o Restaurante. Desta forma, sendo mais um espaço de espera (pelo elevador) e de passagem, a antecâmara acaba por ter uma relevância menor em relação ao Restaurante.

Os balneários e as instalações sanitárias estão no terceiro patamar hierárquico. Têm menor importância uma vez que são espaços de apoio aos restantes. Os balneários dão apoio à piscina exterior, enquanto que as instalações sanitárias dão apoio ao Restaurante.

Por fim temos o corredor que une e interliga todos os espaços, sendo assim um elemento de ligação que apresenta uma forma irregular resultante dos espaços já referenciados. Não deixa de ser fundamental, mas como o próprio nome diz, é importante que a sua forma não seja tão relevante e prioritária como os restantes espaços.

Adicionalmente, dado que os espaços deste piso beneficiam/necessitam de ter proximidade com a piscina exterior, pois é o elemento arquitetónico exterior mais importante do hotel, foi decidido que estes deveriam estar posicionados no noroeste da encosta, a “olhar” para o rio Douro a poente, sem perder a paisagem a norte.

Percebendo esta ordem hierárquica e o posicionamento do piso em análise é necessário incutir a regra nos espaços mais importantes, que neste caso são a Antecâmara dos Elevadores e o Restaurante.



Plantas e Corte do Restaurante
Escala 1:100
Estudos da Forma do Espaço



A Regra no Restaurante

O Restaurante tem a sua zona de refeições em contacto com a paisagem através de 3 lados, sendo que o lado maior que corresponde à fachada longitudinal e que engloba grande parte do campo visual da paisagem, é o ponto de partida para a conceção do espaço do restaurante a partir da regra.

É partir da fachada que se pode ver a métrica estabelecida pelo módulo, que tem 1254x1250x1250 mm (largura, profundidade, altura). A partir deste módulo concebeu-se a volumetria geral do Restaurante resultando uma relação de medidas entre a largura, profundidade e altura de 20x11x2. Esta relação é a mais importante, mas não chega para definir a forma exata de cada espaço que compõe o restaurante.

Ao contrário da zona de refeições, a área constituída pela entrada, garrafeira e a zona de buffet não tem nenhum dos seus lados a dar para o exterior, recebendo somente luz natural proveniente do espaço de refeições. Ou seja, o módulo que concebe a métrica geral ao estar mais acentuada na fachada, perde força na área em análise. Seria necessário um módulo secundário para definir de forma mais concreta o espaço. Daí surgiu o módulo de largura 1710mm e profundidade 1600mm (este último não é um valor certo) que cria uma relação de 5x5 entre largura e profundidade. Este módulo é retratado nos vãos de vidro que compõem o espaço da garrafeira do Restaurante.

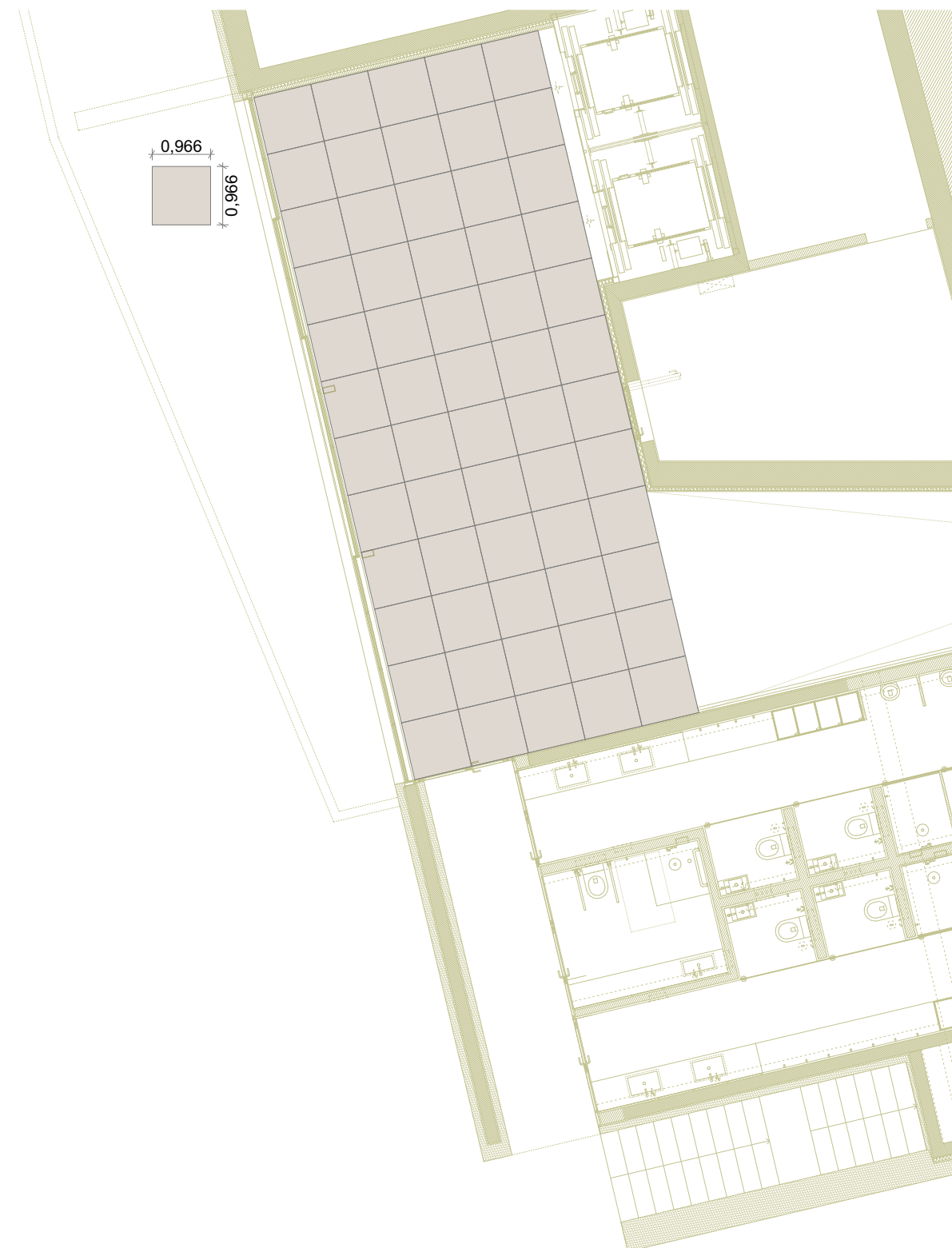
Os espaços que compõem a cozinha não têm relações de medidas correlacionados com a grelha do módulo principal, visto que o seu programa tem vários espaços com determinados parâmetros aos quais tem de cumprir, para que este funcione de forma perfeita.

No entanto as faces pertencentes à cozinha tentam ter uma relação de alinhamentos com os restantes espaços do restaurante. No caso do lado virado para o espaço da entrada e do buffet, o vão que está ao centro está alinhado aproximadamente com os 3 módulos centrais do espaço. Já a fachada da cozinha, que está virada para o espaço de refeições, tem um vão alinhado com dois módulos e tem três portas de serviço que ligam a cozinha ao restaurante e que correspondem cada uma a um módulo.

Ou seja, sendo a cozinha um espaço privado e de acesso restrito, não é fundamental nem lógico que os espaços interiores que a constituem tenham uma relação direta com o restaurante.

Já o espaço principal do Restaurante, a zona de refeições, mantém os módulos que estruturam o volume geral do restaurante na fachada principal. No entanto, o módulo é modificado através das fachadas laterais de vidro, diminuindo a profundidade deste para 1153mm (sem contar com a espessura da caixilharia). Para além do módulo conceber a forma do espaço, também concebe a grelha da estrutura do restaurante composta pelos pilares e pelas vigas de betão, dividindo desta forma o espaço de refeições em cinco secções modulares de 4:5 (sendo que 1 unidade tem 1254 por 1153 mm). Ao ter esta métrica modular, o espaço de refeições acaba por ser um espaço concebido para os hóspedes apreciarem, juntamente com a refeição, a atmosfera “colhida” da paisagem a poente.

Plantas da Antecâmara dos Elevadores
| Escala 1:100
| Estudos da Forma do Espaço



A Regra na Antecâmara

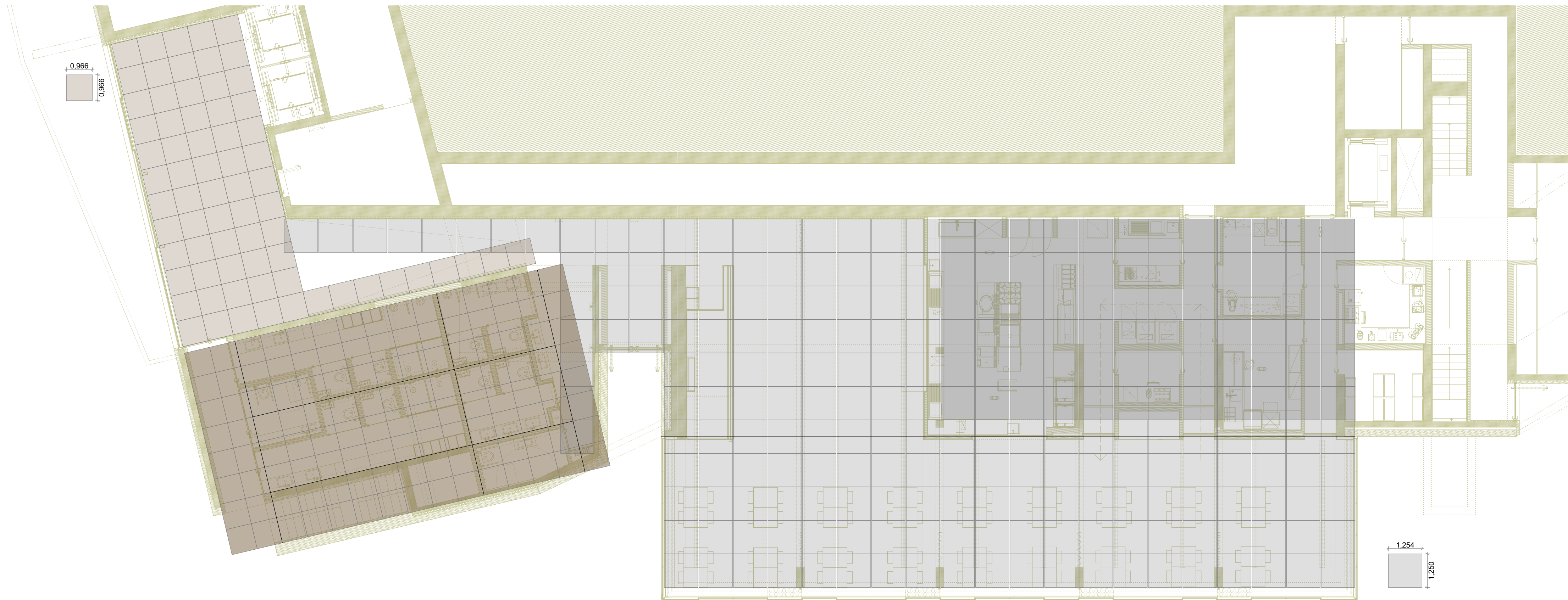
A Antecâmara está inevitavelmente junta aos elevadores que são os elementos que conectam os pisos. Estando os elevadores de frente para o rio, a norte, este espaço terá essa mesma orientação “colhendo” assim esse campo visual. Como este espaço está orientado a norte, os restantes espaços estarão mais posicionados a oeste. Tendo assim a necessidade de ter no lado oeste o acesso aos balneários e consecutivamente á piscina exterior. Por isso a Antecâmara é o único espaço do piso 2 que está pensado para “colher” somente a paisagem do rio Douro a norte.

É importante salientar também que o campo visual será mais absorvido através do volume dos quartos no piso acima, que ao estar balançado para a paisagem, irá retirar força e relevância à atmosfera que a antecâmara “colhe”. E isso faz sentido, porque a importância deste espaço como já foi dito anteriormente está um patamar abaixo em relação aos espaços de maior relevância no programa. Espaços como o restaurante ou os volumes dos quartos serão sempre prioritários em relação a este.

As características deste espaço já estão definidas, falta agora conceber a forma ideal. Definiu-se então um módulo de 966:966:900mm (comprimento: largura: altura) que irá definir a forma deste espaço. E chegou-se a uma relação entre medidas exata de 12:5:3 (largura: profundidade: altura) sendo que uma unidade corresponde ao módulo.

As medidas dos módulos destacam-se nos 12 vãos que compõem o pano de vidro da fachada. Mas os vãos não são iguais. Os 4 primeiros que estão de frente para os elevadores têm cada um, a partir dos limites do caixilho, 972mm; os 4 vãos que estão a meio e virados para a porta que dá acesso a uma arrecadação de serviço aos elevadores têm cada 896mm; e os últimos 4 que estão de frente para o corredor têm cada um 913mm.

Estas medidas não alteram muito a grelha composta pelos módulos que definem a volumetria do espaço. Porém criam de certo modo uma tripartição do espaço consoante a importância de cada setor. A medida mais pequena (896 mm) corresponde a um sector de menor relevância, ao passo que os setores que correspondem aos elevadores (972 mm) e ao corredor de acesso ao restaurante (913), têm vãos ligeiramente maiores acentuando assim a importância desses setores através do aumento do campo visual de cada um. Quem estiver dentro do espaço pode não perceber essa diferença, mas sente-a através da atmosfera da paisagem colhida. A tripartição do espaço só é visualmente destacada através dos pilares que dividem a fachada em três.



A Regra nos restantes Espaços

Estando as principais zonas do piso definidas, faltava agora definir a forma dos restantes espaços secundários como os balneários, instalações sanitárias e o corredor que liga todos os espaços.

Sendo o volume dos sanitários e dos balneários paralelo e perpendicular à antecâmara, faz com que o módulo de 966:966 mm (comprimento: largura), que definiu o espaço que dá acesso aos elevadores, seja igualmente útil para definir a forma deste volume.

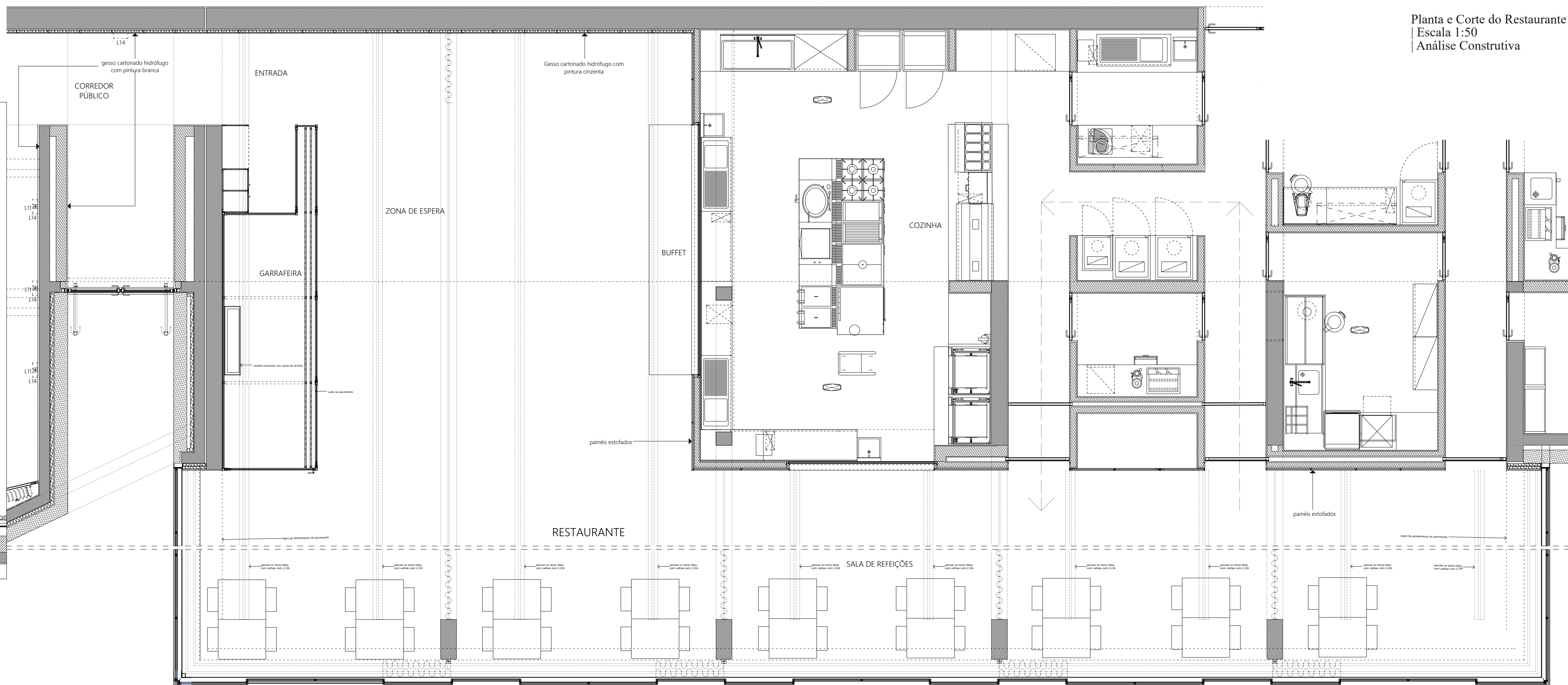
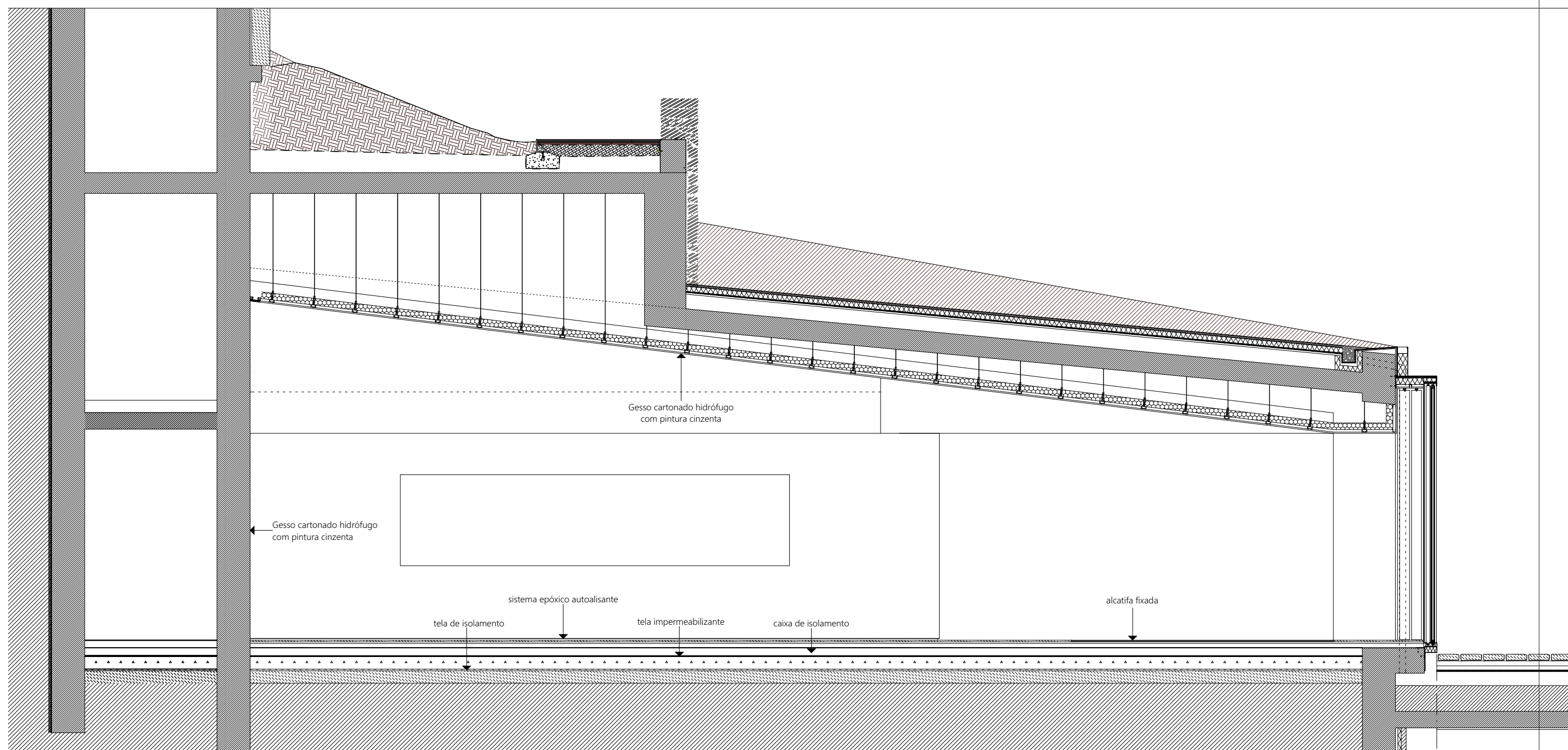
O volume acaba por ter uma relação geral de 15:8 (ao contar com os espaços de acesso aos balneários e às instalações sanitárias e com as escadas exteriores que dão acesso ao patamar superior). Mas se contarmos somente com os módulos que organizam os balneários e as instalações sanitárias (sem contar com a instalação de mobilidade condicionada) tem-se uma relação de 12:6. Em cada conjunto de 12 módulos de comprimento 8 pertencem aos balneários, que têm acesso ao corredor com relação 2:6. Este corredor faz a ligação da antecâmara dos elevadores com a piscina exterior.

Os outros 4 módulos do comprimento fazem parte das instalações sanitárias que tem acesso à sua antecâmara; e que tem ligação direta com o corredor de distribuição. A instalação de mobilidade condicionada está alinhada com os módulos que compõem a escadaria em xisto exterior, tendo uma relação de medida de 2:4.

No caso do acesso de emergência, como este está paralelo ao volume do restaurante, será concebido pelo módulo de 1254:1250mm tendo uma relação de medida de 4:2.

O corredor que liga todos os espaços foi concebido a partir dos alinhamentos de ambos os espaços principais, estando ambos os módulos a conceber a sua forma. No caso do módulo do restaurante, a parede que está mais encostada ao terreno e que vem do restaurante perfaz o comprimento máximo do corredor que corresponde a 11 módulos de 1254:1250mm. Já o módulo da antecâmara, a parede que separa a antecâmara dos Elevadores e os balneários e que vai até ao fim da rampa inicial do corredor tem um comprimento, desde o início da rampa, correspondente a 9 módulos de 966:966mm.

Percebendo a modulação dá para concluir que o módulo maior vem do espaço mais importante e que perfaz o corredor todo. De facto, esta lógica dá a entender que os espaços mais secundários são feitos por norma a partir da regra existente nos espaços principais. Havendo no caso do corredor, uma maior imposição do módulo do restaurante do que o módulo da antecâmara, visto que o restaurante é um espaço mais importante do que a antecâmara dos elevadores.



Planta e Corte do Restaurante

| Escala 1:50

| Análise Construtiva

|O Detalhe

- Construção

Restaurante

Estrutura

O restaurante é definido por uma estrutura de vigas e pilares de betão dividindo nomeadamente a sala de refeições em 5 assim como a fachada principal de vidro. Junto à intersecção dos eixos das vigas e dos pilares estão anexadas cortinas de forma a dar possibilidade de dividir o espaço das refeições. As próprias vigas também dividem o teto do restaurante em 5 vãos.

Paredes

A parede de fundo do restaurante e que perfaz o corredor, tem como elemento estruturante uma parede de betão com 400mm de espessura e de seguida tem fixado um sistema ETICS com isolamento térmico de 40mm, sendo por fim revestido a gesso cartonado hidrófugo com pintura cinzenta.

Já as paredes que separam a zona do restaurante da cozinha, tem como material estruturante tijolo com 90mm de espessura e são revestidas com painéis estofados.

A parede onde está fixada a estrutura de vidro que compõe a garrafeira do restaurante tem uma estrutura de betão em parede dupla sendo que uma tem 200mm de espessura e a outra tem 300mm. No outro lado, onde se encontra a saída de emergência, está anexada uma outra parede, sendo esta de tijolo com 200mm de espessura. Esta parede tem uma caixa de ar com 165mm de largura, sendo por fim revestida com gesso cartonado hidrófugo com pintura branca.

A fachada principal é composta por 20 vãos de vidro com 1254mm de largura enquanto que as laterais são compostas cada uma por 5 vãos de vidro com 1153mm de largura.

Chão

O chão é constituído primeiramente por uma camada de pedra com 150mm de espessura e de seguida por uma tela de isolamento, uma camada de massame de betão com 150mm, por uma tela impermeabilizante, caixa de isolamento com 90mm e betonilha armada. Por fim, na zona de refeições é revestido com alcatifa fixada, enquanto que no restante chão do restaurante está presente um revestimento em sistema epoxy.

Teto

O Teto é falso e inclinado, sendo revestido com gesso cartonado e/ou hidrófugo com pintura. Tem ainda isolamento acústico de 80mm havendo sancas para iluminação a meio de cada secção do teto, que são delineadas pelas vigas de betão.

Antecâmara do elevador

Paredes

A parede à direita dos elevadores é composta por betão de 300mm de espessura. A seguir é fixada uma camada de isolamento térmico com 40mm e tijolo de 60mm. Por fim o revestimento é gesso cartonado hidrófugo com pintura branca.

A parede de fundo que intersesta a parede do corredor que vai dar ao restaurante, é composta por uma parede de betão tendo anexado de seguida o sistema ETICS com 60mm de isolamento térmico, mais o revestimento de gesso cartonado hidrófugo com pintura branca.

A parede que separa a antecâmara dos balneários tem estrutura de betão com 200mm levando de seguida somente o revestimento existente nas outras paredes.

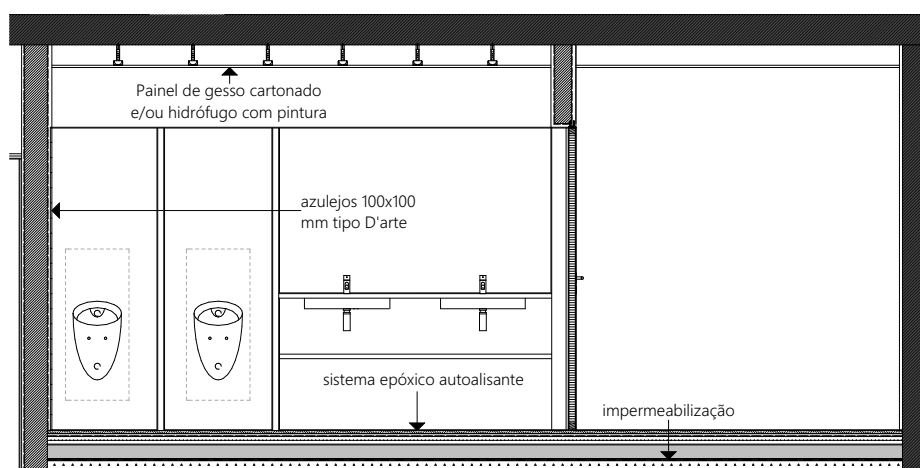
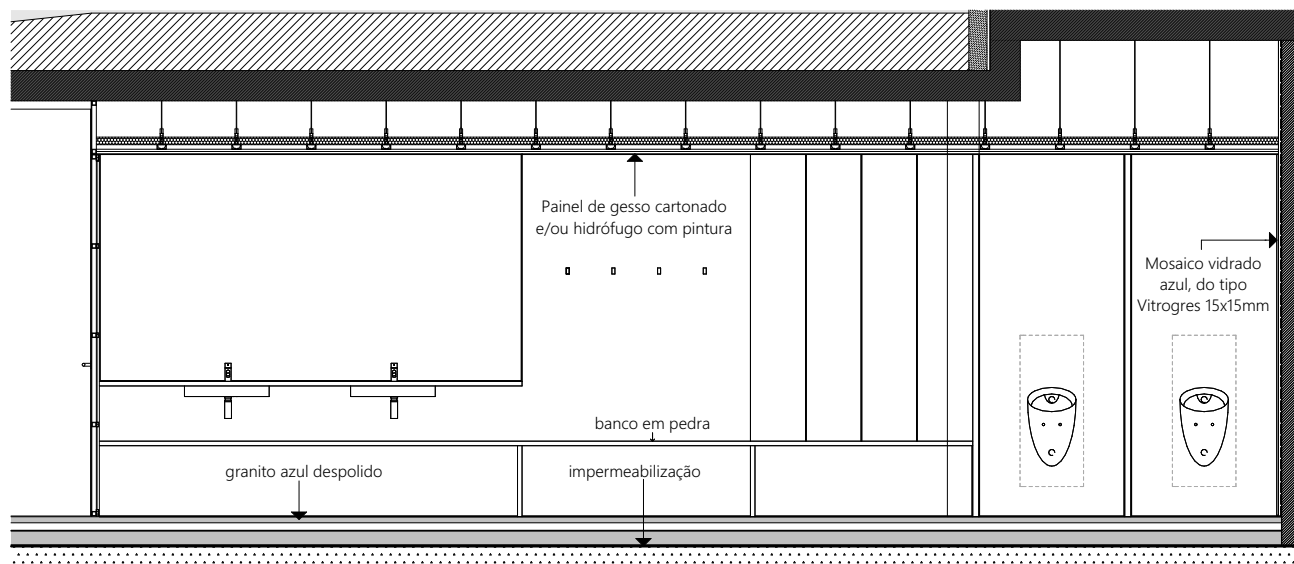
Chão

O chão é constituído por uma laje de betão com 200mm de espessura, por uma caixa de ar de 50mm, isolamento térmico de 40mm e betonilha armada de 50 mm, tendo por fim o revestimento em sistema epoxy.

Teto

O teto é falso e tem isolamento acústico de 50mm. O revestimento é gesso cartonado e/ou hidrófugo com pintura.

Cortes das Instalações Balneares e Sanitárias
| Escala 1:50
| Análise Construtiva



Instalações sanitárias e balneares

Paredes

As paredes interiores têm estrutura em tijolo com espessuras de 150mm e de 110mm. Relativamente às paredes que delineiam o volume da casa de banho estas têm estrutura em betão e em tijolo, ambas com 200 mm de espessura.

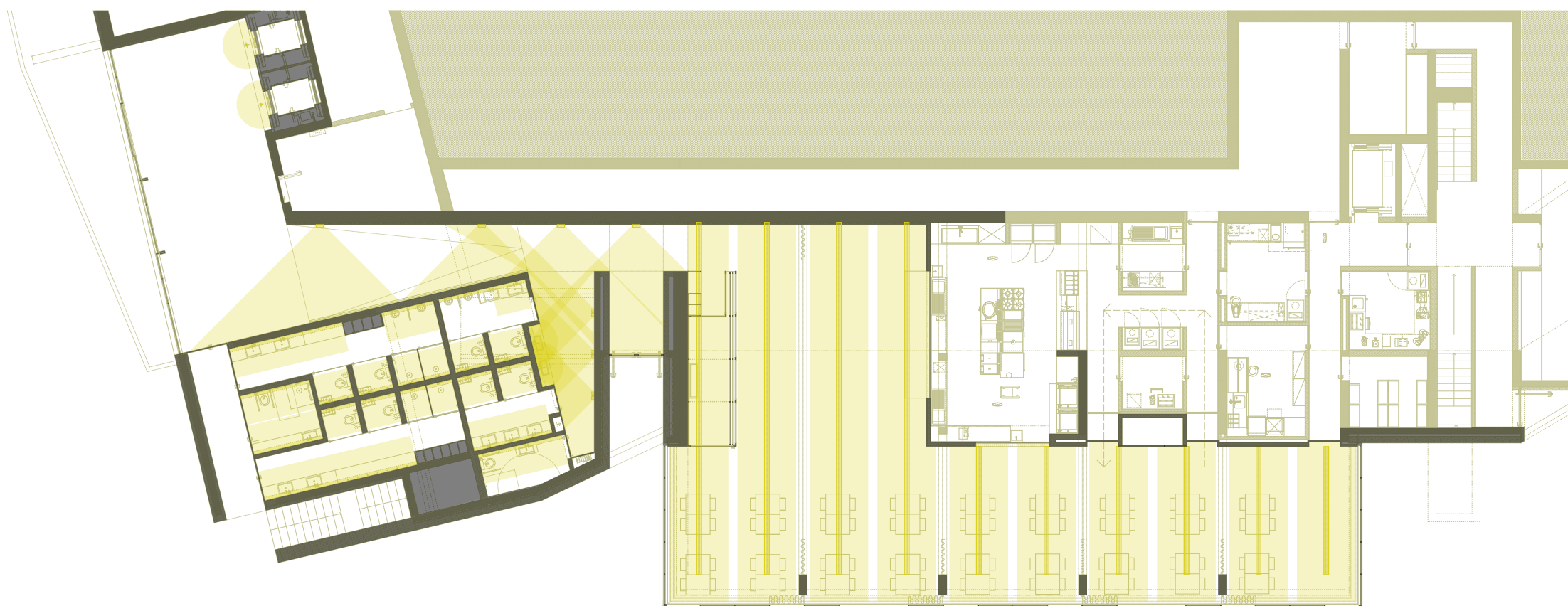
Nas instalações balneares é utilizado como revestimento das paredes mosaico vidrado azul, do tipo Vitrogres 15x15mm, enquanto que nas instalações sanitárias as paredes são preenchidas com azulejos 100x100 mm tipo D'arte.

Chão

As bases dos chãos de ambas as instalações são constituídas por uma camada de massame com 150mm, impermeabilização, enchimento de 90mm e betonilha armada com 50mm de espessura. Nas instalações balneares o pavimento utilizado é granito azul despolido a jato de areia ou bujardado, enquanto que nas instalações sanitárias o sistema epoxy que está no corredor de distribuição é novamente utilizado.

Teto

Tanto as instalações sanitárias como as balneares têm teto falso em painel de gesso cartonado e/ou hidrófugo com pintura. Por cima do teto falso dos balneários está fixada uma camada de isolamento acústico com 50mm de espessura.



Luz

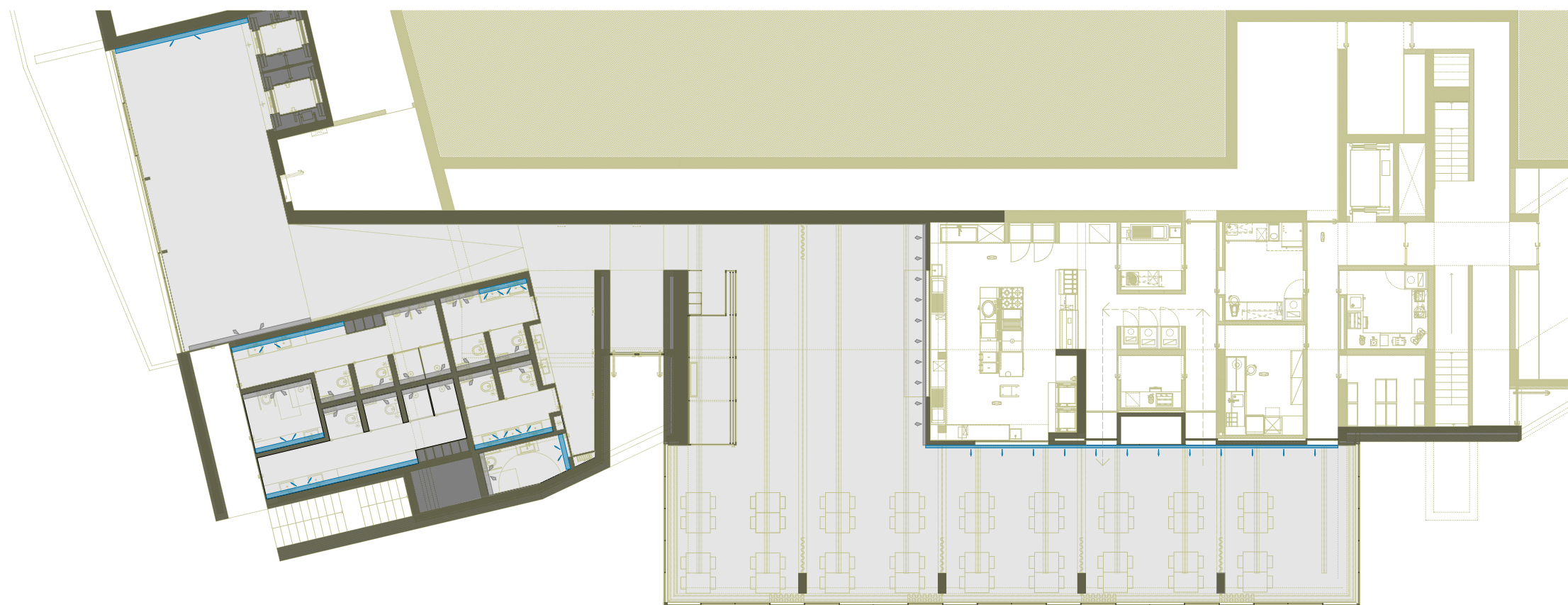
A antecâmara dos elevadores do piso 2 é somente iluminada por dois focos luminosos de intensidade mínima que estão fixados no teto e iluminam apenas a zona de entrada para os elevadores. Ou seja, acaba por não ser um espaço tão bem iluminado apesar de a luz se propagar visto que para além de ser um espaço de transição, a luz natural proveniente da fachada que “colhe” a paisagem deve ter mais relevância, de forma a que a atmosfera proveniente da envolvente do hotel seja mais valorizada no espaço.

O corredor, que liga todos os espaços interiores públicos do piso, é iluminado por quatro focos que estão inseridos na parede de fundo. Estas luzes, estando posicionadas na parede a uma cota bastante alta, propagam-se para a própria parede e para o teto, iluminando cada secção do corredor. Nomeadamente duas luzes iluminam a rampa inicial, uma ilumina a secção da antecâmara das instalações sanitárias e a última ilumina a secção da saída de emergência que dá para o exterior.

Tal como o corredor, a antecâmara das instalações é iluminada de forma idêntica existindo 3 focos que iluminam de forma indireta cada setor do espaço.

As instalações sanitárias e as instalações balneares são iluminadas através de luzes que estão escondidas em sancas e a luz propaga-se para as paredes correspondentes. Todos os compartimentos existentes nas instalações são iluminados da mesma forma.

Por fim temos o restaurante que é iluminado através de focos luminosos de luz direta, que estão inseridos em sancas com calhas e que se encontram situadas no teto inclinado do restaurante. Para cada secção do teto, que é dividido pelas vigas de betão estruturantes, existem duas sancas transversais que iluminam todo espaço que envolve esse mesmo sector. Desta forma, sendo o teto inclinado e bastante alto, a iluminação proveniente das sancas consegue iluminar o restaurante sem se sobrepor à luz natural proveniente da paisagem “colhida” pelas fachadas de vidro do restaurante.



Circulação de Ar

No teto da antecâmara dos elevadores, encontra-se ao longo do lado direito dos elevadores uma grelha de insuflação de ar que ventila a antecâmara. Já no outro lado do teto, no acesso ao exterior, encontra-se a fenda de extração de ar, fazendo com que o ar circule de forma longitudinal neste espaço.

Nas instalações sanitárias e balneares, as grelhas de insuflação estão localizadas nas zonas onde estão os lavabos de cada instalação, enquanto que as fendas de extração se encontram localizadas nos outros compartimentos das instalações nomeadamente nas secções onde estão as sanitas e as cabines. As grelhas de insuflação e as fendas de retorno estão geralmente escondidas nas sancas, onde estão também contidas as iluminações das instalações, exceto o caso da instalação sanitária para mobilidade condicionada cuja insuflação e retorno estão nos lados perpendiculares à sanca de iluminação.

No restaurante, a grelha de insuflação encontra-se no cimo da parede longitudinal da cozinha, dispersando assim o ar de forma direta para a zona de refeições que é a área principal do restaurante. O ar vai de seguida para o espaço de entrada e do buffet e sai pela fenda de extração situada no cimo da parede transversal da cozinha.

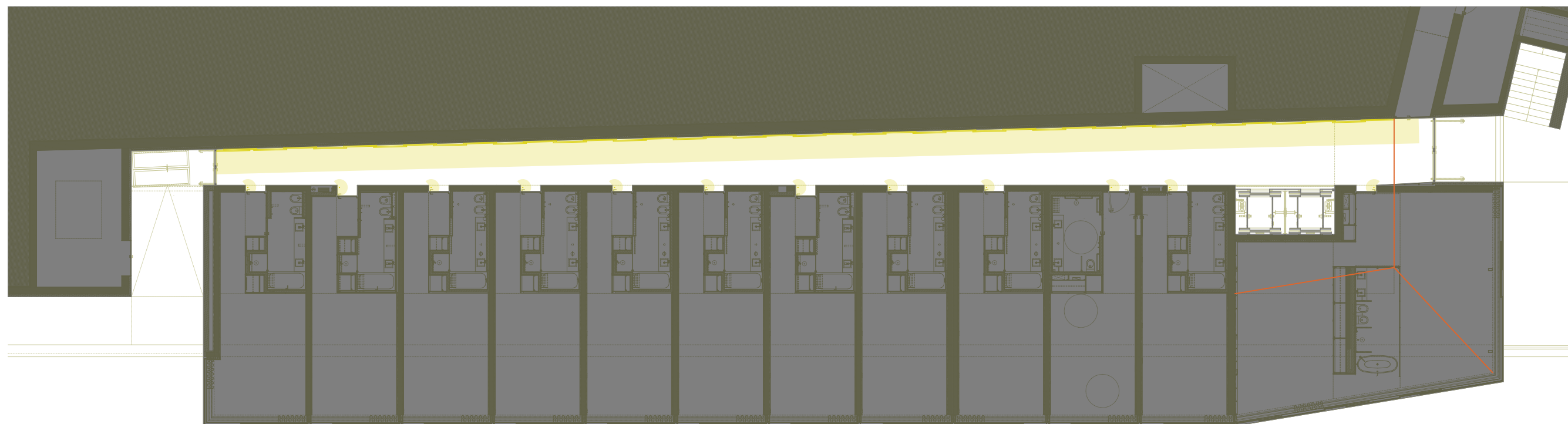
Por fim, o corredor de distribuição e a antecâmara das instalações sanitárias, como são espaços de circulação e com menor relevância, não possuem entradas nem saídas de ar.

Pisos dos Quartos – Corredores

O piso 3 e o piso 4, correspondem aos volumes balançados onde estão inseridos os quartos e suites do hotel. Conforme a regra, os corredores de acesso aos quartos estão localizados no lado do volume mais encastrado do terreno, acabando por não receber muita luz natural, com exceção do corredor do piso 4 que se encontra virado a norte, que recebe luz natural através de um pátio ajardinado. Nesse mesmo piso, o hall dos elevadores e a zona de estar, também recebem luz natural ao estarem voltados para poente. Assim verificamos que são os quartos que usufruem de forma plena da fachada, de forma a “colherem” a paisagem. E sendo assim é a partir dos quartos que a métrica principal irá gerar a forma dos volumes consoante o seu local, o que faz com que os corredores de acesso a eles passem para segundo plano.

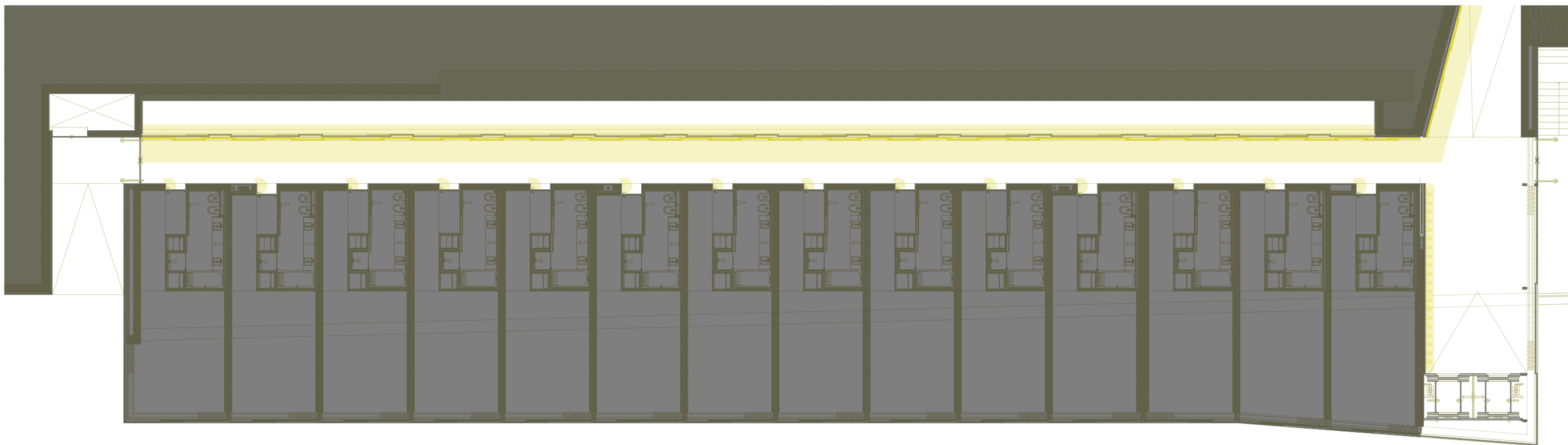
Em relação á construção, de forma a dar mais conforto, o chão é em alcatifa cinzenta e as paredes onde estão as entradas dos quartos são revestidas com painéis estofados a tecido. O teto é falso e é revestido com gesso cartonado.

No que toca á iluminação elétrica, cada corredor é iluminado por uma sanca de luz que está no lado do teto junta á parede de fundo. Desta forma, a luz propaga-se pelas paredes e pelo chão e cria um ambiente mais confortável. Cada quarto tem o seu número indicado na padieira do vão que está orientado de frente para os elevadores e é iluminado por uma luz de baixa intensidade. Desta forma, os hóspedes que procuram o seu quarto, conseguem identifica-lo mais facilmente.

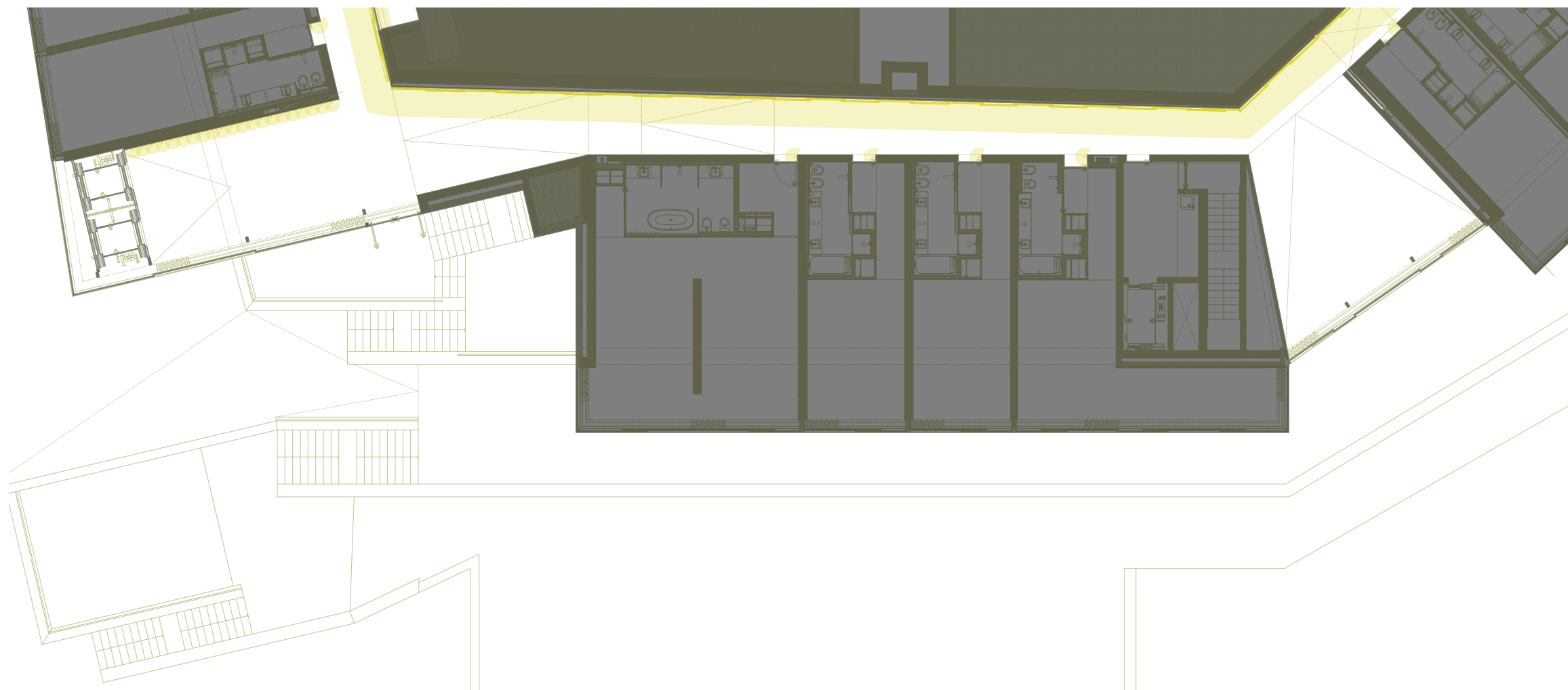


Quarto King de Quarto King
Mobilidade Reduzida Comunicante
Comunicante

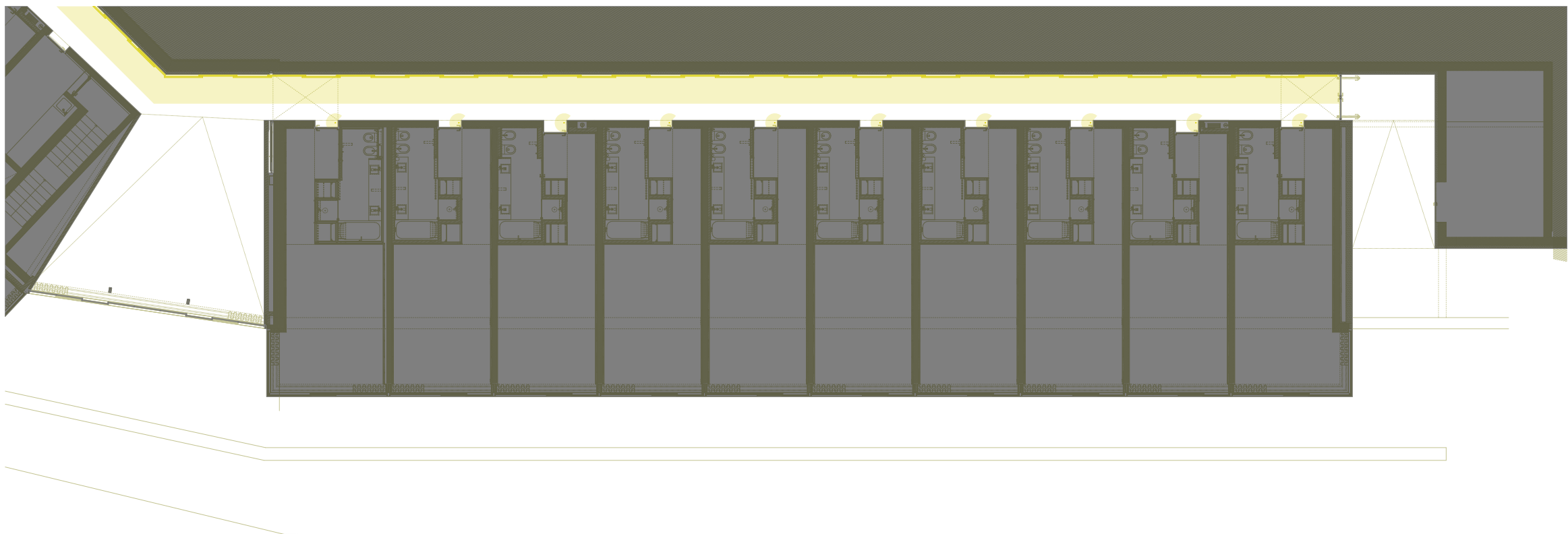
Corredor dos Quartos do Piso 3 | Escala 1:200 | Análise da Iluminação



Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Norte | Escala 1:200 | Análise da Iluminação

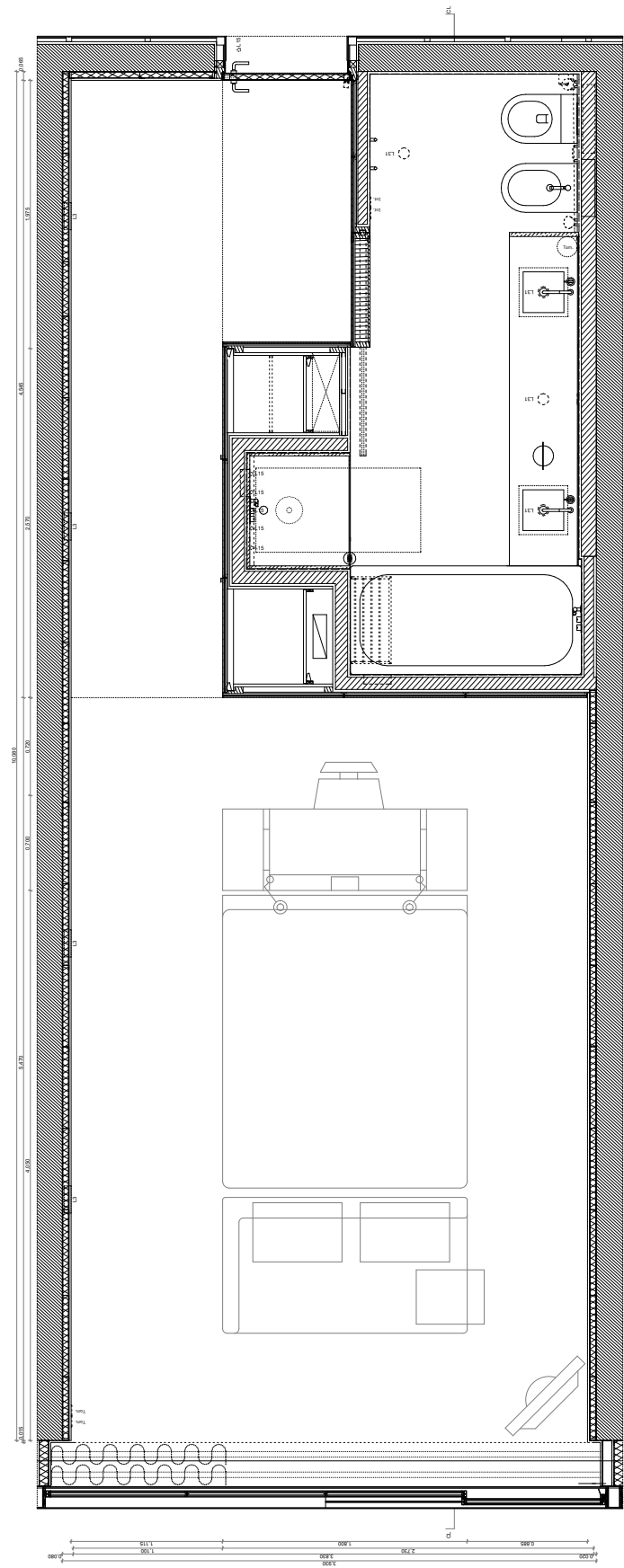


Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Noroeste | Escala 1:200 | Análise da Iluminação



Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Oeste | Escala 1:200 | Análise da Iluminação

Planta Quarto King
| Escala 1:50

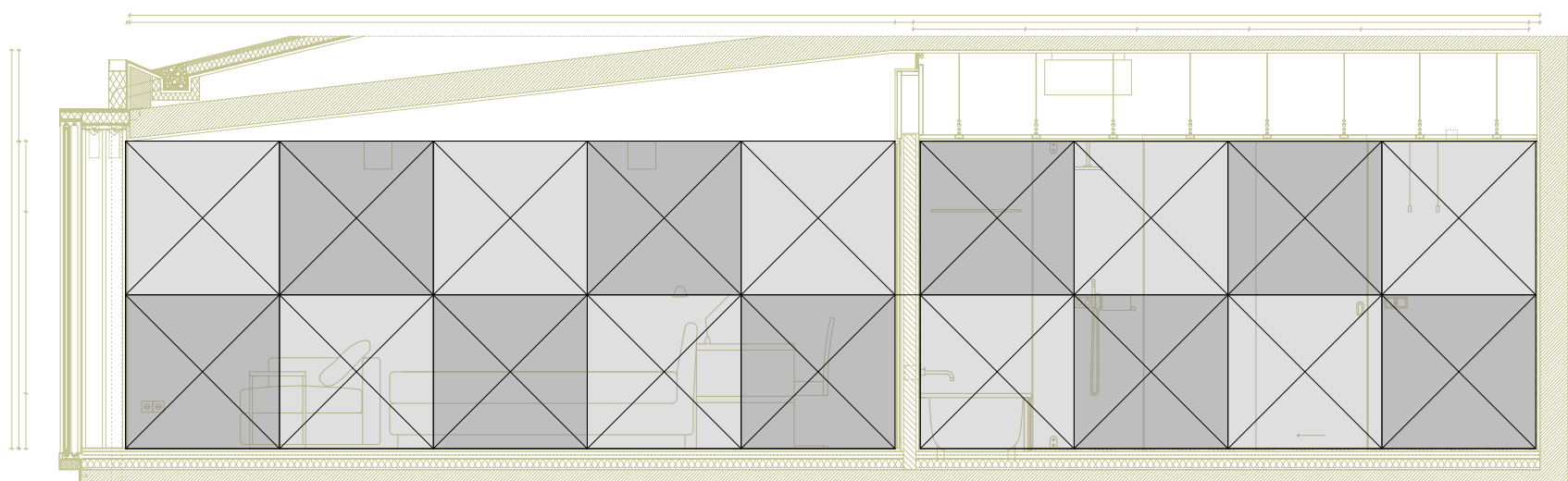


Quarto King

Este é o tipo de quarto que existe em maior número no hotel, contendo depois algumas variações conforme o que o programa e a arquitetura do hotel impõe (Quarto King Comunicante e Quarto King de Mobilidade Reduzida Comunicante). É constituído por uma antecâmara, por uma casa de banho e pela área do quarto.

A antecâmara corresponde ao espaço de entrada e apresenta uma porta de correr que dá acesso à casa de banho (esta pode localizar-se à direita ou à esquerda uma vez que alguns os quartos são simétricos entre si). No lado oposto a esta porta está o corredor com o armário que dá acesso ao quarto. Este tem uma secretaria, a cama e o sofá virados de frente para a paisagem que a fachada de vidro “colhe”.

Corte Longitudinal Quarto King
| Escala 1:50
| Estudo das Formas dos Espaços



| A Regra enquanto geradora da Forma – relação entre medidas

Tal como anteriormente referido, os espaços interiores devem ser concebidos de fora para dentro com o intuito de “colherem” a atmosfera da paisagem. Em relação aos quartos esse processo acontece de forma prioritária.

No caso do Quarto King pode ver-se no seu corte que existe uma relação de 2:5 entre a altura menor do quarto, que corresponde ao pé-direito do vão da fachada, e o comprimento do quarto, respetivamente. No mesmo corte, pode-se ainda averiguar que existe uma relação de 2:4 na casa de banho, com o mesmo módulo utilizado (quadrado de lado 1100mm) já que o pé-direito deste espaço é igual ao da fachada (2200 mm).

Esta relação entre proporções não é linear, uma vez que quando questionei o Arquiteto da Obra, João Pedro Serôdio, sobre as experiências que fez de relações entre medidas, referiu-me ter concluído que grande parte das vezes é impossível fazer com que o comprimento, a largura e a altura de um determinado espaço estejam relacionados proporcionalmente de forma a que o espaço em si funcione.

E por isso tem que reduzir ou aumentar alguns centímetros a um determinado lado ou sobrepor uma outra relação de forma a que o espaço funcione. Estas proporções por vezes acontecem sem haver uma intenção. Ou seja, como já se verificou que há uma relação entre a altura e o comprimento do quarto, a largura não tem uma relação com estas mesmas. No entanto, de forma não propositada surgem outras relações que de certa forma conectam os espaços e as medidas do quarto de forma racional e funcional.

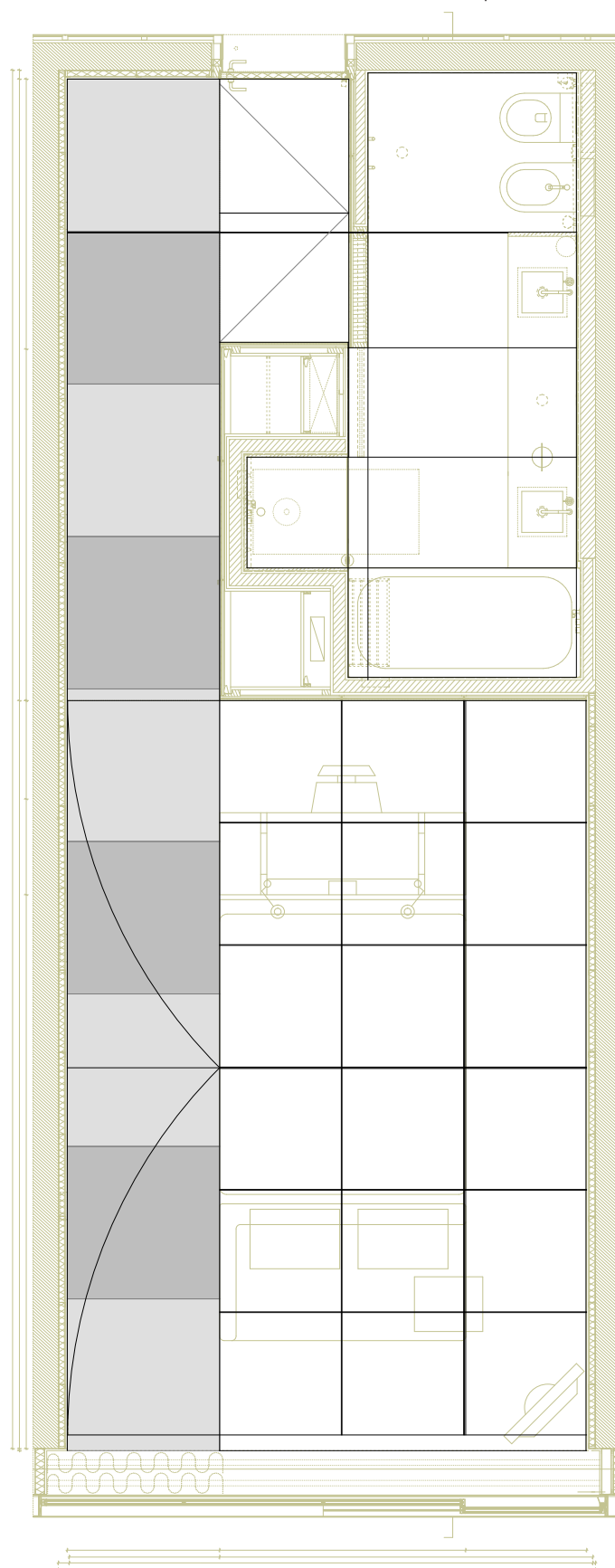
Vendo em planta a largura do corredor que dá acesso ao espaço do quarto esta corresponde a metade do vão, aproximadamente (1100 mm) e desta forma a um nono do comprimento total do quarto, relacionando-se com a largura do espaço do quarto através de uma raiz quadrada de 2.

A casa de banho tem as zonas distribuídas de forma intencional através da divisão do seu próprio comprimento. O bidé e a sanita estão num espaço que corresponde a 1200 mm de comprimento, enquanto que os restantes espaços estão ordenados por secções de 800 mm.

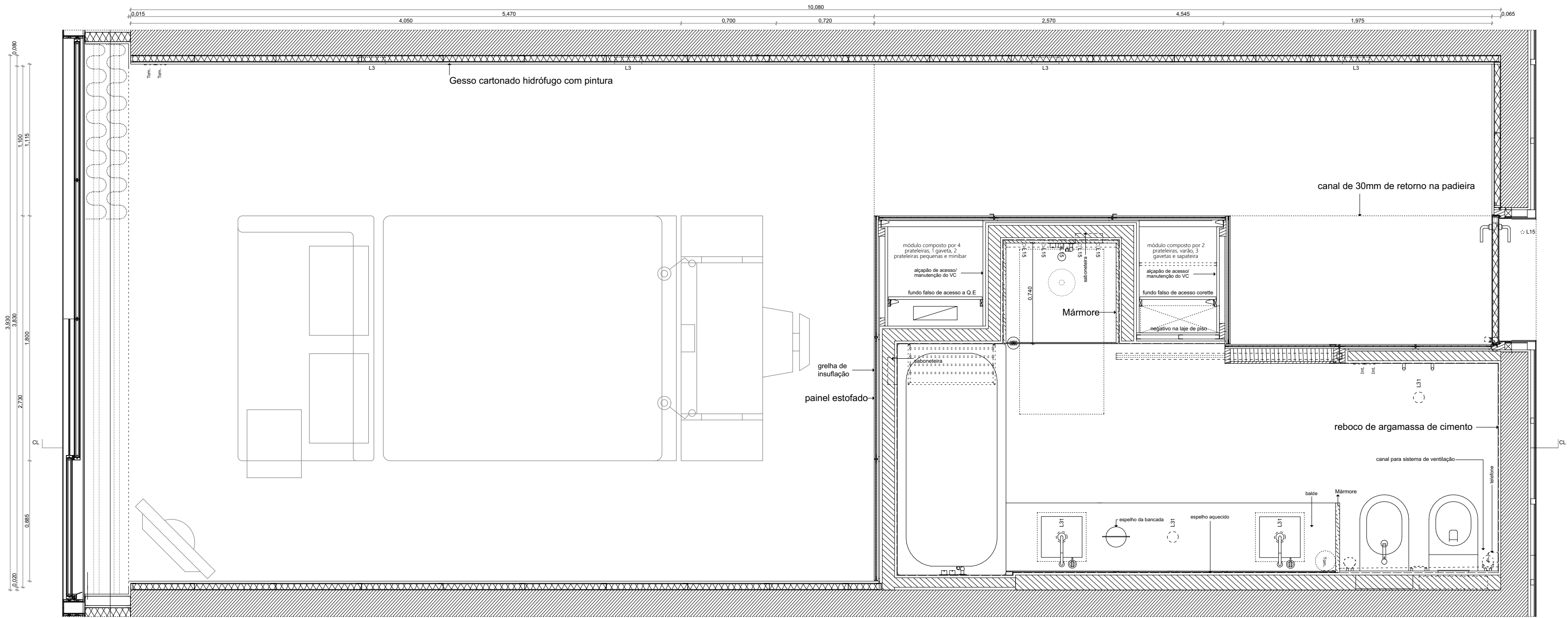
A antecâmara do quarto tem uma relação entre a largura e o comprimento do quarto aproximadamente de 1:2 (contando somente o espaço deste que tem um pé direito menor), mas tendo em conta a junção desse espaço com o corredor, a antecâmara do quarto acaba por não ter uma relação de grande impacto, o que era de certo modo previsível ser assim, pois a antecâmara, hierarquicamente, não é um espaço fundamental em relação à casa de banho ou ao quarto. É acima de tudo um espaço, como o próprio nome indica, de distribuição e ligação dos espaços que constituem o quarto.

Após ter feito esta análise concluo que a relação mais importante é a que referi em primeiro lugar: a relação entre a altura e o comprimento (2:5 no quarto e 2:4 na casa de banho). É a mais importante porque vai de encontro com a regra principal, que é o volume balanceado a “colher” a paisagem.

Planta Quarto King
| Escala 1:50
| Estudo das Formas dos Espaços



O pé-direito da fachada é assim a medida crucial que acaba por desenvolver os espaços do quarto. Todas as outras relações que geraram, de forma intencional ou não, os espaços do quarto acabam por ser secundárias porque foram introduzidas no processo de conceção a partir desta relação principal. É a partir da altura da fachada que a atmosfera é “colhida” e contida da melhor forma no espaço do quarto.



| O Detalhe

- Construção

Paredes

No caso dos quartos kings, as paredes que os compartimentam, o teto e o chão têm como material estrutural o betão, excepto as paredes que delineiam a casa de banho que são em tijolo ou por vezes em madeira. De forma a isolar os quartos entre si, as paredes têm a cada lado um sistema ETICS com espessura de 50 mm, sendo que as placas de isolamento têm 40 mm de espessura. Desta forma os quartos ficam com bom isolamento tanto a nível acústico (sonoro e de impacto) como a nível térmico. Por fim as paredes têm uma cobertura á vista de Gesso cartonado hidrófugo com pintura.

As paredes que delineiam a casa de banho, que têm como material base o tijolo (90mm de espessura) ou madeira, acabam por não exercer uma função estrutural. Estando dois dos lados da casa de banho encostados ás paredes de betão do quarto, o tijolo acaba por não ser utilizado em particular na parede que separa a casa de banho do corredor, preenchendo somente essa parede com reboco de argamassa de cimento.

Já a outra parede, onde estão encostados a maioria dos elementos da casa de banho, tem uma camada de tijolo de 110 mm de espessura que vai até á banheira, juntamente com o espelho dos lavatórios. Só a partir da banheira é que surge o tijolo com a espessura de 70 mm e aí tem á vista reboco de argamassa de cimento.

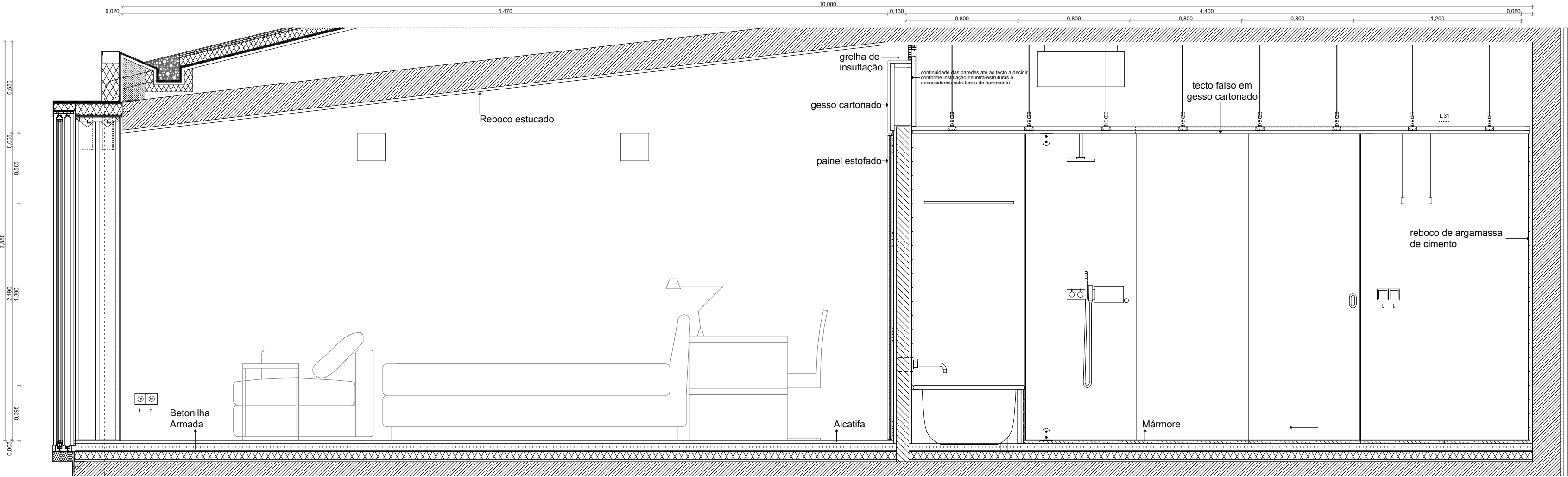
Relativamente à parede que separa a banheira do quarto esta tem uma camada de tijolo de 90mm. Para o lado da casa de banho o reboco de argamassa de cimento continua a percorrer as paredes até à cabine do chuveiro. A banheira tem na parede longitudinal uma saboneteira embutida.

A cabine está entre os dois módulos de armário e as suas paredes são preenchidas com um mármore preto tendo tal como a banheira uma saboneteira embutida.

A parede da entrada, que é revestida com reboco de argamassa de cimento, está desalinhada para o interior da casa de banho de forma a que a porta de correr se abra até ao limite da cabine, havendo uma utilização máxima da área da casa de banho.

Olhando para a parede da casa de banho que está voltada para o quarto estão fixados 3 painéis estofados que têm altura igual ao pé direito da fachada do quarto e da casa de banho (2200mm). A parede de tijolo dobra para dentro no segundo painel, havendo espaço para um modulo de armário que dá acesso ao corredor do quarto composto por 6 prateleiras (sendo duas pequenas), 1 gaveta, e um mini-bar, tendo também um fundo falso que dá acesso ao quadro elétrico do quarto bem como um alçapão que dá acesso ao ventilo-convetor do quarto.

Corte Longitudinal Quarto King
| Escala 1:25
| Análise Construtiva



O primeiro painel do corredor corresponde a esse modulo. O segundo painel corresponde á cabine de chuveiro que dá para a casa de banho. O último painel dá para o segundo modulo de armário que é constituído por 2 prateleiras, varão, 3 gavetas e sapateira. O fundo falso dá acesso à corette e, tal como o primeiro modulo, também tem um alçapão que dá acesso ao ventilo-convetor do quarto.

Na Antecâmara do quarto, está alinhado e de frente com a porta de entrada um outro painel que fecha a junção dos módulos com a porta de entrada da casa de banho. Da porta de correr até á porta de entrada do quarto, estão fixados mais dois painéis que compõem a parede que separa a antecâmara do quarto de banho.

O Chão

O chão do quarto tem como base uma laje de betão de 200mm e por cima foi colocado um enchimento onde irá assentar uma camada de isolamento com 60 mm de espessura. De seguida foi colocada uma outra camada de enchimento, sobre a qual se assenta uma camada de betonilha armada com 50 mm de espessura. Por fim tem-se o chão á vista, que no caso do quarto e da antecâmara o material utilizado é alcatifa cinzenta dando conforto aos espaços. Já no quarto de banho, o chão é revestido com o mesmo mármore existente na cabine do chuveiro.

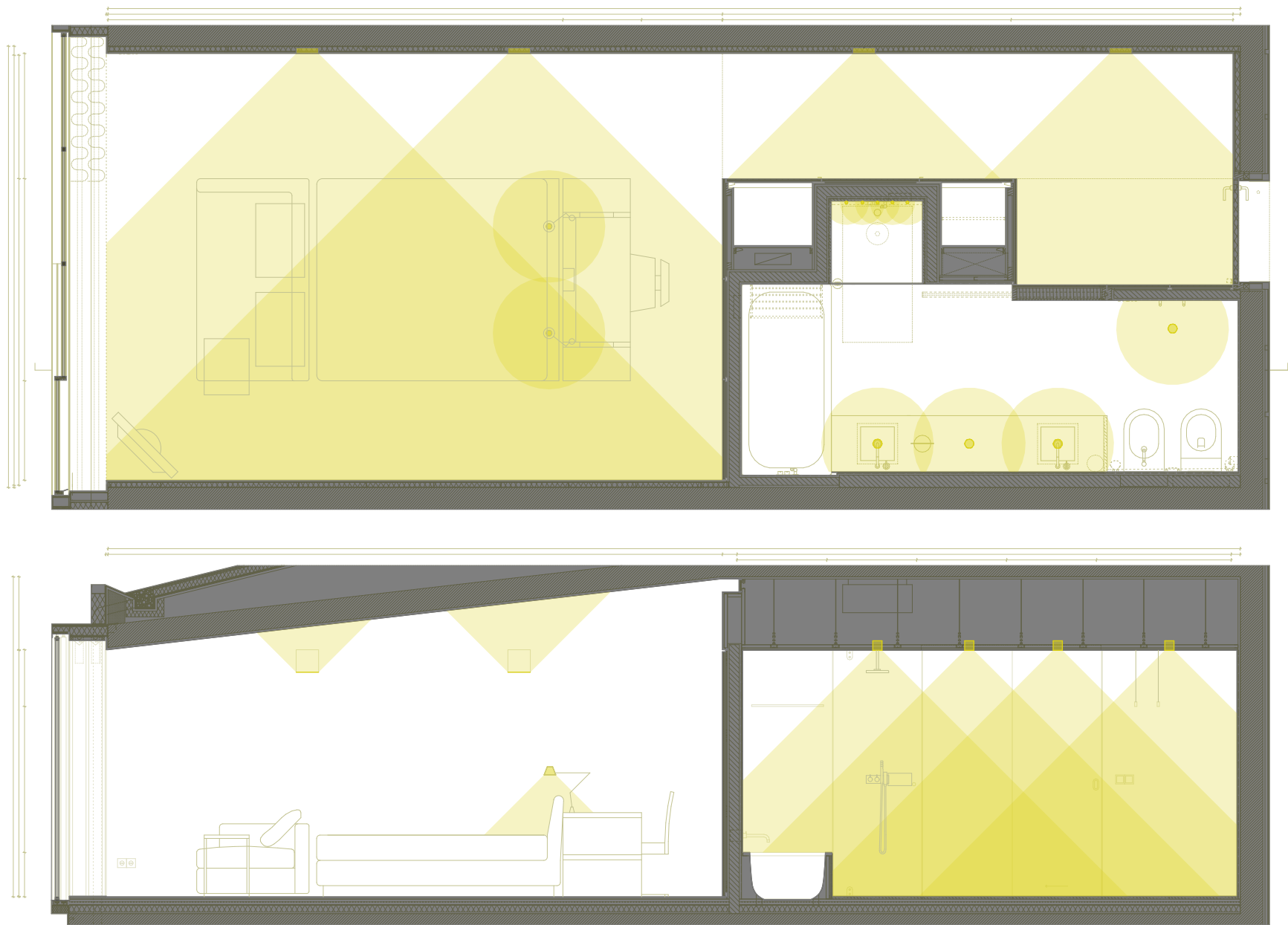
O Teto

A altura do quarto vai aumentando desde a altura da fachada (2200mm) até atingir o limite do quarto, mantendo o pé direito no corredor. O pé direito volta a baixar na antecâmara para os 2200 e é mantido igualmente no quarto de banho. O teto do espaço do quarto é composto por reboco estocado e está em contacto direto com a laje de betão que sustenta a cobertura ajardinada. Já na antecâmara e no quarto de banho é utilizado um teto falso em gesso cartonado, estando inseridas sobre ele, componentes técnicas de suporte ao quarto.

A Fachada

A fachada é constituída por 4 vãos de vidro que vão do chão até ao teto, sendo que o vidro mais á esquerda é de correr. A caixilharia dos vidros está encaixada numa estrutura de metal que é fixada ao betão das paredes e das lajes, tendo no seu interior uma estrutura de isolamento térmico. No cimo da fachada a interligar-se com a cobertura ajardinada, está instalado um sistema de drenagem das águas que depois vão dar aos tubos de queda que estão inseridos nos isolamentos fixados nas paredes e que separam as fachadas de cada quarto.

Planta e Corte Longitudinal Quarto King
| Escala 1:50
| Análise da Iluminação



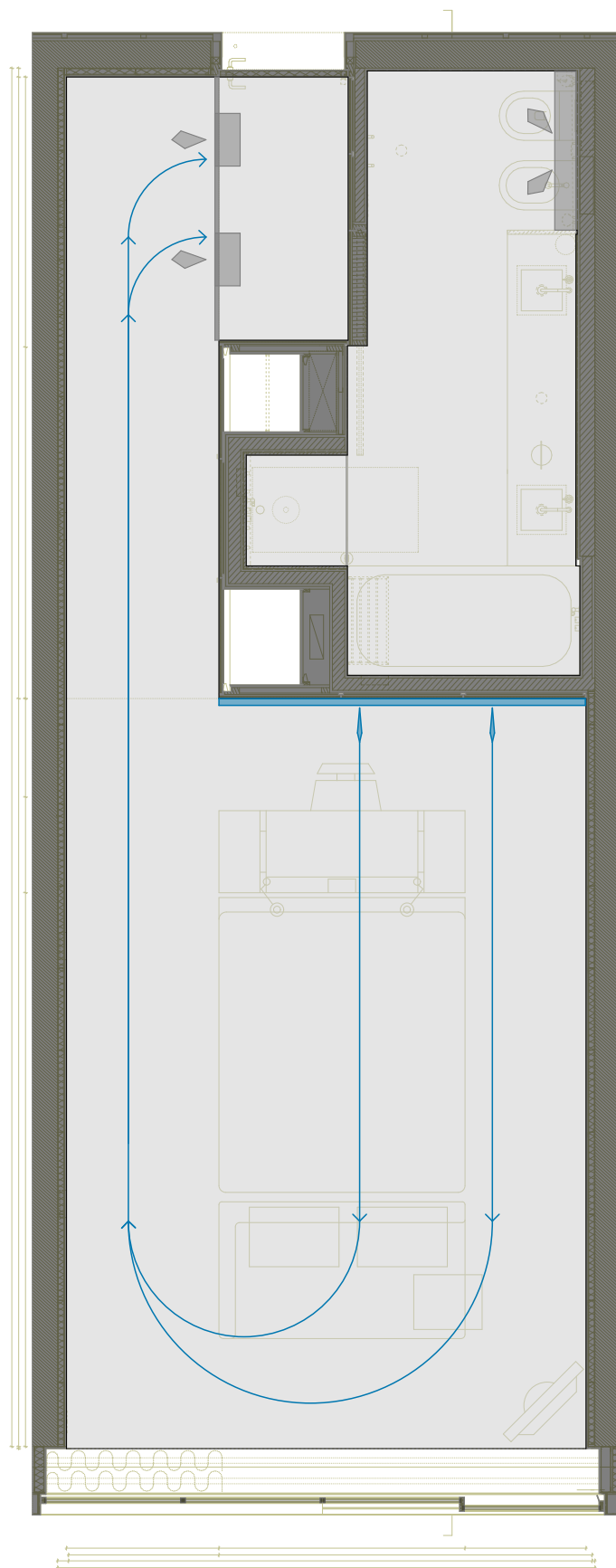
- Luz

A antecâmara, o corredor e o espaço do quarto estão iluminados por quatro focos luminosos que estão embutidos na parede contrária à casa de banho. A antecâmara e o corredor recebem, cada um, a luz de um foco, ao passo que o quarto recebe iluminação de dois focos. Cada foco luminoso está escondido e propaga a luz para a parede e para o teto. Isto verifica-se pois não é conveniente que os focos luminosos estejam á vista como também não devem ter uma intensidade forte porque não iria de encontro à regra já imposta no projecto. De facto, a luz ao ser propagada desta forma pelos espaços do quarto não só torna o ambiente mais harmonioso e tranquilo, como também dá força á luz natural que provém da paisagem.

Adicionalmente existem no quarto dois pontos de luz que podem ser usados de acordo com a necessidade do hospede, que estão localizados sobre a secretária servindo cada lado da cama.

A casa de banho, como é um espaço fechado e sem contacto com o exterior, tem luz á vista a iluminá-la desde o teto. Uma luz de intensidade média ilumina o setor onde está o bidé e a sanita. A bancada dos lavabos tem três luzes a iluminá-la e como estas se refletem no espelho permitem ainda iluminar a banheira que está ao lado da bancada. Já a cabine, como é revestida com um mármore negro, necessita de cinco luzes de menor intensidade que a iluminam por completo.

Planta Quarto King
| Escala 1:50
| Análise da Circulação do Ar



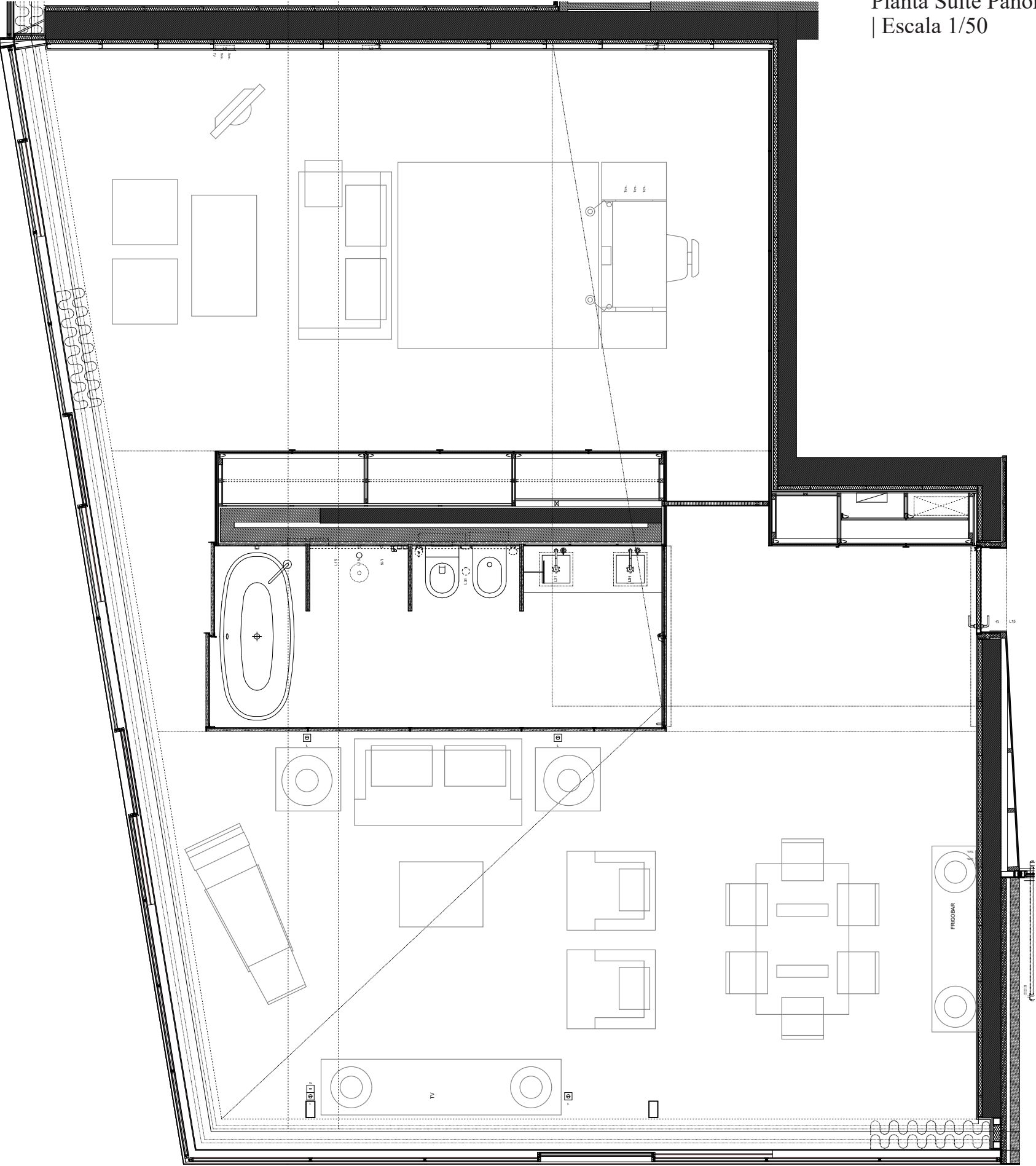
- Circulação do Ar

A circulação do ar no quarto começa a partir da grelha linear de insuflação existente no cimo da parede do quarto que está de frente para a fachada. O ar proveniente dessa grelha circula a partir do teto, que ao ser inclinado facilita a propagação do ar para o espaço do quarto. O ar volta para trás, deslocando-se para o corredor até chegar á antecâmara onde sai por uma fenda de extracção, que está situada na padieira que separa a antecâmara do corredor.

Já a casa de banho necessita somente de uma fenda de retorno que está no cimo da parede onde se encontra o bidé e a sanita. Esta fenda de retorno para além de retirar o ar da casa de banho também retira o ar vindo do quarto, quanto a casa de banho está aberta.

Desta forma o ar novo é mais aproveitado e utilizado no espaço primordial do quarto tornando a temperatura ambiente não só mais confortável, mas também de certa forma em sintonia com a atmosfera da paisagem inserida no quarto, visto que o ar novo vai de encontro com a fachada antes de retornar para o corredor.

Planta Suite Panorâmica
| Escala 1/50



Suite Panorâmica

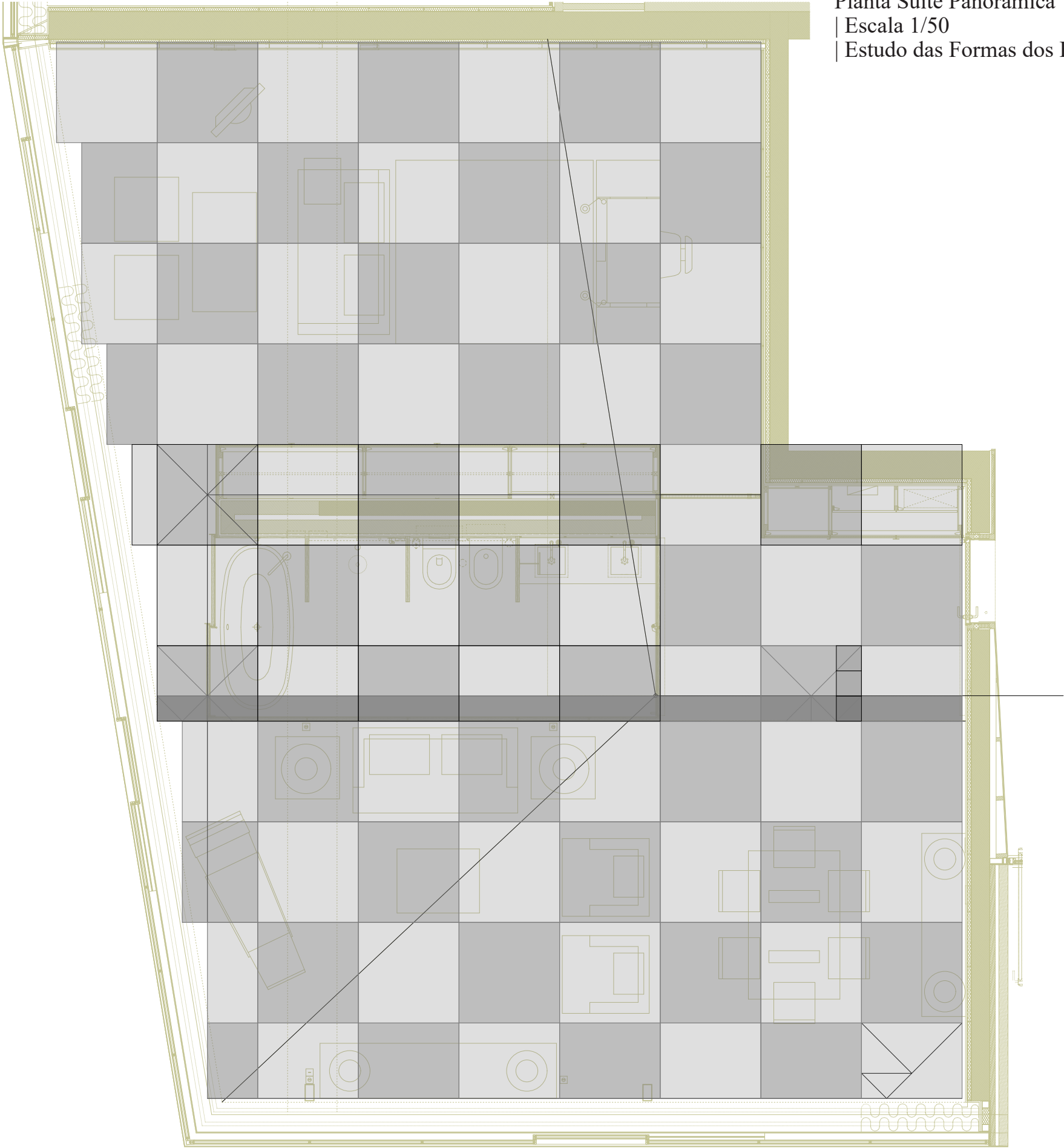
A suite Panorâmica encontra-se no corpo balançado que corresponde ao primeiro piso dos quartos (piso3), estando situada no canto oeste do volume. A sua localização torna-a uma suite única visto que consegue “colher” a paisagem a oeste e a norte do rio Douro. É dessa característica que surge o nome que lhe é atribuído.

A suite é constituída por uma antecâmara, por uma casa de banho, por uma sala e pelo quarto. A antecâmara, sendo o espaço de distribuição, dá acesso a todos os espaços. A partir desta, encontra-se à esquerda, uma sala com zonas de estar e de jantar. Este é um espaço privilegiado já que é formado por duas paredes que compõem a fachada (em vidro) e desta forma permitem “colher” a partir delas a paisagem envolvente que está a oeste e a norte.

De frente para a antecâmara encontra-se a casa de banho, cuja banheira tem a particularidade de poder interagir com paisagem do rio Douro a norte.

Por fim, à direita, está o quarto com a secretária, a cama e o sofá, estando todos estes elementos orientados de frente para a paisagem.

Planta Suite Panorâmica
| Escala 1/50
| Estudo das Formas dos Espaços



| A Regra enquanto geradora da Forma – relação entre medidas

De forma a que as fachadas dos corpos balançados que correspondem aos quartos não tenham um grande impacto visual a nível exterior, visto que é importante manter a natureza da vegetação e da paisagem, estas todas apresentam 2200 mm de altura. Consequentemente todos os espaços dos quartos são concebidos a partir dessa medida, conforme a regra estabelecida.

No caso da Suite Panorâmica, esta foi concebida no canto do corredor onde era fundamental trabalhar o volume de forma a poder orientá-lo, “encastrando-o” na curvatura da encosta, para que “agarre” de forma coesa ao terreno. Por isso era necessário fechar o volume nesse local, fazendo com que a fachada de vidro continuasse.

Adicionalmente, para além da condicionante acima referida, a conceção desta suite estava ainda sujeita ao facto de esta se encontrar junto aos espaços dos elevadores, que é uma outra condicionante para a sua conceção.

Tendo em conta estes fatores, decidiu-se que o espaço relativo ao quarto da suite deveria estar alinhado com os restantes quartos do volume. No entanto, em relação aos outros quartos este seria mais comprido e mais largo, acabando por alinhar com a largura do vão dos elevadores. Do lado menor do vão dos elevadores está presente o armário adossado à parede e a partir daí surge a antecâmara. Da antecâmara surge, alinhada com ela, a casa de banho que se estende até à fachada. Por fim, a sala da suite está localizada no lado esquerdo da antecâmara, orientada para a paisagem do rio a oeste.

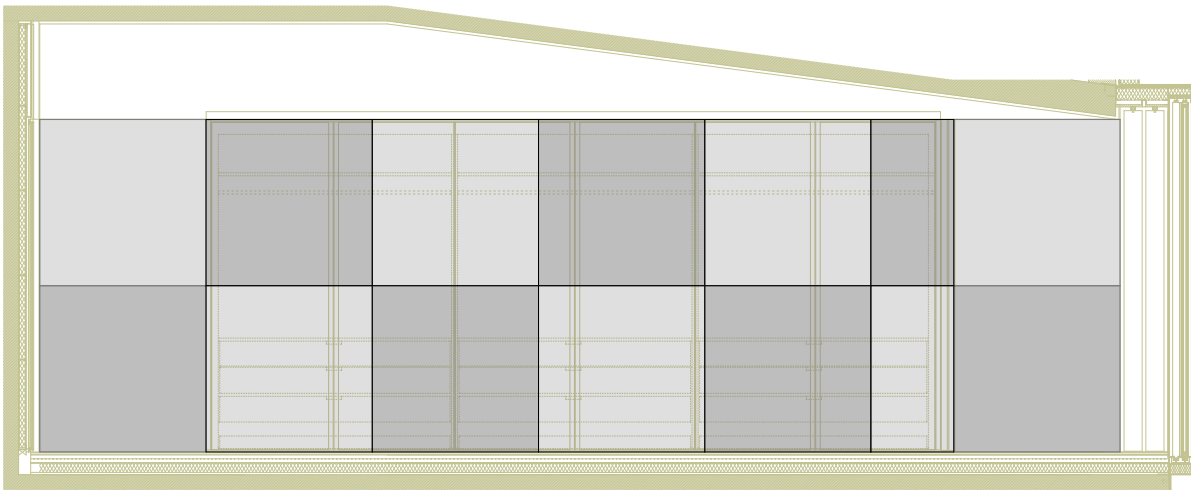
Deste modo, ficava determinada a disposição dos espaços no quarto, faltando, no entanto, alinhar as formas destes espaços. Surge assim o papel da Proporção enquanto ferramenta para as definir.

Mas antes de definir a forma de cada espaço, era necessário definir a forma geral da suite para que o volume desta se “agarrasse” ao terreno de forma coesa. Neste sentido era necessário que a fachada norte da suite tivesse um ângulo diferente da fachada dos restantes quartos do volume.

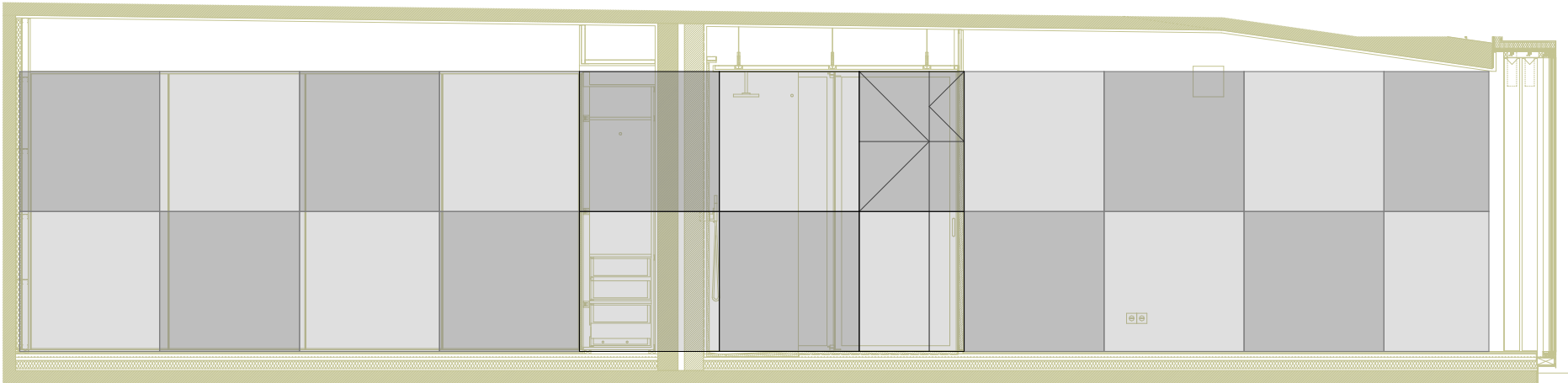
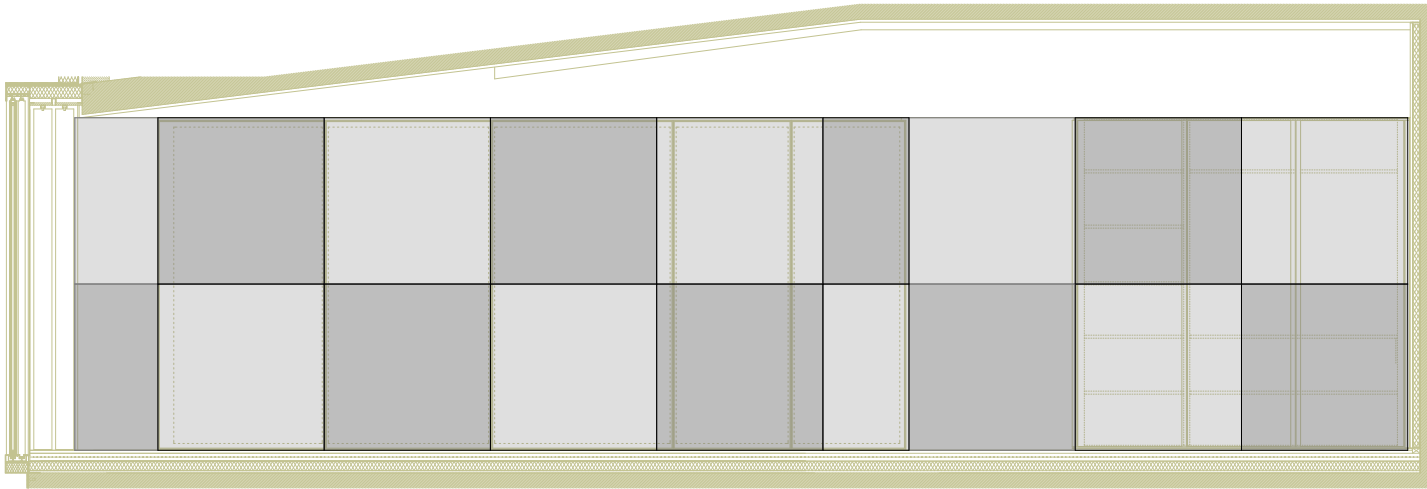
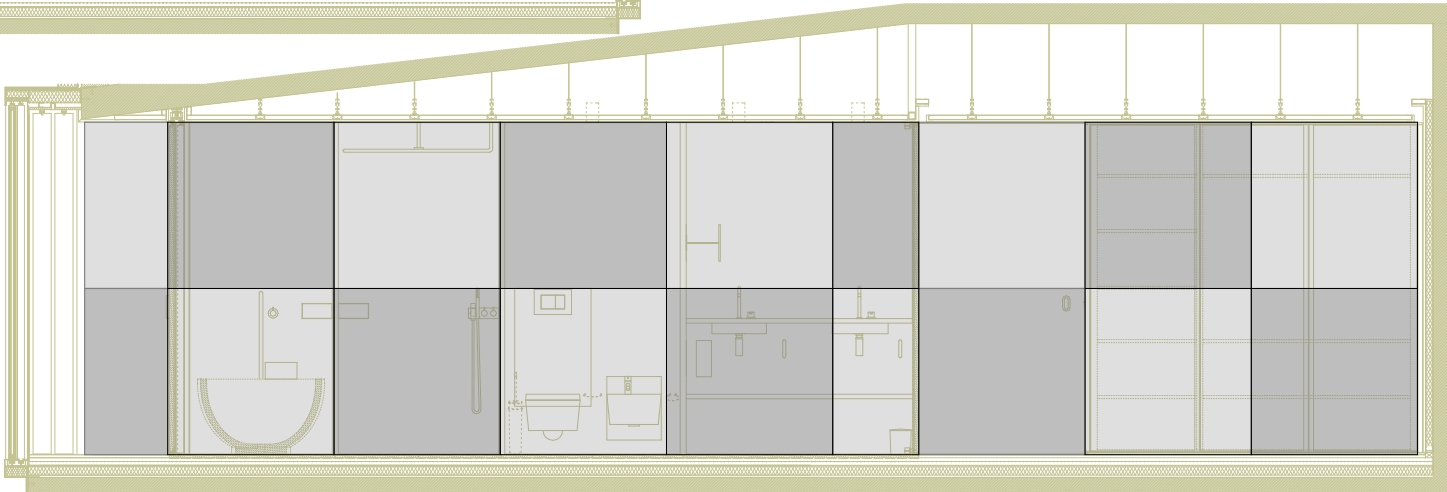
A conceção desse ângulo foi feita com base em dois alinhamentos: o que define o início da descida do teto nos outros quartos e o alinhamento do fecho da porta de serviço existente no corredor (Alinhamento assinalado na planta do corredor dos Quartos do Piso 3). Adicionalmente era necessário determinar o ângulo exato entre estes dois alinhamentos para se alcançar a forma da fachada desejada.

Para isso, primeiro definiu-se que a antecâmara iria ter de comprimento aproximadamente 3300 mm, ou seja, corresponderia a 3 módulos de 1100. Depois o alinhamento do fecho da porta de serviço vai até ao limite da antecâmara, surgindo daí o ponto de intersecção entre os alinhamentos e ficando assim definido o referido ângulo. Este vai não só determinar a orientação da fachada norte, bem como a forma geral do teto da suite.

Posto isto, falta somente determinar o limite do lado oeste do volume. Esse limite é definido a partir do alinhamento onde está o referido ponto de intersecção, acrescentando a partir deste mais 4 módulos de 1100mm para o lado oeste, determinando assim a fachada oeste da suite.



Cortes Longitudinais e Transversais
Suite Panorâmica
| Escala 1/50
| Estudo das Formas dos Espaços



Estando a forma geral da suite definida, o passo seguinte corresponde à definição da forma de cada espaço.

Como já foi referido anteriormente, os espaços interiores do hotel são definidos pela fachada que “colhe” a paisagem. Nos volumes dos quartos, a altura da fachada é a medida utilizada de raiz para conceber a forma dos espaços. Ou seja, o módulo de 1100 mm é preponderante para a conceção de todos os espaços interiores dos quartos do Hotel.

A antecâmara apesar de ser o espaço de menor importância tem a característica de ser o espaço chave a prender a suite ao volume, como se verificou anteriormente. Para além desta, existe um outro elemento que também apresenta uma importância na conceção dos espaços. Este corresponde ao alinhamento vindo da porta de serviço no corredor, estando ligado à antecâmara da suite. Dada a necessidade em aumentar a largura do espaço da casa de banho e da antecâmara, acrescentou-se $\frac{1}{4}$ do módulo de 1100 que foi retirado à largura da sala, dividindo deste modo o módulo de 1100 em quatro.

Se tivermos em conta o alinhamento da porta de serviço como sendo o lado limite da antecâmara, esta terá uma proporção de 1:2 em planta (1,5:3 se tivermos como medida o módulo 1100mm). Mas tendo em conta o verdadeiro limite, que é a parede que separa o espaço da sala da suite, a antecâmara tem em planta uma relação entre o comprimento e largura de 12:7 (ao acrescentar $\frac{1}{4}$ do módulo).

Esta relação parece não ter muita relevância, mas acaba por influenciar e modificar as medidas da casa de banho e da sala referidas anteriormente.

No caso da casa de banho, a largura deste espaço acaba por ser a mesma da antecâmara, visto que ambos os espaços estão alinhados. Se contarmos somente com a área da casa de banho propriamente dita a relação entre medidas em planta era de 18 para 6 (20:6 se o limite for a fachada) ou seja 3:1, no entanto aplicando o aumento referido de $\frac{1}{4}$ do módulo esta proporção muda para 18 por 7 (20:7).

Mas se contar com a área até ao limite dos armários que dão para o quarto, a relação de medidas passa a ser de 18 por 10 (20:10), sem o referido aumento e 18 por 11 (20:11) após a modificação.

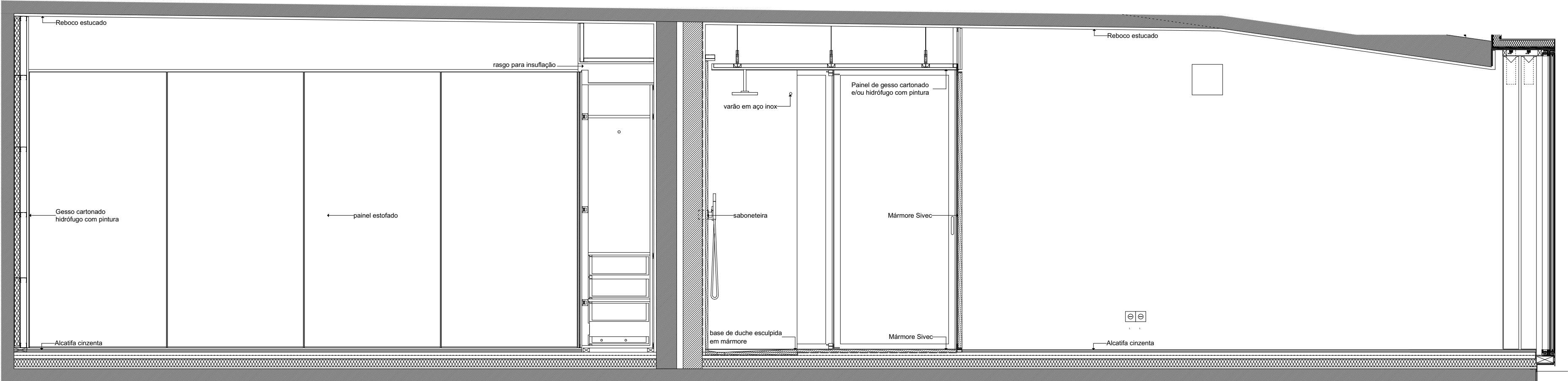
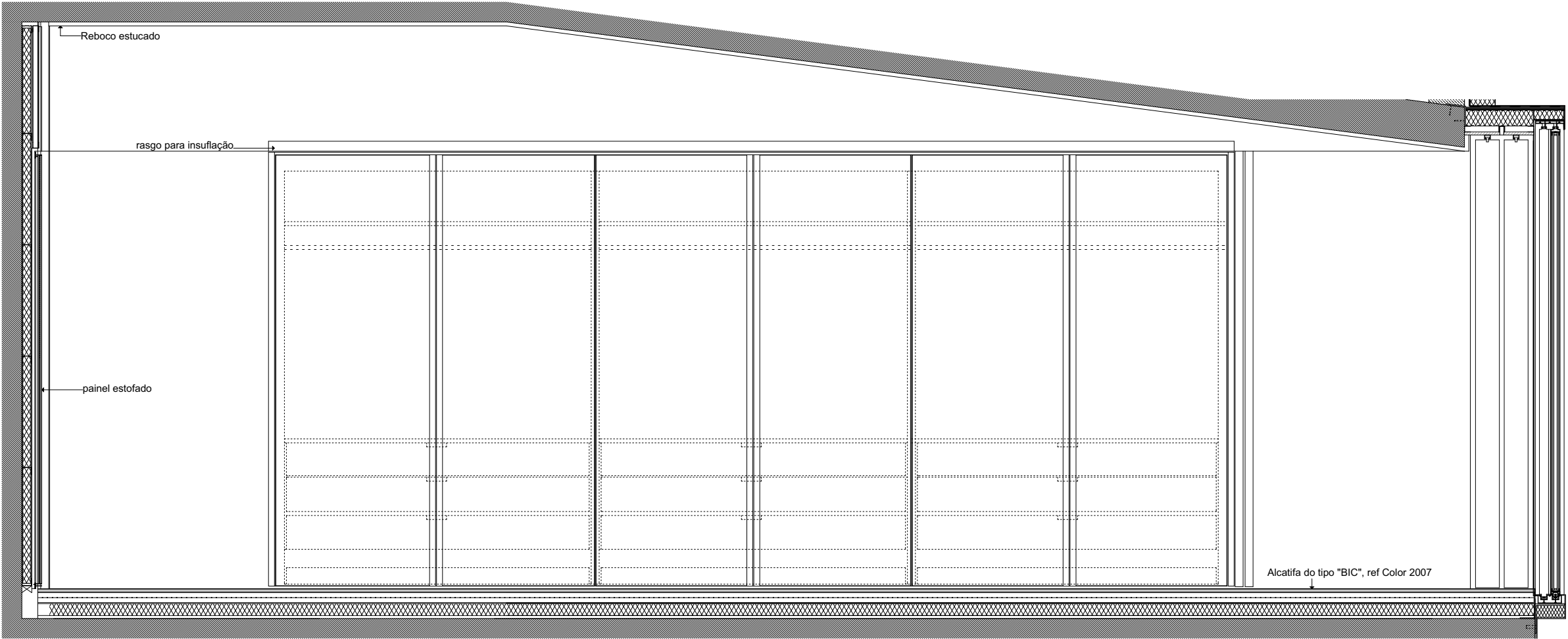
No caso da sala, a relação entre largura e comprimento máximo em planta anteriormente à modificação era de 16 por 32 ou seja de 1:2. Após a redução de $\frac{1}{4}$ do módulo, esta passa a ser de 15 por 32.

Antes de passarmos para a análise do quarto, é importante salientar que a largura do acesso a este espaço é definida por um dos módulos de 1100 que compõem a antecâmara. A porta de correr que separa a antecâmara do quarto, está alinhada a meio deste módulo.

A relação entre a largura e o comprimento máximo do quarto é de 4 para 7 módulos, mas se esta relação for feita com a largura do quarto e o comprimento máximo da sala da suite, esta passa para 2:3 (4 módulos de largura por 6 módulos de comprimento).

O pé direito mínimo de 2200 (equivalente a dois módulos) acaba por estar marcado em todos os espaços da suite agarrando assim a volumetria dos espaços interiores num todo, de modo a conseguirem “colher” a atmosfera da paisagem (ver cortes).

Corte Longitudinal da Suite Panorâmica
Corte Transversal do Quarto da Suite Panorâmica
| Escala 1/25
| Análise Construtiva



| O Detalhe

- Construção

Paredes

As paredes que delimitam a suite têm como material estrutural o betão e são forradas com placas de isolamento acústico/térmico (sistema ETICS) de 40mm. A porta de entrada tem na sua composição isolamento com também 40mm de espessura.

Relativamente à parede que tem início na porta de entrada e que delineia o espaço da sala, esta tem como revestimento gesso cartonado hidrófugo com pintura.

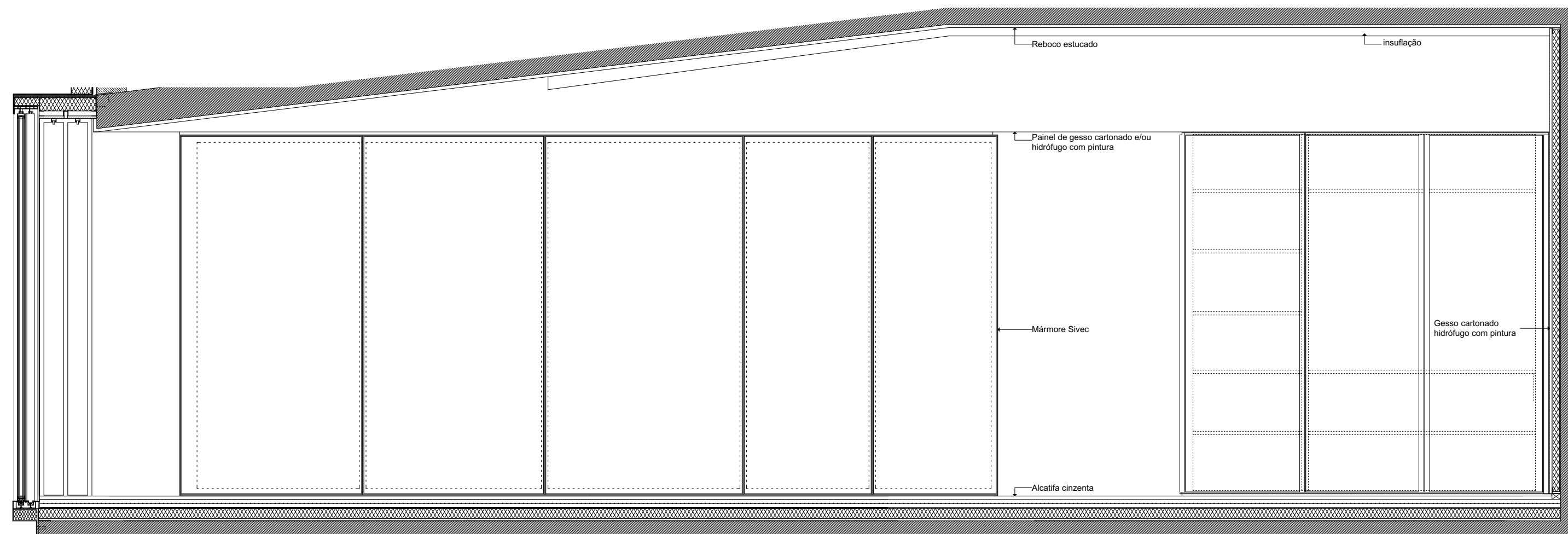
Junto à porta de entrada na antecâmara está um armário, anexado à parede, constituído por 3 módulos. Do último módulo do armário inicia-se a sequência de 5 painéis estofados a tecido que revestem a parede de fundo do quarto. Cada um tem de largura 1100 mm (correspondendo ao módulo proporcional). A parede lateral do quarto, a Este, é forrada a gesso cartonado hidrófugo com pintura.

O volume da casa de banho corresponde a um elemento que é partilhado e do qual complementa as restantes divisões, razão pela qual apresenta uma maior variedade de materiais de construção, tendo em conta a divisão da qual está a fazer parte.

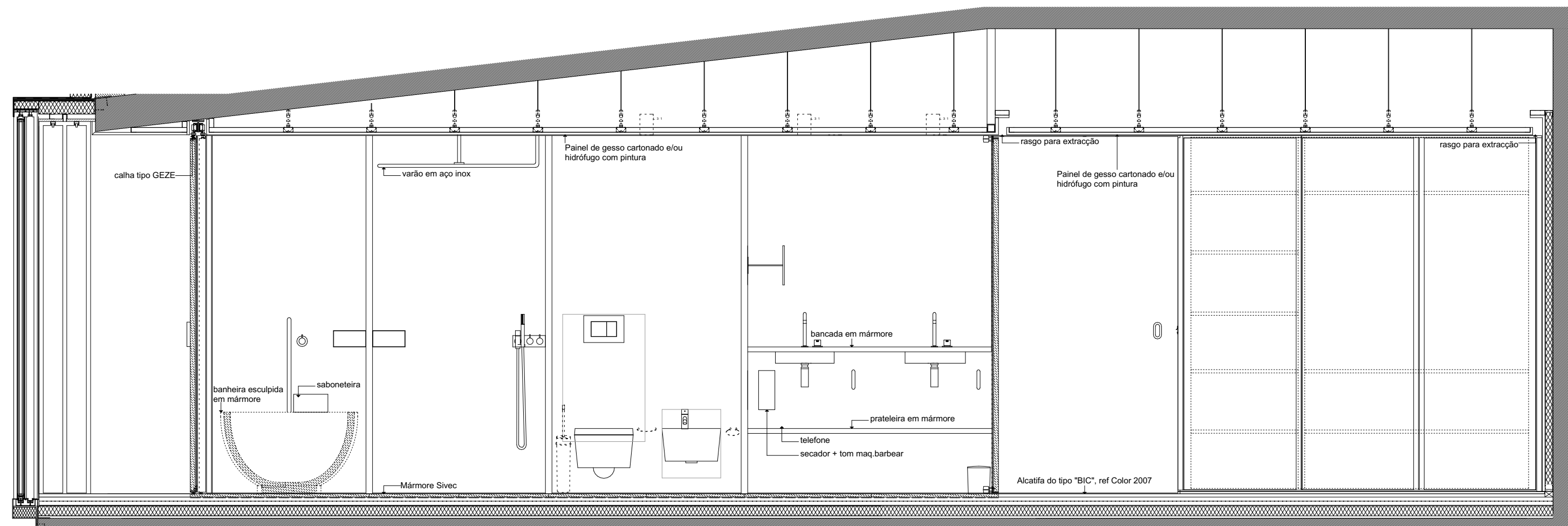
A parede estrutural encontra-se entre a casa de banho e o quarto e tem na sua composição uma parede dupla: 160mm de espessura em betão e 150mm em tijolo, entre as quais se encontra um vácuo para as coretes.

Do lado do quarto estão adossados à parede 3 módulos de armário, cada um com 1600 mm de largura e com abertura dupla. Entre a parede dupla e o módulo de armário mais afastado da fachada, está embutida uma porta de correr que tem a função de separar o quarto da antecâmara. Os lados extremos da parede dupla são ambos revestidos com painéis estofados.

O lado da parede que faz parte da casa de banho é revestido com placas de mármore de 20mm de espessura e com um espelho na zona dos lavabos. No lado que dá para a antecâmara, a parede é constituída por duas placas em mármore sendo que a placa mais próxima da sala se torna numa porta de batente. Já no lado orientado para a fachada, onde está posicionada a banheira de frente para a paisagem, as placas de mármore são de correr. O lado que está entre a casa de banho e a sala é revestido com placas do mesmo mármore, nas quais se verifica que estão fragmentadas de acordo com a secção da casa de banho da qual fazem parte, nomeadamente, área dos lavabos, área sanita e bidé, área da cabine e área da banheira.



Corte Transversal da Sala da Suite Panorâmica
 Corte Transversal do Quarto de Banho da Suite Panorâmica
 | Escala 1/25
 | Análise Construtiva



O Chão

O chão da suite tal como o quarto king tem como base uma laje de betão de 200mm e por cima desta está presente um enchimento onde irá assentar uma camada de isolamento com 60 mm de espessura. Depois de se acrescentar mais um enchimento, é colocada uma camada de betonilha armada com 50 mm de espessura. Por fim tem-se o chão á vista que no caso do quarto, da antecâmara e da sala o material utilizado é alcatifa cinzenta, dando conforto aos espaços. Já no quarto de banho, o chão é revestido com o mármore idêntico ao das paredes.

O Teto

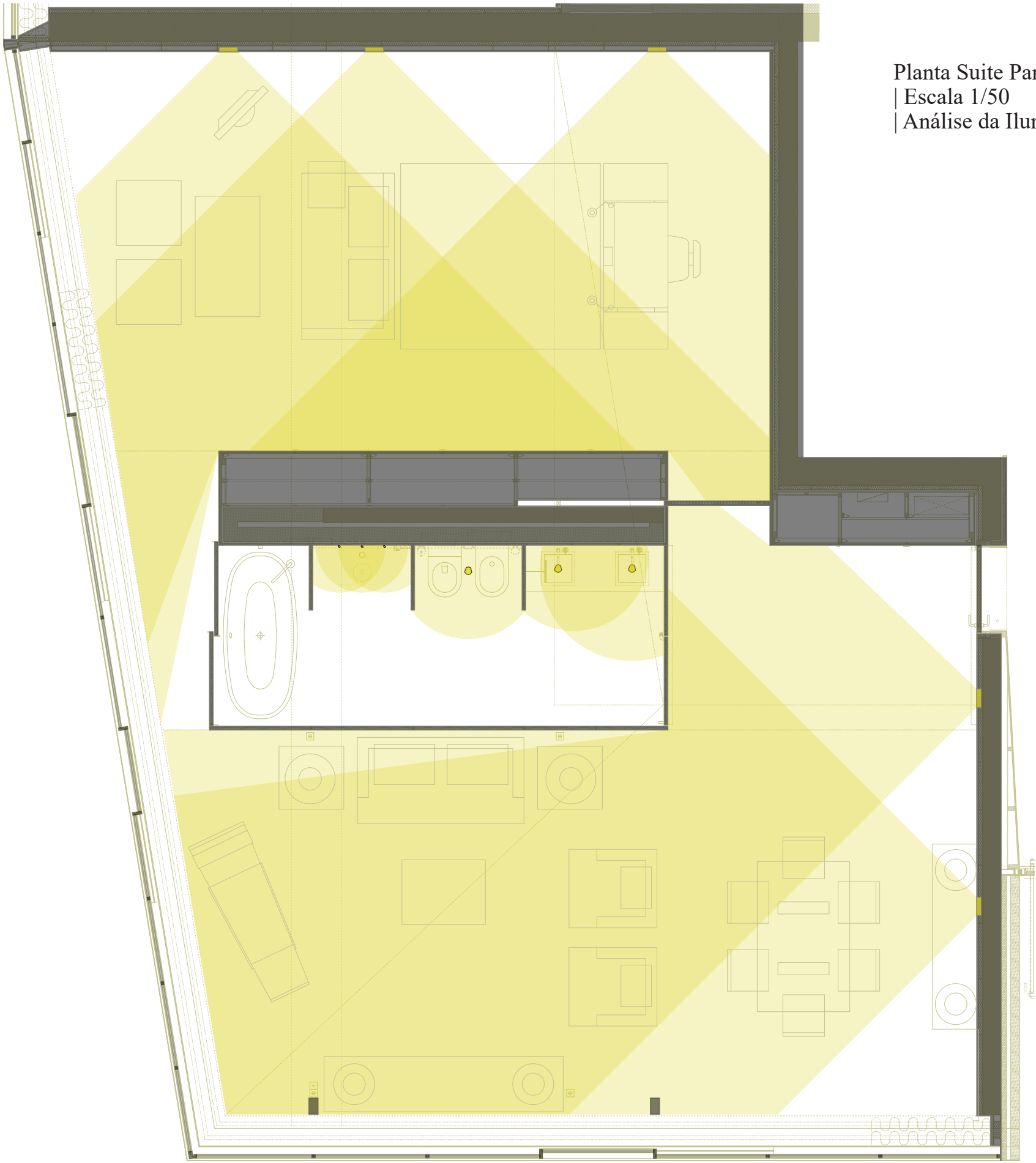
O teto da suite vai subindo desde a altura da fachada (2200mm) até atingir os alinhamentos que definem a área do pé direito máximo, tal como se verificava no quarto king. O pé direito da antecâmara é de 2200 e é mantido igualmente no quarto de banho.

Os tetos do quarto e da sala são revestidos com reboco estocado e estão em contacto direto com a laje de betão que sustenta a cobertura ajardinada. Já na antecâmara e no quarto de banho é utilizado um teto falso em gesso cartonado, estando inseridas sobre ambos os espaços, componentes técnicas de suporte à suite.

A fachada

A fachada da suite a norte é constituída por 12 vãos de vidro (4 correspondem ao quarto, 3 á casa de banho e 5 á sala) que vão do chão até ao teto. Olhando de frente para a paisagem, os vãos mais á direita de cada espaço são de correr. A fachada da suite a oeste é constituída por 7 vãos de vidro e o vão ao centro é de correr. A caixilharia dos vidros tem as mesmas características anteriormente descritas no Quarto King.

Planta Suite Panorâmica
| Escala 1/50
| Análise da Iluminação



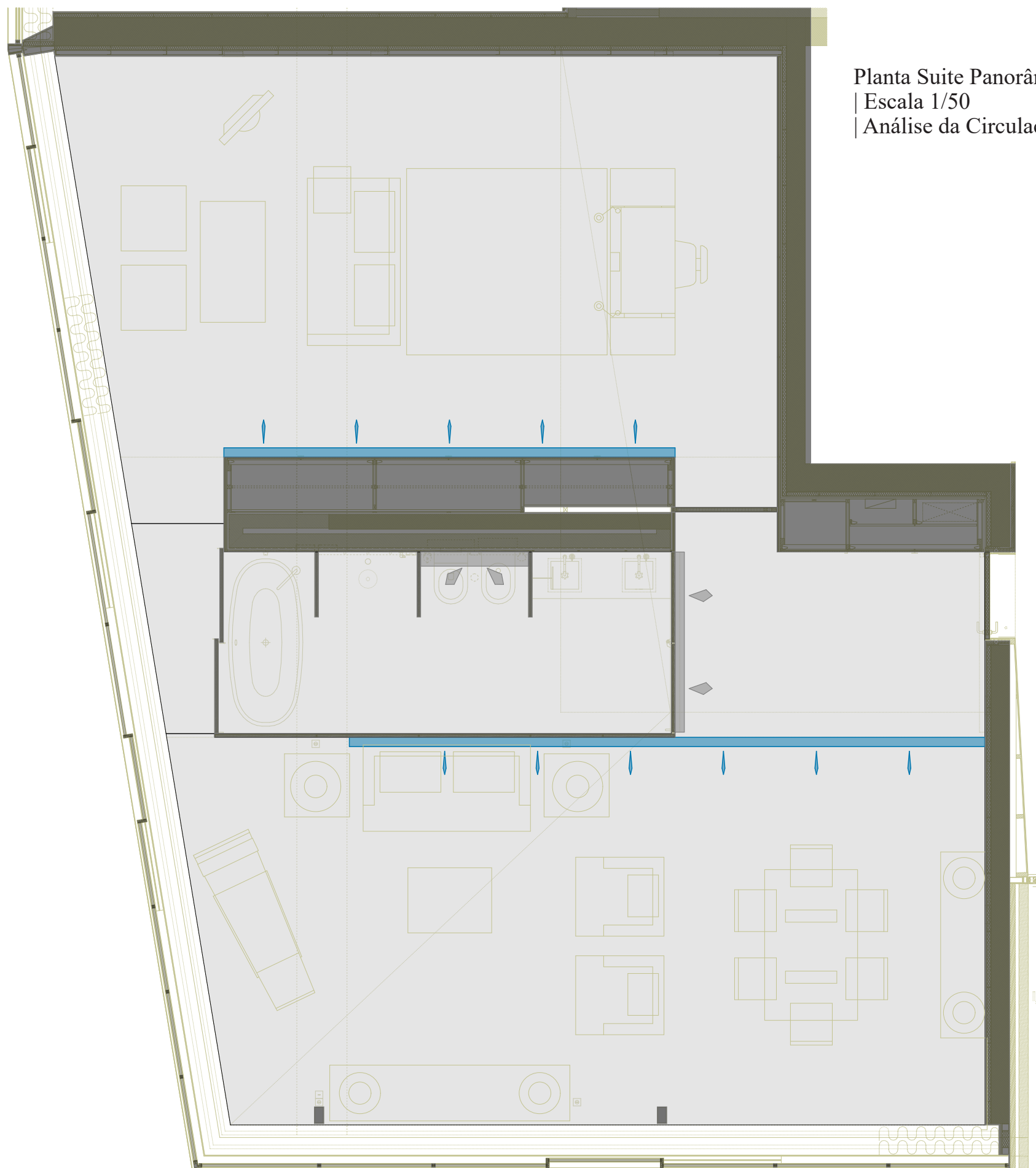
- Luz

A parede que tem início na porta de entrada da suite apresenta dois focos de luz embutidos que fazem a iluminação da antecâmara e da sala da suite. Tal como acontece no Quarto King, cada foco luminoso está escondido e propaga a luz para a parede e para o teto. Como referido anteriormente este tipo de iluminação torna o ambiente mais harmonioso e realça a luz natural.

O quarto da suite também é iluminado desta forma, com três focos de luzes embutidos na parede que separa a suite do outro quarto. Os dois focos luminosos mais próximos da fachada apresentam o mesmo alinhamento que os do quarto king, o que acaba por ser uma forma de relacionar a suite à métrica gerada pelos quartos em todo o volume.

A casa de banho da suite tem 3 dos seus 4 setores iluminados por focos à vista que vêm do teto. A zona dos lavabos é iluminada por dois focos de intensidade média, um para cada lavabo. O setor da sanita e do bidé é iluminado por uma só luz ao passo que a cabine do chuveiro é iluminada por 3 luzes de intensidade mínima.

A banheira é o único elemento que não é iluminado de forma direta, apresentando dois tipos possíveis de iluminação: ao estar próxima da fachada, caso as placas de mármore se encontrem abertas, esta recebe luz natural, podendo adicionalmente usufruir da atmosfera da paisagem que a fachada “colhe”; por outro lado, estando as portadas de mármore encerradas a banheira é iluminada pela luz que se propaga dos outros setores.



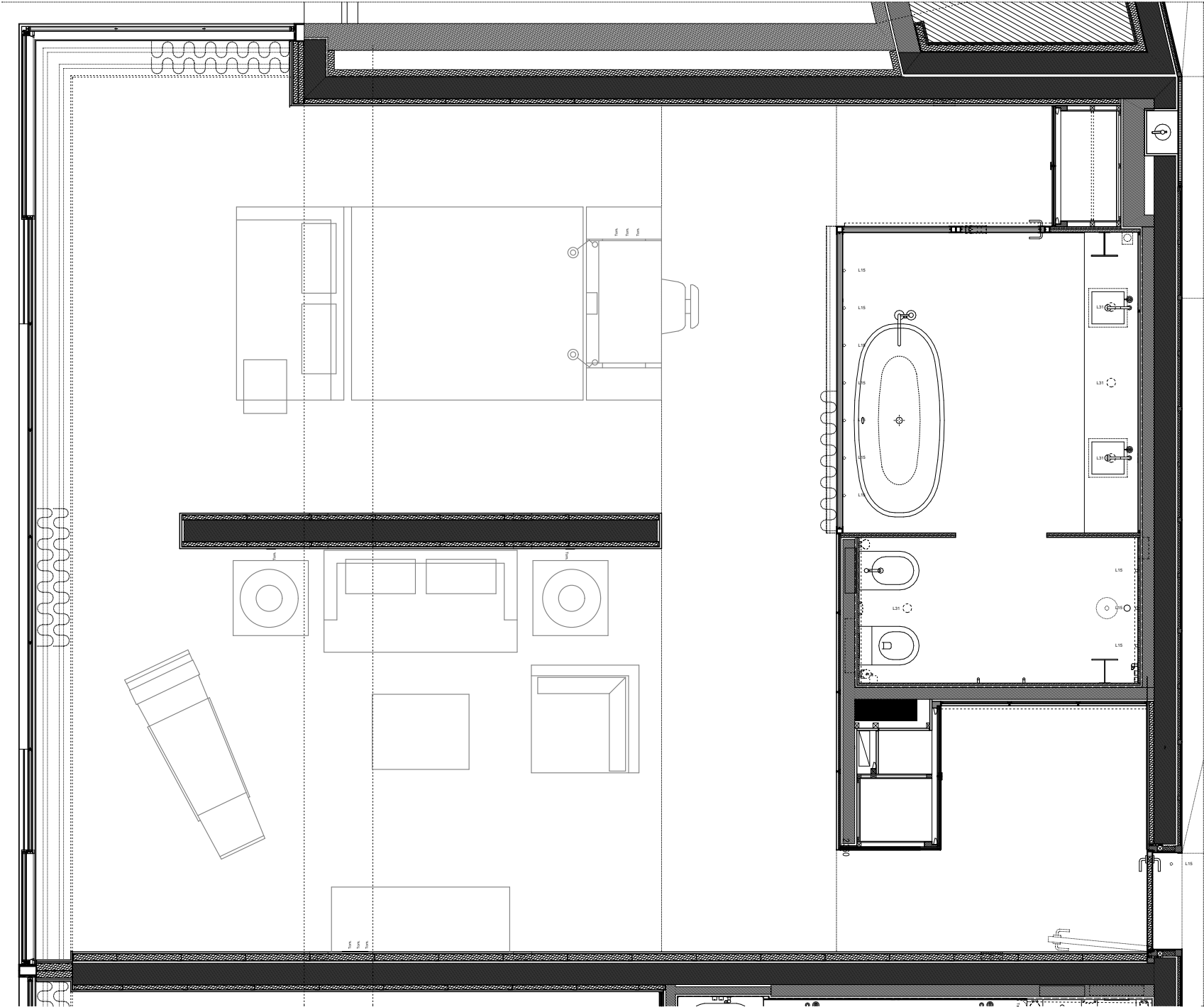
Planta Suite Panorâmica
| Escala 1/50
| Análise da Circulação do Ar

- Circulação do Ar

A grelha de insuflação de ar da sala está localizada no cimo da padieira que separa a sala da casa de banho e da antecâmara. O ar proveniente desta grelha vai circular primeiramente no espaço da sala, retornando depois para o espaço da antecâmara onde se localiza, na parede de entrada da casa de banho, uma fenda de extração.

O mesmo acontece no quarto da suite. A grelha que se encontra por cima do armário liberta o ar que irá circular no quarto, voltando também para a referida fenda de retorno situada na antecâmara. Na casa de banho, está inserida uma fenda de extração do ar no teto do sector da sanita e do bidé.

Deste modo o ar que circula na suite torna possível um ambiente mais confortável, dado que permite estar mais facilmente de acordo com a atmosfera que é “colhida” da paisagem.



Suite Dupla

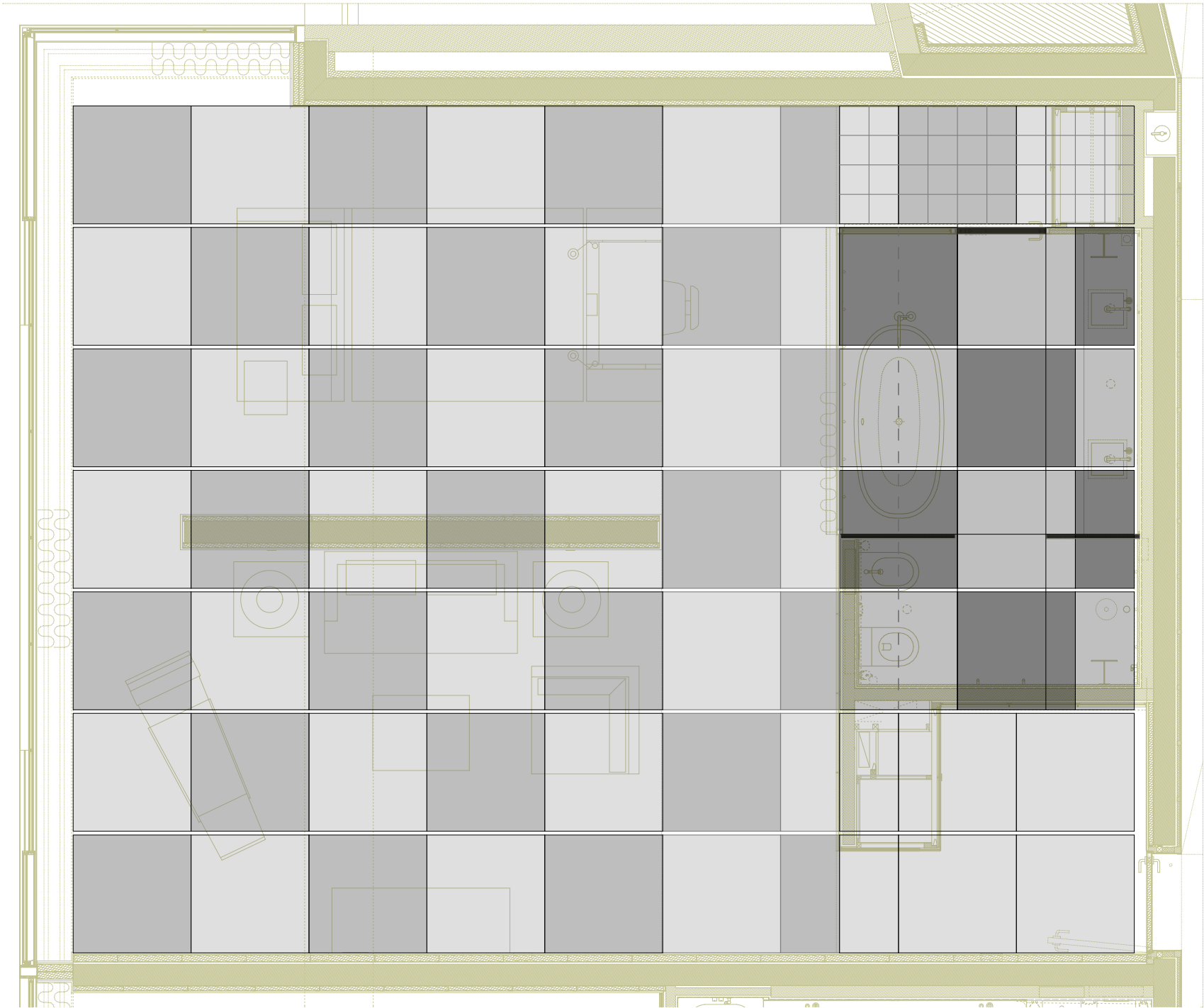
A suite dupla é, como o nome indica, a junção de dois módulos de Quarto King, resultando assim numa suite com dois espaços de dimensões semelhantes virados para a paisagem. Esta suite é constituída por uma antecâmara, uma sala, pelo quarto e casa de banho.

A antecâmara que é constituída por um espaço de arrumos, tem acesso direto para a sala, que é um dos espaços orientados para a paisagem. Entre a sala e o quarto está uma parede que divide e delinea os dois espaços, mas esta não chega a fechar completamente os espaços. Esta parede termina previamente, tanto na parede de fundo como na fachada, fazendo com que os espaços possam interagir de forma direta.

Como a suite está na extremidade do volume em causa (volume de quartos que se encontra a meio do piso 4), o quarto apresenta uma fachada de vidro mais longa, em relação à sala, pois engloba o canto a norte.

A partir da antecâmara, passando a sala e o quarto, pelo lado oposto ao da fachada de vidro, tem-se, na extremidade do quarto, um hall que dá acesso à casa de banho. Ao entrar na casa de banho surge em primeiro lugar um espaço quadrangular envidraçado que apresenta alinhamento com o quarto e cujo objetivo é permitir uma relação direta com este e consequentemente com a paisagem. Neste espaço encontra-se a banheira com principal destaque, bem como os lavabos. De seguida, mais à frente e já paralelo à sala estão num espaço mais fechado, o bidé e a sanita de frente para a cabine do chuveiro, que está, tal como os lavabos, na parede de fundo.

Planta Suite Dupla
| Escala 1/50
| Estudo das Formas dos Espaços



| A Regra enquanto geradora da Forma – relação entre medidas

Como a suite dupla equivale em área a dois quartos King, esta acaba por ter uma relação, vista em planta, entre a largura geral e o comprimento geral de 7:9 (tendo em conta o módulo quadrangular com lado de 1100mm).

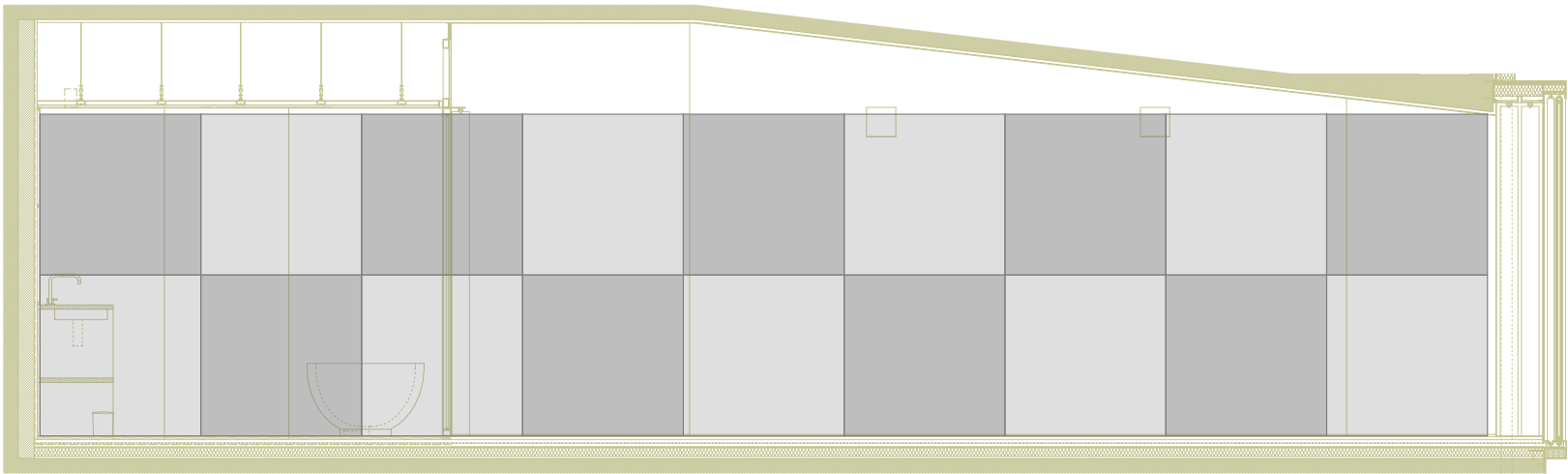
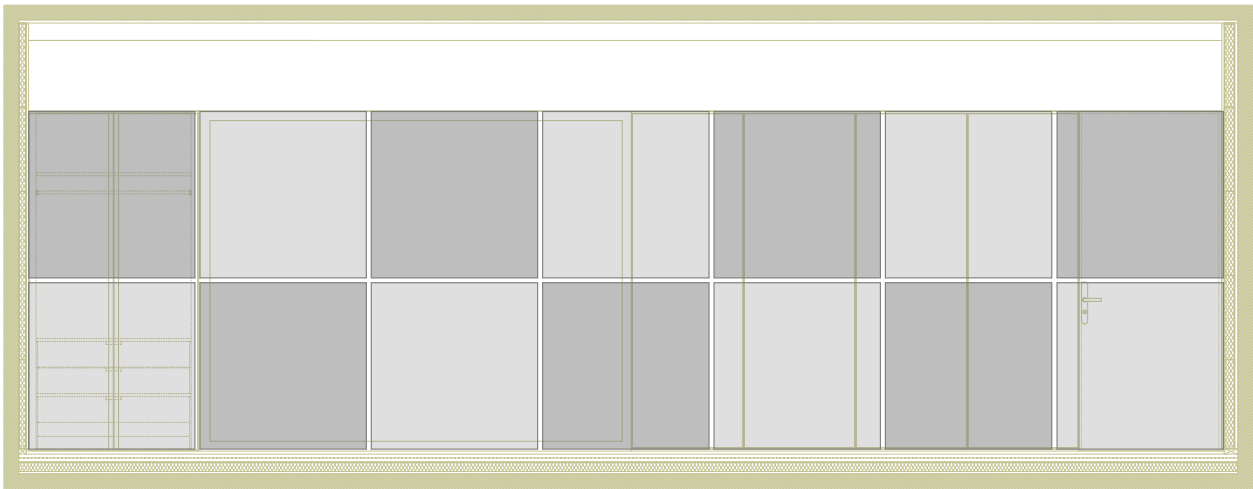
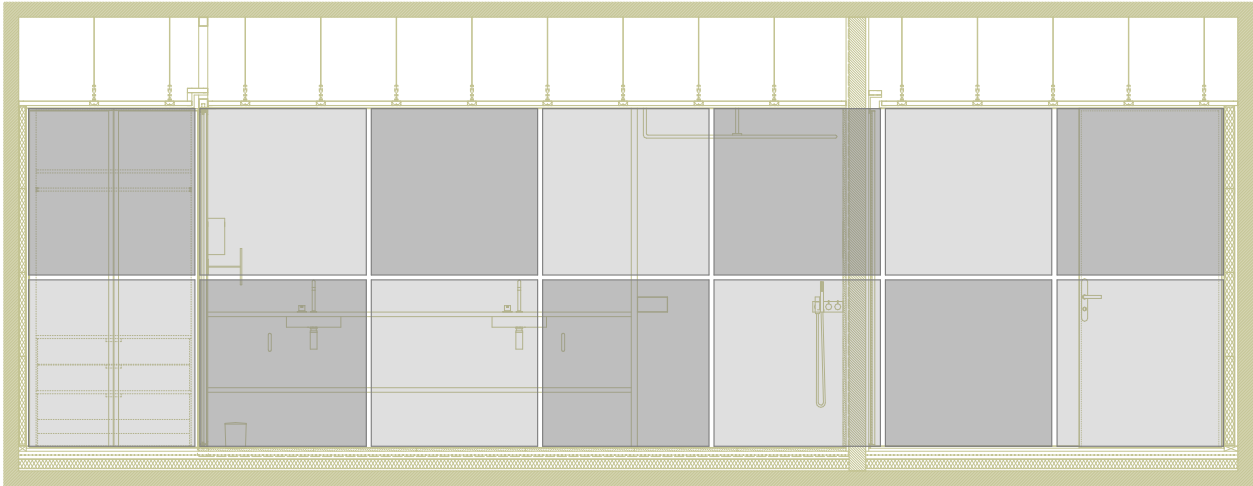
Dado que já é regra, em todos os quartos e suites, a fachada ter o pé-direito mínimo de 2200 metros, a suite dupla acaba por ter uma relação perfeita entre as três dimensões (altura, largura e comprimento) de 2:7:9.

Havendo esta métrica proporcional entre as medidas gerais da suite dupla, torna-se mais fácil organizar os espaços que a constituem. Em primeiro lugar houve a necessidade de dividir o comprimento geral da suite de forma a estabelecer a profundidade exata dos espaços mais importantes, os quais estarão em contacto com a paisagem que provém da fachada.

Ficou então estabelecido que a profundidade da sala e o quarto apresentaria 6,5 módulos do comprimento total da suite, sendo que 1,5 dessa profundidade irá corresponder ao espaço de circulação que dá para todos os espaços da suite (sendo o espaço mais afastado da fachada). É a partir desse espaço de circulação que o pé direito de ambas as divisões começa a diminuir em direção á altura mínima de 2200 mm situado na fachada. A sala e o quarto têm aproximadamente a mesma largura.

Havendo 6,5 dos 9 módulos para o quarto e para a sala, os restantes 2,5 serão para a antecâmara e para o quarto de banho que estão localizados na parede de fundo da suite, constituindo assim no seu conjunto em planta uma relação de 2,5: 7. Toda esta área terá o mesmo pé direito da fachada (2200mm), relacionando a altura com as duas medidas - 2: 2,5: 7.

Cortes Longitudinais e Transversais Suite Dupla
| Escala 1/50
| Estudo das Formas dos Espaços



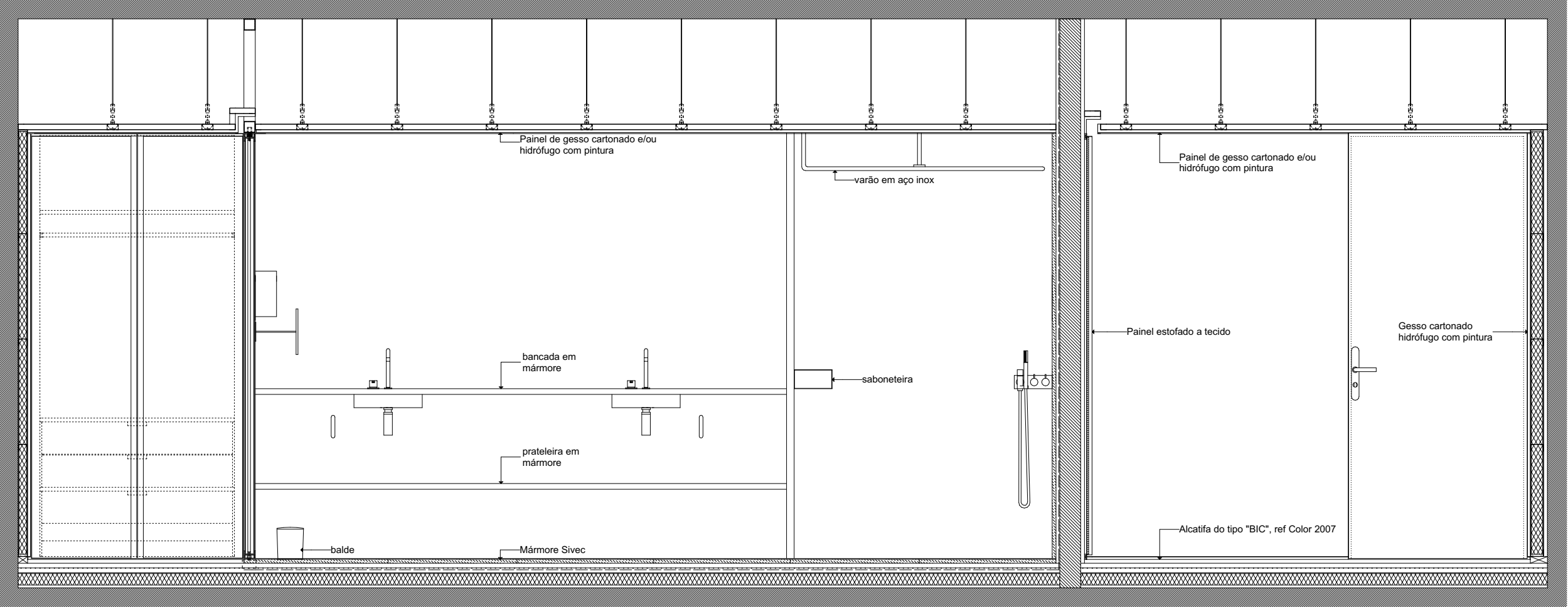
A fase seguinte é dividir os 7 módulos de 1100mm que constituem a largura geral da suite para ambos os espaços, ficando deste modo determinado que a antecâmara corresponde a 2 módulos e a casa de banho a 4 módulos. O último módulo da largura que fica na extremidade contrária à da antecâmara corresponde à entrada da casa de banho.

A organização dos espaços da casa de banho é feita através da continuação da divisão dos módulos que a constituem, tendo-se dividido o lado do módulo de 1100mm em quatro. Como já foi dito, o primeiro setor da casa de banho que contém os lavabos e a banheira é um espaço quadrangular e corresponde a uma área de 2.5:2.5. Já o sector onde estão o bidé, a sanita e a cabine do chuveiro tem uma relação de 1.5:2.5.

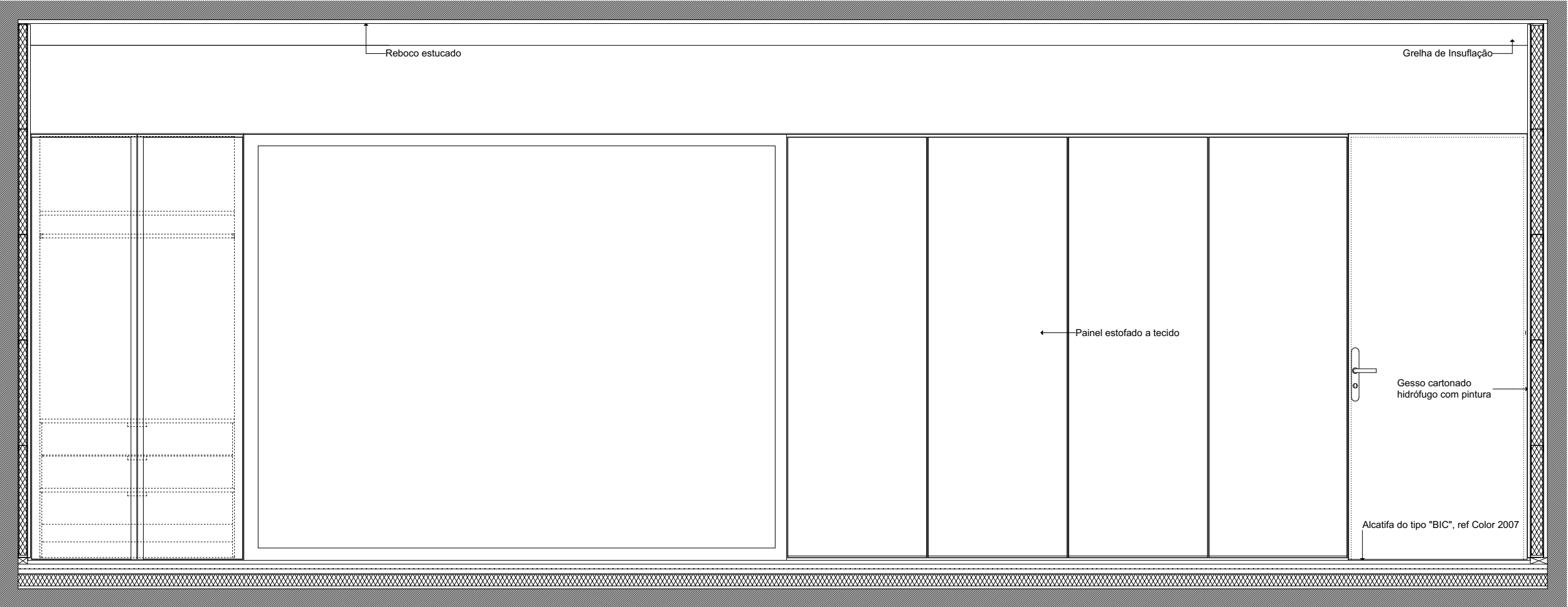
Uma vez que os lavabos se encontram no lado contrario à banheira, assim como a cabine está oposta à sanita e ao bidé, decidiu-se criar uma métrica que tem por base a divisão da largura da casa de banho tendo em conta os diferentes setores. Assim, na área que corresponde à banheira (bem como à sanita e bidé) atribuiu-se uma largura que corresponde ao lado de um módulo exato. De seguida, na área central de distribuição da casa de banho foi atribuída uma largura de $\frac{3}{4}$ do lado do módulo. Por fim, na restante área que corresponde aos lavabos e à cabine, foi também dada uma largura de $\frac{3}{4}$ do lado do módulo de 1100mm.

Esta divisão dos sectores é visualizada no espaço através do alinhamento que a porta de entrada da casa de banho faz com as placas de mármore, que estão a separar os 4 sectores.

Esta modulação e métrica que nasce na fachada e se propaga na conceção dos espaços faz com que a atmosfera que é “colhida” da paisagem do Douro seja vivenciada ao máximo na Suite Dupla.



Cortes Longitudinais Suite Dupla
| Escala 1/25
| Análise Construtiva



| O Detalhe

- Construção

Paredes

As paredes que delimitam a suite têm como material estrutural o betão (200mm), sendo forradas com placas de isolamento acústico/térmico (sistema ETICS) de 40mm e revestidas a gesso cartonado hidrófugo com pintura, exceto na parede que faz o limite de fundo da casa de banho e que recebe o armário que está no espaço de acesso à casa de banho. A porta de entrada também tem na sua composição isolamento de 40mm de espessura.

A parede divisória que está entre o quarto e a sala também tem como material estrutural betão de 200mm e em ambos os lados isolamento acústico/térmico de 40mm. Para além disso e tal como as paredes que delimitam a suite, é forrada com gesso cartonado hidrófugo com pintura.

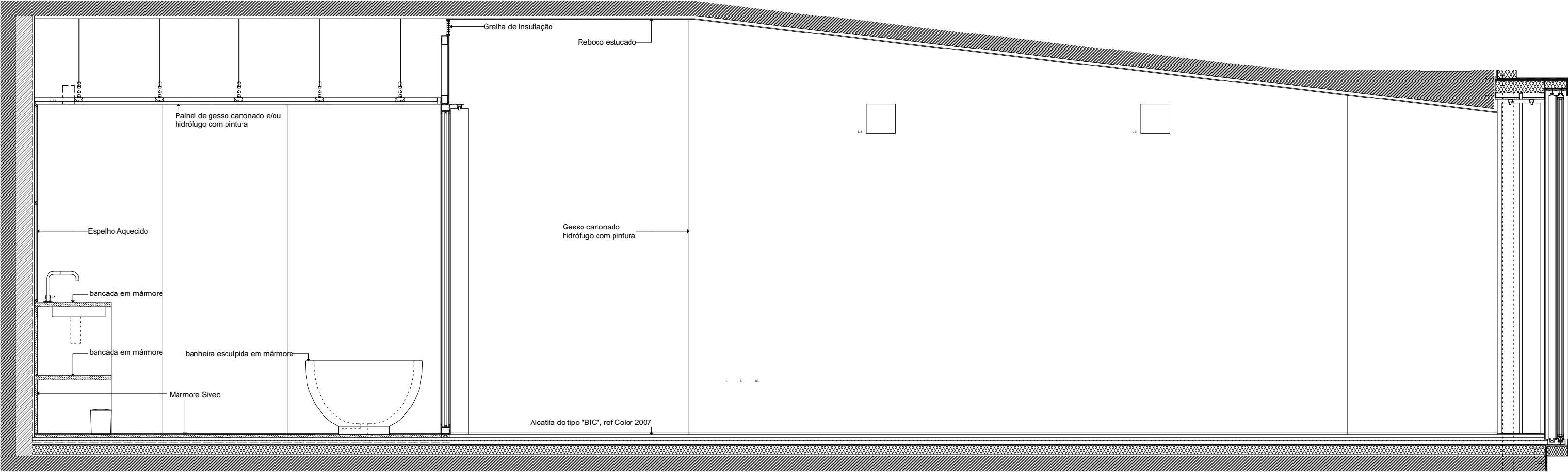
A parede onde o armário de porta dupla, localizado na entrada da casa de banho, está fixado, tem para além da estrutura de betão, um espaço vazio de 90mm, tendo de seguida uma parede de tijolo com 200mm onde o armário se fixa.

A parede da casa de banho que recebe os lavabos e a cabine tem, além dos 200mm de betão, uma camada de tijolo com 110mm de espessura. No sector onde estão os lavabos, a parede é revestida com um espelho aquecido, ao passo que o sector da cabine é em mármore, estando embutida uma saboneteira. Esse espaço onde está o cabine, a sanita e o bidé tem nas paredes como material estrutural tijolo com 110mm de espessura sendo depois revestidas com placas de mármore.

A parede em tijolo que dá para a sala da suite prolonga-se de forma a delinear o espaço da antecâmara. No lado voltado para a sala, esta parede tem fixados 4 painéis estofados a tecido, de 750mm de largura e tem a mesma altura da fachada (2200mm). Já no lado voltado para a antecâmara recebe um armário, cuja sua lateral está forrada com outro painel estofado.

A outra parede que separa a casa de banho da antecâmara tem nela fixados, para esta última, 3 painéis estofados a tecido de 640mm de largura.

Já o espaço quadrangular da casa de banho onde está a banheira e os lavabos apresenta ambas as paredes que o separam do quarto, em vidro, dando a possibilidade de quem está na banheira poder apreciar a paisagem vinda da fachada do quarto. A porta de entrada da casa de banho é também em vidro. No lado envidraçado que dá para o quarto, na parte de fora, estão fixados, no cimo do caixilho, uns cortinados que dão a opção de aumentar a privacidade.



Chão

O chão da suite dupla apresenta a mesma constituição base dos outros quartos já abordados (betão, isolamento e betonilha armada), tendo também como revestimento final à vista alcatifa cinzenta no espaço do quarto, sala e antecâmara. Na casa de banho verifica-se igualmente o uso de mármore.

Teto

O teto da suite vai aumentando desde a altura da fachada (2200mm) até atingir o pé direito máximo que se insere no espaço de circulação que dá acesso a todas as divisões da suite. O pé direito da antecâmara é de 2200 e é mantida igualmente na casa de banho. Os tetos do quarto e da sala são revestidos, tal como na suite Panorâmica e quarto King, com reboco estocado e estão em contacto direto com a laje de betão que sustenta a cobertura ajardinada. Já na antecâmara e no quarto de banho é também utilizado um teto falso em gesso cartonado, onde estão inseridas componentes técnicas de suporte ao quarto e à sala.

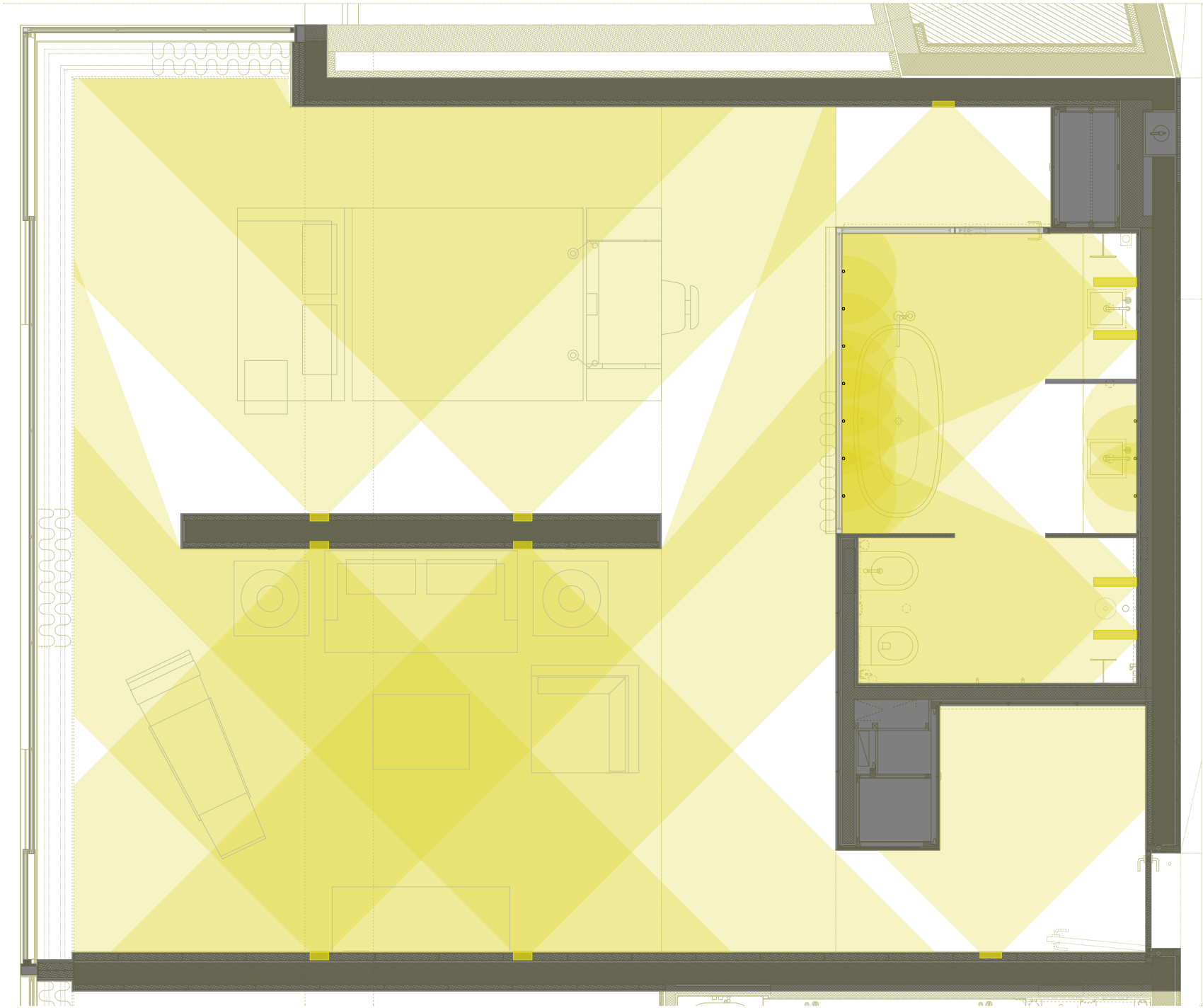
Fachada

A fachada frontal da suite é constituída por 8 vãos de vidro: 4 para a sala e 4 para o quarto. Os vãos de vidro que estão nas extremidades da fachada frontal são de correr.

Relativamente ao quarto, para além da sua fachada frontal, este apresenta ainda uma fachada lateral de 3 vãos de vidro, conferindo-lhe assim uma característica privilegiada pois uma maior exploração do campo visual da paisagem.

A caixilharia dos vidros apresenta as mesmas características descritas anteriormente nos outros quartos, bem como o sistema de drenagem de águas.

Planta Suite Dupla
| Escala 1/50
| Análise da Iluminação



- Luz

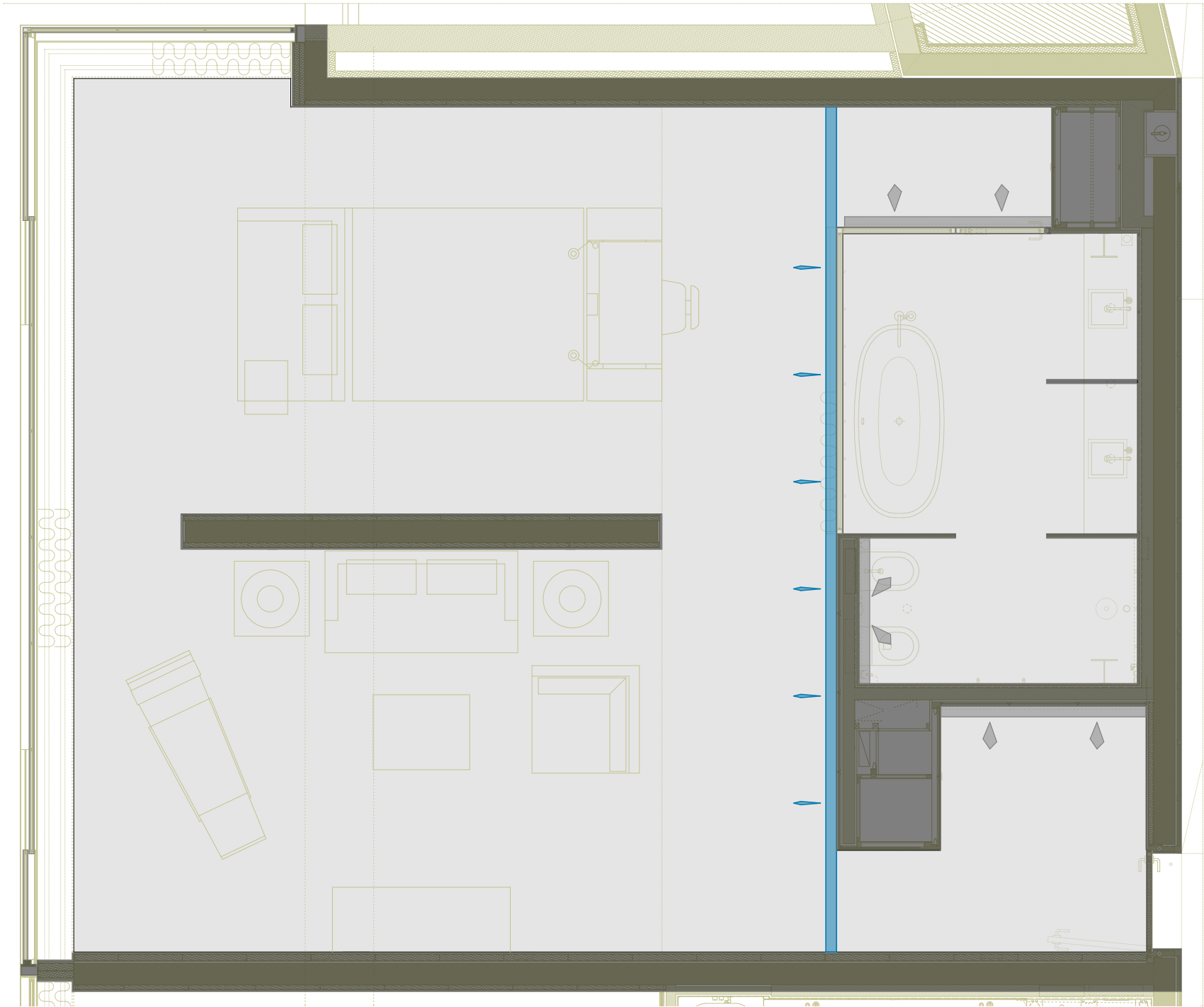
A parede lateral da suite, que tem contacto com a antecâmara e a sala, tem três focos luminosos embutidos, cuja luz se propaga para o teto. Uma das luzes ilumina a antecâmara enquanto que as outras duas iluminam a sala. A parede que está entre a sala e o quarto tem dois focos luminosos em cada lado e que estão alinhadas com os dois focos da outra parede da sala, iluminando desta forma ambos os espaços.

A parede lateral da suite em contacto com o quarto, apresenta apenas um foco que ilumina a entrada da casa de banho.

Na casa de banho todos os espaços são iluminados por luzes de teto com foco direto, ao contrário das luzes existentes nos restantes espaços da suite que iluminam o espaço através da propagação da luz nas paredes e no teto. Para além disso, cada elemento é iluminado de forma diferente.

Os lavabos são iluminados por três luzes de intensidade média, estando alinhadas em cada zona. A banheira é iluminada por sete luzes de baixa intensidade e que estão alinhadas junto ao vão de vidro que dá para o quarto. Já a cabine é iluminada por três luzes de intensidade mínima e o sector onde está a sanita e o bidé é iluminado por uma só luz de intensidade média.

Planta Suite Dupla
| Escala 1/50
| Análise da Circulação do Ar

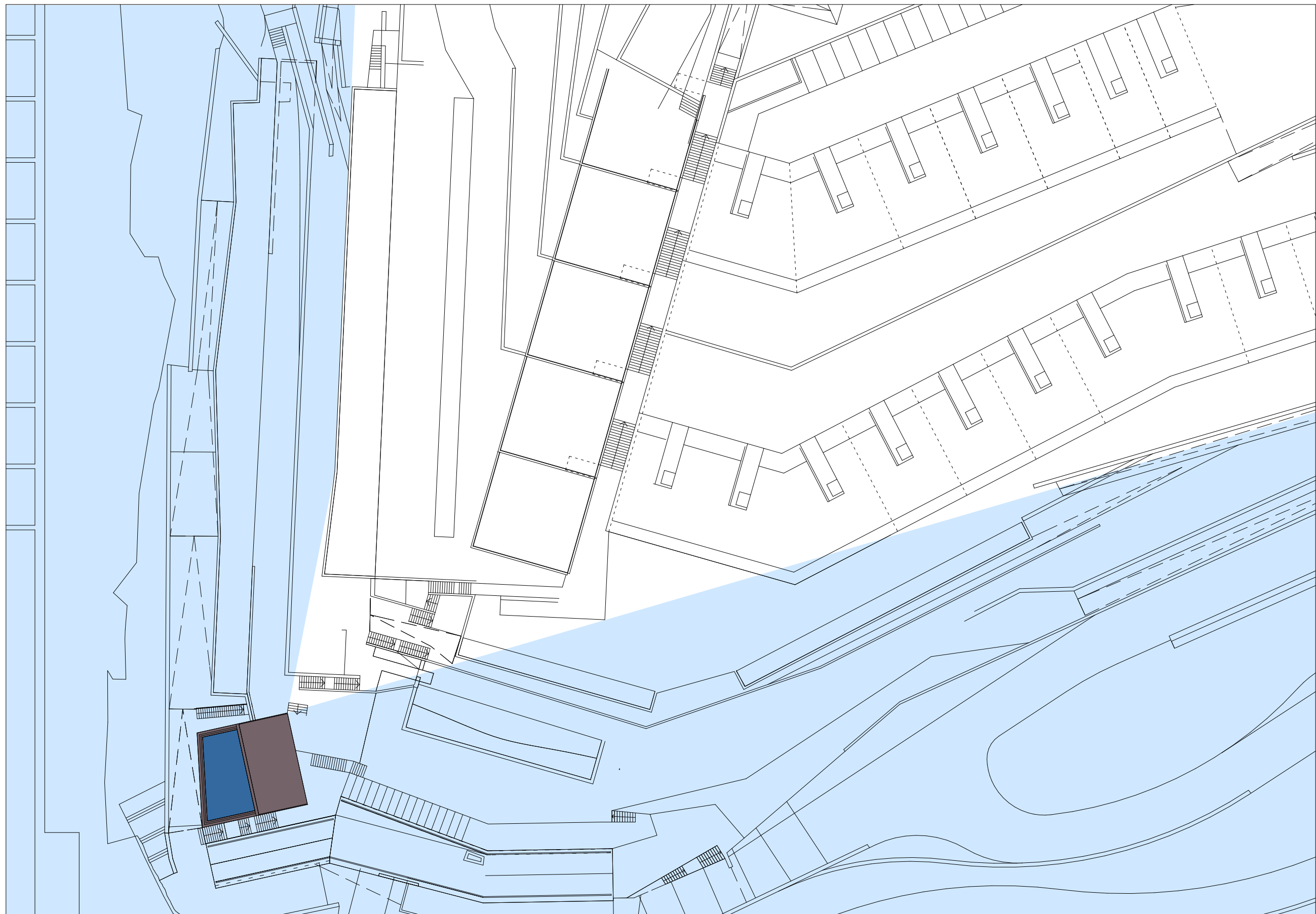


- Circulação do Ar

A suite dupla tem uma grelha de insuflação com 100mm de altura ao longo da padieira que separa o quarto e a sala da antecâmara e da casa de banho. O ar que vem dessa saída vai até á fachada e retorna para trás.

No caso do ar que circula na sala, este vai em direção á fenda de extração com 60mm de largura, que está localizada na antecâmara. Quanto ao ar que circula no quarto, este sai do espaço e vai em direção à fenda com 30mm de espessura existente no espaço de entrada para a casa de banho. A casa de banho tem somente uma saída de extração com 20mm de espessura, no teto que está por cima da sanita e do bidé.

Deste modo os espaços de maior importância e que estão em contacto com a atmosfera da paisagem da envolvente tem o ar mais ventilado tornado o ambiente mais confortável.



Implantação da
Piscina Exterior e
o seu Campo de
Visão Paisagístico

| Escala 1/500

Piscina Exterior

A Piscina exterior do hotel acaba por ser um elemento arquitetónico paisagístico, daí não ter sido analisada como os outros espaços.

No entanto não posso deixar de referi-la, visto que tem duas características que fazem dela um espaço bastante importante:

- Pertence a ambos os mundos: tradicional e contemporâneo (cujos espaços interiores foram analisados), pois encontra-se inserida numa zona de transição do hotel. Para além disso, a piscina adquiriu a sua forma através da pré-existência onde está inserida, mas tal como na piscina interior verifica-se que foi posicionada de modo a permitir criar o efeito visual ao utilizador de estar dentro do próprio rio Douro, conseguindo assim transmitir ao máximo a ideia de “colher” a paisagem, conceito que está incutido nos volumes interiores analisados.

- A sua localização privilegiada. Estando situada no teto de um dos edifícios remodelados junto ao acesso do cais, consegue agregar visualmente por completo todo o campo visual da paisagem envolta do hotel, estando também numa posição que permite o seu destaque e visibilidade.

Com estes fatores, a piscina exterior é um elemento fundamental que interliga os dois mundos arquitetónicos e salienta ao máximo a ideia primordial do hotel – “colher” a paisagem.

3.5 | Síntese da Análise

- Síntese da Regra

Olhando para as formas dos espaços em geral, percebe-se que os espaços de teor público, que estão inseridos nos pisos 1 e 2, apresentam fachadas mais altas em relação ao pé direito das fachadas dos volumes dos quartos.

Os motivos pelos quais se tem esta evidência é pelo facto dos espaços dos primeiros pisos aferirem uma área maior, fazendo com que estes tenham um pé-direito mais alto, que corresponde á altura da fachada. Ao invés dos quartos, que para além de terem uma área menor, o seu carácter privativo faz com que a fachada tenha uma altura menor em relação ao pé-direito máximo do quarto.

Mas o principal motivo é a forma como estes se relacionam com o exterior, havendo o objetivo de “colher” a atmosfera da paisagem envolvente. Desta forma, dado que os espaços dos pisos inferiores são de maior dimensão, era fundamental que estes tivessem um pé-direito adequado, que conseguisse levar a natureza do Douro e das suas margens para dentro dos espaços. Para além disso, ao estarem a uma cota inferior, era necessário que houvesse uma ampliação em altura do campo visual de forma a conter todos os elementos que compõem a paisagem, nomeadamente o Monte de Sebolido situado na margem norte do rio Douro, visto que é o elemento de maior altitude.

Já os volumes dos quartos, para além da sua dimensão, estão situados a uma cota superior. Por isso era necessário que os volumes estivessem balanceados, somente para a paisagem, de forma a que estes não apanhassem visualmente a encosta (nomeadamente os percursos pedonais do Hotel) no qual se inserem. E como estão a uma cota superior na encosta, era fundamental que o campo visual não fosse tão abrangente em altura como os espaços dos pisos inferiores, porque para além de afetar a privacidade do espaço, os elementos que compõem a envolvente estariam demasiado distanciados e desenquadrados, fazendo com que a atmosfera da paisagem não fosse “colhida” da melhor forma.

Tendo em consideração estes aspetos e a ideia principal de os volumes “colherem” a paisagem, consegue perceber-se que todos os espaços interiores analisados foram concebidos a partir das dimensões da sua fachada correspondente, visto que esta é o elemento crucial que capta e envolve a atmosfera da paisagem para o interior do espaço.

- Síntese do Detalhe

Construção

Para além da sua função correspondente cada espaço tem características construtivas diferentes de forma a conseguir absorver a atmosfera da paisagem da melhor forma possível.

Dado que este era o foco principal, era fundamental que em termos visuais o seu interior fosse o mais puro e simples possível, havendo por isso de forma geral materiais à vista e acabamentos simples como o reboco estucado, painéis estufados, gesso cartonado hidrófugo com pintura nas paredes e nos tetos e no chão alcatifas e sistema epoxy, consoante o espaço. Desta forma, as fachadas de vidro são os principais elementos construtivos, visto que é o único elemento que traz a atmosfera da paisagem para o interior do espaço.

Também era fundamental que os espaços, para além de serem agradáveis tivessem o ambiente correto para manter a atmosfera no seu interior. Por isso o betão para além de ser um material estrutural bastante modelável que cria o esqueleto da forma do espaço, faz também, juntamente com o sistema ETICS (constituído essencialmente por isolamento), o isolamento acústico e térmico adequado para conseguir manter as atmosferas provenientes da paisagem acumuladas nos espaços interiores e protege-las das características do ambiente exterior, que não são adequadas para o interior dos espaços (nomeadamente temperatura e sonoridade) e dos espaços técnicos do hotel, onde estão inseridos por norma especialidades que podem afetar em termos sonoros os espaços principais do hotel.

Luz

Tendo em conta a análise da iluminação de todos os espaços, percebe-se a utilização continua de sancas e focos que propagam a luz pelas paredes e tetos de forma a esconder a luz direta das lâmpadas.

Ou seja, deu-se preferência à luz indireta ou a luzes de baixa intensidade, que iluminam os espaços de uma forma mínima. A iluminação elétrica tem esta intensidade uma vez que a ideia e regra prioritária é “colher” a atmosfera da paisagem para os espaços interiores e dessa forma é fundamental que a luz natural, que faz parte dessa mesma atmosfera “colhida”, não seja prejudicada pelo excesso de iluminação no interior e pelo contrário seja destacada, havendo assim o objetivo de a luz natural se sobrepor à luz elétrica do hotel.

Circulação do ar

De forma a que os espaços interiores tivessem na sua atmosfera um ambiente agradável, foi inserido um sistema de circulação de ar constituído por grelhas de insuflação e extração com o intuito de ventilar o ar de cada espaço.

Ao longo da análise feita, podemos concluir que no geral as grelhas de insuflação de onde provem o ar novo encontram-se nos espaços mais próximos das fachadas. Ou seja, os espaços onde a atmosfera da paisagem está mais presente têm por norma o ar ambiente mais agradável.

Síntese final

Tendo em conta as sínteses da regra e do detalhe, que são as duas fases essenciais da Serôdio Furtado & Associados para conceber o projeto da obra em causa, conclui-se que os espaços analisados são lugares perfeitos para os hóspedes, que estão instalados no hotel, ou visitantes poderem vivenciar e usufruir ao máximo da paisagem como se estivessem dentro dela.

Conclusão

| Considerações finais da obra

Tendo em conta a análise feita, importa salientar e compreender aquilo que é a envolvente paisagística do hotel. Para isso é necessário ter em conta alguns termos que surgem no capítulo “Turismo da Paisagem” de António dos Santos Queiroz no manual “Filosofia e Arquitectura da Paisagem”, que aprofunda o entendimento da Paisagem como realidade ou dimensão do ser. Estes termos são: Ecologia da paisagem e Metafísica da paisagem.

No que respeita à Ecologia da Paisagem esta corresponde segundo o autor a “(...) uma visão estrutural e sistémica que engloba os grandes quadros naturais, caracterizados e diferenciados, seja pelos diversos domínios da ciência (...) seja pela presença transformadora do homem”.⁹³

Relativamente à Metafísica da paisagem o autor refere que esta é “do domínio da “espiritualidade”, da “alma” das coisas, dos sentimentos estéticos da “beleza” e do “belo” ou do “sublime”, do “maravilhoso” e do “monumental”, do “misterioso”, “do trágico” e do “épico”.⁹⁴

O autor conclui ainda que : “É a Ecologia da Paisagem e a sua metafísica, que constituem a essência do recurso turístico, mas só a sua interpretação e leitura lhe conferem um novo acréscimo de valor cultural e económico. A paisagem não é um livro aberto, inteligível empiricamente. A sua transformação em produto turístico passa pela sua legibilidade, que lhe confere valor de uso; é uma metamorfose que, no plano da economia gera valor, e é também um processo de literacia cultural, mediado pela construção da linguagem de comunicação turística;”⁹⁵

O contexto, ou seja, a envolvente do hotel, é segundo Guido de Monterrey no livro Castelo de Paiva descrito como: “o exultante Rio Douro confere-lhe os maiores trunfos paisagísticos desde os rincões marginais até aos cumes rapados das costeiras.”⁹⁶

“Revia-se, depois, nas lindezas marginais, terras enfeitadas de carvalhos, de choupos e de salgueiros, que contrastavam com o dourado da “pedra-lousinha” entre a “Sardáurea” e o “Petraurito”.⁹⁷

Mais concretamente na zona entre oliveira do arda e a raiva, onde está situada as Fontainhas, o rio Douro faz uma curva em U, tendo em seu redor as suas margens verdejantes conforme descritas.

No fundo podemos dizer que as paisagens existentes em Castelo de Paiva, pertencentes à envolvente do hotel, fazem parte do campo da “Ecologia da Paisagem e da sua Metafísica”.

93 - SERRÃO, Adriana Veríssimo, Filosofia e Arquitectura da Paisagem – Um Manual – 2ª edição revista, Coleção: AESTHETICA 3, Editor: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014 - Interpretar a Paisagem - Turismo de Paisagem, pág. 179

94 - Ibidem,

95 - Ibidem, pág. 177

96 - MONTERREY, Guido de; Terras ao Léu – Castelo de Paiva; Editora: Babel, 17 de agosto de 1997, Castelo de Paiva, Nove Estrelas, Um Rosário, pág. 9

220 97 - Ibidem, pág. 10

Adicionalmente, segundo a intervenção programada na estratégia, onde está inserido o Hotel, um dos objetivos é “valorizar um dos recursos turísticos mais relevantes e característicos de Castelo de Paiva (a sua paisagem), transformando-o num produto acessível e devidamente organizado, através de um conjunto de ações que visam melhorar e qualificar as condições operacionais e de comodidade para a atividade turística fluvial...”⁹⁸

Desta forma, era de extrema importância que a obra conseguisse explorar e valorizar ao máximo este aspeto. E tendo em conta o seu programa onde estão incutidas áreas como as piscinas e o Spa (este último que tem a característica de ter uma “contribuição substancial para a experiência sensorial”)⁹⁹ havia um interesse em conjugar o hotel com a metafísica (beleza) da sua envolvente.

Tendo em conta a síntese final da análise feita, percebemos que o objetivo de valorizar a paisagem da envolvente em causa, foi cumprido da melhor forma pela Seródio Furtado & associados.

Através do seu método de conceber as suas obras, compreendeu-se a lógica de todos os espaços analisados, que consoante a sua função, forma, materialidade, luz e ambiência, contribuem para a integração das suas atmosferas na paisagem, valorizando assim a metafísica e a natureza deste Património Natural.¹⁰⁰

A conjugação perfeita entre a obra e a sua envolvente levou a que o Hotel Douro 41 fosse premiado com o prémio de “Melhor Projecto Imobiliário” SIL 2008¹⁰¹ e mais tarde com o prémio Villégiature 2011 para o melhor projeto de arquitetura no setor hoteleiro na Europa.¹⁰²

Toda a experiência sensorial descrita na primeira impressão, na qual pude vivenciar as Atmosfera(s) contidas na paisagem da envolvente, são agora entendidas através desta análise de forma clara e concreta, respondendo assim à pergunta, que Peter Zumthor faz no seu livro “Atmosferas”.¹⁰³

98 - Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva;

<http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>

99 - HENRY, Robert, TAYLOR, Julie, Spa: The Sensuous Experience, Ed: Images Publishing, 14 julho de 2006, pág. 7

100 - CHOAY, Françoise, As Questões do Património – Antologia para um Combate, trad. Luís Filipe Sarmiento, edições 70, Lisboa, janeiro de 2011, Unesco (1972 – 2008) - Convenção para a protecção do Património mundial, cultural e natural (1972), pág. 222
Artigo 2 - No fim da presente convenção são considerados como «património natural»: os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações que têm um valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico (...).

101 - Prémio referenciado em - <https://www.serodiodfurtado.com/#/pt/perfil/premios>

102 - Prémio referenciado em - <http://www.arquitectos.pt/index.htm?no=4040523056,263>

103 - ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006, pág. 11

| Reflexão Pessoal

Respondendo assim á questão que coloquei inicialmente, “Como conseguiram conceber estas atmosferas?”, consegui através desta dissertação entender vários métodos e ensinamentos que me enriqueceram enquanto estudante e servirão de base e exemplo para o meu percurso profissional.

A estrutura do processo e o método utilizado pela Serôdio Furtado & Associados para conceber esta obra, é algo que terei muito em conta, sendo uma base bastante importante para aquilo que poderá ser a minha forma de pensar e fazer arquitetura.

O processo de conceção da obra deve sempre começar com uma ideia base, que tenha sempre em consideração o programa do projeto arquitetónico e o contexto onde se insere. Este processo de conceber a ideia base do projeto deve ser levado com muita seriedade e sensatez, porque todo o processo arquitetónico que vem posteriormente funcionará em torno dela.

O contexto onde a obra se insere tinha várias complicações a nível de enquadramento com a envolvente e era muito difícil organizar um programa na encosta onde a obra está inserida, havendo vários problemas tanto a nível de conceção como a nível construtivo.

Mas todos esses problemas iam sendo resolvidos através da ideia principal que depois se transformava em regra para todos os espaços principais que compunham o hotel, visto que já estava incutida na própria ideia, as soluções para esses problemas.

O modo como os elementos construtivos compunham a forma da obra estavam de acordo com a ideia imposta e conjugavam-se de forma perfeita, conseguido assim alcançar as Atmosferas inseridas na paisagem pretendidas que agora, através da análise feita são compreendidas.

Mas não é só o processo arquitetónico que eu adquiero com esta dissertação. As razões que estão por detrás desta ideia primordial da obra fazem com que a obra me tenha cativado no seu todo.

Considero que a paisagem em causa ao ser valorizada, vivenciada e respeitada faz com que a obra suscite através do estilo Arquitetónico da Serôdio Furtado & Associados a valorização do património tradicional, rural e natural, presente na região de Castelo de Paiva e no Douro.

Património do qual eu considero que deve ser mais valorizado e reinventado, em vez de ser esquecido pelo quotidiano existente na nossa sociedade atual.

Ainda para mais num país em que o crescimento urbano no litoral é cada vez mais acentuado, a obra suscita o interesse numa região que está entre a zona litoral e o interior do país, podendo ser uma ponte de pensamento que liga essas duas áreas de forma coesa.

Todos estes fundamentos conjugados com o meu percurso académico na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, faz com que tenha adquirido uma base de ensino da Arquitetura fundamental para seguir o meu percurso profissional com o intuito de, talvez um dia, conseguir conceber obras arquitetónicas cujas atmosferas possam despertar e contagiar quem as vivencia, tal como eu vivenciei as Atmosferas dentro da Paisagem inseridas nos espaços do Hotel Douro 41.

Referências Bibliográficas

Livros

- CHOAY, Françoise, Alegoria do Património, trad. Teresa Castro, edições 70, Lisboa, julho de 2010
- CHOAY, Françoise, As Questões do Património – Antologia para um Combate, trad. Luís Filipe Sarmento, edições 70, Lisboa, janeiro de 2011
- DE PINHO, Margarida Rosa Moreira, Elementos para a História de Castelo de Paiva, Camara Municipal de castelo de Paiva, Tipografia Cávado – Esposende, 1991
- ECO, Umberto, Como Se Faz Uma Tese – em ciências humanas, 20ª edição, Editorial Presença, Lisboa, junho, 2017
- HENRY, Robert, TAYLOR, Julie, Spa: The Sensuous Experience, Ed: Images Publishing, 14 julho de 2006
- JUDD, Donald, Architektur, Münster, Westfälischer kunstverein, 1989
- JUDD, Donald, Complete Writings 1975-1986, Eindhoven, Abbemuseum, 1987
- LASEAU, Paul, TICE, James, Frank Lloyd Wright: between principle and form - New York: Van Nostrand Reinhold, 1992
- MANUEL DAS NEVES, José; Isabel Furtado João Pedro Serôdio – Habitar; Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA; junho 2005
- MONTERREY, Guido de; Terras ao Léu – Castelo de Paiva; Editora: Babel, 17 de agosto de 1997
- PEREIRA, Gaspar Martins, BARROS, Amândio Morais, Memória do Douro: para uma história da navegação do Douro - Porto: Edições Afrontamento, 1984
- PEREIRA, Luís Tavares, Chain reaction – Reacção em Cadeia/Transformações na Arquitectura do Hotel, Fundação Serralves
- RODRIGUES, José Manuel, Teoria e Crítica de Arquitectura - Séc. XX, Ordem Arquitectos – Secção Regional Sul, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, outubro de 2010

- SERÔDIO, João Pedro, FURTADO, Isabel, Serôdio Furtado & Associados, ‘3:2:1’ – Centro de Arte Internacional de Singel, Antuérpia, de 27 de abril a 18 de junho de 2006.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo, Filosofia e Arquitetura da Paisagem – Um Manual – 2ª edição revista, Coleção: AESTHETICA 3, Editor: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014
- ZUMTHOR, Peter; Atmosferas; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006

Artigos/Dissertações

- BAPTISTA, Luís Santiago, Materialidades Ambíguas: Herzog & de Meuron e Serôdio Furtado & Associados – revista arq./a, nº 54, Lisboa, Futurmagazine, fevereiro 2008
- FARIA, Armando, Porto Fluvial das Fontainhas – texto; ARCAF – Associação Recreativa Cultural e Patrimonial e Ambiental de Folgoso
- SERÔDIO, João Pedro, Projecto e Contexto Pensado na Obra de Serôdio, Furtado & Associados, Porto, junho 2014
- Serôdio Furtado & Associados, Arquitectos Lda., Ficha Técnica - Hotel Douro, Eurostarcsc Castelo de Paiva, [pt] 84/05 Equipamento, 2005

Documentos Online

- EDP - Gestão da produção de Energia, S. A. Aproveitamento Hidroelétrico do Douro Internacional – Picote - Reforço de Potência; Estudo de Impacte Ambiental (EIA), outubro 2006
<http://siaia.apambiente.pt/AIADOC/AIA1548/RNT1548.pdf>
- Plano Estratégico Municipal de Castelo de Paiva;
<http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>
- João Pedro Serôdio, «João Pedro Serôdio + Isabel Furtado: Um Exercício de Purificação», inNU - “Ismos”, nº10, Coimbra, 2003
<https://revistanu.net/category/10-ismos/>

Artigos e Páginas online

- Aldeia Histórica do Piódão - Câmara Municipal de Arganil
<https://www.cm-arganil.pt/visitar/o-que-visitar/piodao/>
- ARCHICAD, Portugal’s Vision for Contemporary Architecture - Serôdio Furtado & Associados – Arquitectos, Publicado a 03/10/2017
<https://www.youtube.com/watch?v=WNQkd7mLgns>

- BELINHA, Rita, Portugal Aqui Tão Perto - Eurostars Rio Douro Hotel & Spa (reportagem Rita Belinha) RTP, Publicado a 18/02/2013

<https://www.youtube.com/watch?v=pjQ3JcRbExk&t=4s>

- GET, Gestão de Energia Térmica, Lda. – desenhos solicitados

<http://www.get.pt/>

- Hotel Douro 41

<http://www.douro41.com/home>

- GET, Gestão de Energia Térmica, Lda. – desenhos solicitados

<http://www.get.pt/>

- OHM-E, Gabinete de Engenharia Electrotécnica, Lda. – desenhos solicitados

http://www.lightplan.pt/portfolio.php?id_cat=5&sec=3&subsec=17

- Prémio Villégiature 2011 | Hotel Douro 41 | João Pedro Serôdio, 25.11.2011

<http://www.arquitectos.pt/index.htm?no=4040523056,263>

- Serôdio Furtado & Associados – desenhos e informações solicitados

<https://www.serodiofurtado.com/>

- Tragédia da Ponte Hintze Ribeiro – Notícia de homenagem

<http://www.diarioaveiro.pt/noticia/16434>

- Vale do Sousa TV, Apresentação do empreendimento Douro 41 em Castelo de Paiva 2008, publicado a 04/06/2013

<https://www.youtube.com/watch?v=P5sG9Rd2F6w&t=128s>

Figura 1 – Capa do livro Atmosferas de Peter Zumthor

| Fonte do Desenho da capa: Toni Cabré /Editorial Gustavo Gili, SL | Fonte da Fotografia da capa: Hans Baumgartner, residência de estudantes na Clausiusstrasse, Zurique, 1936. Coleção Hans Baumgartner, Fotostiftung Schweiz, Winterthur/VEGAP, Barcelona, 2006

Figura 2 – Acesso Viário do Hotel | Fotografia de Autor

Figura 3 – Residências em Construção | Fotografia de Autor

Figura 4 – Percurso Pedonal de acesso ao Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 5 – Janela pertencente ao Muro | Fotografia de Autor

Figura 6 – Escadas de Acesso ao Restaurante e Piscina Exterior | Fotografia de Autor

Figura 7 – Edifício de Entrada do Hotel | Fotografia de Autor

Figura 8 – Frente do edifício de entrada | Fotografia de Autor

Figura 9 – Edifício Tradicional | Fotografia de Autor

Figura 10 – Conexão dos dois Edifícios | Fotografia de Autor

Figura 11 – Edifício Envidraçado | Fotografia de Autor

Figura 12 – Percurso Pedonal e Edifício Envidraçado | Fotografia de Autor

Figura 13 – Escadas e Ponte de Ligação em Vidro | Fotografia de Autor

Figura 14 – Escadas e Ponte de Ligação em Vidro | Fotografia de Autor

Figura 15 – Ponte de Ligação em Vidro | Fotografia de Autor

Figura 16 – Porta Envidraçada | Fotografia de Autor

Figura 17 – Interior visto na Porta Envidraçada | Fotografia de Autor

Figura 18 – Vão Longitudinal | Fotografia de Autor

Figura 19 – Escadas de Acesso à Esplanada do Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 20 – Interior visto no Vão Longitudinal | Fotografia de Autor

Figura 21 – Rampa de Acesso à Esplanada do Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 22 – Espaço e Volumes Desalinhados em seu redor | Fotografia de Autor

Figura 23 – Esplanada do Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 24 – Percurso que vai da esplanada até à Piscina Exterior | Fotografia de Autor

Figura 25 – Zona das Espreguiçadeiras | Fotografia de Autor

Figura 26 – Piscina Exterior e Paisagem a Norte | Fotografia de Autor

Figura 27 – Piscina Exterior e Paisagem a Poente | Fotografia de Autor

Figura 28 – Piscina Exterior e Paisagem a Nascente | Fotografia de Autor

Figura 29 – Caminho Pedonal | Fotografia de Autor

Figura 30 – Escadas e Acesso ao Percurso Pedonal a Norte | Fotografia de Autor

Figura 31 – Caixilharia de Vidro dos Elevadores | Fotografia de Autor

Figura 32 – Porta de emergência do Piso 3 | Fotografia de Autor

Figura 33 – Escada de Acesso aos Percursos Pedonais | Fotografia de Autor

Figura 34 – Escada de Acesso ao Piso 3 | Fotografia de Autor

Figura 35 – Percurso Pedonal | Fotografia de Autor

Figura 36 – Percurso Pedonal e Fachada de Vidro | Fotografia de Autor

Figura 37, 38 e 39 – Percursos pedonais | Fotografia de Autor

Figura 40 – Receção | Fotografia de Autor

Figura 41 – Bar | Fotografia de Autor

Figura 42 – Elevador de Acesso ao Piso 1 | Fotografia de Autor

Figura 43 – Sofá Simbólico do Rio Douro | Fotografia de Autor

Figura 44 – Zona de Estar | Fotografia de Autor

Figura 45 – Sofá e Zona de Estar | Fotografia de Autor

Figura 46 – Início da Rampa e Acesso á Sala Paiva | Fotografia de Autor

Figura 47 e 48 – Rampa | Fotografia de Autor

Figura 49 – Fim da Rampa | Fotografia de Autor

Figura 50 – Paisagem Panorâmica | Fotografia de Autor

Figura 51 – Antecâmara dos Elevadores do Piso 1 | Fotografia de Autor

Figura 52 – Zona de Estar | Fotografia de Autor

Figura 53 – Zona de Estar Vista da Rampa de Acesso à Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 54 – Acesso Interdito | Fotografia de Autor

Figura 55 – Sala de eventos | Fotografia de Autor

Figura 56 – Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 57 – Vão com vista para o espaço irregular Exterior | Fotografia de Autor

Figura 58 – Sistema de Portadas da Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 59 – Início da Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 60 – Fachada Norte da Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 61 – Fachada Sul da Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figuras 62 e 63 – Biblioteca | Fotografia de Autor

Figura 64 – Ponte de Ligação - Acesso à Biblioteca | Fotografia de Autor

Figura 65 – Ponte de Ligação - Acesso à Sala de Eventos | Fotografia de Autor

Figura 66 – Elevador de Acesso ao Piso 0 | Fotografia de Autor

Figura 67 – Hall de Acesso à Varanda e Biblioteca | Fotografia de Autor

Figura 68 – Acesso às Suites | Fotografia de Autor

Figuras 69 e 70 – Varanda | Fotografia de Autor

Figura 71 – Paisagem Vista da Varanda | Fotografia de Autor

Figuras 72 e 73 – Corredor do Spa | Fotografia de Autor

Figura 74 – Tepidário | Fotografia de Autor

Figura 75 – Sala de Tratamento | Fotografia de Autor

Figuras 76 e 77 – Balcão do Spa | Fotografia de Autor

Figura 78 – Sala das Máquinas | Fotografia de Autor

Figura 79 – Piscina Interior e Espreguiçadeiras | Fotografia de Autor

Figura 80 – Piscina Interior e o Monte de Sebolido | Fotografia de Autor

Figura 81 – Piscina Interior e Rio Douro a Poente | Fotografia de Autor

Figura 82 – Piscina Interior e Rio Douro a Nascente | Fotografia de Autor

Figura 83 – Vista Panorâmica para o Monte Sebolido da Antecâmara dos Elevadores do Piso 2 | Fotografia de Autor

Figura 84 – Antecâmara dos Elevadores do Piso 2 | Fotografia de Autor

Figuras 85 e 86 – Corredor do Piso 2 | Fotografia de Autor

Figura 87 – Antecâmara das Instalações Sanitárias | Fotografia de Autor

Figura 88 – Porta Dupla de Emergência | Fotografia de Autor

Figura 89 – Entrada do Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 90 – Vista do Restaurante para Poente | Fotografia de Autor

Figura 91 – Garrafeira | Fotografia de Autor

Figura 92 – Pormenor do Cortinado | Fotografia de Autor

Figura 93 – Zona do Buffet do Restaurante | Fotografia de Autor

Figura 94 – Zona de Refeições | Fotografia de Autor

Figuras 95, 96, 98, 100, 101 – Corredor Piso 4 | Fotografia de Autor

Figura 97 – Corredor do Piso 3 | Fotografia de Autor

Figura 99 – Acesso aos Elevadores no Piso 3 | Fotografia de Autor

Figuras 102 e 105 – Corredor Norte do Piso 4 | Fotografia de Autor

Figura 103 – Antecâmara dos Elevadores do Piso 4 | Fotografia de Autor

Figura 104 – Antecâmara dos Elevadores do Piso 4 - Vista Panorâmica | Fotografia de Autor

Figuras 106 e 107 - Quarto de Banho do Quarto | Fotografia de Autor

Figura 108 – Corredor do Quarto | Fotografia de Autor

Figuras 109 e 110 – Quarto | Fotografia de Autor

Figura 111 – Paisagem Panorâmica do Quarto | Fotografia de Autor

Figura 112 – Quadro na Parede do Quarto | Fotografia de Autor

Figura 113 – Paisagem da Envolvente a Nascente | Fotografia de Autor

Figura 114 – Paisagem da Envolvente a Poente | Fotografia de Autor

Figura 115 – Paisagem da Envolvente a Norte com o Monte de Sebolido em Destaque | Fotografia de Autor

Figuras 116, 117, 118, 119, 120 e 121 – Fotografias da Recriação do Antigo Porto Fluvial das Fontainhas | Fonte: ARCAF – Associação Recreativa Cultural e Patrimonial e Ambiental de Folgoso

Figuras 122, 123, 124, 125, 126 e 127 – Levantamento Fotográfico da Pré-Existência do Antigo Porto Fluvial das Fontainhas | Fonte: Serôdio Furtado & Associados

Figura 128 - Monumento aos mineiros do Couto Pejão

| Fonte: <https://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/369/3691670.jpg>

Figura 129 – Couto Mineiro do Pejão

| Fonte: https://s0.wklcdn.com/image_40/1222761/13457886/8312454Master.jpg

Figura 130 – Desastre da Ponte Hintze Ribeiro

| Fonte: <http://www.diarioaveiro.pt/files/news/58b9dc1801b34.png>

Figura 131 – Paisagem de Castelo de Paiva

| Fonte: <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, página 2

Figura 132 – Esquema com as Ideias bases da Estratégia de Castelo de Paiva

| Fonte: <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, página 47

Figura 133 – Mapa Estratégico de Castelo de Paiva

| Fonte : <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232> , página 51

Figura 134 – Panorâmica da Vila de Sobrado

| Fonte : <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, página 48

Figura 135 – Quadro de interligação das Linhas Estratégicas de Desenvolvimento com as Intervenções Programadas da Estratégia

| Fonte : <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, página 72

Figura 136 – Render do Hotel em 3D | Fonte: <http://www.cm-castelo-paiva.pt/pt/plano-estrategico-municipal-20170524-100232>, página 96

Figura 137 – Render do Hotel em 3D | Fonte: Serôdio Furtado & Associados, 3D concebido pela Black Box

Figura 138 – Torre H da FAUP

| Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/505740233129011668/>

Figura 139 – João Pedro Serôdio e Isabel Furtado

| Fonte: <http://www.spss.pt/portfolio/serodio-furtado/>

Figura 140 – Jacques Herzog e Pierre de Meuron

| Fonte: <https://archinect.com/news/article/72192458/herzog-de-meuron-selected-to-design-the-national-library-of-israel>

Figura 141 – Expansão do Tate Modern

| Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/774197/expansao-do-tate-modern-de-herzog-and-de-meuron-sera-inaugurada-em-2016>

Figura 142 – Donald Judd

| Fonte: <https://d2jv9003bew7ag.cloudfront.net/uploads/Donald-Judd.jpg>

Figura 143 – 15 untitled works in concrete, 1980-1984

| Fonte: <https://www.chinati.org/collection/donaldjudd2>

Figuras 144, 145 e 146 – Caixa-sem-um-lado

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/equipamentoscaixa-sem-um-lado/page-1>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/equipamentoscaixa-sem-um-lado/page-2>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/equipamentoscaixa-sem-um-lado/page-4>

Figuras 147 e 148 – Dois Blocos de Apartamentos

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-colectiva/sa-albergaria/page-2>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-colectiva/sa-albergaria/page-4>

Figuras 149 e 150 – Casa Xavier

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-xavier>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-xavier/page-5>

Figuras 151, 152, 153 e 154 – Casa Magalhães Romão

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-magalhaes-romao/page-3>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-magalhaes-romao/page-6>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-magalhaes-romao/page-1>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-magalhaes-romao/page-5>

Figuras 155, 156 e 157 – Casa Pátio em Miramar

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-patio-em-miramar/page-2>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-patio-em-miramar/page-7>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-patio-em-miramar/page-1>

Figura 158 – Maquete da Casa Manuel Dias

| Fonte: 26_97_MDias_02_003, Serôdio Furtado & Associados

Figura 159 – Maquete da Adega da Quinta do Fogo

| Fonte: 56_01_Fojo_02_001, Serôdio Furtado & Associados

Figuras 160 e 161 – CTNAS

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/equipamentosctnas/page-7>

| Fonte: <https://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/equipamentosctnas/page-2>

Figura 162 – Duas Paredes

| Fonte: parede-2-b, Serôdio Furtado & Associados

Figuras 163, 164, 165 – Esquissos do Hotel Douro 41

| Fonte: - SERÔDIO, João Pedro, Projecto e Contexto Pensado na Obra de Serôdio, Furtado & Associados, Porto, junho 2014, páginas 546 e 547

Índice dos Desenhos

- Implantação da Obra e o seu Campo de Visão Paisagístico | Escala 1/2500

Desenho base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 01.
PLANTA IMPLANTAÇÃO, Escala 1/8000

- Planta do Piso 0 | Escala 1/500

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 0, Escala 1/200, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 102, 22/02/2008;

- Planta do Piso 1 | Escala 1/500

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1, Escala 1/200, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 103, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1/500

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2, Escala 1/200, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 104, 22/02/2008;

- Planta do Piso 3 | Escala 1/500

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 3, Escala 1/200, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 105, 22/02/2008;

- Planta do Piso 4 | Escala 1/500

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 4, Escala 1/200, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 107, 22/02/2008;

- Planta do Volume do Piso 1 | Escala 1:100

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Planta do Volume do Piso 1 | Escala 1:100 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Corte Transversal pela Antecâmara dos Elevadores Públicos | Escala 1:50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT3 – sector E, G, J, L, M, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 253, 22/02/2008;

- Corte Transversal pela Piscina Interior | Escala 1:50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT2 – sector E, G, J, L, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 252, 22/02/2008;

- Zona 0 | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Zona 1 | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Zona 2 | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Zona 3 | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Zona 4 | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Cortes Transversais | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT3 – sector E, G, J, L, M, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 253, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT2 – sector E, G, J, L, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 252, 22/02/2008;

- Planta do Volume do Piso 1 | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Planta do Volume do Piso 1 | Escala 1:100 | Análise da Circulação do Ar

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 1 – Sector G, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 202, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1:100

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1:100 | Relevância dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Plantas e Corte do Restaurante | Escala 1:100 | Estudos da Forma do Espaço

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT5 – Sector - A, D, F, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 255, 22/02/2008;

- Plantas da Antecâmara dos Elevadores | Escala 1:100 | Estudos da Forma do Espaço

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1:100 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Planta e Corte do Restaurante | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT5 – Sector - A, D, F, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 255, 22/02/2008;

- Planta da Antecâmara dos Elevadores e das Instalações e Corte da Antecâmara
| Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CT3 – sector E, G, J, L, M, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 253, 22/02/2008;

- Cortes das Instalações Balneares e Sanitárias | Escala 1:50 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, DESENHO PARCIAL _ CL1 - sector H / J, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 458, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, DESENHO PARCIAL _ CT1 - sector H / J, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 463, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Planta do Piso 2 | Escala 1:100 | Análise da Circulação do Ar

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 2 – Sector H, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 210, 22/02/2008;

- Corredor dos Quartos do Piso 3 | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 3 – Sector J, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, N° Desenho 203, 22/02/2008;

- Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Norte | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 4 – Sector L, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, N° Desenho 204, 22/02/2008;

- Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Noroeste | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 4 – Sector M, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, N° Desenho 212, 22/02/2008;

- Corredor dos Quartos do Piso 4 - Volume a Oeste | Escala 1:100 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, Planta Piso 4 – Sector N, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, N° Desenho 213, 22/02/2008;

- Planta Quarto King | Escala 1:25

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Corte Longitudinal Quarto King | Escala 1:25 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Planta Quarto King | Escala 1:25 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Planta Quarto King | Escala 1:25 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Corte Longitudinal Quarto King | Escala 1:25 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Planta e Corte Longitudinal Quarto King | Escala 1:50 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08. QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Planta Quarto King | Escala 1:50 | Análise da Circulação do Ar

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 08.
QUARTO TIPO, Escala 1/50

- Planta Suite Panorâmica | Escala 1/50

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva,
SUITE 3.13.3_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480, 22/02/2008;

- Planta Suite Panorâmica | Escala 1/50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva,
SUITE 3.13.3_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480, 22/02/2008;

- Cortes Longitudinais e Transversais Suite Panorâmica
| Escala 1/50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva,
SUITE 3.13.3_CORTE TRANSVERSAL1, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.1, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_
CORTE TRANSVERSAL2, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.2, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_
CORTE TRANSVERSAL3, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.3, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_
CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.4, 22/02/2008;

- Corte Longitudinal da Suite Panorâmica

- Corte Transversal do Quarto da Suite Panorâmica

| Escala 1/25 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva,
SUITE 3.13.3_CORTE TRANSVERSAL3, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.3, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_
CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.4, 22/02/2008;

- Corte Transversal da Sala da Suite Panorâmica

- Corte Transversal do Quarto de Banho da Suite Panorâmica

| Escala 1/25 | Análise Construtiva

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva,
SUITE 3.13.3_CORTE TRANSVERSAL1, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.1, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_
CORTE TRANSVERSAL2, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480.2, 22/02/2008;

- Planta Suite Panorâmica | Escala 1/50 | Análise da Iluminação

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480, 22/02/2008;

- Planta Suite Panorâmica | Escala 1/50 | Análise da Circulação do Ar

Desenhos Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.3_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 480, 22/02/2008;

- Planta Suite Dupla | Escala 1/50

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.29_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490, 22/02/2008;

- Planta Suite Dupla | Escala 1/50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.29_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490, 22/02/2008;

- Cortes Longitudinais e Transversais Suite Dupla

| Escala 1/50 | Estudo das Formas dos Espaços

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE TRANSVERSAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.1, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.2, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.3, 22/02/2008;

- Cortes Longitudinais Suite Dupla | Escala 1/25 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.2, 22/02/2008;

Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE LONGITUDINAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.3, 22/02/2008;

- Cortes Transversal Suite Dupla | Escala 1/25 | Análise Construtiva

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, CORTE TRANSVERSAL, Escala 1/20, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490.1, 22/02/2008;

- Planta Suite Dupla | Escala 1/50 | Análise da Iluminação

Desenho Base: Serôdio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.29_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490, 22/02/2008;

- Planta Suite Dupla | Escala 1/50 | Análise da Circulação do Ar

Desenho Base: Seródio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, SUITE 3.13.29_PLANTA, Escala 1/50, Fase do Projeto: 3, Nº Desenho 490, 22/02/2008;

- Implantação da Piscina Exterior e o seu Campo de Visão Paisagístico | Escala 1/500

Desenho Base: Seródio, Furtado & Associados, Arq. Lda., Hotel Quinta das Fontainhas, Raiva – Castelo de Paiva, 01. PLANTA IMPLANTAÇÃO, Escala 1/8000

